

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

NIMA IMACULADA SPIGOLON

**PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA:
ELZA FREIRE – UMA VIDA QUE FAZ EDUCAÇÃO**

CAMPINAS/SP

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Spigolon, Nima Imaculada.
Sp44p Pedagogia da convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação / Nima
Imaculada Spigolon. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Sônia Giubilei.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Freire, Elza, 1916-1986. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. 3. Pedagogia da
convivência. 4. Educação de adultos. 5. Palavra geradora. I. Giubilei, Sônia. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-204/BFE

Título em inglês : Cohabitation pedagogy: Elza Freire – a life that makes education

Keywords: Freire, Elza, 1916-1986; Freire, Paulo, 1921-1997; Cohabitation Pedagogy; Adults Literacy; Generating words

Área de concentração: Administração e Sistemas Educacionais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Sônia Giubilei (Orientadora)

Profª. Drª. Débora Mazza

Profª. Drª. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro

Profª. Drª. Silmara de Campos

Data da defesa: 29/06/2009

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: professoranima@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA:
ELZA FREIRE – UMA VIDA QUE FAZ EDUCAÇÃO –**

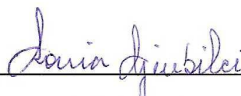
Autora: Nima Imaculada Spigolon

Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia Giubilei

Este exemplar corresponde à redação do texto para o exame de
Defesa apresentado por Nima Imaculada Spigolon à Comissão
Julgadora.

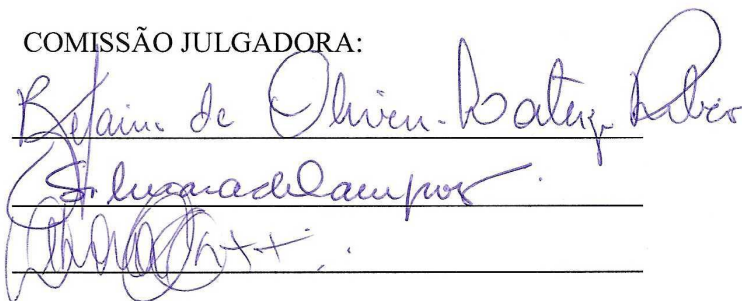
Data: 29 / 06 / 2009

Assinatura: _____



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



CAMPINAS/SP – 2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



Figura 1 – Elza Freire (Década de 1960)
Fonte: Acervo Pessoal de Lutgardes Costa Freire

**PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA:
ELZA FREIRE – UMA VIDA QUE FAZ EDUCAÇÃO**
NIMA IMACULADA SPIGOLON

**CAMPINAS/SP
2009**

À
Elza Maia Costa Oliveira (in memorian),
simplesmente Elza Freire, que por amor e por acreditar na Educação, dedicou
sua vida ao trabalho libertador em prol da humanidade.

Aos meus pais
Maria Imaculada e Nivaldo Spigolon (in memorian),
pelas lições de vida e, que do Mundo Espiritual partilham o sonho e a luta, o
ideal que esta pesquisa significa.

GRATIDÃO A:

Deus,

“Causa primária de todas as coisas. Inteligência Suprema.”

O colar de pérolas de Elza Freire

“Uma ostra que não foi ferida não produz pérolas.”

Elza assim, foi ostra que produziu pérolas.

Suas pérolas foram cultivadas no nácar de sua própria vida. Cicatrizadas pelo movimento interno do amor, transformaram-se em Educação e História através do tempo e das pessoas.

As primeiras pérolas que encontramos para formar esse colar foram as palavras de Paulo Freire no princípio guardadas nos livros. Fomos percebendo nelas o brilho próprio de Elza. Depois, as palavras expostas dos seus filhos. Fomos recolhendo delas a luminosidade ímpar de Elza. Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, certamente as mais belas pérolas de Elza. Aos poucos, num trabalho quase que artesanal, as palavras de Elza se uniam às palavras de outras pessoas. Era como abrir ostras, extrair pérola a pérola. Durante o processo de montagem do colar, compondo-as como *“torsade”*, fomos ajuntar uma a uma em forma de palavras: escritas, faladas, pensadas e sentidas.

Nesse percurso de apanhar conchas e colher pérolas, queremos destacar a presença rara e preciosa de Madalena, Fátima e Lut que se transformaram em irmãos pelo coração.

Então, o colar de pérolas que Elza usualmente trazia a lhe adornar, adquire outra dimensão. As palavras acerca de Elza transformavam-se como pérolas para compor a História da Educação e da Humanidade, cujo engaste se dá pela pesquisa.

Agradecimentos iniciais a Paulo Freire (in memoriam) e à Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes.

Por ocasião da conclusão desta pesquisa, reconhecer gratidão a várias pessoas que fizeram parte deste processo de criação acadêmica, respeitando a maneira de se fazerem presentes e sentidos é tão difícil quanto o foi escrever esta dissertação. Mas preciso tentar fazê-la e, assim como todos aqueles que vivenciaram essas mesmas angústias, tentarei lavrar alguns nomes com a memória eterna do meu coração e a gratidão terna de minh'alma.

A Miguel Jesus de Lima, por tudo que é para minh'alma, meu coração, meu corpo. Forte presença que, acompanhou-me nos momentos mais difíceis e alegres e compreendeu-me na ausência física das idas e vindas nesse *metié* acadêmico da pesquisa, ao reconhecer meu devotamento e amor à Educação. Miguel que, comigo prepara e me prepara para a vida.

A Mani Moraes Spigolon, irmão querido, por acreditar em mim. Seguimos unidos pelos laços de família para vivenciarmos o exemplo de vida que mamãe e papai nos legaram. Mani, estamos juntos sempre e para sempre.

À Prof^a Vera Barreto, que com extrema afabilidade e disponibilidade, ofereceu contribuições decisivas e prontificou generosa e despretensiosamente, seu acervo pessoal de materiais e memórias. Querida Prof^a Vera, à senhora atribuo parte desta pesquisa e confio outras que se seguirão.

À Prof^a Dr^a Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, por acreditar em mim e pela eminente dedicação com que se dispôs a participar comigo no tema da pesquisa, acolhendo-me com magnanimidade desde os primeiros diálogos até as sábias e amorosas orientações na banca e, sobretudo pelo exemplo de vida. Prof^a Betânia, que pela afinidade recíproca compartilhará do prosseguimento da pesquisa, que se fez minha vida.

À Prof^a Dr^a Débora Mazza, por demonstrar desvelo e ternura por mim e ao reconhecer a pesquisadora que eu desconhecia; pelas preciosas e decisivas inferências durante a banca. Prof^a Débora, pelas contribuições intelectivas e afetivas que, sem dúvida, transformaram-me o ser e humanizaram-me, seguiremos na continuidade dessa pesquisa.

À Prof^a Dr^a Silmara de Campos, que pela leitura dos meus capítulos iniciais apaziguou indagações e inquietações, posteriormente continuou nas sugestões da banca. Prof^a Silmara, ainda realizaremos muito junto ao GEPEJA.

À Prof^a Dr^a Sonia Giubilei, que na condição de orientadora, demonstrou sua experiência e capacidade.

Às Prof^{as} Dr^{as} Vânia Bernardes e Maria Clarisse Vieira, que demonstraram cada uma a seu modo apoio importante e decisivo no encaminhamento da pesquisa. Prof^a Vânia que entre Uberlândia e Ituiutaba e Prof^a Clarisse que, de Brasília, realizaram considerações afáveis.

À Prof^a Diva Toscano de Medeiros, primeira professora, por me apresentar ao mundo da escrita e da leitura, presença memorável das primeiras letras e recordação saudosa dos primeiros tempos na escola. “Tia” Diva, que fez a diferença na minha formação profissional e pessoal, acompanha-me em busca de outras letras e seus novos significados.

À Maria Lizeth Acquisti, pelo apoio incondicional em todas as fases da pesquisa e por ter dividido comigo sua sala do IPF, transformando-se em minha referência de São Paulo. Lizeth, que se fez presente e seguirá comigo no desdobramento desse tema.

À Mara Lúcia Silva, pela solidariedade em acolher-me nas madrugadas frias de inverno e nos dias amenos de primavera. Ao dividirmos apontamentos, o apartamento transformou-se para mim em “nosso lar”. Mara que, seguirá em Campinas sendo meu porto seguro aonde aportarei em outras viagens rumo a novas descobertas acadêmicas.

À Luciane Dias, companheira de ideais político-pedagógicos, desde Ituiutaba ao sonho utópico dessa luta. Luciane, que dividiu comigo e Mara nosso lar na Rua Conceição nº40, espero seguirmos juntas para realizarmos outros sonhos.

A Giuliano Batista Salomão, amigo-irmão, cuja presença generosa e sincera acompanha-me a existência, desde a tenra idade em nossa Ituiutaba e, de lá para o Universo. Giuliano, eterno amigo e terno irmão, dessa e de tantas outras jornadas.

À Noemia de Oliveira Fratari (in memoriam) e Virgínia Palis, queridas de sempre e para sempre, que apesar da distância: uma entre o Céu e a Terra, a outra entre Piauí e Minas Gerais, mantiveram-se presente por meio da ausência e saudade, unidas pelos laços do amor. Noemia e Virgínia, que já conheciam meus compromissos perante a Educação e o Próximo, muito antes que eu soubesse.

A Adriana Medeiros Farias e ao Fábio Pereira Nunes, amigos cujas presenças apoiaram-me nas grandes dificuldades do percurso e incentivaram-me a prosseguir; que pela convivência fraterna e afetuosa colaboraram de forma, intensa e imensa, para o ser humano que tento ser. Adriana e Fábio, iniciamos e terminamos juntos essa etapa, é difícil me imaginar daqui por diante sem vocês em minha vida.

À Geruza Cristina Meirelles Volpe, que saiu também das Minas Gerais para o re-encontro em São Paulo pelos caminhos da EJA para além da vida acadêmica e profissional, acompanhando-me em momentos significativos de minha trajetória pessoal. Geruza, amizade conquistada e que traz para minhas palavras a realidade em forma de poesia.

Ao Nicola José Frattari Neto “Nichi”, que desde os primeiros anos na Escola Municipal Machado de Assis e à Valéria Melo Claudino Alves “Amicíssima”, que desde os primeiros tempos da infância, nos unimos pelos ideais e compromissos espirituais e educacionais. Nicola e Valéria, que na permuta de livros e no enfrentamento de obstáculos ampararam-me no decorrer da pesquisa, através do meu próprio desenvolvimento, e amparam-me pelos laços da amizade e afinidade.

À Maria de Fátima Souza Coelho, que no percurso da pesquisa se transformou em companheira inseparável, numa demonstração de amizade e solidariedade. Fátima, que pelos sentimentos maternais, lutamos em prol da educação que acreditamos e sonhamos.

À Nadir Camacho, secretaria da pós e patrimônio vivo da Faculdade de Educação, que com carinho e compreensão, soube acolher meus desafios e reconhecer minhas conquistas na UNICAMP. Nadir querida, que auxiliou-me, incentivou-me e continuará nesse processo acadêmico como exemplo de competência, ética e afetividade.

À Thatiane Freitas Marquez, que com sensibilidade e profissionalismo ao realizar a formatação do texto fomentou idéias, por meio de observações oportunas desde os primeiros escritos. Thatiane, que uniu técnica e experiência para a apresentação desta pesquisa, e certamente, para as vindouras.

À Camilla Cury, pelo trabalho dedicado de transcrições. Camilla, que se também contribuiu com esmero e paciência para a realização da pesquisa.

Aos irmãos Pedro Henrique e Maria Laura Souza Moraes, queridos amiguinhos, pela presença que entenece minha vida e alegra meu viver, conduzindo-me enquanto adulta, pelas mãos da infância para que não me afaste da inocência. Pedro Henrique e Maria Laura representam as crianças, os colaboradores e os companheiros da “Creche Espírita Josefina de Magalhães” e da “Fraternidade Espírita Cristã” que compreenderam as minhas ausências físicas, sustentando-me com pensamentos de luz.

Algumas páginas não seriam suficientes para acolher tantas pessoas queridas, lavradas em quantos nomes. A todos que sabem foram e são importantes e àqueles que sentem-se parte não apenas desta pesquisa mas de minha vida, ainda assim alguém que não fosse nomeado, possivelmente se ressentiria. A estes peço, humildemente, desculpas. Ademais, em agradecimento e reconhecimento recebam minha gratidão e sintam-se todos abraçados, na certeza de que se encontram nas páginas do livro de minha existência eterna e imortal.

Enquanto houver um adulto analfabeto, um “excluído” ou “esfarrapado” no mundo; hei de continuar a luta. Luta que não foi apenas de Elza e Paulo Freire, mas que é de todos nós.

(Nima Imaculada Spigolon - 2007)

SPIGOLON, Nima Imaculada. **Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

Esta pesquisa traz a lume Elza Freire e expõe discussões e considerações sobre resultados da investigação científica, cujo objetivo principal foi identificar contribuições e demonstrar influências para a Educação Brasileira e, em particular a Educação de Adultos. Assim, por meio da análise de sua trajetória pessoal e profissional, compreendemos o contexto histórico, cultural e sócio-político com destaque à Recife. Considerando que para nós, Elza Freire se insere num escopo amplo de pesquisa, apresentamos o período compreendido entre 1916 a 1965. O trabalho assume outra dimensão a partir do casamento com Paulo Freire em 1944; sob esse aspecto do estudo, demonstramos a teoria formulada por nós, como Pedagogia da Convivência, onde teriam sido fundadas bases para o “método” desenvolvido e as “teorias” formuladas por Paulo Freire, possibilitando estruturação, fundamentação e consolidação das experiências com Adultos, o que nos remete à gênese dessa Educação no Brasil, com ênfase à participação de Elza como sistematizadora das palavras geradoras. Como metodologia, destaca-se o levantamento das diversas fontes de pesquisa incorporadas ao mapeamento bibliográfico, as descrições e análises dos manuscritos de Elza e, por fim a técnica da entrevista em narrativas. Os aportes da abordagem qualitativa foram utilizados e estruturados segundo uma lógica indutiva. Decidimos expor as décadas em ordem cronológica, utilizando fontes iconográficas inseridas ao texto para a composição histórica, o que possibilitou movimento e significado entre documentos, fatos e fragmentos, pois Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa. As considerações provisórias apontam para o surgimento de categorias “Elzanianas”, acompanhadas de sua biografia, acreditamos encontrar em sua formação acadêmica e atuação profissional, informações que constituíram a educadora e intelectual, fundamentando sua prática político-pedagógica inovadora e vanguardista, cujo espírito crítico-solidário se consolidou e desdobrou em prol da humanidade; sobretudo, identificar a participação de Elza no pensamento e na práxis de Paulo Freire ao apreendermos seu legado para a Educação.

Palavras-chave: Elza Freire, Paulo Freire, Educação, Educação de Adultos, Palavras Geradoras, Pedagogia da Convivência.

SPIGOLON, Nima Imaculada. **Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

The present research brings Elza Freire to light and exposes the debates and considerations about the results of the scientific investigation, whose main objective was to identify her contribution and show her influence onto Brazilian Education and particularly to Adults Literacy. Hence, through the analysis of her personal and professional trajectory, the historical, cultural and socio-political context was sought to be understood. Considering that for us Elza Freire inserts herself in a topmost purpose, the period from 1916 to 1965 is shown in this dissertation. From her marriage to Paulo Freire in 1944, the search gets another dimension; under this aspect of the study, we demonstrate the theory formulated by us, like Cohabitation Pedagogy which were founded basis for the "method" developed and "theories" put by Paulo Freire, enabling structure, rationale and consolidation of experiences with adults, which brings us back to the genesis of Education in Brazil, with emphasis on the participation of Elza and systematizing generated words. As work methodology we adopted a survey of resources, including the bibliographic material to the description and analysis of the manuscripts made by Elza, using the contribution of qualitative approach and finally, the semi-organized interview technique through narratives. . The contributions of the qualitative approach were used and structured in an inductive logic. We decided to arrange those decades in chronological order explaining the historical essay by using iconographic sources, which could enable movement and meaning between the facts and fragments, since Elza is the subject who sets and represents the transience of this research. Interim considerations point to the emergence of categories "Elzanianas" accompanied by her biography, we find in her academic and professional activities, information that formed the intellectual and educator, basing her pedagogic-political practice innovative and avant-garde, whose critically - solidarity consolidated and deployed in support of humanity, especially to identify Elza's participation in Paulo Freire's thoughts and practices apprehending her legacy to the Brazilian Education.

Key words: Elza Freire, Paulo Freire, Education, Adults Literacy, generating words, Cohabitation Pedagogy

LISTA DE SIGLAS

ALSP - Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNER - Campanha Nacional de Educação Rural
COPAC - Coordenação de Processamento, Preservação e Acesso aos Acervos
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FNEP - Fundo Nacional do Ensino Primário
GEPEJA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
IDAC - Instituto de Ação Cultural
INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
IPF - Instituto Paulo Freire
LDB - Lei de Diretrizes e Bases
MEB - Movimento de Educação de Base
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MNCA - Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo
MPC - Movimento de Cultura Popular
OEA - Organização dos Estados Americanos
PNA - Plano Nacional de Alfabetização
SEC - Serviço de Extensão Cultural
SESI - Serviço Social da Indústria
SIRENA - Sistema Rádio-Educativo Nacional
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UEE - União Estadual dos Estudantes
UNE - União Nacional dos Estudantes
VEREDA - Centro de Estudos em Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elza Freire (Década de 1960).....	v
Figura 2 - Elza Freire criança (Década de 1920).....	17
Figura 3 - Elza Freire (Década de 1930).....	65
Figura 4 - Residência em que nasceu Elza.....	72
Figura 5 - Academia Santa Gertrudes.....	82
Figura 6 - Escola Normal de Pernambuco.....	86
Figura 7 - Diploma de Elza (Habilitação para o Magistério).....	92
Figura 8 - Instituto Pedagógico do Recife.....	96
Figura 9 - Certificado de Elza (Curso de Psicologia – 1961).....	109
Figura 10 - Elza e Paulo Freire (Década de 1960).....	111
Figura 11 - Elza e Paulo Freire, 1944. Residência Rua Padre Domino.....	121
Figura 12 - Foto da Família de Elza (Década de 1950)	133
Figura 13 - Manuscritos de Elza sobre Leitura do Mundo e da Palavra.....	145
Figura 14 - Manuscritos de Elza Freire.....	161
Figura 15 - Residência de Elza e Paulo Freire (Recife/PE, 1964).....	167
Figura 16 - Manuscritos de Elza com palavras geradoras.....	184
Figura 17 - Manuscritos de Elza sobre capacitação de estudantes/monitores.....	194
Figura 18 - Fac-símile da assinatura de Elza.....	205

SUMÁRIO

1ª PARTE

PROLEGÔMENOS

Elza Freire: escritas e narrativas.....	01
---	----

2ª PARTE

CAPÍTULO 1 – LEITURA DO MUNDO E LEITURA DA PALAVRA	17
1.1 – Cenários de época: Entre as décadas de 1940/1965.....	23
1.2 – Elza: ler o mundo, escrever as palavras: Gênese da pesquisa	30
1.2.1 – Leitura do mundo de Elza: Marcas nas palavras de Paulo Freire	36
1.3 – Narrar o mundo e as palavras: Outras fontes de pesquisa	40
1.3.1 – Ler as palavras, re-ler o mundo Significado das palavras, sentido do mundo....	48
1.4– Transcrever a vida e re-escrever a História: Percurso da pesquisa.....	54
 CAPÍTULO 2 – ELZA: VIVER E CONVIVER A VIDA, ESCREVER A HISTÓRIA.....	65
2.1 – Elza: Vida e trajetória.	71
2.2 – Elza: Primeiros tempos.....	74
2.3 – Elza: Sua escolarização e formação.....	76
2.3.1 – Academia Santa Gertrudes (Olinda)	80
2.3.2 – Escola Normal de Pernambuco.....	84
2.3.3 – Instituto Pedagógico do Recife	94
2.4 – Elza: Do início das atividades à educadora política	101
 CAPÍTULO 3 – PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA.....	111
3.1 – Entre 1935 e 1944.....	114
3.1.1 – Primavera de 1944.....	120
3.2 – Uma família grande.....	127
3.3 – Elza e Paulo Freire: Pedagogia da Convivência.....	135
3.4 – Elza e suas multifaces: Conviver a vida, a educação e a história.....	149
3.5 – Elza: em torno de um “novo olhar”.....	157

CAPÍTULO 4 – ELZA FREIRE: EDUCADORA DOS EDUCADORES.....	161
4.1 – “Recife sempre”: Contexto de origem.....	164
4.1.2 – Recifidade, Nordestinidade, Brasilidade.....	169
4.2 – Método Paulo Freire	172
4.2.1 – Sistema Paulo Freire de Educação:	
Elza e o início das atividades (SESI, MCP, Angicos, etc)	176
4.2.2 – Vila Helena Maria: Elza em São Paulo	192
4.2.3 – Plano Nacional de Alfabetização: Elza em Brasília	195
4.3 – 1964: O ano que não terminou: Elza e o Golpe Militar.....	197
4.3.1 – A utopia no cárcere:	
A despedida de Elza e os filhos, a partida de Paulo Freire.....	200
 CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS: ELZA SEMPRE.....	 205

3ª PARTE

FONTES DA PESQUISA REALIZADA

I - Bibliografia	215
II - Outras Fontes	226
A) Impressas	226
B) Acervos Consultados	228
III – Fontes Orais e Escritas.....	229

4ª PARTE

Apêndice (Roteiro das entrevistas).....	231
Anexo (Poema: Recife sempre).....	233

PROLEGÔMENOS

ELZA FREIRE: ESCRITAS E NARRATIVAS

O nosso comprometimento com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tivera início ainda em Ituiutaba/MG em meados dos anos 1990, durante a convocação para atuarmos profissionalmente junto a essa modalidade de ensino, coordenando o noturno de escola pública com os projetos de Telessalas e Alfabetização de Adultos. Embora, os primeiros estudos em torno dessa temática tenham antecedido a nossa vinda para Campinas com a admissão na Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), foi a partir daí que oficialmente surge a pesquisadora. Antes, tudo muito empírico, acompanhado de entusiasmo contagiante, o fascínio que esse segmento da educação provoca em nós. Depois, adquirindo conotação científica e aporte teórico, um amadurecimento que vai se aprimorando pelos seminários, cursos, disciplinas, leituras e discussões em torno da Educação de Adultos. Isso nos fortalecia o ânimo e a coragem para enfrentar os desafios, durante um bom e longo tempo e o que hoje se faz experiência, igualmente nos desperta novos interesses e outras buscas para seguir nesse campo de atuação e pesquisas, que de certa forma, hoje podemos dizer transformou minha vida e transformou-se em minha vida.

Elza! O nosso interesse por Elza Freire inicia-se na apropriação “particular” que fazemos da obra de Paulo Freire, tendo em vista fundamentar a nossa teoria e prática junto à Educação de Adultos, acompanhada de outros escritos e outras produções em torno do pensamento e da práxis Freireana. Ao olhar mais atentamente para esses textos, percebemos a presença constante de Elza, ela nos desperta a atenção de forma diferenciada, ou seja, Elza estava intrínseca na obra de Paulo Freire, ao participar de todo o processo histórico, político e pedagógico.

Somos motivada, dessa forma, por várias objetividades: professora, pesquisadora, leitora dos textos de Paulo Freire, alguém que trabalha e acredita, luta pela Educação de Adultos. Daí surgiu uma identificação imediata com a personagem, cuja

aproximação reafirmou nosso interesse em conhecer e fazer conhecer Elza Freire. Em seguida, o cativamento e o amor, a admiração e a paixão por Elza, os quais não encobrem na pesquisa acadêmica e científica as objetividades fundantes da nossa pesquisa.

Por razões históricas e teóricas, nossa preocupação manifesta em uma investigação mais sistemática do processo de elaboração, fundamentação e consolidação da Pedagogia Freireana, cuja temática é referenciada pelo compromisso que nos move à Educação e, em particular a Educação de Adultos na busca em ampliar o universo das discussões referentes a essa realidade e sua problemática, surge daí o interesse diferenciado e especial por Elza Freire, que nos conduz a pesquisá-la e apresentá-la como tema.

Para concluir, Elza não foi apenas o tema para o Mestrado, Elza Freire é o nosso projeto de vida no âmbito acadêmico.

A pesquisa, que ora apresentamos, faz parte de um projeto de pesquisa em torno de Elza Freire, juntamente com a luta para aprofundar a formação enquanto pesquisadora e com o sonho para a Educação de Jovens e Adultos. Considerando que para nós Elza se encontra inserida num escopo mais amplo e abrangente de pesquisa, se faz estruturar e conhecer em três principais momentos: 1) Elza no Recife (1916 a 1965); 2) Elza no exílio (1965 a 1980) e 3) Elza retorna ao Brasil (1980 a 1986), nesta dissertação o recorte proposto, contempla o primeiro momento, compreendido no período de 1916 a 1965.

Por meio da análise de sua trajetória pessoal e profissional, buscamos compreender o contexto histórico, cultural e sócio-político onde Elza se insere. Assim, a pesquisa passa a se desenvolver sob a perspectiva histórica, haja vista que o objetivo principal é identificar suas contribuições e demonstrar suas influências para a Educação Brasileira e, em particular a Educação de Adultos. Ao propormos a inclusão de Elza no cenário educacional, entendemos que a mesma traz implícita a História da Educação e, em particular a de Adultos, entremeada à sua própria. Elza se apresenta como partícipe desse processo histórico. Portanto, trata-se, de uma pesquisa, cujo registro nos envolveu num processo cúmplice que *“ao falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história...”*. (BOURDIEU, 1998). Elza Freire esta personagem histórica que por amor dedicou sua vida a contribuir para a Educação Brasileira. Então, no

decorrer desse processo, nos assumimos como autora da pesquisa e sua colaboradora. Elza inscreve seu nome na Educação e, posteriormente na História da Educação.

Elza Maia Costa Oliveira nasceu em junho de 1916, no Recife, Pernambuco, Brasil. Elza amou a vida e as causas de sua vida. Mulher, nordestina, normalista, funcionária concursada; pioneira da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização infantil. Casou-se com Paulo Freire em 1944. Esposa, companheira, educadora, intelectual; sistematizadora das palavras geradoras para a Educação de Adultos; precursora da formação de educadores. Dessa união cinco filhos vivos, sendo as três Marias: Madalena, Cristina, Fátima, e também Joaquim e Lutgardes. Mãe, amiga, solidária; lutadora em prol das causas educacionais e do trabalho libertador, engajada nas atividades sociais, políticas e culturais. Elza representou perda e saudade, profunda dor em 1986.

Elza foi mais que apenas professora e diretora de escola, dedicou sua vida à Educação, acreditou no ser humano e, ao conjugá-los atuou numa realidade de conquistas e desafios. Elza, esposa de Paulo Freire, foi mais que a companheira de todas as horas do educador brasileiro. Como professora, ela despertou no marido a vocação para o trabalho com educação, ao possibilitar a sua aproximação crítico-reflexiva com as questões educacionais. Para além dessa contribuição, também colaborou de forma decisiva para o desenvolvimento da Teoria do Conhecimento formulada por Paulo Freire, cujos conceitos são conhecidos praticamente em todo o mundo.

Elza influenciou e concretizou com Paulo Freire seus sonhos e suas utopias, desde os primeiros tempos em Recife, depois compartilhou o exílio pelo mundo, até o retorno ao Brasil. Elza muito mais que companheira amorosa, esposa dedicada e profissional competente, exerceu grande e decisiva influência no pensamento e na práxis Freireana; bem como deixou importantes contribuições para a Educação Brasileira.

Relatamos isto, inicialmente, para dizer que uma das primeiras descobertas que fizemos com o referencial Freireano: não se trata de um método de alfabetização, mas sim de princípios e valores que passam a nortear sua forma de pensar e agir. Descoberta que ganhou sentido amplo com Elza. Nosso grande aprendizado com Elza é o de que de fato, todos nós, independentemente de sermos alfabetizando, alfabetizadores, mestrando ou doutores em Educação, temos um "saber de experiência feito" como se constata no

conjunto da sua trajetória pessoal e profissional, que assume outra dimensão ao lado de Paulo Freire.

No decorrer da investigação científica desencadeada por inquietações pessoais e agregadas à nossa atuação profissional, o projeto de pesquisa foi se modificando ao longo do processo acadêmico. Fomos buscar Elza. Inicialmente, ela aparece, desaparece, depois re-aparece. Elza surge, se oculta, depois re-surge. Assim se estabeleciam os indícios de sua presença, mas como qualificar e/ou quantificar sua participação, sua importância e influência? Portanto, ao identificarmos Elza, através do nome, ela se afigurava ao nosso olhar como ponto faiscante a iluminar a noite escura desta busca, o firmamento desconhecido. Por meio dos livros e textos, fomos providenciando os recortes e separando as citações, quando ao término desta etapa, embora os grifos sobre as letras que juntas formavam Elza ali permanecessem, ela seguia como que a recamar, fulgurante, as páginas que continuariam posteriormente nessa pesquisa.

Propomo-nos a apresentar Elza, identificar sua formação acadêmica e atuação profissional, suas contribuições e influências na construção da teoria e práxis de Paulo Freire. Embora apresente aspectos significativos da vida de Elza, não se trata de uma biografia, vertente que pretendemos retomar futuramente. Para isso, na tentativa de esquivar-nos da ilusão e do “*relato apaixonado*”, buscamos desenvolver a pesquisa como se fosse “... *um conjunto coerente e orientado*” (BOURDIEU, 1998, p. 184). Ainda que seja necessário reconhecer que em muitos momentos as objetividades fundantes da pesquisa se mesclaram à subjetividade da pesquisadora. Nesse processo, Elza nos conduz e se deixa conduzir pelas mãos da pesquisa e da pesquisadora, o que estabelece e permite a relação e a conexão entre a objetividade do mundo real e a subjetividade do ser que as realiza.

O nosso interesse pelo tema, entre outros, justifica-se também, pelo fato que geralmente no contexto científico a partir do contexto de época, dos lugares e da região, de outros autores e das fontes de pesquisa buscamos aprofundar o conhecimento ou o entendimento em torno de acontecimentos ou personagens históricos, com o objetivo de compreendê-los melhor. Portanto, as indagações acerca de Elza foram se ampliando. Daí estabelecermos possíveis inter-relações entre a sua presença na vida e sua participação no

trabalho de Paulo Freire. As inquirições formulavam a seguinte hipótese: se não há como promover a dicotomia Paulo Freire e Educação, especialmente a Educação de Adultos, igualmente não podemos separar deste contexto Elza e Paulo Freire; seguida por outra hipótese: embora Elza não tenha sido, nem seja uma anônima, ao contrário, possa ser discutida sob a perspectiva do desconhecimento, mesmo que esteja implícita no conjunto dos seus textos e no corpo de seus estudos, raramente aparece ou recebe comentários e referências entre os leitores, pesquisadores, críticos e analistas de Paulo Freire.

Decorre daí, questionamentos que nos instigam sobre os possíveis motivos desta realidade, desde o “aparente” desconhecimento até certo “descaso” para com Elza, situando-a como mero figurante na Academia e nas discussões concernentes a esse contexto. Nesse sentido, SANTIAGO (2000), traz relevante contribuição para esta pesquisa, ao retificar:

Embora Elza não tenha sido, nem seja anônima, ao contrário, está presente no conjunto da sua obra, pouco figura entre os leitores e analistas da obra de Freire como uma das grandes presenças no processo construção/sistematização do seu pensamento. Não é de estranhar que ela figure apenas entre aqueles que com ela tiveram oportunidade de convivência, visto que, o sentido corrente atribuído aos intelectuais e à vida acadêmica não a incluiu, menos por impossibilidade intelectual e mais por seu próprio estilo. (SANTIAGO, 2000, p. 76).

Elza além de participar das modificações e transformações que ocorreram na Educação e na Sociedade, assume destaque com referência a Paulo Freire a partir do casamento e quando da construção do pensamento e práxis advindas dessa convivência. Elza situa-se como partícipe de importante processo histórico, político e pedagógico. Para nós, era perceptível a participação de Elza sinalizada por meio dos documentos analisados e das leituras empreendidas. Todavia, ao estabelecermos as possibilidades de investigação nesse sentido, foram se confirmando o que havia despertado em nós interesse diferenciado. Então, à medida que a investigação científica avançava, podíamos observar e identificar a produção significativa proveniente de Elza, a qual constitui “*foyer*” dessa pesquisa. Portanto, reforçamos que Elza é o sujeito de nossa pesquisa.

Mesmo que as biografias sobre Paulo Freire não forneçam maiores detalhes sobre Elza, evidentemente é notória sua presença de forma marcante e decisiva. Até então, ela era apenas citada nos estudos em torno de Paulo Freire, em “fragmentos”. A pesquisa

que ora concluímos, apresenta o percurso que, pelos fragmentos, vamos transformando documentos em “monumentos”. Para tanto, fragmentos e indícios, da presença de Elza e, por fim a re-construção de tempos e espaços que possam trazer Elza novamente, que recriem Elza no texto e contexto acadêmico.

Ressaltamos que o próprio Paulo Freire, fez questão de registrar em seus trabalhos e escritos, ora na forma de dedicatórias, ora nas citações, as contribuições de Elza para o seu pensamento e a sua prática político-pedagógica que ficaram amplamente conhecidos. Nessas referências, o educador reconhecia os atributos intelectuais e humanitários da esposa e companheira, enfatizando a educadora e intelectual. Tanto que quando Elza faleceu, ele deixou lavradas as evidências do seu significado ao escrever, poética e nostalgicamente, dedicatórias no túmulo dela:

Elza,
Quem me dera que eu pudesse
Passar de um tempo ao outro
Com a pressa e a maciez
Com que as nuvens andam
No fundo azul do céu.
Paulo, 22.11.86.¹

Elza,
Corte fundo
Dor intensa
Noites sem amanhã
Dias sem sentido
Tempo coisificado, imobilizado
Desespero, angústia, solidão.
Foi preciso aceitar tua ausência
Para que ela virasse presença
Na saudade amena que tenho de ti
Por isso voltei á vida
Sem te negar.
Paulo, 24.10.91

Enquanto o contrário se efetivou a Paulo Freire, que pode assistir a sua imortalidade em vida, tornando-se celebridade reconhecida em todo o mundo, nome respeitado e personalidade de destaque. Elza ficou rendida à sua renúncia e às suas

¹ Placas póstumas de Elza Freire: Acervo Pessoal de Madalena Freire, 2009.

escolhas, seguiu a participar e colaborar nesse processo, deu continuidade ao seu trabalho em prol da educação e da humanidade. Elza trilhou esse caminho e escreveu essa história, pois há registros de que em muitos momentos, Paulo Freire reconhecia a participação de Elza, ao partilhar com ela os méritos e as homenagens, os desafios e as buscas advindas do trabalho político-pedagógico, os questionamentos e os escritos; seja nas salas de aula, nos congressos, nos gabinetes, isso a pesquisa foi também investigar.

Absorvidos a essas conjecturas, identificamos em Elza um campo vasto de possibilidades a serem percorridas. Diante desta perspectiva, fomos encontrando por intermédio da investigação as justificativas para a produção desta pesquisa, bem como a sua posterior continuidade.

Foram inúmeras perguntas, intermináveis enfrentamentos. Desde a definição do tema, a possibilidade de encontrarmos materiais e fontes para pesquisa, até os questionamentos quanto ao formato textual, pois grande desafio seria compor um trabalho acadêmico, não um texto literário e poético, adequando normas objetivas a possibilidades subjetivas. Acreditamos ter iniciado o processo de irromper, sair de uma perspectiva metafísica, do mundo das idéias e dos valores, algo intrínseco à poesia e, encarnar-se na descrição de práticas humanas, sonhadas e realizadas, enfim, humanizar-se.

Entre um livro da bibliografia e uma página da dissertação, um parágrafo e uma citação, absorvidos na utopia de Elza e Paulo Freire, flagramo-nos a recordar “*Das Utopias*”², e desse mesmo Quintana, extrair: “*A idéia é a rotina do papel*”, idéias vão para o papel, do papel voltam para as idéias, no que se constitui justamente a nossa rotina, por ser igualmente a idéia que constitui o trabalho acadêmico, vamos vertendo metodicamente para o papel as idéias desta pesquisa, escrevendo-as como um exercício do cotidiano. Encerra-se um ato ao se iniciar outro, quase imperceptível, separa-se de forma tênue e porque não, poética. Refletidas as idéias nas palavras, expressamos como foi se delineando o processo de pesquisar Elza.

É mister destacarmos que no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa sobre Elza, alguns momentos foram profundamente significativos, dentre eles salientamos para os subitens: Cenários de época e Recife – contexto de origem, pois ao abordarmos Elza sob os

² QUINTANA, Mário. Espelho Mágico, 1948.

aspectos de recifidade, pernambucanidade, nordestinidade e brasilidade, tivemos a oportunidade de deslocar o foco da grande maioria das pesquisas realizadas no Sul e Sudeste do país, que centralizam suas temáticas nestas regiões, concentrando o maior número de pesquisas produzidas. Assim, fizemos o caminho inverso, apresentamos uma pesquisa realizada na região Sudeste, no estado de São Paulo, cuja região de abrangência é o Nordeste e, o cenário principal Recife. Embora, esteja presente em todo o texto, Recife merece este destaque, uma vez que devido às normatizações não avançamos muito neste contexto de discussão, é possível identificá-lo, ora por meio de Elza e Paulo Freire, ora por si próprio em meio às suas instituições, cultura e tradições, seus intelectuais de época e sua luta histórica.

Recife por meio da pesquisa sobre Elza Freire, tem sua condição de importante centro cultural, não reconhecido e não valorizado pelo eixo Rio de Janeiro e São Paulo, discutido e apresentado nesta pesquisa. Enfatizamos essa perspectiva histórica, sobretudo por que Elza contribuiu principalmente por meio da Educação, não apenas para o desenvolvimento da cidade ou da região, mas também para o nacional e, posteriormente internacional. Este estudo oportuniza conhecer a história de Elza por meio da História do Recife e, descobrir mais sobre a História da Educação e do Brasil, através dessas duas histórias: Elza e Recife.

Neste trajeto, as reflexões acerca das leituras e re-leituras das publicações de Paulo Freire e sobre ele fundamentaram discussões, formularam hipóteses e forneceram citações significativas, que ao apontar possibilidades teórico-metodológicas, nos estimularam a continuar o percurso investigativo. Ao reconhecer a relevância de Elza, ele faz inferências dela, registrando-as em dedicatórias de seus livros principais:

“A Elza, minha mulher, cuja colaboração na leitura deste trabalho foi inestimável”, na tese de doutoramento Educação e atualidade brasileira, 1959.

“A Elza, minha mulher, a quem muito devo”, no livro Educação como prática da liberdade, 1967.

“Queremos expressar aqui o nosso agradecimento a Elza, de modo geral nossa primeira leitora, por sua compreensão e estímulo constantes a nosso trabalho, que também é seu.”, nas Primeiras Palavras do livro Pedagogia do Oprimido, 1968

“A Elza e a Nega, educadoras, conosco de nossos filhos”, no livro Sobre educação (Diálogos), Volume I, com Sérgio Guimarães, 1982.

“A Elza, sempre”, no livro Aprendendo com a própria história, Volume I, com Sérgio Guimarães, 1987.

“Uma última palavra, finalmente, de reconhecimento e de agradecimento póstumo, devo a Elza, na feitura da Pedagogia”, no livro Pedagogia da Esperança, 1992.

De acordo com o próprio Paulo Freire, a Pedagogia Freireana traz em seu bojo um conteúdo significativo de Elza, o que nos autoriza a reconhecer indícios de que existe o registro pessoal e profissional dessa convivência político-pedagógica, sobretudo amorosa entre ambos.

Como o próprio Paulo Freire destaca: “E fizemos um bem enorme um ao outro. Vivemos 42 anos juntos”. (FREIRE, 2005, p. 288). Posteriormente, em meados da década de 90, Paulo Freire dá continuidade a série de livros intitulados com a Pedagogia, como Pedagogia da Esperança (1992) e Pedagogia da Autonomia (1997). E outros póstumos: Pedagogia da Indignação (2000), Pedagogia dos sonhos possíveis (2001), Pedagogia da libertação em Paulo Freire (2001) e Pedagogia da Tolerância (2003). Mas, na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire expressa: “... devo a Elza, na feitura da Pedagogia”. (FREIRE, 1996, p. 64), e completa sobre sua convivência com Elza: “Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações... Foi esta a experiência que com Elza vivi”. (FREIRE, 1996, p. 64).

Convivência e Pedagogia que oportunizaram a Educação de Adultos atual, influenciando o pensamento político-pedagógico mundial em torno de uma educação libertadora e transformadora. A afirmação desta possibilidade é vislumbrada ao discorrermos sobre a Pedagogia da Convivência estabelecida entre Elza e Paulo Freire, convivência político-pedagógica, convivência amorosa. Consideramos essa aproximação inevitável para o desenvolvimento da pesquisa. Para discorrermos sobre essa questão, apontamos as considerações fundamentadas por Scott (1990), explicando que gênero, ao contrário de sexo, era socialmente construído e refletia sobre todos os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão do trabalho. Destaca Scott:“(...)as

mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado.” (1990, p.5).

Entendemos ter conseguido encontrar na formação acadêmica e na atuação profissional de Elza, elementos e informações que permitiram a identificação da educadora e intelectual, sobretudo de sua prática político-pedagógica, as quais se imbricaram ao pensamento Freireano, marcado a partir do casamento. Isso denota que ao se estabelecer a Pedagogia da Convivência entre Elza e Paulo Freire, dá-se a consolidação das experiências com Educação de Adultos, o que nos remete à gênese dessa Educação no Brasil. Assim, afirmamos que Elza e Paulo Freire foram vanguardistas como pensadores da Educação na aludida linha de pesquisa.

Diante do exposto, a escolha do título para esta dissertação: “Pedagogia da Convivência: Elza Freire - uma vida que faz Educação”.

A pesquisa assume uma perspectiva histórica e, conseqüentemente estaremos re-escrevendo³ a História – (1916 – 1965). Isso fundamenta nosso entendimento ao salientarmos que, se não fosse Elza, a História teria sido diferente. Afinal, não existe o ponto final na História, porque a História continua. Daí extraímos a importância da coerência de Elza entre o pensamento e sua práxis, bem como em suas estratégias de ação. De um lado, ela revela o princípio dialético de que toda nova realidade é gerada no seio da antiga. De outro, conota o fundamento de que todos os homens e mulheres são competentes em algo. De acordo com Romão, ninguém é nulo em tudo, bem como ninguém é competente em tudo e, por isso, todos são capazes de aprender e ensinar. (ROMÃO apud FREIRE, 2001).

A partir do momento em que aconteceu a aproximação de Elza e Paulo Freire, promovendo a interação entre o teórico (intelectual) e a prática (sentimental), inicialmente por intermédio do encontro e, depois, pelo casamento, foi possível identificar como foram se estabelecendo as influências, o despertar crítico e consciente de Paulo Freire. Há

³ Paulo Freire e o pacto populista (ROMÃO, 2001, XIII). Mediante essa contextualização optamos em adotar o termo re-significado. Usaremos a forma verbal com o “re” separado por hífen, pois conforme o autor, a nossa intenção é destacar a ênfase deste sufixo, no sentido em que todos os seres humanos sabem e podem algo e, por isso, quando aprendem uma nova idéia ou adotam uma nova prática, na verdade estão re-elaborando uma idéia e uma prática de que já eram portadores.

outras possibilidades às quais a convivência pode conduzir e conduz. Como podemos observar:

Descobri, por causa de Elza, que o que eu estava fazendo, quando ensinava português, era algo mais que ensinar, era precisamente educar. Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido. O que quero dizer é que, objetivamente, quando eu estava ensinando a Língua Portuguesa estava educando. Mas eu não sabia disso e foi Elza quem me iluminou com relação a isso. Subitamente eu comecei a juntar sonhos antigos e a reconhecer conexões entre eles. Ficou claro para mim que eu tinha um gosto por fazer perguntas, por saber, por ensinar e tive certeza de que era um educador ou que teria que me tornar um educador. Essa foi a primeira grande influência da Elza sobre mim. FREIRE (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

A citação acima retifica nosso propósito e, acreditamos que a Pedagogia da Convivência se aplica a outros contextos e, a outras áreas do conhecimento, ao contribuir de um lado, para as questões teóricas que, no âmbito intelectual assumem critérios cognitivos; de outro, para as questões práticas que, no âmbito sentimental assumem a dimensão afetiva. Enfim, esta pedagogia propõe o equilíbrio e desenvolvimento dessas vertentes por meio da coerência estabelecida de maneira crítico-reflexiva, solidária na convivência. Paulo Freire sintetiza essa possibilidade ao mesmo tempo justifica e fundamenta nossa escolha do título:

Ela era uma “artista” cujo respeito por mim moldou quem eu sou. Ao me respeitar, ela desenvolveu muitos aspectos do meu perfil. Por causa disso, sem Elza é possível que eu não estivesse aqui falando sobre isso – é possível, mas não tenho certeza. É possível que eu não estivesse aqui se não tivesse sido pelo amor que tinha pela vida. O amor por mim, pelas crianças, pelo povo, pelos alunos e alunas. Sua coragem de criar coisas nunca parou... Estou analisando alguns momentos no processo do meu desenvolvimento e por isso estou pensando sobre sua influência e suas sugestões. (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

A Pedagogia da Convivência se fundamenta nas categorias Freireanas, às quais se agregaram às categorias de análise, surgidas com a pesquisa, denominadas de Elzanianas. Esta pedagogia tem como referência o “pensar”, o “fazer”, o “falar” e o “sentir”. Parte do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação que por sua natureza, requer respeito e coerência. O que nós fizemos foi estruturar esta reflexão para o contexto pedagógico, mediante critérios acadêmicos. Ou seja, é através desta convivência e dos “saberes diferentes” que o conhecimento é compartilhado, estabelecido

pelo processo ensinar-aprender, pautado na “amorosidade”, “críticidade” e, sobretudo na “conscientização”. A pesquisa ainda aponta que essa Pedagogia da Convivência, fundou as bases para o pensamento e a práxis de Paulo Freire e, possibilitou a estruturação e a consolidação da “Pedagogia do Oprimido”, dentre outras.

A principal categoria de análise proposta é o inédito-viável⁴, uma das categorias mais importantes porque provoca reflexões, sobretudo nos escritos da Pedagogia do Oprimido. Embora, receba poucos comentários e estudos, essa categoria encerra nela a crença no sonho possível e na utopia que virá desde que os que fazem a sua história queiram. As demais categorias foram sendo definidas no decorrer da pesquisa (ANDRÉ E LÜDCKE, 1986).

Com o tema da pesquisa definido e apresentado, sob a ação investigativa discutimos as possibilidades teórico-metodológicas e delineamos as estratégias empreendidas para o registro do processo e desenvolvimento. Como metodologia, descrevemos o levantamento das diversas fontes de pesquisa incorporadas ao mapeamento bibliográfico, as descrições e análises dos manuscritos de Elza e, por fim a técnica da entrevista em forma de narrativas⁵. Os aportes da abordagem qualitativa foram utilizados e estruturados segundo uma lógica indutiva. Decidimos expor as décadas compreendidas no recorte, em ordem cronológica, utilizando fontes iconográficas inseridas ao texto para a composição histórica, que possibilitou movimento e significado entre documentos, fatos e fragmentos, pois Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa

A pesquisa aponta para o avanço no estado da arte, em um âmbito de questões na área de Educação de Adultos ao contribuir para o avanço científico nesse contexto. Isso se deve principalmente à divulgação e análise dos manuscritos de Elza, os quais se apresentam como preciosidades históricas, que enriquecem as descobertas e discussões no que concerte à Educação e, em particular a Educação de Adultos.

Há manuscritos que são referências necessárias neste sentido, especialmente por demonstrarem a sistematização dos registros em torno do pensamento e da práxis de Elza.

⁴ Consultar Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2006 a) e Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1992).

⁵ Adotamos as conceituações de Walter Benjamin (1994). Entendemos assim como o autor que Paulo Freire ao ser o principal narrador sobre Elza, objetiva-se recuperar o que foi perdido, sobretudo por meio da rememoração poética, de quem sabe lidar com o silêncio e o esquecimento.

Alguns foram apresentados no decorrer do texto, publicados pela primeira vez. Por meio deste trabalho, tais documentos, classificados como fontes históricas de pesquisa trazem agora às novas gerações as possibilidades de consultar e estudar referidos materiais que se tornam público e disponíveis para fomentar as discussões posteriores, bem como ampliar as já existentes.

Seguindo a proposta para a estrutura de desenvolvimento deste estudo, o texto está dividido em quatro partes. A primeira parte compreende o resumo e os prolegômenos. A segunda parte expõe os capítulos. Capítulos que se iniciam com epígrafes extraídas de frases da própria Elza e ilustradas por fotos ou documentos contextualizados para a discussão proposta. Ressaltamos que os títulos buscam inspiração na produção intelectual e afetiva de Elza, deixando-se revelar, ora pela verbalização e visualização, ora entre a participação e presença, que marcam a história.

O resumo sintetiza os pontos relevantes e os principais apontamentos, enquanto que os prolegômenos contemplam a apresentação geral da pesquisa; evidenciando o período de abrangência do estudo, informações sobre a importância e natureza da temática, destaca os principais tópicos, aproximações, questionamentos e, justificativas que objetivam situar o tema do trabalho.

No primeiro capítulo “Leitura do Mundo, Leitura da Palavra”, iniciamos com um capítulo intenso, onde e quando os cenários da época acompanham a gênese e o percurso da pesquisa, acompanhados igualmente por algumas discussões e conceituações metodológicas. Ao assumirmos a autoria da pesquisa, reconhecemo-nos colaboradora de Elza.

No segundo capítulo “Elza: viver e conviver a vida, escrever a história”, nos deparamos com um capítulo tenso. Dedicamo-nos à apresentação de Elza, sua infância e adolescência, depois destacamos sua escolarização, formação e atuação profissional, cujo enfoque se estende à discussão do contexto histórico e educacional, desdobrando-se às instituições e intelectuais de época. Encerrando-o apresentamos resumo das principais atividades desenvolvidas e cargos exercidos por Elza em Recife.

No terceiro capítulo “Pedagogia da Convivência”, confrontamo-nos com um capítulo intenso e tenso. Como se fosse o “coração” da pesquisa, abordamos o encontro e o

casamento entre Elza e Paulo Freire. Depois ampliamos a discussão, por meio das primeiras aproximações político-pedagógicas realizadas conjuntamente entre eles. Tentamos demonstrar e analisar o contexto familiar, com destaque aos filhos e, discutimos as multiface de Elza.

No quarto capítulo “Elza Freire: Educadora dos Educadores”, nos defrontamos com um capítulo denso. A princípio, discutimos desde o surgimento do “Sistema Paulo Freire de Educação” até a saída para o exílio. Com ênfase à participação de Elza, perpassamos o SESI, os Movimentos MEB e MPC, em Recife e Angicos, depois São Paulo e Brasília com o Plano Nacional de Alfabetização. Após o Golpe Militar, destacamos a posição política e solidária de Elza com relação à prisão de Paulo Freire e os bastidores da saída do Brasil com os filhos.

No quinto capítulo, intitulado “Considerações provisórias: Elza sempre”, finalizamos com as conclusões prévias acerca de Elza, ao apontarmos de maneira crítica e reflexiva para a continuidade da pesquisa, bem como a utilização da mesma para subsidiar novas investigações. Apresentamos breve biografia de Elza como resultado parcial da pesquisa, cujos dados e informações foram estruturados à partir da pesquisa, contemplando assim o período proposto.

A terceira parte contém as fontes da pesquisa realizada, dividida em bibliografia, outras fontes (impressas e acervos consultados), fontes orais e escritas (narrativas). Enfim, na quarta parte, está inserido o apêndice com o roteiro das entrevistas e o anexo com o poema Recife sempre.

Como terminar esta introdução, frente à complexidade da pesquisa, esquivando-se às imensas dificuldades e possibilidades requeridas para prosseguir o texto?

Talvez seja o momento de escrever que cada um de nós tem de auferir as suas próprias ilações. Devemos procurar outras introduções, escrever outros capítulos em dissertações e teses, ou desenvolver novas pesquisas, no sentido de que Elza nos permita um novo olhar sob Paulo Freire, a fim de avançar as razões de ser e de existir da Educação de Adultos.

Desde o início da pesquisa, encontramos-as apresentadas tão bem por Paulo Freire nas palavras iniciais do seu livro “Pedagogia do Oprimido”: A construção de um

mundo onde seja mais fácil amar. Palavras que se completam ao serem lidas assim juntas nessa pesquisa: “*Queremos expressar aqui o nosso agradecimento a Elza, de modo geral nossa primeira leitora. Por sua compreensão e estímulos constantes a nosso trabalho, que também é seu.*” (FREIRE, 2006, p. 29). Ao parafrasearmos Paulo Freire, queremos expressar igualmente a nossa gratidão a Elza, registrando que esse trabalho também lhe pertence. Assim como Elza e Paulo Freire, continuamos a luta em prol da humanidade, por meio do amor e da educação.

Convidamos, nesse sentido a buscar e encontrar Elza, por meio dos resultados da investigação científica que se marcou pelo envolvimento intelectual e afetivo, capaz de conduzir e se deixar conduzir para identificar, perceber e sentir as suas contribuições e as suas influências para a Educação e, em particular a Educação de Adultos, num processo permanente entre nós. Re-constituir esse cenário histórico, cultural, político e pedagógico compartilhado por e com Elza, a partir de Recife, sob a perspectiva da configuração de saberes e práticas compartilhadas, identificando sua participação no legado para a Educação e, posteriormente para a História da Educação. É assim, que apresentamos com entusiasmo nas páginas que se seguem, a pesquisa que nos foi possível realizar com amor e dedicação, lavradas aqui a sangue, suor e lágrimas.

CAPÍTULO I

LEITURA DO MUNDO E LEITURA DA PALAVRA

“Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem ...”
Elza Freire (apud COSTA, 1980, p. 200)



Figura 2- Elza Freire criança (Década de 1920).
Fonte: Acervo Pessoal de Lutgardes Costa Freire

Elza Maia Costa Oliveira nasceu em junho de 1916, no Recife, Pernambuco, Brasil. Filha de Alberto Melo Costa Oliveira e Josefa Maia Costa Oliveira, teve dois irmãos: José de Melo (Zé de Melo) e Elba Maia (Bila). Família que tinha a educação e cultura como valores – simbólicos e de consumo; bem como práticas estruturantes do cotidiano.

CAPÍTULO I

LEITURA DO MUNDO E LEITURA DA PALAVRA

“Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem.”

Elza Freire (apud COSTA, 1980, p. 200)

Posterior a introdução, com o tema apresentado, o período definido e as considerações iniciais, adentramos o primeiro capítulo. Inicialmente tentamos ilustrar essa época, com enfoque compreendido entre o final da década de 1940 até 1965, recuando para acontecimentos das décadas de 1920/40 importantes para ampliar a compreensão, dando certo destaque aos movimentos sócio-políticos e econômico-culturais necessários à compreensão de um cenário que se constituía no momento histórico demarcado. Em seguida, a gênese da pesquisa é descrita ao traçarmos o despertar para buscar Elza e o nosso interesse em estudá-la, seguida pelas aproximações adjacentes contidas na literatura Freireana.

No decorrer desse capítulo apresentamos alguns comentários sobre o procedimento metodológico, já contemplado na introdução, com destaque para as fontes de pesquisa. Prosseguindo em seu desenvolvimento agregamos questões importantes, discutidas por alguns teóricos como Benjamin (1994), Bogdan e Biklen (1994), Bourdieu (1998), Denzin (1984), Freire (1992; 2006 a), Queiroz (1988), dentre outros.

Considerando a abrangência que as décadas de 1940 a 1965 possibilitam, não realizamos uma análise completa dos movimentos e fatos históricos que marcaram esse período. Pretendemos, apenas, apresentar possibilidades de interpretação do empenho pessoal e profissional de Elza ao participar desse momento até seus desdobramentos nesta época. A bibliografia principal utilizada para esse tópico se baseia em: Mazza (2004); Pécaut (1990); Chacon (1977), com destaque para produção regional: Rezende (2000); Bello (1978) e Rosas (2000).

À medida que o texto se desenvolve e a investigação avança, fomos estabelecendo relações entre memória e experiência, convivência e história. Atribuímos

ênfase à narração, cujo movimento alicerçou-se principalmente em Paulo Freire e modelou-se conforme as especificidades das fontes de pesquisa. Em seguida, destacamos a necessidade e importância das entrevistas, bem como os critérios de escolha e seleção dos narradores.

Para encerrar esse primeiro capítulo, temos o percurso da pesquisa, onde explicitamos a dinâmica que envolveu o processo e as principais etapas realizadas.

A música mais difícil de compor é a que se origina da musicalidade do silêncio. Elza traz a sua musicalidade como percurso temporal marcando essa noção de silêncio que flui em vários elementos de sua personalidade e da sua natureza que surgem ao longo de sua vida, dentro de um fluxo mais amplo que é a da sua própria melodia. Então, se na epígrafe do capítulo lemos: *“Fiz o que queria, o que pensei”* explicita-se o canto em busca do inefável, e defini-se como afirmação do próprio canto: *“porque realmente fiz bem...”*. Evidentemente não de anonimato ou silenciamento imposto, mas de reflexão sobre o humano e a sua condição, que derivam do apelo e da renúncia, que foi sua vida pela Educação. Vida e Educação compartilhadas ao lado de Paulo Freire, porém, que se refazem através da História, perfazendo-se como canto e comunhão de inesgotável densidade poética e libertária.

Na tentativa de estabelecermos uma análise mais crítica da expressão *“Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem...”* a qual se destaca como epígrafe do capítulo, apontamos para a possibilidade de que Elza demonstra seu objetivo de vida, traduz suas intenções e manifesta-se como que a traduzir si própria, sem amarras ou preconceitos, numa intensidade que lhe demarcou e marcou as atitudes.

Elza Maia Costa Oliveira, após o casamento com Paulo Reglus Neves Freire, passa a assinar Elza Maia Costa Freire. Todavia, no decorrer da vida, a História vai sendo escrita e pela Educação transformando-os. Portanto, ambos passam a ser identificados e conhecidos mundialmente como sendo: Elza Freire e Paulo Freire. Ao longo do texto optamos por usar Elza para nos referirmos ao sujeito da pesquisa.

Os primeiros anos no Recife, sua formação profissional em meados da década de 30. Os anos do casamento e a chegada dos filhos na década de 40 e 50. Os anos de serviços prestados ao ensino público do Estado de Pernambuco, entre 43 e 64. Anos

vivenciados paralelamente com as experiências de base: MCP, Plano Nacional de Alfabetização em Brasília, Angicos e outros, como um todo entre os anos 50 e a metade dos anos 60, e que foram drasticamente interrompidos com o Golpe de Estado ocorrido em 1964. Os anos do exílio, 16 anos a começar pelo Chile, passando pelos Estados Unidos e a Suíça, juntamente com a experiência na África. Os anos do retorno para “re-aprender o Brasil”⁶, na década de 1980. Como a medida dos tempos em música, desta cadência de acontecimentos a “musicalidade” de Elza vai sendo demonstrada por sua própria regência, a qual traz consigo o pressuposto dinâmico, político e pedagógico do ser humano.

Essa musicalidade de Elza requer a sensibilidade e a criticidade investigativa capazes de buscar identificá-la, compreendê-la e senti-la, transformá-la em conhecimento através dos instrumentos de pesquisa, extraindo daí o aporte técnico e científico para preencher os requisitos e critérios da academia.

Nesse processo, Elza nos conduz e se deixa conduzir pelas mãos da pesquisa. E as páginas que se seguem são marcadas por mesclas entre a objetividade do mundo real e a subjetividade do ser que as realiza. Ou seja, o estilo poético sem ser metafísico descreve-se nas práticas humanas. Então, sem subtrair-nos a isso, deixamo-nos imergir nesse processo de investigação que se desenvolveu no corpo do texto e se estruturou na forma de capítulos.

Ao assumirmos a autoria dessa pesquisa, que se encontra inserida num projeto mais amplo, trazemos fatos, indícios, fragmentos que re-construam Elza, re-escrevam a História da Educação. Embora para o desenvolvimento do processo as objetividades fundantes da pesquisa se permitam fundir às subjetividades da pesquisadora, durante o desenrolar dessas situações, houve a preocupação constante para que a objetividade da pesquisa, isto que a torna científica, não se comprometesse diante do envolvimento e cativamento da pesquisadora com o sujeito da pesquisa.

Ao reconhecer que não é possível fazer desaparecer a dimensão individual de cada sujeito histórico que se experimenta socialmente, Elza e a pesquisadora têm algo nas suas individualidades que faz com que sejam Elza e a pesquisadora, e que ninguém mais poderá ser. Segundo Freire (2002):

⁶ Expressão de Paulo Freire, quando retorna ao Brasil ao lado de Elza, em 1980, conforme recorte de jornal pertencente ao Acervo do VEREDA. Consta também no link: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire>.

Esquecer essa subjetividade, não reconhecer o papel dela no aprendizado, na feitura da história - que, inclusive, é fazendo história que a gente aprende história – esquecer isso, esquecer o papel nisso, da consciência, é cometer, para mim, um baita erro, um imenso erro, que foi o erro do mecanicismo marxista. (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 27).

Buscaremos Elza, que vai nos permitindo conhecer e perceber suas marcas, identificadas nesse ato de pesquisar, cujo ofício de escrever vai se moldando. Marcas deixadas por suas contribuições para a Educação Brasileira e, sobremaneira, sua participação e influência na vida e obra de Paulo Freire, despercebidas na História. Musicalidade travada entre pesquisadores e pesquisa, extraída da melodia dissonante que muda e se executa a todo instante, executada por pesquisadora e pesquisada, marcando as páginas deste texto. Marcas perceptíveis e evidências pelo caráter acadêmico, cujo movimento de investigação e observação perpassa o tempo, os lugares e as experiências, fundamentando-se entre um e outro para se legitimar ao adquirir musicalidade nas pessoas: *“Ela me deu um apoio extraordinário me deu sempre uma força enorme. Eu costumo dizer que Elza me provocava e me desafiava até em seu silêncio.”* (FREIRE, 2005, p. 288).

Sons que existem devido ao silêncio. Na partitura de documentos e depoimentos sobre a vida e obra de Paulo Freire é que fomos buscar também as notas da participação de Elza. Sons e silêncios, compostos nos movimentos de Elza, executados na vida e obra conjunta de Elza e Paulo Freire. Entre um allegro: *“E fizemos um bem enorme um ao outro. Um apaixonamento profundo.”*, e um adágio: *“Vivemos 42 anos juntos.”* Acontece o andante: *“Elza era... de um senso, uma sensibilidade prática enorme, com uma capacidade também, muito sensível...”* e finalmente, o presto: *“... no gosto do seu silêncio.”* (FREIRE, 2005, p. 288).

A citação anterior de Paulo Freire referente às características de Elza endossa uma descrição de seu modo de ser. Isso nos possibilita analisar valores e identificar capacidades que lhe marcavam a existência, confrontando-os no decorrer do texto com outros autores que fundamentam o estudo. É assim que Elza surge por si só, isso é explícito nos momentos registrados pelas citações, onde a produção se constitui e as influências exercidas reveladas, principalmente por intermédio da bibliografia de Paulo Freire se complementam pelas fontes da pesquisa.

Silêncio, sons, musicalidade! Educação de Adultos, Pedagogia, Convivência! Amorosidade, Dialogicidade, Práxis! Marcas identificadas pelas contribuições e influências de Elza, marcas deixadas na vida e na obra de Paulo Freire, que a partir de agora passam a ser percebidas como instrumento científico, que merece tratamento especial e que polariza as atenções pela possibilidade de utilização em função dos objetivos fundantes da pesquisa. Silêncio, sons, musicalidade:

Para você ter uma idéia, quando eu falava, eu era a única pessoa que, falando inglês, Elza não precisava de tradução. Elza entendia a minha musicalidade nordestina falando inglês. E como ela conhecia o meu pensamento, uma coisa batia com a outra, não precisava de tradução nenhuma. (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 81).

Extraímos daí, uma das palavras-chave de Elza para esse capítulo: “musicalidade”. Apercebemo-nos da sintonia e do entendimento entre Elza e Paulo Freire, confirmando a sensibilidade que lhe era peculiar, bem como a cumplicidade da companheira, quando salienta que, independentemente de verbalização, Elza e Paulo Freire estabeleciam outras formas de comunicação, através da convivência e da interpretação. Essa citação concede fundamentação para o parágrafo que abre esse capítulo, e aponta para o aprofundamento das análises. Ou seja, ela é significativa e exemplificadora das características de Elza, buscando elucidar questões particulares e em torno de um leque temático bastante vasto. A título de exemplo: etnografia da nordestinidade; exílio, idioma e cultura diferentes.

Aliados a esses aspectos temáticos, a tessitura se engendra pelas características formais fazendo com que certa “musicalidade” seja identificada pelos parágrafos da pesquisa. Vai se alinhando conceitos científicos e fundamentações metodológicas ao tema da pesquisa. Assim, a “musicalidade” vai sendo aferida pelo grau de cientificidade empreendida no percurso dos arremates.

Através da leitura do mundo e das palavras, que nos foi permitido entrever é que procedemos à apresentação de Elza no desenvolvimento da pesquisa. Caminho científico que às vezes requer silêncio e musicalidade, a fim de poderem ser ouvidas, escritas, sentidas, pois assim se revestem a nossa pesquisa. É o momento de,

academicamente, dar vez e voz a Elza que por si mesma, vai rompendo os invólucros, pois se fez mister, critério e método, para realizar os capítulos que se seguem. Leitura do mundo e das palavras, daí a feitura dessa pesquisa sobre Elza.

1.1 – CENÁRIOS DE ÉPOCA: ENTRE AS DÉCADAS DE 1920/1965

“Os sábios que classificam as pessoas em introvertidas e extrovertidas poderiam classificar as cidades de modo semelhante. Pois, na verdade, enquanto umas se entregam ao primeiro olhar de turista empenhado em conquistar donjuanescamente paisagens, outras se escondem do curioso ou do estranho como se fossem umas mouras: mouras encapuzadas. O Recife é assim: cidade que antes se esconde dos admiradores que se oferecem à sua curiosidade.”

Gilberto Freyre (1959)

O Nordeste brasileiro, particularmente o Recife das décadas de 1940/1965, se beneficiou de um novo impulso civilizatório que teria se esboçado nas décadas anteriores. Incursionamos por alguns acontecimentos dos anos 1920/30, que consideramos importantes para que possamos desenvolver com ênfase seus contornos intelectuais, econômicos e políticos a partir do período referenciado por esse recorte, compreendido entre 1920/1965.

Segundo Aranha (1996, p. 194-203) na década de 1920, eclodiram no Brasil movimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, que se aprofundaram e possibilitaram a passagem de uma sociedade preponderantemente rural-agrícola para uma que tentava viabilizar-se como urbano-industrial. Movimentos, como o *Modernismo*, no contexto da literatura e das artes plásticas, alcançaram importante repercussão na história contemporânea do Brasil.

O Recife absorveu essas mudanças de modo polêmico, e conforme Rezende (2000) a tradição de Pernambuco e do Recife acumulavam conflitos históricos entre os defensores da independência nacional, da implantação da república e da abolição da escravidão.

As experiências no aspecto intelectual-pedagógico, lhe conferiam destaque no contexto nacional. No ensino médio, o Ginásio Pernambucano (1866) e a Escola Normal (1864) que teve como professor Ulisses Pernambuco, fundador do Instituto de Psicologia de Pernambuco, em 1925; segundo Bello (1978, p. 84) eram referências nacionais.

No ensino superior, o Recife contava nos anos 1920 com a Faculdade de Direito, pioneira no Brasil, criada juntamente com a Faculdade de Direito de São Paulo, em 11 de agosto de 1927; a Faculdade de Engenharia (03 de junho de 1895) e a Faculdade de Medicina (fundada em 05 de abril de 1915 e instalada em 1920). A Faculdade de Direito do Recife fora, ainda no séc. XIX, palco de intensa atividade intelectual e política, com a participação de Castro Alves, Rui Barbosa e, principalmente, de Tobias Barreto e Sílvio Romero, ícones da chamada “Escola do Recife”⁷. Nos anos vinte e nas décadas seguintes a Faculdade de Direito do Recife continuaria a ser um marco na formação de humanistas, nas disputas filosóficas, políticas e na defesa dos direitos humanos⁸.

O período compreendido entre 1930 e 1945, foi delineado por acontecimentos políticos, em sua maioria de amplitude nacional, com inevitáveis repercussões em Recife. Inicialmente a “Revolução de 30”, quando Vargas foi conduzido à Presidência da República, o primeiro governo de Vargas se estende até 1945, sendo instalada a fase da ditadura em 1937, chamado o Estado Novo. Nas palavras de Aguiar (1993) essa decisão política em prol da industrialização do país e da adoção de um regime autoritário, demonstra a “*liderança de um chefe de Estado forte*” (AGUIAR, 1993, p. 51). Continua Aguiar (1993), salientando que em Recife a tentativa de tomada de poder pelo Partido Comunista alcançou algum resultado, mas a interpretação de uma tendência de esquerda, serviu de pretexto para prisões e torturas, além de perseguições, tanto que em novembro de 1934, se realiza em Recife o 1º Congresso de Estudos Afro-brasileiros, ocasionando a perplexidade da burguesia pernambucana.

⁷ Chacon, V. *História das idéias sociológicas no Brasil*, São Paulo, EDUSP, 1977, defende que não adianta discutir se houve ou não, uma “Escola” do Recife, ou se seus personagens principais tiveram maior ou menor influência na cultura brasileira. Principalmente Tobias Barreto, Sílvio Romero, Artur Orlando e Clóvis Beviláqua emergem com destaque em vários setores da vida cultural, trazendo significativas contribuições, embora às vezes paradoxais.

⁸ Consultar REZENDE, A. P. (2000) e BELLO, R. (1978).

Esses movimentos apontaram para o processo de transformação cultural e educacional da Primeira república, envolvendo intelectuais. Sugeriu Pécaut (1990) que essa geração dos anos 1925/40 “*não solicitou a mão protetora do Estado, ao contrário, mostrou-se disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais*”, denominando de “*uma vocação para elite dirigente*” (PÉCAUT, 1990, p. 22). Esse autor menciona que a tomada de consciência das raízes culturais de um povo não excluía a intervenção do intelectualismo no sentido de conduzir o ingresso da população na era da civilização.

Nos anos de 1930 a 1940, sob o Estado Novo, Recife vivia o conflito entre a cidade moderna, que lutava por níveis mais convincentes de desenvolvimento e a proliferação dos mocambos, que lutavam pela sobrevivência: *Veneza Americana x Mucambópolis*, como escreveu Zélia Gominho (apud. Rezende, 2000, p. 59).

No que concerne à educação em Recife, de 1930 a 1945, registra-se significativa expansão do ensino médio, sobretudo a criação de escolas de iniciativa privada. O ensino superior também se amplia, com a instalação em 1932 da Escola de Belas Artes. Em maio de 1940, funda-se a Escola de Serviço Social de Pernambuco, e em novembro do mesmo ano Vargas assina o Decreto autorizando o funcionamento do Instituto Superior de Pedagogia e Letras “Paulo Frassinetti”, a partir de 1941, denominado Faculdade de Filosofia do Recife. Ainda nesse período foi instalada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Pe. Manoel da Nóbrega”, pertencente aos Jesuítas, precursora da Universidade Católica de Pernambuco⁹.

Conforme Rosas (2000) entre os anos de 1930/45, a publicação da 1ª edição das obras mais expressivas de Gilberto Freyre, representando uma inovadora interpretação da sociedade patriarcal brasileira e nordestina: *Casa Grande & Senzala* (1933); *Sobrados e Mucambos* (1936); *Nordeste* (1937); *Problemas brasileiros de Antropologia* (1943) e *Brazil: na interpretation* (1945). Nogueira (apud MAZZA, 2004, p. 49) salienta que a partir da década de 1930 teriam se originado as pioneiras tentativas de interpretação de conjunto da história, da economia e da sociedade brasileira, cuja referência não se afirmava na *raça*

⁹ Para aprofundar a questão consultar REZENDE, Antônio Paulo. *Recife – história de uma cidade*. Recife: JC, 2000. BELLO, Ruy. Subsídios para a história da educação em Pernambuco. Recife. Sec. da Educação, 1978.

ou *meio tropical*, que marcaram as pesquisas anteriores. Segundo Mazza (2004, p. 49) escritores como Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, e suas obras influenciaram gerações futuras, tornando-se autores clássicos.

Assim como ocorreu na vida política, o período de 1930 a 1945 apresenta, em matéria educacional, fases bem diferenciadas; refletem-se na esfera educativa as transformações do regime político. Segundo Paiva (2003) os temas e as posições correspondem àquelas firmadas na Primeira República e o “*analfabetismo aparece novamente como o principal problema da Nação, causa de todas as nossas dificuldades*” (2003, p.131). Fundamenta-se a base teórica para a Cruzada Nacional de Educação em fevereiro de 1932, segundo acreditavam os organizadores, por exemplo, “a campanha contra o analfabetismo precisava ter caráter de salvação pública” e o objetivo de sua atuação era, portanto, “lutar para apagar a mancha vergonhosa do analfabetismo que degrada e avilta o Brasil”¹⁰ (2003, 131).

Importante ressaltar que estas campanhas, de que a Cruzada é legítima representante, chegaram até os dias atuais, embora enfraquecidas, anacrônicas e reduzidas em suas atividades e influências e, conforme Paiva (2003) sua atuação se desenvolveu ao longo do tempo não somente através da intensa propaganda em favor da difusão do ensino, mas também através da criação de escolas para adultos e crianças mantidas pelas contribuições de sócios, festivais e doações; completando a autora afirma que “*violentamente criticadas pelos profissionais da educação, elas mantiveram-se fiéis ao seu caráter alfabetizador*” (2003, p.131). Podemos constatar que a sobrevivência destas campanhas se dá em torno de uma concepção “filantrópica” da educação, apoiada num entendimento deformado da realidade social, onde a educação, sobretudo de adultos, aparece como causa de todos os problemas o que fortalece o preconceito contra o analfabeto¹¹.

¹⁰ Manifesto da Cruzada Nacional de Educação aos brasileiros em 1933. Cruzada Nacional de Educação. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 1958.

¹¹ Segundo Paiva (2003) a sua retomada na década de 1930 não se estabeleceu mais, como nos anos 10, ao problema da recomposição do poder público. Entretanto, não se exclui a hipótese de que uma causa política esteja na base, aliada à difusão do humanitarismo educacional do final dos anos 20. Se as justificativas dos movimentos dos anos 10 incluíam a defesa da democracia como um de seus pilares (e, em consequência, a

Ao ampliarmos o debate histórico e a contextualização de uma época, referimo-nos à gênese da educação popular no Brasil, ao demonstrar que a problemática do analfabetismo influenciou a formação do pensamento e fundamentou as experiências da educadora e intelectual Elza que, ao se casar com Paulo Freire, construíram juntos uma Pedagogia voltada para a Educação de Adultos, cujas aproximações iniciais e seguintes são apresentadas e discutidas nos capítulos seguintes.

O cenário mundial foi marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto no Brasil, o fim da ditadura Vargas anunciava a redemocratização das instituições políticas e a ampliação da participação dos diversos setores da sociedade. Ghiraldelli (2006) comenta que o período de 1945 a 1964 se caracterizou como uma nova fase de retomada de experiências democráticas na história da sociedade brasileira.

A partir da redemocratização do Brasil, houve um novo esforço de modernização do ensino superior em Recife. Em 1946, foi criada a Universidade do Recife, que passaria a se denominar Universidade Federal de Pernambuco. De acordo com Rosas (2000) em sua origem, a Universidade do Recife reuniu a Faculdade de Direito, a Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Filosofia do Recife, esta manteve sua autonomia como instituição privada confessional. Nas décadas subseqüentes a Universidade Federal de Pernambuco ampliou e diversificou consideravelmente seus cursos, inclusive pós-graduação, pesquisas e extensão.

Nos anos de 1950, ao lado da Universidade Católica de Pernambuco, o Recife passou a contar com outras instituições que objetivavam a pesquisa social, educacional e política. Destaca-se entre estas, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, criado em 1949, hoje sob a denominação de Fundação Joaquim Nabuco e o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, integrante do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, vinculado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) (Rosas, 2000, p. 20). Costa Pinto e Carneiro¹² realizaram o levantamento dessas instituições,

ampliação das bases eleitorais), os novos movimentos desenvolvem muito mais justificações humanitárias apoiadas na crença da “educação salvadora” e do “analfabeto incapaz”.

¹² COSTA PINTO, L. A. & CARNEIRO, E. *As ciências Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES, 1955. Estudo realizado para a CAPES, denominado como súmula comentada do inquérito realizado em 1954, sobre o estado atual das ciências sociais no Brasil. Este trabalho representou entre um ensaio de interpretação e relatório de pesquisa.

demonstrando o perfil e corpo docente, pormenorizando os seguintes itens: Faculdades de Filosofia, alunos, Centro de Pesquisas, treinamento de professores, Instituto Joaquim Nabuco, publicações da Universidade e discussões (COSTA PINTO & CARNEIRO, 1955, p. 81-84).

Aguiar (1993) afirma que o processo de redemocratização representou uma nova e insegura aprendizagem política. A criação de novos partidos políticos, cujos discursos divergiam com as práticas observadas. A própria composição social da Assembléia Legislativa Pernambucana, em 1947, sinalizava persistir o poder, sobretudo nas mãos de proprietários de terra, usineiros e de outros deputados, conservadores (AGUIAR, 1993, p. 64-67).

A partir de 1950, a economia da região ganhou novo impulso, dessa vez com o fomento de indústrias. Por fim, a grande vocação do Recife: o turismo e riqueza cultural, de Brennand a João Cabral de Mello Neto, das letras ao folclore, da Prosopopéia ao Carnaval, Cabe ressaltar que o cenário cultural do Nordeste e, em particular, do Recife, foi marcado, com a atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Criada como meta especial do governo Kubitschek, com sede em Recife, e a indicação de Celso Furtado como superintendente¹³.

Aos poucos, o antigo conflito entre conservadores e progressistas ganhava novas dimensões. No período compreendido entre 1955 e 1964, segundo Rosas (2003), no Recife, considerável parcela dos progressistas, divididos por suas origens (católicos, comunistas e socialistas) começaram a assumir práticas mais tolerantes com as divergências consideradas não essenciais e, na medida em que essas atitudes se mantiveram, alguns grupos se fortaleceram. Como exemplo, Fávero (1995) cita a União Nacional dos Estudantes (UNE), quando promoveu os Seminários da Reforma Universitária.

No início da década de 1960, teria se configurado uma radicalização e uma polarização das forças, período compreendido como a década do “engendramento do conflito irremediável” segundo Fernandes (1975). De acordo com Mazza (2004) o golpe de

¹³ Criada pela Lei nº 3692 e sancionada em 13 de dezembro de 1959, a SUDENE era definida como uma agência de desenvolvimento regional, incumbida de planejar e coordenar os programas sócio-econômicos de interesse do Nordeste, sendo-lhe conferido o poder de atuar como órgão centralizador dos investimentos federais na região. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001

1964 teria, paulatinamente, desmantelado e destruído as organizações e entidades democráticas e populares. Em abril de 1964, em Recife, as experiências de educação popular com Paulo Freire, seriam proibidas e reprimidas, professores cassados e todo um contexto obscuro se formado.

O cenário sócio-cultural do Brasil, como acontece em geral, no Nordeste e no Recife, foi então e ainda o é edificado conforme Chacon (1977), citando a Escola do Recife e a Sociologia como resultado de um diagnóstico objetivo, inflexível, quase cruel, do latifúndio, da pobreza e da insuficiência de recursos, o que posteriormente seria denominado de subdesenvolvimento.

Cenário que os personagens se adaptam às características sociais e geográficas do Capibaribe¹⁴, que se encontra ligado da maneira mais íntima à história da cidade e seu povo. O rio, o mar e os mangues. Assassinatos, revoluções, enchentes, fugas de escravos, pontes monumentais, folclore, Elza e Paulo Freire, fazem da história do Capibaribe a história do Recife.

Recife como centro cultural muito importante, de destaque no cenário nacional, que padece de reconhecimento e requer ser valorizado, pois foge ao eixo Rio/São Paulo. Recife que tem história, tradição, cultura e instituições de prestígio e relevância; Recife que fez diferença na História do Brasil.

A temática regional do Recife, a preocupação com o homem e a vida social, se observam diante da diversidade temática de João Cabral, que expõe de forma incisiva a vivência nordestina, dentro de um contexto social determinado: as migrações nordestinas nas décadas de 1950/60. *Morte e vida Severina*¹⁵, é bastante indicativo ao demonstrar a natureza da realidade e a preocupação em adaptá-lo àquela região.

¹⁴ O Rio Capibaribe nasce na Serra de Jacarará, em Poção, PE. Antes de desaguar no Atlântico, divide a área central do Recife e atravessa vários bairros. O Capibaribe foi um fator geográfico determinante na histórica de Pernambuco e do Nordeste. Foi através da sua várzea que se formaram os primeiro engenhos de cana, devido ao solo massapé; serviu de acesso para o agreste e o sertão, onde se desenvolvia a pecuária. Consultar Chacon, V. *O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

¹⁵ MELO NETO, J. C. *Morte e Vida Severina e Outros poemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. De acordo com a História da Literatura Brasileira, João Cabral é enquadrado como poeta da geração de 45, levando-se em conta o critério cronológico, pois esteticamente, afasta-se do contexto da poesia brasileira moderna, pois segundo o próprio poeta, tornou-se um caso particular. João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, Pernambuco.

E somos Severinos
Iguais em tudo na vida, morremos de morte igual,
Mesma morte Severina:
Que é a morte que se morre
De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes dos vinte,
De fome um pouco por dia...

O objeto de discussão no poema, é fundamentado na realidade geográfica, econômica, social, política e histórica, através do confronto ideológico. Ao mesmo tempo em que nos possibilita uma melhor compreensão das estruturas sociais do Nordeste, contextualizando o cenário onde Elza dá início à luta pedagógica e ao trabalho libertador.

1.2– ELZA: LER O MUNDO, ESCREVER AS PALAVRAS GÊNESE DA PESQUISA

“Para entender tem que saber sentir. O conceito é representação abstrata do concreto.”

Elza Freire (Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire)

Nosso interesse em pesquisar Elza, surge em companhia de estudar a Pedagogia libertária e transformadora de Paulo Freire, principiando pela Educação de Adultos, para depois abranger a sua Pedagogia de forma mais ampla e complexa. Na tentativa de buscar respostas e entendimento às inúmeras questões que nos perscrutavam o ser e inquietavam o raciocínio, Elza foi despertando a nossa atenção, à proporção em que se destacava a cada leitura em torno dessa temática. Isso foi crescendo à medida que nos propúnhamos romper com certa superficialidade identificada em algumas discussões e estudos sobre essa temática.

Além disso, sempre questionávamos as situações que envolviam a Educação de Adultos, principalmente o surgimento da Pedagogia Freireana, que marcou e influenciou essa modalidade de ensino, sobretudo no contexto nacional e após o exílio alcançando destaque mundial. Nesse processo, Elza foi despertando em nós outros questionamentos e

instigando outras indagações quanto a sua participação e contribuições para o desenvolvimento da referida Pedagogia, refletindo decisivamente na História da Educação.

Foi assim, sensibilizada por Elza que ficávamos diante dessa possibilidade, que se interrogava sempre acompanhada pela problemática educacional do adulto, da condição dos oprimidos e esfarrapados, pelas questões que envolviam aquela personalidade. Ao fazê-lo, reforçava-se em nós os propósitos de re-escrever a História, com enfoque principal sob a Educação de Adultos. Outro caminho não nos ocorreu, senão o da proposta em pesquisá-la.

As indagações iniciais que nos ocorreram em torno de Elza, foram uma constante, conduzindo-nos a leituras específicas e abrangentes, a buscar fontes, cujo tema fosse Elza. Estabelecíamos um raciocínio lógico e levantávamos a seguinte hipótese: se há Paulo Freire, deverá haver Elza, mediada por outra, como seria Paulo Freire sem Elza ou ainda, Elza antes de Paulo Freire, mas sempre fundamentas em Elza.

É justamente nesse contexto inseparável entre a Educação de Adultos e seu maior ícone e referência: Paulo Freire, que a princípio fomos buscar nas linhas da História dessa Educação, marginalizada e excluída, e encontrar nas entrelinhas o sujeito da pesquisa: Elza. Eis que, Elza vai surgindo, ressurgindo. Dos livros, nas linhas de Paulo Freire, de outros teóricos e autores, descobrimos Elza nos capítulos, nos parágrafos, nas referências e notas de rodapés; identificamos Elza nas dedicatórias, nas entrevistas, na iconografia. Elza timidamente vai sendo burilada pela nossa busca, íamos nos apercebendo que ela demonstra presença, confirma participação e aponta possibilidades.

Salientamos que Elza tem papel fundamental enquanto ator social, inicialmente num contexto nacional e, em seguida Freireano no processo de formulação, desenvolvimento e implementação de questões educacionais. Apontamos a partir desta discussão as evidências acerca das possibilidades de que Elza desempenhou papel tácito, ou seja, que não está declarado, mas que se subentende manifestado de maneira implícita.

Para percorrer esse trajeto de aproximações e identificações em torno de Elza, estabelecemos apropriações muito particulares. A leitura do mundo e leitura da palavra que foi sendo empreendida no decorrer de sua trajetória, possibilitava-nos extrair sua musicalidade, melhor percebida e confirmada pela mesma leitura de Paulo Freire, ainda que até então nivelada às bibliografias e depoimentos de Paulo Freire, num primeiro momento.

A leitura do mundo de Elza se inicia em Recife, a leitura de sua palavra percorre o mundo, Recife e o mundo vão escrevendo essa história, agora re-escrita pela pesquisa. Cabe salientar que isso vai sendo certificado à medida que Elza surge e re-surge como ela própria, envolta nessa História. Como atesta Ornelas num trecho de seus depoimentos: *“Elsa una mujer excepcional quien atraves de su inteligencia, de su conocimiento y de su compromiso con los desarraigados del mundo pudo acompañar a un hombre cuya ideología empataba com la de ella.”* (ORNELAS, depoimento 2008). Essa Elza que a pesquisa intenta re-constituir e re-construir, desocultando o que pelo tempo se encontra guardado e pela História desapercibido.

Essa pesquisa vem oportunizar a inserção de Elza Freire no cenário educacional, porque traz implícita a História da Educação de Adultos entremeada à História da Educação e a Brasileira. Outra característica da presente pesquisa é possibilitar o conhecimento de novos aspectos e novas análises sobre o mesmo tema: Paulo Freire.

Nesse processo de produção do conhecimento científico que marca uma e outra descoberta, leitura e re-leitura, avançando no estado da arte em torno dessa pesquisa, Elza vai demarcando profunda e amorosamente, pedagógica e politicamente o processo.

... havia uma consolidação da maneira de ser, de querer, de pensar, de encarar a vida... mas talvez por temperamento meu, que resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, é aquilo. Há talvez uma solidificação da coisa. Os valores permaneceram, os mesmos valores, a mesma percepção da vida. (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 205).

Foi durante essa aproximação, que percebemos que há algo que nos une a Elza. Algo que desperta o interesse, diante da impossibilidade de definição absoluta e compreensão imediata, se manifesta intensa e fortemente vivo. Existe uma incógnita, há um enigma, mas igualmente há perspectivas. Algo que por intermédio da pesquisa e do processo de investigação foi dissipando questionamentos e apontando possibilidades. Como nas próprias palavras dela: *“Há talvez uma solidificação da coisa...”* Mas então, que *“coisa”* será essa? *“Coisa”* que envolve o ser, o querer, o pensar, a vida. *“Coisa”* que solidifica e permanece, embora guarde em seu bojo a percepção. *“Coisa”* de Elza que se

transforma em coisas da História e da Educação, coisas da pesquisa que se desdobra em Elza.

Elza realmente tem uma “*coisa*”, algo que nos inquieta, obsta a indiferença diante dela. Com certeza, quando nós a encontramos, quando lhes somos apresentados, nos apropriando de sua presença, a impressão que nos envolve, seja pelos livros e depoimentos, fotos e documentos, é o que poderíamos dizer “*déjà vu*”¹⁶.

Referimo-nos a essa sensação misteriosa que passa a “*habitar*” em nós, quando acabando de conhecer uma pessoa, ainda que por palavras ou imagens, parece que a ela estamos unidos, ligados por uma antiga amizade, anterior afeição. Interessante observar como às vezes se dá o mesmo fenômeno entre nós e algum lugar do mundo, livro ou alguma música. Quando encontramos Elza pela primeira vez, a sensação que nos invadiu foi a de que lhe voltávamos e não a de que lhe chegávamos. É como se o fato agora, suficientemente concreto, de havê-la conhecido, fosse para nós, a confirmação e a certeza desse “*déjà vu*”. É como se encontrá-la pela primeira vez fosse na realidade um reencontro há muito esperado e preparado.

Paulo Freire (2005) se convence dessa experiência, chamando-a de “*parentesco intelectual*” entre pessoas estranhas entre si do ponto de vista consanguíneo. “*Parentesco intelectual que, envolvendo similitudes na forma de apreciar os fatos, de compreendê-los, de valorá-los, envolve também dessemelhanças e descompassos.*” (FREIRE, 2005, p. 245).

No trajeto inicial da pesquisa tivemos a oportunidade de separar citações e realizar grifos. Enquanto estagiávamos na busca dessas referências a Elza, muitas reforçavam nosso interesse e proporcionavam interessantes aproximações, de certo modo nos surpreendíamos diante do conteúdo e do resultado. Justificando tal procedimento em razão do interesse desse tema nos deparamos com Ornelas¹⁷ (2006): “*Desde que conheci Elza, nunca a esqueci.*” (ORNELAS apud GADOTTI (Org.), 2006, p.151). Recordamo-nos da sensação que essas letras desencadearam em nós, é como se elas saltassem aos nossos

¹⁶ (déjà vu) . [Fr., da loc. C’est du déjà vu.] Aquilo que dá a impressão de já ter sido visto. Sensação de já haver estado em determinado lugar ou certa situação quando isto, na realidade, não aconteceu.

¹⁷ Arturo Ornelas Lizard, professor e diretor de Relações Internacionais da Universidade de Morelos, México (UAEM). Membro do Conselho Internacional do IPF. Exilado do México, retornou no início dos anos de 1980, trabalhou na ONU e atuou com Elza e Paulo Freire em Guiné-Bissau, Angola e São Tomé.

olhos, pulsando em seguida nas palavras desse texto. A partir de então, a frase se fez referência para nossos propósitos em dar prosseguimento ao tema incipiente dessa pesquisa.

A nossa opção por Elza e, em seguida a decisão por ela se atribui ao desejo e interesse que a princípio surgiu pela aproximação com a temática da Educação de Adultos, em seguida assume-se como desafio acadêmico, ganha vulto, amplia-se e define-se também como compromisso profissional e pessoal. Pois bem, tanto quanto para Ornelas caberá a pesquisa a grande responsabilidade de demonstrar indícios de que ao conhecer Elza será impossível esquecê-la. A pesquisa e a pesquisadora deverão trazer fatos, indícios, fragmentos que re-constroam Elza para o leitor e a academia, para a História e a Educação.

Ainda nesse contexto do re-encontro com Elza, as principais referências têm origem em Paulo Freire, pois ele mesmo afirma: *“Outra influência importante foi minha mulher, Elza. Ela influenciou-me enormemente. Assim, meus estudos lingüísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia.”* (FREIRE & MACEDO, 2002, p. 109). Portanto, se Elza o influenciou, conduzindo-o dessa maneira, igualmente ela deverá proporcionar contribuições, influências e direcionamentos a nós outros.

Apesar desses indicativos, que foram se fundamentando no decorrer da pesquisa, nos era apresentada uma lacuna na Pedagogia Freireana, as discussões sobre as influências recebidas por Paulo Freire e por ele revertidas em prol do seu pensamento e da sua teoria, da sua prática político-pedagógica trazia Elza de forma intrínseca, implícita. Após a pesquisa, um poderá conduzir ao outro, e ambos conduzirem à História da Educação.

Oportuno lembrar, que a abordagem de conteúdo dada a Pedagogia Freireana é restrita a outras referências de autores e personalidades. À sua experiência pessoal e profissional, Paulo Freire durante a sua trajetória, contou com a participação de incontáveis pessoas e reconheceu as influências e contribuições recebidas. No aspecto intelectual e afetivo, Elza vai sendo apresentada de maneira decisiva, diferente, e se afigura como parte integrante desse processo. Elza requer ser pesquisada, ter sua trajetória pessoal e profissional aprofundadas, isso instiga a busca, a observação e a investigação. A pesquisa reafirma tal possibilidade devido a importância dos manuscritos produzidos por Elza, visto que os mesmos revelam o pensamento da educadora intelectual e a sua prática político-

pedagógica, bem como a sua presença na obra (pensamento e práxis) de Paulo Freire. Assim é que após o início da pesquisa consideramos ter hoje uma compreensão ampliada sobre Paulo Freire e a História da Educação desde aquela que revelamos em nossos primeiros estudos e ensaios acadêmicos, a qual se deve ao novo enfoque em torno de Elza sob outras possibilidades.

O levantamento do material teórico e da bibliografia foi sendo constantemente ampliado e melhorado ao se agregar diversas fontes, obtidas ora através de manuscritos e documentos, fotos e arquivos, ora por entrevistas. Podíamos constantemente registrar o aprofundamento dos pressupostos à medida que os materiais de pesquisa surpreendiam, expondo novas fontes de pesquisa.

Tais procedimentos contribuíram não apenas para refletir sobre os estudos teóricos, como também para identificar e analisar como a pesquisa sobre Elza se desenvolvia. Nosso intuito a partir desse momento foi reunir o montante de informações e formar critérios para as etapas subsequentes, embasadas em leituras e pesquisas pertinentes aos objetivos da pesquisa e a problemática apresentada. Ressaltamos a ausência de pesquisas e trabalhos acadêmicos que contemplassem a temática proposta.

Importante salientar que a pesquisa constante constituiu o desenvolvimento do trabalho norteando-o para ações e discussões pertinentes que, por sua vez, conduziram a outros estudos e bibliografias complementares. Outra grande dificuldade enfrentada, durante todo o processo, era fundamentar e demonstrar as contribuições e influências de Elza, capazes de possibilitarem a melhor compreensão das questões que se nos apresentavam. Embora a pesquisa tenha tido início em Paulo Freire e a Educação de Adultos, é Elza o sujeito que regula e direciona os caminhos do pesquisar. Primeiramente temos Elza enquanto professora e diretora de escola, sua formação intelectual e acadêmica, e depois o casamento com Paulo Freire, intermediado pelas idéias e práticas que conduziram ao desenvolvimento da Pedagogia Freireana.

Debruçávamos sobre as declarações que apareciam extraídas pela nossa busca, da pesquisa que já se iniciara, algumas de forma incipiente outras ainda embrionárias... Linhas e entrelinhas vindas de pessoas que compartilharam com Elza diversas experiências pedagógicas no nordeste e no sudeste brasileiro e assessorias no exterior, que dividiram

desde as amarguras e os aprendizados do exílio, às perspectivas e desafios de “re-aprender o Brasil”.

Necessário assinalar que em certo sentido, inquiríamos as razões e porquês de realizar uma pesquisa sobre Elza, indagando e sendo indagados se teríamos os instrumentos suficientes de fundamentação para o cumprimento das normas, e até se conseguiríamos o arcabouço teórico-metodológico, bem como se existiriam materiais e fontes.

Queremos assinalar novamente que nosso propósito de pesquisa, é Elza. Procuraremos não nos deter na análise conceitual da Alfabetização de Adultos ou da Educação Popular, que embora ocupando-se do adulto e integrando a arena ideológica de Elza, optamos em utilizar o termo Educação de Adultos, por se nos apresentar como o mais adequado ao contexto de desenvolvimento da pesquisa.

Há de haver o tempo da espera! Pois há de vir o tempo da descoberta... Eis que Elza desperta e se deixa descobrir. Num processo calmo, lento, por deveras intenso e forte, mas mesclado de aflições e emoções... Aliás, é um caminhar, que embora solitário e silencioso, transcende o individual para se apresentar colectivo. Elza vence o sentido restrito de pertença e compartilha o sentimento de fraternidade. Eis o tempo de pesquisar Elza!

1.2.1 – LEITURA DO MUNDO DE ELZA: MARCAS NAS PALAVRAS DE PAULO FREIRE

“A leitura da palavra flui da leitura do mundo... Como vem sendo e se dado a leitura do mundo. Não há palavra sem tema, não há palavra sem mundo.”
Elza Freire (Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire)

Desenvolvíamos assim a maturidade e a compreensão a cada nova leitura, a cada nova descoberta. À medida que o carácter superlativo deste tema apresentava possibilidades, avançava sobremaneira o nosso interesse e o propósito em torno de Elza. Então, a hesitação inicial diluía-se à proporção em que a pesquisa se desenvolvia, pois nosso intento era ampliar o escopo acerca de Elza, ainda que para isso fosse indispensável

fazê-lo por intermédio de Paulo Freire e, sobretudo contribuir e aprofundar conhecimentos em torno da Educação, re-escrevendo a História.

Inicialmente, nessa perspectiva, fazia-se necessário investigar o mundo de Elza nas palavras de Paulo Freire. Mediante os manuscritos de Elza, no enunciado do subitem, fundamentamos: “*Não há palavra sem tema, não há palavra sem mundo*”. Encontramos o tema: Elza, conseqüentemente tema, palavra e mundo se encadeiam. A partir do acervo particular, sobrevivente aos pertences de Elza, nos era possível ir estabelecendo a análise dos fatos, em consonância com o seu pensamento e o registro de Paulo Freire.

Daí, através das leituras, acrescidas pelas fontes, fomos instituindo análises mais profundas e complexas sobre Elza, fundamentando-nos principalmente no fato de que Paulo Freire é incontestavelmente um dos maiores e mais importantes educadores, pensadores do mundo, inclusive do Brasil, nos apercebendo que poderia existir algo envolto às suas pesquisas e aos seus pensamentos, à sua prática e suas experiências. Inquietava-se em nós essa indagação e várias suposições acercavam-se. Expandindo a localização de fontes, tivemos os procedimentos metodológicos ampliados.

Quem compartilhou com ele a vida e a produção literária? Quem escreveu a quatro mãos essa história, testemunhando momentos e movimentos políticos, sociais, culturais, que traz intrínseca em seu bojo a história da Educação, da Educação de Adultos, da Alfabetização, da humanidade em si? Prosseguimos: Quem o acompanhou nessa trajetória? Quem com ele vivenciou conquistas e superou desafios? Quem ao longo desses registros permaneceu enfrentando adversidades e semeando esperança? Quem teria sido a primeira leitora dos primeiros e dos ante-penúltimos escritos, apontado críticas e reconhecimento? Quem deveria ser a parceira na construção dessa pedagogia libertária e transformadora? Avolumavam-se assim: Quem ousaria opinar entre a dúvida de ser advogado ou educador? Quem acompanharia participando efetivamente de uma experiência em processo de Alfabetização de Adultos em Angicos ou no Continente Africano? Quem terá sido essa presença, firme, forte, meiga e sensível? Quem suportaria a prisão e o exílio? Quem resguardaria a família, passando a ser a família de adotados pelos caminhos do mundo? Quem suportaria a distância dos oceanos, a diferença dos idiomas, a multiplicidade das culturas para retornar, e juntos “re-aprender” o Brasil? Quem? E ainda, quem seria a

parceira na elaboração do conjunto de princípios pedagógicos ora denominado “*Método Paulo Freire*”, ora “*Sistema Paulo Freire de Educação*”, observando com caráter pedagógico e inferindo com a experiência de professora para a escolha das palavras geradoras para adultos? Quem renunciaria sua carreira profissional e educacional, como diretora de escola e voluntariamente seguiria para o exílio acompanhando com os filhos ao militante da conscientização e da libertação? Quem salvaria a vida de Paulo Freire com um simples gesto de amor ao colocar em seu bolso o documento de identidade brasileiro? Quem com determinação opinaria idas e vindas, excursionando como andarilhos pelo mundo? Quem poderia transformar a simplicidade dos pequenos gestos na grandiosidade das atitudes que conseguem mudar a história, através da sensibilidade de reconhecer no outro o seu semelhante? Quem?

Ela, que a pesquisa aponta contribuições para que com Paulo Freire as atitudes mais decisivas não acolhessem as possibilidades equivocadas, que conviveu com ele desde a alegria contagiante de viver à tristeza das incompreensões humanas. Elza, quem política e pedagogicamente, com amor e sabedoria vivenciou com Paulo Freire desde os manuscritos iniciais da Pedagogia do Oprimido às idéias que se corporificaram na Pedagogia Freireana. Retomamos, e Elza? Embora Elza não seja rendida ao anonimato, ao contrário, está presente no conjunto das suas publicações, pouco se faz referência entre os leitores e analistas da produção de Paulo Freire. Portanto, essa foi outra questão interessante que passou a nos inquietar. Elza foi nos deixando cativar pelo interesse em saber por que ela, apenas e às vezes figurava entre aqueles que com Paulo Freire conviveram, seja profissional ou pessoalmente, dentre outros, a sua não inclusão no contexto acadêmico.

Ao assumirmos a autoria da pesquisa, assumimos em contrapartida que somos colaboradora de Elza, a fim de que ela saia da “sombra” e se desatque sob holofotes, saia do “anonimato” e se inscreva na História da Educação. Portanto, essa dissertação intenta, sobremaneira, fazer justiça a vida de Elza, essa personagem histórica que não demonstrou interesse ou sequer fez questão alguma de aparecer para divulgar ou expôr o muito que fez pela educação, demonstrar suas contribuições e influências.

Iniciamos conjecturas extraídas das leituras de e sobre Paulo Freire, as quais se afirmam como sendo inevitáveis dentro desse processo de investigação científica. Ao nos

enveredar pelas aspirações em pesquisar Elza, fomos prosseguindo nas evidências de resgatar Elza da condição de apêndice e inseri-la ao corpo da História da Educação. Afinal, o que deveria estar reservado a História, através dela? Assim, Elza vai sendo incorporada no decorrer do texto, ora por Paulo Freire, ora por outros autores, às vezes por fontes orais, outras por fontes primárias. Portanto, nos apoiamos em citações, dedicatórias, fundamentando a utilização do pensamento exposto para o desenvolvimento da pesquisa. Diante desse processo, salientamos que Elza deverá ingressar, de forma definitiva, os estudos e análises concernentes a essa temática, possibilitando o aprofundamento das discussões e a ampliando os níveis de compreensão à medida que as lacunas enumeradas nos parágrafos anteriores foram sendo preenchidas.

Ao realizarmos a leitura de Elza, através da re-leitura investigativa do seu mundo e de suas palavras, tendo como ponto de partida a palavra e o mundo de Paulo Freire, encontramos embasamento na própria epígrafe do subitem, pois conforme Elza: “*A leitura da palavra flui da leitura do mundo... Como vem sendo e se dado a leitura do mundo.*” A evidência do movimento coerente entre o fazer e o pensar, o viver e o conhecer, é estabelecido entre a Pedagogia da Convivência proposta pela nossa pesquisa, a qual se fundamenta em uma das premissas basilares da Pedagogia Freireana, exposta como título desse primeiro capítulo.

Paulo Freire declara incisivamente: “*Elza exercia uma influência fantástica sobre mim, eu diria que ela é um dos marcos em minha vida. Eu deveria dizer “antes de Elza” e “depois de Elza.”*” (FREIRE & HORTON, 2003, p. 85). Destacamos essa citação para frisar a relevância da teoria Pedagogia da Convivência discutida posteriormente no terceiro capítulo, o qual reforça a tese do estudo em questão. Talvez assim também seja a nossa pesquisa ante o mundo acadêmico, “*antes de Elza*” e “*depois de Elza*”, pois das palavras de Paulo Freire a leitura do mundo de Elza

1.3– NARRAR O MUNDO E AS PALAVRAS: OUTRAS FONTES DE PESQUISA

“O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a retorna experiência daqueles que ouvem a sua história.”

Walter Benjamin (1994, p. 201)

Para lembrar um tempo em que, durante anos não tivemos a oportunidade de viver fisicamente, escrever relatos e transcrever depoimentos, fatos que estiveram envolvidos por nossa busca em torno da Educação de Adultos, num contexto histórico, perpassamos acontecimentos pessoais e profissionais e apresentamos um foco de vida principal: Elza, e por isso mesmo, talvez, impregnado de nós.

Visitamos a memória dos mais e dos menos velhos; manuseamos os arquivos pessoais, oficiais ou extra-oficiais; vasculhamos as bibliografias e as bibliotecas; Providenciamos releituras nos jornais e leituras de artigos; Identificamos fontes primárias e localizamos documentos inéditos; buscamos fotos e encontramos fatos; Possibilitamos o re-encontro de materiais esquecidos, perdidos e desconhecidos. Assim procedemos para a leitura de palavras e de mundos, sobretudo para a leitura e re-leitura de um tempo vivido, sentido, escrito e dito, para lembrar e relembrar de um tempo pensado, falado, renunciado e ocultado.

Por deveras, muita coisa se perdeu, se esqueceu, adormeceu em algum outro lugar. Mas aquilo que ficou lavrado nos livros, gravado nas pessoas nos possibilita aprender, apreender e compreender um tanto mais, a fim de se guardar para sempre. Isso sim, venceu a ausência e a saudade, o tempo e a distância.

Deixamo-nos imergir nesse processo de investigação, quase que num crescer sem fim, onde inevitável fora que se estabelecessem laços e vínculos afetivos, cumplicidade e solidariedade intelectual, ir às casas e universidades, aos institutos e centros de memória, órgãos públicos e instituições privadas. Entrar nas cidades e nos lugares, pedir permissão para as pessoas adentrar.

Durante todo o tempo em que dedicamos a esta pesquisa, empenhamo-nos em buscar fontes e materiais, conjuntamente com aporte bibliográfico obedecendo a uma

abordagem qualitativa. Desde a introdução, consideramos que a presente pesquisa pautou-se na utilização de diversas fontes, cujo movimento foi empreendido através de narrativas de pessoas que conviveram com Elza, tendo Paulo Freire como principal narrador, que nesse trabalho passa a ser coadjuvante, pois o papel principal é de Elza.

No que concerne ao aspecto da abordagem qualitativa, ela vai se afirmando no decorrer do processo, pois a pesquisa não vai pronta, não se apresenta como acabada e definitiva, restrita, muito ao contrário, ela vai sendo construída, re-construída ao longo do processo, no contexto da Educação, quando Elza sujeito da pesquisa, regula e configura os períodos e as citações.

Entendemos que a presente pesquisa seja classificada como qualitativa, tendo em vista que seus apontamentos provêm da observação do comportamento dos sujeitos envolvidos, que não se pode ser mensurável. Ao optarmos por essa abordagem, ressaltamos que atualmente a influência dos métodos qualitativos no estudo de várias questões educacionais vem conquistando espaço e respeito no mundo acadêmico.

Entre suas características encontram-se as mencionadas por Chizzotti (1991), quais sejam, a imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa, a saber, o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto. Portanto, será dada ênfase à abordagem qualitativa de pesquisa, que, segundo Antônio Chizzotti “*A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.*” (CHIZZOTTI, 1991, p.79).

A pesquisa qualitativa abrange, segundo Bogdan e Biklen (1994), a aquisição de dados descritivos, conseguidos pelo pesquisador, diretamente como fato a ser pesquisado, com maior ênfase no processo de constituição do que em seu produto final, preocupando-se também em destacar as perspectivas dos sujeitos:

(...) um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, teste de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por “Investigação Qualitativa”. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.11).

O trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessária, assim, uma descrição detalhada das condições de produção. Portanto, Elza é o sujeito pesquisado, o qual a pesquisadora busca construir, resgatar, tendo em vista a teoria e a prática vivenciadas junto à Educação. Então, ambas partem e se encontram nesse mesmo contexto, principalmente se referindo à Educação de Adultos e a Pedagogia Freireana.

Esta possibilidade, permitida pela interação com e entre o sujeito da pesquisa, afigura-se como particularmente relevante neste campo de estudo. Elza permanece, como que à margem da História da Educação, assim como marginalizada e excluída se faz essa Educação. Através de Elza, no processo da pesquisa, nos deparamos com a empatia em torno dela, indispensável para com humildade trilharmos os caminhos de Elza ao cruzarmos os caminhos dessa pesquisa. Nesse sentido fortalecemos o nosso propósito para uma abordagem qualitativa, com base nas proposições de Monteiro (1998) que traz a importante compreensão sobre os propósitos da nossa pesquisa decorrentes do contexto educacional, sócio-cultural e político, ao afirmar concluindo:

... que são qualitativas as pesquisas que privilegiam o sentido dos fenômenos sociais compreendo-os, como no caso da educação, pelo seu processo e pela experiência humana envolvida, mais que pela explicação de seus eventuais resultados. (MONTEIRO, 1998, p.20).

Uma crítica constante à abordagem qualitativa é aquela que diz respeito ao rigor do método utilizado, ou seja, à problemática da validade e da verificação nas ciências sociais, em outras palavras, da questão da cientificidade e da suposta fragilidade da pesquisa qualitativa nesta esfera. Embora se aceite, como já foi dito, que a produção intelectual é sempre um ponto de vista a respeito do objeto, Demo (1986) levanta critérios de cientificidade internos e externos para que um trabalho seja considerado científico.

Os critérios internos seriam a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação. A coerência significaria a argumentação lógica, concatenada, premissas iniciais, construção do discurso e conclusões congruentes entre si. A consistência traduz-se na capacidade de resistir a argumentações contrárias; refere-se à qualidade argumentativa do discurso. A originalidade diz respeito a uma produção inovadora, que permite ao conhecimento avançar. A objetivação é a palavra empregada por Demo para substituir o conceito de objetividade, uma vez que não aceita a possibilidade de um conhecimento objetivo, e tem por significado a tentativa de reproduzir a realidade o mais próximo possível do que é, ou seja, expressa a busca de uma aproximação cada vez maior ao sujeito que se pretende estudar e compreender. Consideramos oportunas essas considerações, pois nossa pesquisa se depara com elas.

Como critério externo de cientificidade, DEMO (1986, p.17) salienta e aponta a intersubjetividade, significando *“a ingerência da opinião dominante dos cientistas de determinada época e lugar de demarcação científica”*, em outras palavras, a vigência do argumento de autoridade em ciência. O autor, alerta, portanto, para a necessidade de visualizar a ciência como produto social, histórico e em processo de formação. Acrescenta ainda que toda discussão aberta de demarcação científica trará mais problemas que soluções uma vez que a ciência dá soluções apenas à medida que levanta sempre novos problemas.

A pesquisa qualitativa não tem, assim, a pretensão de ser representativa no que diz respeito ao aspecto distributivo do fenômeno e se alguma possibilidade de generalização advier da análise realizada, ela somente poderá ser vista e entendida dentro das linhas de demarcação do vasto território das possibilidades.

Pesquisa que traz cientificidade à incursão, que se desenvolve em torno de Elza, no tempo e no espaço, nos lugares e nas pessoas. A procura por várias fontes favorece uma melhor contextualização do recorte feito. Ao contemplarmos essa estratégia, reconhecemos a abordagem qualitativa tanto a nível pedagógico como em nível da condução de investigação. Para melhor justificar o recorte empreendido por nós, enfatizamos que ele está inserido no escopo de um projeto que seguirá após essa pesquisa. O recorte contemplado compreende 1916 a 1965, vai desde o nascimento de Elza em 1916 até a sua saída do Brasil para o exílio voluntário, a fim de seguir com Paulo Freire ao lado dos filhos.

A cientificidade é perceptível e comprovada através da procura e a apresentação de várias fontes registradas de diversas formas: documentos, manuscritos, agendas, vídeos, documentários, discursos e outros que constituem nossa pesquisa. Acompanhando as referidas fontes para o desenvolvimento dessa pesquisa, Paulo Freire se constitui no principal narrador, pois no decorrer do referido recorte, há o casamento entre Elza e Paulo Freire, e a partir de então o contexto de análise ganha a dimensão da Pedagogia Freireana. Paulo Freire vai narrando através de si mesmo e dos outros, em páginas guardadas ou divulgadas pelo tempo, lavradas ou impressas pelos acontecimentos, ambas embaladas com sentimentos. Paulo Freire “*é o narrador que decide o que narrar.*” (QUEIROZ, 1988).

Citaremos a definição que consta no Dicionário, para reforçar a idéia sobre narração [Do lat. Narratione] ato ou efeito de narrar. Exposição escrita ou oral de um fato, narrativa. E narrador [Do lat. Narratore] que ou aquele que narra ou conta.¹⁸

Diante do exposto, contextualizamos Benjamin (1994), procuramos ouvir e/ou ler as narrativas, de maneira a articular poeticamente passado e presente. É assim em Elza. Então, na perspectiva benjaminiana, a qual quem escuta uma história está em companhia do narrador, mesmo ao lê-la, pode compartilhá-la é possível afirmar que não há o desaparecimento da narrativa, mas sua re-significação. Tanto quanto Paulo Freire ao “*narrar*” vai re-significando Elza, e ao fazê-lo re-significa a Educação e a História da Educação. Portanto, é importante salientar que, ao dispormos dessas reflexões reafirmamos a nossa proposta de re-significar Elza, através da narração, a qual amplia suas possibilidades e adquire legitimação ao se completar com outros narradores e se complementar em outras narrativas.

Trazendo as reflexões de Benjamin para o âmbito de nossa investigação. Como nos esclarece Medeiros (2006), sob a ótica da filosofia da história benjaminiana, a narração objetiva recuperar o que foi perdido, sobretudo por meio da rememoração poética. Por fim, Medeiros (2006), enfatiza que para Benjamin (1994), a difícil questão a refletir sobre a memória reside naquilo que é possível lembrar, sendo que o conteúdo da memória é quem capta a lembrança, mas, sobretudo, em saber lidar com o silêncio e o esquecimento. Portanto, embasados nesses conceitos benjaminianos, pode-se reconhecer o fato de Elza

¹⁸ Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira.

junto a Paulo Freire ter vivenciado um ciclo de mudanças e permanências, de não ter apenas lido ou escrito, mas experimentado e atuando como sujeitos depositários de um saber se constrói com base na experiência de vida.

O ato de narrar sua própria história, mais que contar e interpretar uma história sobre si, é um ato de conhecimento. Walter Benjamin completa essa proposta ao sugerir que para a discussão em torno de um conselho, é preciso antes de tudo, saber narrar a história, e em sua visão: *“um conselho, fiado no tecido da existência vivida é sabedoria.”* (BENJAMIN, 1994, p. 65). Para ele, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação:

Sua intenção primeira não é transmitir a substância pura do conteúdo, como o faz uma informação ou uma notícia. Pelo contrário, imerge essa substância na vida do narrador, para em seguida, retirá-la dele próprio (...) a narrativa sempre revelará a marca do narrador, assim como a mão do artista é percebida, por exemplo, na cerâmica (...) a sua marca pessoal, revela-se nitidamente na narrativa, pelo menos como relator, se não como alguém que tenha sido diretamente envolvido nas circunstâncias apresentadas. (BENJAMIN, 1994, p.69).

Nesse sentido: *“O narrador enriquece a sua própria verdade com aquilo que vem a saber apenas de ouvir. Saber narrar a sua vida é sua vocação, sua grandeza é narrá-la inteiramente.”* (BENJAMIN, 1994, p. 81). Assim, Paulo Freire e os outros narradores guardaram e resguardaram as sementes de Elza. E a História esperou essa narração a fim de que fossem assopradas para esta pesquisa, fecundadas pela academia para pousarem sob estas laudas, germinadas a seu tempo, a fim de florescerem e frutificarem pelas fontes e materiais, multiplicando as sementes e os frutos da Educação.

Prosseguindo, a discussão em torno da memória continua e, nesse sentido, reafirmamos nosso conceito de memória em Benjamin (1994), apresentando o conceito de memória, desenvolvido por Bosi, que ancorou suas crenças em Halbwachs. Esta pesquisadora considera que *“a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.”* (BOSI, 1983, p. 17). Todos esses aspectos foram amplamente contemplados por Elza, mediante confirmação das narrativas e das fundamentações através das citações. Portanto, a investigação oportunizará

o cruzamento das informações de referências bibliográficas com aquelas provenientes desse processo de pesquisa envolvendo narração.

Na busca de propiciar este estudo, condições para a compreensão da própria Educação, quando a pesquisadora re-escreve a História, permitindo pesquisar os lugares em que Elza esteve e as pessoas com que conviveu, num esforço de re-criação da memória nas suas dimensões individual e coletiva, pesquisada e pesquisadora vão re-escrevendo. Pois Halbwachs afirma que: *“cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupa.”* (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Embora o ato de lembrar remonte ao passado, é quase impossível reviver os momentos, eventos do passado, tais quais foram vividos. A par disso, o ato de lembrar configura-se como um processo seletivo. Para o narrador, é impossível narrar tudo, lembrando-se apenas dos momentos significativos do passado. No ato de lembrar, evocamos momentos vividos, reportamos a vivências, trazemos à memória conteúdos vividos, valendo-nos de nossas referências atuais. Nesse ato, experiência e memória se conjugam num processo de metamorfose.

A memória intervém na reconstrução do passado, tendo como referência o tempo presente. O presente é visto como *“saturado de agoras”*, fato que rompe com a imagem de um tempo único, linear e homogêneo. O passado é visto como luz para o presente: *“o passado tenta dirigir-me para o sol que se levanta no céu da história.”* (BENJAMIN, 1994, p. 23). Ele é concebido como experiência, como tradição compartilhada, que se transmite pelo encontro, pelo reencontro secreto entre as gerações, no qual não há linearidade nem previsibilidades, mas diversas temporalidades.

Ao invés de apontar para uma imagem eterna do passado, Benjamin considera que para se articular o passado historicamente, é necessário, em cada época, *“arrancar a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela.”* (BENJAMIN, 1994, p. 224). Para Benjamin (1994), a história é perpassada pelas ações dos grupos dominantes, os quais constroem relações de poder que incluem as relações políticas e econômicas, mas não se restringem a essas dimensões. A dominação também se materializa nos instrumentos de cultura.

Encontramos aí respaldo para apresentar Elza, de forma crítica e romper invólucros, através da narrativa e dos narradores, realizando um processo de re-escrita da História através de Elza e de si mesmos, definindo também lugares sociais, relações com os outros grupos a que pertencem.

Outrossim, ressaltamos que a principal categoria de análise proposta é o inédito-viável¹⁹, uma das categorias mais importantes relacionadas a Paulo Freire porque provoca reflexões, sobretudo nos escritos da Pedagogia do Oprimido. Recebe poucos comentários e estudos, essa categoria encerra nela a crença no sonho possível e na utopia que virá, desde que os que fazem a sua história assim queiram. As demais categorias foram sendo definidas no decorrer da pesquisa observando as inquietações de André e Lüdke (1986, p. 42), por meio de sua aguçada análise com relação ao assunto, de acordo com que se segue:

A construção de categorias não é tarefa fácil. Elas brotam, num primeiro momento, do arcabouço teórico em que se apóia a pesquisa. Esse conjunto inicial de categorias, no entanto, vai se modificando ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse. (ANDRÉ E LÜDKE, 1986, p. 42).

Inspirados por tais reflexões, consideramos que as experiências de Elza, sujeito de nossa pesquisa, necessitam serem narradas e compartilhadas, pois podem revelar e re-escrever descobertas e saberes construídos no decorrer de sua trajetória voltada à Educação, deixando-se fazer visível a memória não apenas de Paulo Freire, mas principalmente dele, e de outras pessoas e outros educadores que dedicaram suas vidas à Educação. Além disso, podem nos ajudar a identificar e compreender contribuições e participações dela no legado Freireano, antecedendo os primeiros anos no Recife até as experiências atuais de Educação de Jovens e Adultos.

Poucos e raros são os exemplos como o do educador Paulo Freire que transformou esta experiência, história, convivência e memória em elementos de enriquecimento e crescimento intelectuais e afetivos que acabaram projetando-o definitivamente como um dos maiores pensadores da cultura brasileira e do mundo.

¹⁹ Consultar Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2006 a) e Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1992).

Entretanto, por meio da leitura e re-leitura de Paulo Freire, fomos buscar e vamos encontrar Elza que ao compartilhar a Educação e trilhar a História, igualmente transformou esta experiência, história, convivência e memória.

É importante enfatizar que o estudo delimita-se ao período compreendido entre os anos de 1916 a 1965. Igualmente salientar, que a sistemática seguida e as fundamentações teórico-metodológicas obedeceram a um processo empreendido no decorrer do trabalho, mediante abordagem qualitativa e se estruturaram segundo uma lógica indutiva.

Com o tema da pesquisa definido e apresentado, delineamos os diferentes caminhos trilhados para o registro desse processo e o desenvolvimento metodológico, para o qual optamos por uma abordagem qualitativa, cuja complementação se refere a diversas fontes e materiais de pesquisa. Portanto, os resultados desse esforço encontram-se descritos nas páginas anteriores e posteriores. Assim, nossa pesquisa se fundamenta numa abordagem qualitativa, estruturada numa lógica indutiva, cuja metodologia se desenvolve na utilização de variadas fontes, principalmente: fontes primárias (manuscritos, agendas); fontes bibliográficas (leituras, recortes e citações); Fontes escritas e outras fontes (documentos pessoais e outros, fotos, imagens) e Fontes orais (narrativas - instrumento aplicado como técnica de pesquisa).

1.3.1 – LER PALAVRAS, RE-LER O MUNDO SIGNIFICADO DAS PALAVRAS, SENTIDO DO MUNDO

“Fazer memórias é um pouco recriar o que foi feito.”
Paulo Freire (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 35)

Como na epígrafe desse subitem: ler palavras, re-ler o mundo é encontrar significado das palavras e sentido do mundo, segundo Paulo Freire fundamenta-se em: *“Fazer memórias é um pouco recriar o que foi feito.”* (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 35). Memórias em torno de Elza, recriando a Educação, por intermédio de re-escrever a História. Portanto, fomos encontrar na narração, um instrumento para complementar o

processo de investigação científica, através da interpretação dos fatos contidos nas fontes, a fim de assumirem significado e sentido perante a memória, sobretudo da Educação e da História, por intermédio da Pedagogia da Convivência que surge academicamente com Elza.

Diz-nos Denzin (1984) que a temporalidade é básica no estudo das vidas e distingue duas formas de temporalidade. O tempo mundano relacionado ao presente, passado e futuro como horizonte temporal contínuo e o tempo fenomenológico que é o tempo como fluxo contínuo, é o tempo interior, contínuo e circular. Diz ainda que uma vida pode ser mapeada em termos de episódios cruciais de cujo manejo resultam os seus significados. E, contando delas, as pessoas contam mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo.

Cabe ressaltar que devemos estar cientes dos avanços e recuos, da cronologia própria e dessa temporalidade que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações. Podendo advir daí, que o narrador aprofunde determinados assuntos e afaste outros da discussão. No entanto, Elza é o sujeito que estabelece e dá forma ao carácter do que é temporal ou provisório para a pesquisa; Elza se afirma como o sujeito a guiar-se dentro da investigação e da observação; Elza avança ou recua no tempo ao apontar o caminho, o tempo e o espaço metodológico; Elza é quem decide quando e como transformar o provisório em definitivo na pesquisa. Enfim, Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa.

No entanto, ao tentarmos estabelecer as inter-relações das metodologias necessárias as temporalidades, para a compreensão e o desenvolvimento da nossa pesquisa, sinalizamos outros aspectos importantes que reforçam a opção pela narração, bem como a apresentação e análise das diversas fontes que se devem pela investigação do primeiro momento do recorte para esta pesquisa, o qual tem como referência Recife, trazendo a apresentação inicial de Elza, ou seja, Elza a protagonista, desde o seu nascimento, sua formação e atuação profissional, abrangendo do início das atividades à educadora política.

Dando prosseguimento ao mapeamento das fontes, discutimos as primeiras aproximações entre Elza e Paulo Freire, algumas questões familiares e os filhos, fundamentando a partir daí o processo que denominamos de Pedagogia da Convivência.

Em seguida, as experiências iniciais com Educação de Adultos, incluindo São Paulo e Brasília, com destaque para a análise de transcrição dos manuscritos produzidos por Elza.

Outro fator decisivo é a delimitação dessa dissertação para a pesquisa como Parte I, o período compreendido entre 1916 a 1965, quando se objetiva inicialmente identificar os elementos e as informações que permitiram a constituição da educadora Elza, tornando visível a intelectual, por meio da morfologia das instituições que ela frequentou e as funções que exerceu, ainda a identificação de sua prática política pedagógica. Depois, a partir de 1944 unindo-se pelo casamento a Paulo Freire, desenvolvemos a teoria da Pedagogia da Convivência, isso denota que ao se estabelecer essa relação/união entre Elza e Paulo Freire, dá-se a fundamentação, estruturação e consolidação das experiências com Educação de Adultos, o que nos remete à gênese dessa educação no Brasil, e que no desenvolvimento da pesquisa discute as palavras geradoras e a formação de educadores sob a responsabilidade de Elza. Contudo, são interrompidos no Brasil com o Golpe Militar de 1964, iniciando no ano posterior o exílio voluntário, dando assim um caráter de andarilhagem a Elza e Paulo Freire culminando com o retorno para re-aprender o Brasil, em 1986, ambos compõem o escopo de nossa pesquisa em torno de Elza.

A narração e o trabalho de análise com diversas fontes de pesquisa auxiliaram diretamente em nossa investigação, o que nos reporta a tipos variados de relatos a respeito de fatos não registrados por documentação escrita ou cuja documentação necessita se completar numa outra perspectiva. Nesse sentido, concordamos com Thompson (1992) pesquisador inglês, quando considera que: *“(...) um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados. As fronteiras do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico”*. (THOMPSON, 1992, p. 25-26).

Não é, pois, “*A Voz do Passado*” (THOMPSON, 1992) emergindo, mas a do presente, que recodifica vivências pretéritas com lentes atuais, mesclando, portanto, diferentes dimensões temporais. Assim, Thompson (1992) em seu estudo defende a idéia do encontro direto entre o entrevistador, que é sujeito que investiga, e o sujeito que é investigado, pois acredita que a história é construída em torno das pessoas. Nesse sentido, a narrativa é trazida para dentro da própria história, e isso amplia seu campo de ação.

Segundo Freire (2002) ninguém aprende fora da História, e enfatiza: “... *nós somos seres sócio-históricos, ou seres históricos, sociais e culturais, e que, por isso mesmo, o nosso aprendizado se dá na prática geral da qual fazemos parte, na prática social.*” (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 27). Essa linha de pensamento estimula pesquisadores e seus sujeitos a se tornarem solidários na pesquisa em defesa de um objetivo comum.

Diante disso, as possibilidades de discussão quanto a essa questão, apresentamos as informações hauridas junto ao CMU²⁰ quando de nossas incursões para a preparação e desenvolvimento da pesquisa, apontando que as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas ou acontecimentos do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Tomando-as por base busca-se captar a experiência pessoal, por meio dos fatos que o “*narrador*” considera significativos em sua trajetória. Experiências são rememoradas e reconstruídas num movimento dialógico entre dois sujeitos: narrador e pesquisador.

Segundo Portelli, “*as representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos reconhecidos e organizados de acordo com as representações*”. Tanto fatos como as representações convergem para “*a subjetividade dos seres humanos e são envolvidos em sua linguagem.*” (PORTELLI, 1997, p. 111). O autor defende ainda que tal interação pode ser um espaço apropriado de reflexão, uma vez que pode ser vista “*como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações*”. (PORTELLI, 1997, p. 111).

Ao ampliarmos as possibilidades do campo da pesquisa e da área de investigação, ao reconhecer essa produção de conhecimento, torna legítimo o processo, que se instrumentalizou pelas narrativas, para complementar as variadas fontes bibliográficas, juntamente com as demais fontes documentos, fotográficas, etnográficas e outros tipos de registro, já enfatizados anteriormente. Assim, através das narrativas, pesquisador e

²⁰ CMU (Centro de Memória da UNICAMP). Visitado e consultado durante a elaboração e execução desta pesquisa, que traz significativa contribuição para este estudo, porque pressupõe uma parceria entre informante e pesquisador, construída ao longo do processo de pesquisa e através das relações baseadas na confiança mútua, tendo em vista objetivos comuns. Constrói-se assim uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmica.

narradores puderam realizar uma incursão em si mesmos para buscar Elza, encontrando as contribuições e influências dela para a Educação, dando suporte para re-escrever a História.

Tendo em vista as fundamentações anteriores, e as propostas de investigação para o desenvolvimento de nossa pesquisa, aquele que rememora tece um laço, estabelece relação afetiva com o passado e tende mitificá-lo. A memória se entrelaça no tempo, fatos e personagens se envolvem nesse enredo, recolhendo seus fragmentos como a própria vida que sustenta a experiência. Assim, o significado da memória é entendido como processo vivido em constante evolução.

Memória e experiência são conceitos fundamentais para Walter Benjamin (1994) em sua reflexão sobre a história. A memória para Benjamin está ligada ao ato de contar (narrar), à experiência vivida (Erlebnis) particular, privada e à experiência coletiva (Erfahrung). É no ensaio “*O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskow*” que encontramos a arte de narrar histórias, uma memória comum transmitida através das “*histórias contadas de geração a geração*” (BENJAMIN, 1994, p. 68).

Metade da arte narrativa está em evitar explicações... O ouvinte é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p.203).

É necessário, dessa forma ter uma experiência histórica para estabelecer tal ligação passado-presente que se encontra para Walter Benjamin, na literatura e no papel do narrador e sua relação com a memória. Como nos diz Walter Benjamin, a história não é entendida como um acontecimento acabado e definido, mas aberto e inacabado em sua especificidade histórica e libertária. Salientamos ser assim em Elza.

Diante do exposto, procuramos ouvir as narrativas dos entrevistados, atentos à perspectiva benjaminiana e, que para Thompson (1992) essa possibilidade apresentada propicia a crítica sobre a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. Os resultados da entrevista começam antes mesmo que ela aconteça, quando se dá a preparação para realizá-la, quando há o contacto e o compartilhamento da realidade e do tema a serem enfocados entre o pesquisador e o sujeito a ser entrevistado. Assim, Thompson considera que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1992, p.254).

Diante desta perspectiva, foi importante o respeito pelos narradores, suas lembranças, opiniões, posicionamentos e explicações e, sobretudo, a autoridade e a ética dos mesmos sobre o que deveria ou não ser conservado. Durante esse processo, podemos dizer que as suas narrativas são marcadas pelas vivências de hoje.

Outro elemento importante nesta análise é o fato de que cada narração é tomada na sua totalidade, compondo um discurso único e singular. Cada narração é importante, diz-nos Portelli (1997), por ser diferente de todas as outras. Cabe ainda uma observação relacionada aos limites da transposição das falas – perpassadas por sentimentos e emoções – nas palavras que as transcrevem. Este limite é apontado por Queiróz (1988) de forma muito clara, quando diz da dificuldade de transformar o “*indizível*” em “*dizível*”. Considera a autora que a passagem da “*obscuridade dos sentimentos para a nitidez do vocábulo*” é um importante e decisivo processo da narrativa, uma vez que a palavra não deixa de ser um “*rótulo classificatório*” utilizado para descrever uma ação ou uma emoção. A autora lembra ainda que, assim como o desenho ou a palavra constituem uma reinterpretação do relato oral, o narrador, da mesma forma, reinterpreta aquilo que lhe foi narrado. Pode-se, assim, tentar fazer o discurso escrito o mais fiel possível ao discurso falado.

Conforme destacado, ao utilizar os relatos, o pesquisador pode fazer uso das partes que forem pertinentes ao seu objeto de estudo. Segundo Queiroz, “*o pesquisador utilizará em seu trabalho partes do relato que sirvam aos objetivos fixados, destacando os tópicos que considera útil e deixando em separado aqueles que acredita estarem fora de seu interesse e que podem até futuramente tornar-se objeto de reflexão*”. (QUEIROZ, 1988, p. 18).

Atentando para a compreensão de Elza e o desenvolvimento dessa pesquisa, repetimos aqui as palavras de Paulo Freire “*Fazer memórias é um pouco recriar o que foi feito*.” (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 35); isso igualmente revestiu o que buscamos

realizar através da leitura de outras fontes, na tentativa de estabelecer perceber significados e estabelecer sentidos entre as fontes da pesquisa e o seu desenvolvimento. Ou seja, re-criar Elza.

1.4 – TRANSCREVER A VIDA E RE-ESCREVER A HISTÓRIA: PERCURSO DA PESQUISA

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.”

Gabriel García Marquez (2003)

Após percorrermos um vasto campo de estudos que analisam as implicações epistemológicas, éticas e metodológicas da pesquisa desenvolvida, salientamos que ela se fundamenta considerando o objetivo proposto nesta investigação: identificar as contribuições e influências de Elza para a Educação e re-escrever a História com enfoque principal para o período entre 1916 a 1965.

Queremos elucidar que desde o encontro entre Elza e Paulo Freire, em meados de 1940, incorporado à pesquisa a partir do terceiro capítulo, o direcionamento da pesquisa assume outra dimensão, cujo enfoque principal sobre Elza se desdobra para contemplar também Paulo Freire. Extraíndo daí, as fundamentações principais para o desenvolvimento da nossa proposta em torno da Pedagogia da Convivência, bem como permeando as experiências iniciais de fundamentação, elaboração e constituição da Pedagogia Freireana.

No decorrer da pesquisa, vamos nos apercebendo, de maneira investigativa, que Elza existia antes de Paulo Freire, e que continua existindo. Há Elza educadora, mulher, politizada, crítica, diretora de escola, cidadã extremamente militante das causas sociais tanto antes de Paulo Freire quanto depois. Esse encontro e o desdobramento desse encontro, pautado nas atividades em comum às quais se revestem sobremaneira de caráter político-pedagógico dá origem ao que denominamos Pedagogia da Convivência.

A perspectiva metodológica destaca o levantamento das diversas fontes de pesquisa, incorporando o mapeamento bibliográfico as descrições e análises dos manuscritos produzidos por Elza e, por fim a técnica da entrevista em forma de narrativas.

Ressaltamos que os aportes da abordagem qualitativa foram utilizados e estruturados segundo uma lógica indutiva.

Decidimos expor as décadas em ordem cronológica, na tentativa de se estabelecer a sua composição histórica, para a qual utilizamos diversas fontes iconográficas inseridas ao texto, possibilitando dessa maneira o movimento e significado entre os documentos, fatos e fragmentos. Procedemos, pois Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa.

Para dar início à pesquisa de campo, propriamente dita, visitamos o Instituto Paulo Freire (IPF), pois lá se encontram os arquivos pessoais de Paulo Freire. Pensamos que deveríamos partir dali, dando início aos primeiros contactos para levantamento das etapas seguintes. O IPF se afigura para o desenvolvimento desta pesquisa como o local aonde aportamos para seguir o percurso, ancorando os processos investigativos. Para tal, adotamos o caderno de campo²¹, aonde íamos anotando e registrando o processo de investigação, os acontecimentos e procedimentos importantes para a pesquisa. Por incontáveis ocasiões, ocorreram novas idéias durante a pesquisa, outras informações, dúvidas e anseios, conversas informais, sugestões bibliográficas, aspectos voltados a impressões pessoais sobre o andamento da pesquisa. Por incontáveis ocasiões, anotamos os possíveis nomes para entrevistas, datas e locais das entrevistas, telefones e e-mail para contacto, devolução das transcrições, receptividade dos entrevistados, acontecimentos não registrados pelo gravador. Todas as etapas que fizeram parte do desenvolvimento da pesquisa fora registradas neste caderno de campo, cujo nosso interesse está muito mais em obter dele uma ajuda ou maior confiança para o entendimento do que acontece na nossa própria experiência de campo, ao incursionarmos pelas sendas da investigação e searas da pesquisa.

²¹ Tomando como referência a expressão com que GEERTZ (1983) caracteriza os dois momentos constitutivos da prática etnográfica, *experience-near* e *experience-distant*, pode-se dizer que o caderno de campo situa-se justamente na intersecção de ambos: ao transcrever a experiência da imersão, corresponde a uma primeira elaboração, ainda vernacular, a ser retomada no momento da *experience-distant*. Quando já se está “aqui”, o caderno de campo fornece o contexto de “lá”; por outro lado, transporta de certa forma para “lá”, para o momento da *experience-near*, a bagagem adquirida e acumulada nos anos gastos “aqui”, isto é, na academia, entre os pares, no debate teórico.

Prosseguindo para o desenvolvimento da pesquisa, outra etapa importante foi o estabelecimento de critérios para a escolha dos sujeitos que participariam da pesquisa. Nesse contexto, privilegiamos para as narrativas de quem pode conviver com Elza, no desenvolvimento de atividades profissionais ou ao compartilhar experiências, nos períodos e lugares enunciados nas páginas anteriores. Optamos primeiramente pelos filhos de Elza, depois demais familiares, e por fim, pessoas cuja trajetória se identifica/se funde com a própria constituição desta pesquisa. Esta escolha teve como objetivo captar o movimento dialético e dialógico para registrar as contribuições e participações de Elza para a Educação, conduzindo re-escrever a História, por meio do registro das narrativas, ao longo de sua vida, através de suas atividades político-pedagógicas.

O segundo critério diz respeito ao levantamento de fontes e materiais para a pesquisa. Isso foi desafiador, pois a escassez de documentos, fotografias e registros nesse contexto apontava para um grande desconhecimento. Tanto, que à medida que as fontes iam surgindo, nosso entusiasmo se multiplicava, era como se tivéssemos uma grande surpresa a cada nova descoberta. Ressaltamos que em sua maioria as fontes se classificam como primárias, devido à originalidade e o caráter de ineditismo, compreendendo desde manuscritos, documentos e diversos registros em torno de Elza.

Outro critério estabelecido foi que estes entrevistados pudessem preencher as lacunas das narrações de Paulo Freire trazidas para o texto, extraídas das citações dele referentes a Elza, através de recortes bibliográficos. Entretanto, que se completavam com o endosso de outras citações oriundas de autores diferentes. Nesse contexto, observamos que Elza começa a aparecer, timidamente, em alguns escritos sobre a atuação de Paulo Freire no SESI e SEC em Recife. Depois, continua indo e vindo de maneira muito incipiente nas referências sobre Angicos, Vila Helena Maria e finalmente o PNA. Apenas seu nome constando de notas de rodapé, pequenas citações e sempre integrando outros grupos de pessoas ou mediante referências de Paulo Freire.

O quarto critério se refere a outros entrevistados, cujos nomes foram aparecendo no decorrer de outras narrativas. Também incluem nomes que não aparecem em outras citações bibliográficas. O objetivo era registrar a multiplicidade de trajetórias

pessoais e profissionais daqueles que atuaram com Elza na Educação, diversos lugares, cidades e instituições.

É importante ressaltar que demos continuidade às leituras bibliográficas e outras para as questões de aporte científico durante todo o processo de pesquisa e levantamento de fontes, seja durante as viagens ou mesmo no período dedicado a produção da dissertação.

Para a realização das narrativas, estabelecemos um número mínimo de cinco e número máximo de nove narradores. O número estabelecido deve-se à implicação em narrativas longas e, na maior parte, a realização de três ou mais sessões com cada um dos narradores. Ressaltamos que eles residem em diferentes cidades do país, isso acarretou muitos obstáculos a serem superados. Queremos de certa maneira justificar a nossa impossibilidade para financiar a ida a Recife, proceder a busca de fontes, ao reconhecer que isso poderia ter agregado outras informações aos resultados obtidos nesse recorte temporal da pesquisa. Registramos que para os próximos períodos, a prioridade será iniciarmos por Recife.

Com base nos critérios estabelecidos, criamos uma lista de possíveis entrevistados, observando-se a contribuição que sua narrativa traria a esta pesquisa, e os quais se encontram inseridos no item fontes da pesquisa realizada. Desse levantamento inicial, resultou uma relação extensa de nomes de pessoas e de experiências. Considerando a impossibilidade de entrevistar todas essas pessoas, até por que era decisivo ter convivido com Elza, sendo insuficiente ter convivido apenas com Paulo Freire, critérios mais práticos se fizeram necessários. Foi um processo de garimpar nomes, após cruzarmos os critérios entre si e verificarmos a disponibilidade do narrador, nos fundamentou Bourdieu:

(...) eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. (BOURDIEU, 2001, p. 704).

Na vivência desse *exercício espiritual*, iniciamos os contatos iniciais, via e-mail ou telefone, que se pautaram na apresentação do projeto de pesquisa, objetivando a compreensão e o consentimento dos mesmos para a entrevista e também na explicação

sobre a necessidade de se encontrar fontes etnográficas, documentais e iconográficas referentes a Elza, antecedendo ao encontro posterior, em data, local e horário combinado com cada um deles, conforme a disponibilidade estabelecida. Impressionante, todas as pessoas contactadas demonstraram interesse e disposição em participar da pesquisa. O tema Elza sensibilizava profundamente as pessoas, despertando sensibilidade e interesse, apresentava-se impregnado de emoção e força, até de curiosidade sobre o que nos motivou a buscar esse tema. Ninguém se apresentou indiferente a Elza ou demonstrou resistência, ao contrário. Percebíamos que ela voltava na memória das pessoas, como algo suave, mas ao mesmo tempo intenso como algo que se mostrava adormecido, mas ao mesmo tempo inesquecível. A pesquisa sobre Elza, o tema Elza, como nos diz Bourdieu, demonstra o *“aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização.”* (BOURDIEU, 2001, p. 704), foi possível constatar isso, sobretudo pelas expressões e manifestações dos narradores quando se referiam a Elza.

Como resultado das fontes orais, através das narrativas, obtivemos um considerável volume de material, que se constitui das gravações e anotações, observações registradas no caderno de campo. O roteiro das entrevistas está apresentado como apêndice. Enfatizamos que diversas fontes, como documentos e registros de Elza, manuscritos produzidos com anotações sobre o pensamento pedagógico e as observações práticas, imagens e fotos dentre outros foram inseridos ao corpo do texto, possibilitando assim a leituras das palavras e dos mesmos, contextualizados no decorrer dos capítulos. Ou seja, de forma a se complementarem. Sobre o apêndice com o roteiro das entrevistas, não foi utilizado um roteiro único, variando para os filhos e demais entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nos locais, datas e horários definidos pelos entrevistados. Informamos também que algumas entrevistas foram realizadas no IPF e no VEREDA, ambos em São Paulo/SP.

Antes de as iniciarmos, estabelecemos uma conversa informal, esclarecendo os objetivos da pesquisa, o que possibilitou uma melhor receptividade e confiança, oportunizando um maior conhecimento entre os narradores e a pesquisadora, que esse tipo de investigação requer. Até porque era perceptível a sensibilidade que envolveu todo o

processo, registrada em diversos momentos, ora por palavras, ora por gestos. Esses encontros sempre objetivaram além das narrativas, a busca de outras fontes com registros sobre Elza, por exemplo: fotos, recortes, reportagens, anotações, imagens, e até objetos pessoais.

Durante as sessões de entrevista, buscamos intervir o mínimo possível, escutando as narrativas, respeitando a cadência das palavras, solidarizando com os sentimentos e as informações advindas. O roteiro foi organizado em quatro momentos. No primeiro, os entrevistados versaram livremente sobre Elza, sempre na tentativa de contextualizá-la. O próximo se encaminhou para as circunstâncias do encontro com Elza, como os entrevistados foram apresentados a Elza. No terceiro, foi solicitada a narração sobre o partilhar da atuação em atividades e experiências desenvolvidas com e por Elza junto à Educação. Posteriormente, no último momento, os entrevistados abordaram Elza, no contexto da convivência junto a Paulo Freire.

Alguns momentos foram marcados por intensa emotividade, fomos envolvidos, pesquisadora e entrevistados por nuances desconhecidas. Momentos de dificuldade para prosseguimento das narrações, olhos marejando em lágrimas, mãos trêmulas, uma espécie de torpor. Momentos de pausa, repetições sucessivas, enunciados confusos, vícios de linguagem, rupturas e fragmentos de narração.

A transcrição das entrevistas foi morosa, demandando bastante tempo e atenção. Após esse processo, o material foi devolvido ao entrevistado, que fez suas observações e análise, em separado da pesquisadora. Para Ecléa Bosi (2003), em *“O Tempo Vivo da Memória”* o depoimento deve ser devolvido ao seu autor, pois, se *“o intelectual quando escreve, apaga, modifica, volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou.”* Como ela continua a escrever, a memória não é um repositório de lembranças e sim uma atividade do espírito, *“um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”* (BOSI, 2003, p. 53).

Para finalizá-las, após a conferência feita pelo narrador, dedicamos um momento ao seu retorno, onde a pesquisadora e o narrador puderam compartilhar as impressões que a experiência trouxe para ambos. Tal experiência contribuiu para os procedimentos seguintes.

O processo de realização das entrevistas foi compreendido como peculiar nesta pesquisa, se apresentando com características próprias e singulares. Foi uma pesquisa sensível a mudanças e alterações, a retomadas e recomeços. À experiência da entrevista, sobreveio uma fase em que compreendia transpor a narrativa oral para a narrativa escrita. Essa etapa demandou tempo e paciência e exigiu, sobretudo, respeito e sensibilidade para com a narração do entrevistado. Nesse aspecto, os registros do caderno de campo foram de suma importância, colaborando para a reconstituição do cenário e da atmosfera vivenciados durante a entrevista.

Para que o narrador se reconheça no texto, é necessário ir além da mera transposição das palavras para o papel. Essa etapa, embora indispensável, é apenas uma etapa de textualização, processo no qual são suprimidas as interrogações, procedendo-se à sua adequação, de forma a torná-lo coerente e compreensível à leitura, o que dificilmente ocorre na transcrição literal, na qual estão presentes vícios de linguagem, pausas, repetições, erros gramaticais, idas e vindas do pensamento e da memória. Para Thompson, a transcrição é importante, pois:

(...) ao passar a fala para a forma impressa, o historiador precisa desenvolver uma nova espécie de habilidade literária que permita que seu texto escrito se mantenha tão fiel quanto possível, tanto ao caráter quanto ao significado do original, nada substitui as transcrições integrais, que incluam tudo o que está gravado, com exceção das possíveis digressões, para verificar se o gravador está funcionando e tomar uma xícara de café por exemplo. (THOMPSON, 1992, p. 293-297).

As entrevistas foram transcritas logo após sua realização, pois as lembranças do encontro, a memória das narrações, se mantinham próximas e latentes, enfim, vivas! Essa etapa implica uma intensa atividade sobre o texto e a gravação, cujo processo é acrescido da passagem para a linguagem escrita da comunicação não verbal.

Findada esta etapa, as narrativas foram submetidas à apreciação dos entrevistados, como possibilidade de verificar a fidelidade de suas idéias. Nele, o narrador autoriza o uso da narrativa, podendo realizar as alterações, de modo a reconhecer-se no final do texto. Trata-se de um momento que requer delicado equilíbrio e entendimento nas mediações entre a pesquisadora e narradores. Um dos obstáculos enfrentados nessa etapa foi que na maioria dos colaboradores possuía uma vida profissional atribulada e

repleta de compromissos, alguns até residindo fora do país. Essa peculiaridade ocasionou dificuldades em conseguirem tempo hábil para conferência do material, resultando em demora e até atraso na devolução do material.

O resultado desse processo foi um texto elaborado a várias mãos, vivido, experimentado, re-construído através de encontros e diálogos entre pesquisadora e narradores. Trata-se de narrativas permeadas por subjetividades, contradições, conflitos, emoções, que nos conduziram a leituras, re-leituras e interpretações diversas. Daí o caráter construtivo desta pesquisa. É com base nesse imensurável e precioso material que se tentará analisar, levando-se em consideração a vida dos narradores, elementos e acontecimentos que possibilitem re-escrever História, por intermédio das contribuições e influências de Elza para a Educação. Entretanto, desejam ultrapassar essa teia discursiva, pontuando, entre o instante da fala e o eternizar da escrita, *“desvãos que vazam no tempo o sentido da existência. Desejamos sondar, na memória que se abre à escuta, ecos de lembranças sepultadas. Almejamos tecer, no brilho da história contada, uma nova tapeçaria textual.”* (GROSSI & FERREIRA, 2001, p. 27).

Essa etapa exige, conforme afirma Lopes (1994), um *“trabalho de pensamento”*, que consiste em escandir o texto, recortá-lo e interrogá-lo de modo a possibilitar a emersão das categorias de análise. De acordo com essa autora, para apreender o todo que já vem fragmentado – seja pela seleção feita pelo próprio passado, seja pela capacidade de apreensão e subjetividade do pesquisador –, é preciso fragmentá-lo ainda mais por meio de um metódico e consciente trabalho de pensamento.

É com base nesse trabalho, juntamente com a apresentação e análise das demais fontes de pesquisa que emergem as categorias de análise. Tais categorias serão a mediação entre o conhecimento já existente, as fontes que o pesquisador produziu e que recorreu durante o processo de investigação, e o conhecimento a ser produzido. Nessa perspectiva, não é o relato que interessa, mas as inferências que ele pode trazer à compreensão de uma determinada problemática. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), discutidos e inseridos em Vieira (2006, p. 43), a análise de narrativas dimensiona aspectos cronológicos ou não da história. Esses autores entendem que narrativa é:

(...) uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações contextos e espaços temporais. A narração de eventos e episódios apresenta uma ordem cronológica e permite uma interpretação de como o tempo é usado pelos contadores de história. Os aspectos não cronológicos de uma narrativa correspondem a explicações e razões encontradas por detrás dos acontecimentos, aos critérios implícitos nas seleções feitas durante a narrativa, aos valores e juízos ligados à narração e a todas as operações do enredo. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 108).

De acordo com Vieira (2006, p. 43) “*compreender uma história não significa apenas captar como os acontecimentos se desenvolvem ao longo do tempo, mas aprender a rede de relações e sentidos que envolvem a estrutura da narração*”. Mediante a possibilidade da abordagem interpretativa, os textos narrativos se submetem à análise que considera as dimensões contextuais.

Apoiados nessas discussões, tentamos ampliar as possibilidades de estabelecer relações, sentidos e significados, os quais pudessem conduzir a inferências e descobertas para desvendar outras nuances da realidade em questão.

Nas narrativas, como nas diversas fontes de pesquisa encontradas e selecionadas, foram muitas as lições apreendidas. Destacamos que isso nos mostrou o que cada um traz dentro de si e nas coisas, que de certa forma lhe pertencem uma história fascinante, que se faz acompanhar por acontecimentos e sentimentos.

Durante esse percurso, descobertas e inquietações emolduravam cada etapa vencida, se apresentando não como final, mas como início de outras. O defrontar-se com as fotos e imagens; o deparar-se com os manuscritos e documentos; o debruçar-se sobre as citações e textos. Elza foi e é um processo investigativo único.

Os resultados desta pesquisa continuam nos próximos capítulos. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire - uma vida que faz Educação*.

Re-escrever a História de Elza e as vicissitudes da vida, os sonhos, as idéias e práticas realizadas, saberes e contribuições da professora primária e diretora de escola, da companheira e esposa de Paulo Freire, da mãe de Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, da mulher politizada, crítica, sensível, da cidadã solidária, humanista.

Elza expressa enfim, através da pesquisa, em forma de narrativas e diversas fontes da pesquisa, constituindo-se como fonte de reflexão e de re-significação sobre uma História que continua sendo escrita adversa em nossa sociedade: a História da Educação.

Como destaca Bourdieu: “*Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever.*” (BOURDIEU, 2001, p. 710). Elza transcrever a vida e re-escrever a História; escrever a vida e transcrever a História, Elza vida e História: percurso da pesquisa.

CAPÍTULO II

ELZA: VIVER E CONVIVER A VIDA, ESCREVER A HISTÓRIA

“Às vezes, por ir mais rápido não se faz história e aqui o que se busca fazer é história porque é isso que fica, quando formos embora”.

Elza Freire (ORNELAS apud GADOTI (Org.), 2006, p. 150).



Figura 3 - Elza na década de 1930

Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor

Elza iniciou seus estudos, numa escola perto de casa com a Profª Maria Elisa Viégas. Sua continuidade deu-se em Olinda na Academia Santa Gertrudes. Matricula-se na Escola Normal de Pernambuco em 1931. Depois, ingressa no Instituto Pedagógico. Aprovada em concurso público, no ano de 1943. Professora e diretora de escola, ao demonstrar grande compromisso com a Educação e, em particular com a alfabetização, transformou-se em educadora política, solidária com as causas humanitárias. Elza inscreve seu nome na História da Educação.

CAPÍTULO II

ELZA: VIVER E CONVIVER A VIDA, ESCREVER A HISTÓRIA

“Às vezes, por ir mais rápido não se faz história e aqui o que se procura fazer é história porque é isso que fica, quando formos embora.”

Elza Freire (ORNELAS apud GADOTI (Org.), 2006, p. 150).

Para este capítulo apresentamos a protagonista Elza, cuja iconografia que antecede ao desenvolvimento do texto requer a análise da dedicatória feita por ela entre a metade da década de 1930 e o início da década de 1940, para Paulo Freire quando se pode identificar o escrito: *“A Paulo com todo o meu amor, de sua Elza”*.

Elza sujeito da pesquisa, por meio da reconstituição da sua vida e trajetória, bem como trazer o clima de uma época, percorrendo espaço, tempo, lugares, pessoas e instituições. Para tal, tentamos configurar os vínculos culturais, educacionais, econômicos e sócio-políticos de Elza, por meio de referências bibliográficas e narrativas que nos deram suporte conceitual para o entendimento desse processo.

Nossa preocupação inicial foi tentar demonstrar Elza caracterizando-a em seu contexto de origem, e a partir dessa abordagem regional, dividimos em subitens os principais tópicos desse momento, compreendido entre o seu nascimento em Recife no início da década do século passado no ano de 1916 até o histórico das instituições em que atuou até 1964.

Em sua busca, iniciamos com os aspectos familiares que nos foram possíveis elencar. Em seguida, avançamos por sua escolarização e formação perpassando o início das atividades à educadora política, quando o destaque cabe as instituições em que se matriculou como estudante e normalista. Prosseguindo, discutimos as experiências como professora primária e diretora de escola, encerrando com observações sobre as transformações ocorridas nesse período, às quais promoveram a possibilidade interpretativa sobre Elza.

Fomos a procura e ao encontro de detalhes e indícios que permitiram conhecer diversos espaços pedagógicos, as relações sócio-políticas, as discussões educacionais e o

contexto que foram significativos na sua formação como professora, além da inserção no corpo do texto de figuras iconográficas, revelando significações que lhes atribuem.

Principais referências bibliográficas inseridas no capítulo: Porto (1981); Costa Pinto & Carneiro (1955); Chacon (1977); Romanelli (1978), Skidmore (2007); Schwartzman et. all (1984), Rodrigues (2003); Desaulniers (1992). Destacamos Maria Eliete Santiago (1987), cujo trabalho *Sobre Elza*, foi a principal fonte de pesquisa para informações ocorridas nesse período, bem como para sugestão de fontes complementares.

O nome Pernambuco vem do tupi *Paranãpuka*, que significa “o mar que bate nas pedras”, expressão com que os índios conheciam a foz do rio Santa Cruz, que separa a ilha de Itamaracá do continente, ao norte do Recife. Daí, caminhou para suas formas primitivas *Perñabuquo* e *Fernambouc*, já denominando o porto do Recife e fazendo-se presente nos mapas portugueses²². Assim surge o nome do estado de Pernambuco, batizado pelos índios. Um dos mais importantes estados do Nordeste Brasileiro, Pernambuco se estende de leste a oeste, em uma estreita faixa de terras que vai da Zona da Mata, na faixa litorânea, atravessa o agreste e termina no sertão profundo, tendo como limites Paraíba e Ceará a noroeste, o Oceano Atlântico a leste, Alagoas e Bahia ao sul e Piauí a Oeste.

Dentro desse contexto, situamos e tentamos estabelecer uma discussão em torno de Recife, cuja forma e conteúdo vão se fundindo ao texto. Acreditamos no reflexo permanente, que Recife atribui a Elza reportando-se em sua memória e personalidade, influenciando sua formação, pesquisas e indagações. Recife a acompanhou e se fez acompanhar por ela, isso é marcante no decorrer de sua trajetória de vida. No cenário nacional, Recife se destaca pela influência estabelecida, desde o descobrimento do Brasil aos dias atuais.

Quando a história da região se inicia em 1534, Portugal havia criado as capitanias hereditárias. A Capitania de Pernambuco foi dada a Duarte Coelho Pereira²³, quando se tornou o capitão-donatário, a primeira capitania a ser constituída no Brasil.

²² Fonte: Pernambuco – Caminhos de Liberdade (Coleção Brasil Redescoberto), Editora Tempo real.

²³ Colonizador do Brasil (Miragaia, Porto, 1480/1485-1554), era filho bastardo de Gonçalo Coelho, escrivão da Fazenda real e membro da nobreza agrária em Portugal. Serviu no Oriente, de 1509 a 1527, e depois na África. Fonte: “*História de Portugal – Dicionário de Personalidades*” (Org. José Hermano Saraiva), QuidNovi, 2004.

Acompanhado por sua família e muitos colonos, ali instalou os primeiros engenhos e fundou outras povoações. Sob seu comando e sua orientação a Nova Lusitânia, como denominou a sua capitania, foi uma das mais prósperas ao tempo de D. João III²⁴.

Desde cedo, a cultura da região se baseou na mistura de três povos: europeus, índios e negros; de início, os portugueses tentaram utilizar mão-de-obra escrava índia; entretanto, após sucessivos levantes indígenas, optou-se por importar mão-de-obra africana. Essa influência é fortemente marcada até os dias atuais através das manifestações culturais e artísticas, pelo artesanato e pela literatura, o frevo, maracatu, e pelo seu povo.

Recife, por décadas, foi apenas o porto utilizado para escoar a produção local e receber peças da metrópole. Essa situação se alterou a partir de 1630, quando os holandeses ocuparam Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Sendo o fato principal desse momento, a chegada em 1637, do Conde Maurício de Nassau, que assume o governo das possessões holandesas no Brasil. Culto, Nassau conduziu uma revolução urbanística na cidade: ruas foram planejadas e traçadas, várias pontes foram construídas; Nassau trouxe da Europa grandes arquitetos, engenheiros e paisagistas que deram um ar de metrópole à cidade do Recife. Várias das obras urbanísticas dos tempos de Nassau são ainda visíveis na cidade; alguns dos quadros que retratam o país naquela época, pintados pelo holandês Frans Prost, e outros expostos no Museu do Louvre, em Paris. É impossível falar em Recife sem conjugar a atuação e a paixão de Nassau e toda a influência recebida desse período, em vários aspectos da cidade e da região.

Indiscutivelmente esse retrospecto sobre Recife nas artes, através do reconhecimento as influências deixadas pelos holandeses de Nassau, repercutem na personalidade de Elza ajudando a delinear o envolvimento e a sua participação junto a Arte-educação. Influência que se desdobra durante um período significativo de sua vida no sentido intelectual e cultural.

Quando os holandeses foram expulsos, em 1654, Recife tinha se tornado importante entreposto comercial. A rivalidade entre os senhores de engenho, que tornaram

²⁴ Nascido em Lisboa, era filho de Rei Manuel I de Portugal e de Maria de Aragão, princesa de Espanha, filha dos *Reis Católicos*. Dom João III cognominado *O Piedoso* ou o *Pio* pela sua devoção religiosa, foi o décimo quinto Rei de Portugal. Fonte: VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim. *História de Portugal – Vol. V*, Editora Verbo, Portugal, 1986.

a ocupar Olinda, e a emergente classe comerciante que se formara em Recife resultou na Guerra dos Mascates²⁵ no início do século 18, o que se reflete até hoje no espírito de luta e conflito, de garra dessa população “arretada”²⁶. Extraímos daí características predominantes em Elza.

Recife teve papel decisivo nos mais importantes momentos históricos do Brasil, como por exemplo: No ano de 1817, Pernambuco tentou proclamar-se independente de Portugal, mas o movimento foi derrotado. A Revolução Praieira (1848) questionava o regime monárquico, e já pregava a República; segundo Porto (1981) a rebelião se desenhava. Por um lado, a insatisfação popular e de parte da elite contra o latifúndio e o monopólio do comércio pelos estrangeiros, por outro, a luta entre os liberais e conservadores. Conclui Porto que “*em meio a esse embate surge o jornal liberal Diário Novo, instalado à Rua da Praia, que passa a ser a voz dos liberais mais radicais, agora denominados "praiheiros"*” (PORTO, 1981, p. 87). Para o abolicionista Joaquim Nabuco²⁷, participante do movimento, o Partido da Praia “*era a maioria, quase o povo pernambucano todo*”, prossegue, “*mais que um segmento político*”, era assim, um “*movimento social*”. Nabuco define “*Os "praiheiros", recebiam esse nome por pertencerem à Rua da Praia, tradicional reduto de portugueses. Já os conservadores eram chamados pelos liberais de "guabirus", nome de um rato considerado "sorratoeiro, ladrão e esperto"*”. (NABUCO apud PORTO, 1981, p. 101).

Esse momento histórico de Recife, certamente era o prelúdio para outro momento histórico, na Educação e anos mais tarde; revoluções na alfabetização de adultos; movimento libertário e conscientizador de uma pedagogia transformadora, os quais tiveram como partícipe principal Elza. Tais acontecimentos e descobertas não iriam apenas revolucionar Recife e seus arredores do Nordeste, se estenderiam a todo um país e, posteriormente ao mundo.

²⁵ Mascate era forma pejorativa de se referir àqueles que se dedicavam ao comércio.

²⁶ Palavra regional e popular que indica numerosas idéias apreciativas, equivalendo a elegante, excelente.

²⁷ NABUCO apud PORTO, 1981. Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em Recife no ano de 1849. Político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dá nome a uma das maiores Fundações do Brasil, a Fundação Joaquim Nabuco, sede em Recife/PE.

Fundada ainda, na cultura de cana-de-açúcar e na pujança do porto, Recife continuou desenvolvendo-se, tanto econômica como intelectual e culturalmente, durante os séculos 18 e 19.

Durante o século 20, principalmente após a criação da SUDENE²⁸, a cidade consolidou sua posição como pólo comercial e cultural de toda a região Nordeste ao norte da Bahia. É após sua fundação, inicia-se a assistência técnica na elaboração do plano anual de cultivo e corte de cana, assim como na gestão de Cooperativas. Os camponeses assumiram as tarefas cotidianas de implantação dos cultivos e administração das Cooperativas rurais de Pernambuco. Como a própria SUDENE enfatiza, talvez pela primeira vez, foi colocado em prática no meio rural o Método de Alfabetização Paulo Freire, para o qual Elza contribuiu e influenciou a estruturação, fundamentação e consolidação. Posteriormente nos demais capítulos aprofundaremos sobre as contribuições, influências e participações de Elza para a criação e desenvolvimento desse método. “Método” que contribuiu para o desenvolvimento regional, à partir do poço da panela em Recife e, depois levando o nome do Nordeste para o Brasil e o mundo. “Método” que teve suas raízes fincadas no agreste nordestino, cujas sementes se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

E a partir de 1950, a economia da região ganhou novo impulso: o turismo e riqueza cultural, suas praias e sua natureza. Uma vez que em 1988, por força da Constituinte, o arquipélago Fernando de Noronha, foi reintegrado ao Estado de Pernambuco, sendo hoje um Distrito Estadual. No início do terceiro milênio se desenvolvem a instalação do Porto Digital e investimentos na área educacional, com implantação de cursos na área de bio-médicas.

Enfatizando a importância do movimento histórico que marca Recife desde sua fundação, como cenário para o nascimento de Elza no início do século passado e segue marcando a sua História, analisamos a influência que foram exercendo entre si, sobretudo num contexto de Educação quando da epígrafe desse segundo capítulo: “*Às vezes, por ir*

²⁸ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, vinculada ao Ministério da Integração Nacional, com sede na cidade de Recife Estado de Pernambuco. A primeira SUDENE foi fundada em 1959 no governo Juscelino Kubitschek, e teve como idealizador o economista Celso Furtado. (www.sudene.gov.br, acesso durante o mês de abril/2009).

mais rápido não se faz história e aqui o que se procura fazer é história porque é isso que fica, quando formos embora”. Elza Freire (ORNELAS apud GADOTI (Org.), 2006, p. 150). Portanto, é a história de Elza que se funde e se confunde à própria história de Recife, mas igualmente é a história que permanece ao se permitir seja re-escrita.

Ao citarmos essas palavras, salientamos que ela deixou contribuições significativas no contexto pedagógico, social, político, transformando-se em personagem histórica e patrimônio cultural de um povo, uma região, um país.

Embasados assim, nas próprias palavras de Elza ao afirmar que *“aqui o que se procura fazer é história porque é isso que fica quando formos embora”* a pesquisa aponta para essa afirmação, salientando de maneira crítica-reflexiva: se não fosse Elza, a história teria sido outra!

2.1 – ELZA: VIDA E TRAJETÓRIA

“Elza nasceu com o livro na mão...”
Bila (in SANTIAGO, 1988, p. 28)

No decorrer da Primeira Grande Guerra Mundial (1914 – 1918), em Pernambuco, no Nordeste do Brasil, nasce no ano bissexto de 1916, Elza Maia Costa Oliveira.

A cidade do Recife vê nascer Elza, primeira filha do casal Oliveira: Alberto Melo Costa Oliveira e Josefa Maia Costa Oliveira, aos 16 dias do mês de junho. A mãe era *“do lar”* e o pai comerciário ou *“guarda-livros”*. Como costume na região, pertencia a família *“remediada”*, se caracterizando como classe média, na definição de Santiago (1987). No Bairro dos Afogados, Rua São Miguel, passou seus primeiros anos, mudando-se em seguida para a Boa Vista, e no encontro das Ruas Glória e São Gonçalo, vivenciou sua meninice e adolescência. Foi no bairro do Espinheiro, Rua Amapá nº 13, que passou grande parte de sua juventude.



**Figura 4 – Residência em que Elza nasceu
(Rua São Miguel, Recife/PE – Registro década de 1980)**

Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor

Na perspectiva sócio-econômica, várias são as formas de se discutir o conceito de família, pois todas devem ser apresentadas e compreendidas como modelos culturais em determinados meios sociais e em épocas definidas. Como podemos observar na iconografia da residência da Família Costa Oliveira, onde nasceu Elza, no ano de 1916 e, o que isso representava para a sociedade da época, sinalizando a posição e a classe social que eles pertenciam. Nota-se a fachada com desenhos e adornos, os caixilhos de madeira bem trabalhados, sem se deixar notar o telhado à vista.

Diante da presença dos pais: Alberto e Josefa, acompanhada pelos irmãos: Bila e Zeca, recebeu as primeiras noções de educação em família, no lar constituído, que certamente contribuíram para as suas características mais marcantes.

Nas próprias palavras de Elza elucidamos um pouco mais sobre o contexto de sua família, valores que ajudaram a compor mais tarde seu perfil e suas atitudes:

A gente era um pouco diferente do comum. O pai dava muito mais liberdade para a gente, podíamos sair, tínhamos possibilidades de ter amigos... Porque assim, dizia ele, a gente entendia melhor a vida... Isso nos deu uma certa liberdade de visão... (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202).

Fatos que foram decisivos para Elza, refletindo a educação recebida e o convívio familiar desse período, percebemos que embora Elza tenha convivido com a solidez matriarcal da época, a presença firme de seu pai e de certa forma afeita a liberdade, dialoga com autoridade, deixando assim marcas de sua contribuição para a sua personalidade.

Nesse percurso, pode ir se apropriando de outros valores, especialmente afirmar-se da condição de mulher, que se assumia a si mesma, num ambiente favorecido pela convivência no lar, com forte referência em seu pai, Alberto: *“O pai permitiu que trabalhássemos muito cedo. Antes mesmo de terminar o curso Normal eu já ensinava particular. De forma que isso me deu uma capacidade de experiência muito grande, um projeto de realização pessoal.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202).

Sob o contexto econômico, observamos igualmente, certa independência e o ingresso ainda jovem nas atividades trabalhistas, que já demonstrava Elza, característica que vai se consolidando posteriormente. Completando a citação anterior: *“Papai não nos dava mesada, dizia que fizessemos nossa própria mesada, nossa própria vida. Foi muito bom porque nos deu uma base de economia e orçamento na vida.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 2003). Assim se reafirma a influência de seu pai, pois se reporta constantemente a ele.

Há vários ângulos em análise para essa abordagem em torno de Elza, os quais vão se apresentando no decorrer da investigação. O processo de pesquisa atravessa a vida e a trajetória de Elza, e confirma a sua crescente presença em torno da temática proposta.

2.2 – ELZA: PRIMEIROS TEMPOS

“Escolhi ser professora por mim mesma.”
Elza Freire (COSTA, 1980, p. 202)

A interação pedagógica e política na vida de Elza se fazem pressentir desde os primeiros momentos; “Bila”²⁹ sua irmã diz que: “*Elza nasceu com um livro na mão*” (SANTIAGO, 1988, p.28), se difunde, ainda que a nível intuitivo quando exerceu o papel de professora dos irmãos, pois tanto quanto ela freqüentaram a escola, e se confirma segundo “Zé de Melo”³⁰, seu irmão: “*Elza o fazia gostando*” (ibid, p.38). Todavia, Elza os acompanhava em casa, como suporte aos afazeres escolares, uma vez que isso também se constituía como responsabilidade dos filhos e irmãos mais velhos.

O início de educadora foi se demonstrando no meio familiar, junto aos irmãos: “Bila” e “Zé de Melo”, e ganhando nova dimensão com as “aulas-domiciliares”³¹, caracterizando-se como “bancas de estudo” que objetivavam reforçar os conteúdos e auxiliar nas atividades escolares, progredindo essa prática depois sob a forma institucionalizada na escola.

O que se confirma quando lemos nas suas próprias palavras, reafirmando pontos fortes e determinantes em sua vida, como o magistério e a educação: “*A primeira professora da família fui eu.*” (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202).

A escolarização de Elza ocorreu na perspectiva educacional da época³². Recife, como outras capitais do Brasil, dispunha de escolas privadas de grande e médio porte, geralmente confessionais; por iniciativas individuais e isoladas, algumas escolas privadas de pequeno porte e por fim aquelas pertencentes à rede pública.

²⁹ Elba Maia Dias Fernandes.

³⁰ José de Melo Costa Oliveira.

³¹ Hábito comum no Recife em famílias classificadas como de classe média. (SANTIAGO, 1988, p. 30).

³² As leituras principalmente de Educação e Sociedade na Primeira República, NAGLE (1976); Filosofia da Educação Brasileira, SAVIANI & OUTROS (1983), ROMANELLI (1978), colaboraram para a construção, a discussão e a compreensão desse contexto.

Neste contexto, numa escola de bairro, próxima a sua casa, na Escola da Professora Maria Elisa Viegas de Medeiros³³, extremamente sensível à arte-educação, à política e ao ser humano, que Elza iniciou seu processo de escolarização. Ambas não iriam apenas conviver como aluna e professora primária, a influência e a importância da Professora Maria Elisa, acompanharia Elza em outros momentos de sua formação e atuação profissionais, bem como de sua vida. Isso, de certa forma influenciou e determinou sua opção pelo magistério e sua paixão pela educação, nitidamente demonstrados desde a tenra idade, como podemos extrair de suas palavras: *“Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo, talvez como afinidade com a minha professora primária.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202).

Elza escolhe ser professora por si mesma, desde o princípio. Acreditamos que um professor é formado em e para um determinado currículo. E ao analisarmos importante citação de Elza há que se questionar em que momento se inicia a formação de professores? Ela tem sua gênese a partir do momento em que o professor se mostra ao mundo, ou seja, no seu nascimento. Ou quem sabe, até mesmo, pelas gerações que o antecederam, como lembra Elza, ao reconhecer a afinidade com a sua professora primária. Para Nóvoa, “A formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos, sobre as vivências e sobre as experiências de vida.” (1992, p. 26). Portanto, o professor ao realizar sua prática pedagógica, está ali com todos os elementos que constituíram a sua história.

Não foram assim, apenas iniciados seus estudos, mas se percebe também a sua aproximação com um tipo de escola e com a arte-educação que, posteriormente vão marcar suas atividades e iniciativas profissionais, influenciar sua família, demonstrar de forma mais atuante e abrangente o seu comprometimento com o ser humano.

Diante desse despertar, ainda na infância, observamos que Elza não se limitou ao sentido restrito da escolarização, buscando outras dimensões de desenvolvimento e outras formas de educação, sinalizando a sua sensibilidade como princípio da

³³ Educadora e parlamentar. Em 1955 a professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, exerceu mandato, como parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. Ela fora uma professora atuante. A criação de escolas e estabelecimentos de ensino secundário em vários municípios pernambucanos foi o resultado, muitas vezes, da luta desta mulher profundamente engajada com a questão da educação. Maria Elisa entende que faz parte da formação humana do indivíduo a expressão artística. (www.fundaj.gov.br; www.alepe.pe.gov.br, acesso durante o primeiro semestre de 2008, entre os meses de agosto a outubro).

interdisciplinaridade, mais tarde interferindo na sua capacidade de “ser” mais, demonstrada desde os primeiros tempos. Elza também demonstrou dedicação e interesse ao estimular a formação do professor sob uma perspectiva crítico-reflexiva, permitindo meios para desenvolver pensamentos autônomos e criativos, compartilhados com os demais professores numa relação entre teoria e prática. Esta característica deve ser entendida como intelectual o que denota a sua postura vanguardista.

2.3 – ELZA: SUA ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO

“Toda uma constelação de brasileiros ilustres devem ao Recife sua formação.”

Gilberto Freyre (1959)

Com a queda da monarquia em 1889, começa a Primeira República. A partir do final do Império, temos aí o início da divulgação da Escola Nova, esse ideário na História da Educação Brasileira³⁴, cuja preparação se deu até 1920, seguindo-se a este período veio a consolidação e realização dessas idéias e propostas.

É nesse contexto de transição, que se estabelecem os primeiros anos de escolarização e formação de Elza, compreendido entre Recife e Olinda.

As dimensões que teve o modernismo nas artes, a agitação cultural do final do século XIX e o início do século XX, a encantadora *Belle Époque*, mostram a busca de novas linguagens para traduzir as mudanças trazidas pelas novas técnicas. Conforme Inosoja (1969) assim, se ampliaram a diversidade, os projetos de dominação da natureza, as sutilezas que envolvem as relações de poder, as tramas sociais e políticas, se instaurando o culto ao progresso.

Ao volvermos para a década de 1920 no Recife, não se pode fugir da sua especificidade, para que o diálogo entre os tempos históricos se aprofunde. Aquilo que provocava um forte impacto pela sua novidade, pelos seus ares de moderno, tinha outro

³⁴ História da Educação, ARANHA, 1996; História da Educação Brasileira, GHIRALDELLI, 2006; História Global: Brasil e geral, 2002; História da Educação no Brasil (1930/1973), ROMANELLI, 1978; Filosofia da Educação Brasileira, SAVIANI, 1983.

contexto e imaginário, outras representações. O novo e o antigo eram mais nítidos, a referência à tradição era constante, a memória não estava tão fragmentada, o cotidiano da cidade não registrava rapidamente tantas invasões e convivia com ansiedades bem diferentes das atuais.

Segundo Souza Barros (1972) a década de 20 se despedia, mas não sem turbulência em Recife também. Depois de tantas convivências contraditórias entre o antigo e o moderno, dos carnavais animados pelas músicas de Capiba e Nelson Ferreira, pelos passistas do Clube das Pás, dos Batutas de São José e tantos outros, pelas regatas dos domingos ensolarados, pelas discussões dos intelectuais, pelas disputas políticas das oligarquias, sempre temerosas com as manifestações populares, aconteceu a famosa Revolução de 30. O resultado das dissidências entre as elites dirigentes, o movimento de 1930 trouxe redefinições na organização do poder central, com a chegada de Getúlio Vargas ao comando político do Brasil.

No início dos anos de 1930, como descreve Vianna (1970) o descompasso entre o sonho e a realidade dividia a paisagem recifense. A cidade crescia, mas não tinha estrutura para acolher devidamente seus habitantes. Nas áreas ribeirinhas surgiam os chamados mocambos, onde moravam os cidadãos feitos de carne de caranguejo, como descreveu Josué de Castro. Essa realidade contrastava com o Recife dos sonhos, do mais bem equipado porto do país, da indústria em crescimento, dos cafés e restaurantes, dos teatros e cinemas luxuosos, das grandes mansões, de lugares aprazíveis como o bairro do Derby ou a praia de Boa Viagem. O Recife era a cidade dos sonhos, seus contrastes tornavam-se quase invisíveis. Oferecia-se a cidade como uma mercadoria, já naqueles tempos, escondendo os seus mocambos e o árduo cotidiano da maior parte da sua população, como enfatiza Gilberto Freyre (1941).

Apresentamos nessa perspectiva, as possibilidades de escolarização e discutimos a formação de Elza com registros das diferentes instituições, desde a iconografia e morfologia das mesmas, até os docentes e colegas; na tentativa de identificar seus possíveis significados e influências para a constituição da professora e sua atuação profissional.

A discussão destas questões nos conduz a certa conceituação que podemos perceber o currículo como algo que não é neutro nem nulo, pois toda ação humana apresenta intencionalidade. Assim ao se fazer a seleção daquilo que será ensinado, se valorizará apenas uma parte. Esta “escolha” se efetivará segundo as visões de mundo, sociedade e homem/mulher que se tem. Desaulniers (1992), com a afirmação abaixo, apresenta e sintetiza a conceituação sob os aspectos do currículo:

Originária do latim curriculum, currículo significa corrida, caminhada, percurso. (...) O currículo escolar representa o percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola: seu projeto de escolarização. (DESAULNIERS, 1992, p. 27).

Refletindo sobre as possibilidades de dar um enfoque histórico de “escolarização” à pesquisa, Julieta B. R. Desaulniers (1992) deixa-nos na expectativa de um trabalho necessário sobre o assunto no Brasil. Enquanto isso, adotamos o posicionamento de Chapoulie e Briand (apud Desaulniers, 1992), que afirmam:

A instituição se constitui de um conjunto de relações sociais, as quais se instauram a partir de uma base material. Sendo assim, a análise do funcionamento da instituição escolar, através de seus aspectos materiais e administrativos, como também das práticas, dos interesses e das categorias de interpretação dos diversos grupos de agentes, é fundamental para explicar a evolução da escolarização. (CHAPOULIE & BRIAND apud DESAULNIERS, 1992, p. 98-99).

Outro aspecto que merece destaque nesse contexto de discussão em torno de Elza: sua escolarização e formação, é sobre o tempo como símbolo social e as apropriações realizadas pelos sujeitos na cidade, até porque esse processo histórico ocorreu em Recife. Partindo da reflexão de que esses tempos são também algo a aprender³⁵ que “educam” mas também “são educados” pelos habitantes, há que se considerar que a cidade comporta temporalidades próprias que se constituem em linguagens e dispositivos pedagógicos. É o caso de Recife que se configura cidade, como um “currículo” onde e quando os tempos e os espaços não são iguais para todos. Assim, se estabeleceu o contexto de escolarização e formação de Elza.

³⁵ Segundo Viñao-Frago (1998) o tempo não é um simples esquema formal ou estrutura neutra, mas algo que também seria por si objeto de aprendizagens sociais.

Tal destaque apresenta conseqüências conceituais, uma vez que desnaturaliza a escola, a normalidade dos conceitos, produzindo novas perspectivas para as fontes disponíveis e apresentadas pela pesquisa, recompondo significados. Assim, reforçamos que também fazem parte dos nossos objetivos re-construir tempos e espaços que tragam Elza novamente, que a re-criem textualmente. Para Viñao Frago (1998), o tempo e o espaço são, respectivamente, conceituados como:

Primeiramente, um tempo pessoal, institucional e organizativo. Por outra parte tem sido entendido, desde essa dupla perspectiva, um dos instrumentos mais poderosos para generalizar e apresentar como natural e única, em nossas sociedades, uma concepção e vivência de tempo como algo mensurável, fragmentado, seqüenciado, linear e objetivo que traz implícita uma visão de meta e futuro. (VIÑAO-FRAGO, 1998, p. 19).

Diante destas discussões, reforçamos que a pesquisa também objetiva re-construir tempos e espaços

Segundo o português Antônio Nóvoa (1992), que se mostra inclinado a uma observação histórica da educação centrada na questão da cultura escolar, articulada em quatro blocos: os atores, os discursos e linguagens, as instituições e sistemas educativos e, enfim as práticas educativas. Nesse contexto de discussão sobre a cultura escolar e a realização da pesquisa apresentamos considerável variedade de fontes alternativas, que incluem iconografia, documentos e depoimentos, porque as demais fontes se reduzem a atos institucionais formais ou a termos escritos. A abordagem e a interpretação empreendidas por nós para a análise e discussão das instituições responsáveis pela formação e escolarização de Elza apontam para a possibilidade de que foi possível encontrar informações e elementos para melhor compreender e identificar a sua constituição de educadora e intelectual, o que nos remete também à História da Educação e de instituições que se fizeram referência para Elza, bem como marcaram uma época.

2.3.1 – ACADEMIA SANTA GERTRUDES (OLINDA)

“O Recife – por muito tempo vila - só é cidade desde 1823 e capital de Pernambuco, apenas desde 1827. De Olinda, a antiga capital, o pernambucano de hoje se sente uma espécie de neto, quase não sabendo separar a cidade-avó da materna Recife. E estará incompleto todo aquele brasileiro de outro Estado ou o estrangeiro de qualquer procedência que visite o Recife, deixando de ir ver Olinda.”

Gilberto Freyre (1959)

Esboçado na década de 1920 no Brasil, o movimento chamado Escola Nova³⁶, que refletia o que o mundo vivia à época. Era um momento de crescimento industrial e de expansão urbana e nesse contexto, um grupo de intelectuais brasileiros sentiu necessidade de preparar o país para esse desenvolvimento. A Educação era por eles percebida como o elemento-chave para promover a remodelação e adequação requeridas.

Inspirados nas idéias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, esses intelectuais viam num sistema de ensino público, livre e aberto, o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais da nação. Assim, esse movimento denominado de Escola Nova ganhou impulso na década de 1930, após o Manifesto da Escola Nova³⁷.

A atuação dos pioneiros desse movimento se estendeu nas décadas seguintes sob fortes e intensas críticas dos defensores do ensino privado e religioso. Todavia, as suas idéias e práticas influenciaram uma geração de educadores que se destacaram no cenário nacional, dentre eles: Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes.

Nesse contexto da Escola Nova durante a década de 1930, deu-se a continuidade da escolarização de Elza, quando freqüentou na cidade de Olinda a Academia Santa Gertrudes. Olinda que em 1837 perde o título de capital para Recife, e em 1982

³⁶ História da Educação, ARANHA, 1996; História da Educação Brasileira, GHIRALDELLI, 2006; História da Educação no Brasil (1930/1973), ROMANELLI, 1978; Filosofia da Educação Brasileira, SAVIANI, 1983.

³⁷ Conhecido também como Manifesto dos Pioneiros. Documento que defendia a universalização da escola pública, laica e gratuita. Entre seus signatários, destacam-se: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Cecília Meireles. Conforme nota de referência 10.

recebe o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A Academia Santa Gertrudes é dirigida pelas Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing³⁸, Alemanha, às quais chegaram ao Brasil em Olinda, Pernambuco, no dia 21 de julho de 1903, e iniciaram as atividades da escola em 1912. Já em 1915 começaram o curso primário para meninas, tendo recebido o nome de Academia Santa Gertrudes. Em 1917 abriu-se o Internato³⁹, e em 1922 foi criado o Curso Normal, equiparado à Escola Normal Oficial do Estado. No ano de 1926, teve início o curso comercial e em 1932 o curso ginásial. Hoje, início do século XXI, o trabalho educativo e evangelizador da Academia Santa Gertrudes continuam, evidentemente se moldando ao longo de sua história e das exigências educativas contemporâneas.

A Academia Santa Gertrudes trata-se de escola confessional e católica, de ensino tradicional e particular, atualmente continua localizada no centro histórico de Olinda.

Segundo Desaulniers (1997), formar o cidadão era uma proposta da escola de ofício católica⁴⁰. Essa questão está problematizada com base no pressuposto de que a descontinuidade verificada na estrutura e organização do processo de formação do cidadão, assim como os principais saberes instaurados nesse processo, de acordo com a autora estão associados à dinâmica estrutural dos demais campos do poder (social, econômico e político) que articulam-se ao mesmo tempo interativa e conflitivamente com a dinâmica estrutural dos demais campos do espaço social e completa ao afirmar que as articulações desse processo com o campo religioso determinam a configuração do mesmo em seus tempos e espaços.

³⁸ A congregação das Beneditinas Missionárias de Tutzing foi fundada em 24/09/1885 por Andreas Amrhei, monge beneditino da Abadia de Beuron, Alemanha. A tarefa como Beneditinas Missionárias: busca de Deus em comunidade sob uma Regra e uma Superiora. Essa evangelização deve ser apoiada por uma comunidade monástica que vive segundo a Regra de São Bento. Tutzing é uma pequena cidade a 40 km ao sul de Munique. (www.imaculadaconceicao.com.br/irmas Acesso no primeiro semestre de 2008).

³⁹ Estabelecimento em que há alunos internos; conjunto desses alunos; asilo ou recolhimento pio ou disciplinar. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Editora Nova fronteira.

⁴⁰ De acordo com Desaulniers (1997), isso implica dizer que a formação proposta nessas escolas é muito peculiar, se comparada com as demais escolas voltadas à classe trabalhadora. Portanto, nas escolas católicas, os fundamentos que suportam tal processo, com metas bem específicas a cumprir, priorizam os elementos que caracterizam e constituem o contexto em que estão inseridas – o campo religioso.



Figura 5 - Academia Santa Gertrudes (Registro entre as décadas de 1910 a 1920)

Fonte: <http://www.academiasantagertrudes.com.br/index2.php?pagina=historia>

A análise da iconografia da Academia Santa Gertrudes, cujo registro situa-se no início do século XX, possibilita perceber a concepção educativa presente nessa instituição. Visualmente a descrição do prédio com a igreja ao lado do Colégio, com a proximidade e o requinte dos ornamentos das fachadas, com a suntuosidade e monumentalidade dentre outros e, por último os espaços internos que evidenciam aspectos ligados a reclusão, segurança e os ambientes voltados para a transmissão de saberes. Segundo Bencostta (2005) a exploração da fotografia como recurso de investigação pode ser utilizada “*como suporte material da memória e testemunho da informação histórica*” (2005, p.10). Marcus Levy busca apreender o potencial explicativo dessas fontes.

É possível se estabelecer esse contexto, ao analisar as condições nas quais se efetivou o estudo de Elza, pois estar inserida numa educação proporcionada pela Academia Santa Gertrudes e o que isso significava nas primeiras décadas do século XX, em plena mobilização da Escola Nova, fundamenta as conclusões de que Elza certamente pertencia a uma classe social de certa forma privilegiada às condições sócio-econômicas da região e da época, pois ela transfere-se de Recife para Olinda, a fim de dar continuidade aos seus estudos, matricula-se numa escola que se caracteriza a atender um público do ensino privado, com características tradicionais e confessionais católicas, no regime de internato apenas para meninas. Observamos a preparação educacional que lhe foi sendo dispensada, pois o fato de ter a continuação de seus estudos em Olinda representava para sua família um diferencial por ter algum membro da família matriculado em colégios privados e dirigido por ordens religiosas, conforme podemos contemplar na foto através da análise iconográfica, confrontando-a com as informações anteriores.

Destaca-se nessa perspectiva, a presença dos Manuais de Civilidade e Etiqueta, argumenta Cunha (2006) que propagam preceitos caracterizadores de regras de civilidade. Inicialmente não pensados para o uso escolar, mas aos poucos apropriados como componentes da leitura escolarizada, integrando currículos escolares. Além de prescreverem normas e comportamentos, internalizar regras e preceitos para a formação do caráter, e para uma consolidação das práticas de higiene, eram recomendados como leituras indicadas à formação de professoras do ensino primário entre 1900 e 1960. Conforme Cunha (2006) através dessa prática e desse discurso percebe-se o processo de codificação de regras e padrões desejados.

De acordo com Nóvoa (1992) destaca-se nesse sentido que *“não há nenhum determinismo na evolução dos sistemas educativos, das idéias pedagógicas ou das práticas escolares: tudo é produto de uma construção social”* (1992, p. 211). Assim, todas as questões, de caráter mais pedagógico ou técnico, são subordinados aos pressupostos da religião católica, os quais definem significativamente o sistema de disposições, adquirido pelos formados em tais estabelecimentos.

Elza já se preparava para a carreira do magistério, bem como demonstrava o padrão sócio-econômico e cultural de sua família, ora submetendo-se à sua própria vocação, ora atendendo aos imperativos familiares.

2.3.2 – ESCOLA NORMAL DE PERNAMBUCO

“Elza foi formando-se, com uma base sólida de conhecimento geral e específico que a Escola Normal propiciava.”

SANTIAGO, Maria Eliete (2000, p. 81)

A Grande Depressão⁴¹, também chamada por vezes de Crise de 1929, foi uma “grande depressa”o econômica iniciada em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930 terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial.

Os efeitos da crise fizeram com que em alguns países, duramente atingidos, muitos agricultores passassem a investir seu capital na manufatura, causando a industrialização destes países, em especial, o Brasil quando a industrialização se acelerou com a perda de poder político dos cafeicultores do estado de São Paulo, fenômeno consolidado com a vitoriosa Revolução de 1930.

A partir de Getúlio Vargas⁴², que é uma consequência da Crise de 1929, o contexto social brasileiro se desloca, e segundo Meirelles (2006) se transfere dos grandes fazendeiros e sua estrutura social agrária para os industriais e comerciantes provenientes de uma mescla de raças, culturas e tradições diferentes, que se instalam como os novos mandatários do poder e do dinheiro e moldam a dinâmica social urbana da nova sociedade onde a única linguagem sem fronteiras, que todos entendem, é o poder econômico.

⁴¹ Também chamada por vezes de Crise de 1929, é considerada o pior e mais longo período de recessão econômica do século XX. Este período causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do PIB e na produção industrial de diversos países, preços de ações, e em praticamente todo indicador de atividade econômica, em diversos países do mundo. JONHSON, Paul M. *A History of the American People*. Harper Perennial, 1999.

⁴² Getúlio Dorneles Vargas foi por duas vezes presidente da República. Na primeira vez, de 1930 a 1945, governou o Brasil em três fases distintas: de 1930 a 1934, no governo provisório; de 1934 a 1937, no governo constitucional, eleito pelo Congresso Nacional; e de 1937 a 1945, no Estado Novo. Na segunda vez, de 1951 a 1954, governou o Brasil como presidente eleito por voto direto. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo 1930-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Inserida nesse contexto de grandes acontecimentos econômicos e educacionais, Elza termina a fase de preparação junto a Academia Santa Gertrudes, em Olinda, para ser recebida novamente em Recife pela Escola Normal em meados de 1931.

Concomitantemente a esse cenário econômico, ao desenrolar da publicação do Manifesto dos Pioneiros de 1932, ilustrando as questões políticas e educacionais, institui-se a Reforma Francisco Campos⁴³, embora se reconheça ter havido algum progresso no que se refere ao Ensino Secundário, ela não se comprometeu com o Ensino Primário nem como o Profissionalizante Industrial. Conforme Romanelli (1978), Campos preocupou-se bastante com o ensino secundário, sendo o mesmo subdividido em dois ciclos: *“um fundamental, de cinco anos de duração, e outro complementar, de dois anos, visando a preparação para o ingresso no ensino superior”*. (ROMANELLI, 1978, p. 246).

Durante esse período, o objetivo era criar a educação necessária a modernização do país. Então, o ministro Capanema⁴⁴, encaminha ao Congresso o Plano Nacional de Educação em 1937. Nesse processo, é importante salientar que: *“Como podemos notar, Elza tece sua formação escolar partindo das ofertas educacionais da época, mas como poderemos constatar adiante, irá muito além para recriar as possibilidades de então e construir práticas novas.”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

⁴³ Francisco Campos é nomeado por Vargas para assumir o Ministério da Educação; tendo sido ele responsável pela Reforma no Estado de Minas Gerais, procurou resgatar aqueles princípios e empregá-los numa reforma mais ampla a nível nacional. Fonte: HISTEDBR (1986 – 2009) FE/UNICAMP (Glossário).

⁴⁴ Gustavo Capanema (1900-1985) é nomeado em julho de 1934 em substituição a Francisco Campos, permanecendo no cargo até 1945. Apadrinhado por Alceu Amoroso Lima, liderança intelectual do pensamento católico, cerca-se de modernistas e intelectuais como Carlos Drummond de Andrade (Chefe de Gabinete) e Mário de Andrade (autor do projeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).



Figura 6 – Escola Normal (Registro entre as décadas de 1930 e 1940)
Fonte: Coordenação de Processamento, Preservação e Acesso aos Acervos (COPAC)
Departamento de Iconografia (Recife/PE)

Como outras construções que marcaram a história das instituições educativas, a Escola Normal de Pernambuco, no Recife, tornou-se a principal referência na formação de professores daquele estado, e de acordo com Iwaya (apud Bencostta (Org.), 2005, p. 178) *“majestosamente situado, arquitetura sóbria e elegante. Estes são elementos que condizem com o padrão e o estilo de outras escolas normais construídas na época”* evidenciava o prestígio que as escolas normais tiveram no Brasil no início do século XX. Portanto, ao propormos a análise desta iconografia consideramos a riqueza de detalhes, os quais nos permitem adentrar no âmago das representações em torno da “Escola Normal” e tentar compreender a simbologia incrustada em sua designação.

Inicialmente consideramos a localização da escola na parte central de Recife, tendo em vista as justificativas da época, em frente à praça e próxima à Faculdade de Direito. Conforme Bencostta (2005) em regra geral, a localização desses edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, o que Iwaya (apud Benconstta (Org.), 2005, p. 171-191) reafirma como construções planejadas para provocar a admiração naqueles que as observavam de fora e naqueles que tinham o “privilégio” de conhecê-las por dentro.

É possível atribuímos à análise arquitetônica e iconográfica da Escola Normal de Pernambuco que Elza usufruiu de uma educação diferenciada, identificada por meio de dimensões simbólicas e pedagógicas de um espaço próprio, lugar específico para as atividades de ensino do trabalho docente. Segundo Marilda Iwaya (apud Bencostta (Org.), 2005) considerando-se a valorização da qual eram dignos os professores no início do século XX, não é de se surpreender que uma escola de formação de professores, local onde reuniam-se mestres e futuros mestres, fosse ainda mais valorizada e merecesse destaque em meio à configuração urbana,

A Escola Normal⁴⁵, funcionando de 1920 a 1962, registra o nome de Elza, a qual ingressa nessa instituição educacional em plena juventude, se inscrevendo para se formar professora. Podemos afirmar que aí, foi gestada de maneira técnica e formal a Elza educadora, embora concebida anteriormente nas aulas com os irmãos e aulas-domiciliares, depois junto à Academia Santa Gertrudes, que se consolidava a cada etapa. A Escola Normal dá início a sua carreira profissional, outorgando-lhe o título de Professora do Ensino Primário Oficial em 11 de novembro de 1935⁴⁶.

Elza se confirma professora, demonstrou algumas de suas preferências, embora tenha colaborado em outros segmentos educacionais como a Educação e Alfabetização de Adultos que, com certeza Elza deixa refletir suas tendências, que se confirmam assim:

⁴⁵ Atualmente, no prédio da antiga Escola Normal funciona a Câmara de Vereadores de Recife.

⁴⁶ Consultar FREIRE, A. M. A., 2006, p. 543.

A minha grande preferência é realmente trabalhar com criança, porque acho que é um mundo mais criativo. Acho que há algo de descoberta na criança. Daí ter feito minha parte toda de ensino primário com o jardim de infância, com o último período do jardim de infância, com o início da alfabetização, a classe preliminar. (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203).

Elza reconheça essa preferência por crianças, o que certamente foi decisivo para a posterior atuação junto a educação de adultos, e mesmo no exercício de sua profissão em outros níveis de ensino ou no desempenho de outras funções como diretora de escola e docente no Instituto Pedagógica, ela sempre se dedicou com desvelo ao se desdobrar em atividades pedagógicas: “*Mas para não esquecer o programa do primário, tinha alunos particulares para o exame de admissão*”. (ELZA FREIRE apud. COSTA, 1980, p. 203).

Na sua vida e trajetória, enquanto jovem normalista, através de suas discussões e decisões profissionais e pessoais, encontramos apontamentos⁴⁷ sobre Elza como boa aluna e companheira, o que foi representativo na sua formação e sua vida. Como afirma a Professora Débora Vasconcelos, contemporânea da Escola Normal e integrante do Grupo da Encrenca⁴⁸, Elza destacava-se, mas embora se soubesse entre as melhores da turma, tanto em função das notas, quanto em relação ao conceito que dispunha entre os professores, nela estava o “*espírito de colaboração*” que mantinha com o grupo da classe, independente da sua pequena confraria.

Por esse grupo, o Grupo da Encrenca passaram as questões do estudo, das famílias, dos romances. Assim, “*nele e com ele viviam “as coisas da vida”, o cotidiano da escola e as indagações e alegria de adolescentes.*” (SANTIAGO, 1987, p. 10). Temos iniciado aí o aprendizado no trabalho em grupo e com grupos, se vivenciou debates e se discutiu decisões, princípios de solidariedade e compromisso com o outro, que se solidificaram e se disseminaram por toda a existência de Elza.

O contacto desse grupo, seus encontros e reencontros não terminaram com a conclusão da Escola Normal, nem se perderam pelas novas dimensões da vida ou decepções do exílio: “*... dentro das possibilidades de mulheres que se iniciaram no mundo*

⁴⁷ Apontamentos contidos na fonte de pesquisa: Sobre Elza, SANTIAGO, 1987.

⁴⁸ Grupo da Encrenca, composto por: Débora Vasconcelos, Ionísia Marroquim, Maria Lindalva de Oliveira, Cleonice Travassos, Natércia de Lima Machado e Elza Maia Costa Oliveira. Grupo que extrapolava o Grupo da Escola Normal, na década de 30 e foi constituído na convivência escolar pelas jovens normalistas, caracterizava-se como uma pequena confraria. (SANTIAGO, 1987, p.3).

do trabalho: na capital e no interior, que aprofundaram ou não seus princípios políticos, sabiam-se e encontraram-se, inclusive quando Elza retorna do exílio". (SANTIAGO, 1987, p. 11).

A Escola Normal era tida como celeiro das idéias e das reformas no contexto educacional de Recife. Uma vez que, as matizes da Escola Normal, se encontravam a par da atmosfera política e pedagógica da época, recolhendo daí importantes contribuições, que ressaltamos possibilitaram intervenções na formação de Elza.

Cabe ressaltar que podemos identificar a aproximação com as questões políticas, devido a proximidade geográfica e docente com a Faculdade de Direito do Recife⁴⁹, e segundo Santiago (1987), isso possibilitava além dos ensinamentos e conhecimentos, condições para questionamentos, oportunidades de estudo e pesquisa, os quais contribuíram para que Elza se tornasse uma professora com capacidade para entender e trabalhar a educação numa visão ampla, sem ater-se apenas a técnica, isolando a educação do contexto sócio-econômico-cultural.

Entre os professores, nas menções de ex-alunas da Escola Normal, destacam-se Sylvio Lyra Rabello⁵⁰, que não se contentava em repetir aos alunos as lições que lia nos compêndios, ele próprio investigava o terreno de sua especialidade, dentro do meio que vivia e para o qual preparava seus estudantes, tanto que produtos dessas pesquisas são diversos livros publicados sobre os assuntos: Os testes Dedecrolianos do desenho, Psicologia do Desenho Infantil e Psicologia da Infância; e também a professora Eulália da Fonseca⁵¹.

Ainda nessa perspectiva, Elza pode conviver com um quadro diferenciado de docentes: Jerônimo Gueiros, Walter de Oliveira, João Olímpio dos Santos, Leopoldo Pires,

⁴⁹ Faculdade de Direito da Universidade de Recife, um dos mais antigos e tradicionais estabelecimentos do ensino superior no Brasil, foi criada pela Lei de 11 de agosto de 1827, juntamente com a de São Paulo, sob o primeiro Reinado (Imperador Pedro I). Instalada em 15/05/1828, no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Em 1854, abandona a velha cidade e passa-se para a capital do estado, Recife, instalando-se no casarão da Rua do Hospício. Hoje se localiza à Praça Doutor Adolfo Cirne, nº 0 - Boa Vista.

⁵⁰ Nasceu em novembro de 1889 no Recife. Formou-se em Direito, dedicando-se a estudos, aulas e imprensa. Em 1926 foi aprovado em concurso para a cadeira de Psicologia do Instituto de Educação de Pernambuco ou Escola Normal. Membro da Academia de Letras de Pernambuco.

⁵¹ Professora e fundadora do Instituto Recife. *Post mortem* recebeu a Medalha do Mérito Judiciário em 2003.

com destaque para: Sinzenando Elysio Silveira⁵², que dedicou-se paralelamente ao Direito e ao Magistério, lecionou português, francês, latim e literatura em quase todos os estabelecimentos de ensino de Pernambuco, até os 85 anos de idade; Júlio Pires Ferreira⁵³, Waldemar de Figueiredo Valente⁵⁴, formado em Medicina e Farmácia pela Faculdade do Recife, diversas publicações: *Sincretismo Religioso Afro-brasileiro* (1955), volume 280 da Coleção Brasileira, obra antológica que já teve várias edições; *Maria Graham – uma inglesa em Pernambuco nos começos do século XIX* (1957), *O padre Carapuceiro* (1969); *Serrinha: aspectos antropossociais de uma comunidade nordestina* (1973); *Misticismo e região* (1963), *Islamismo em Pernambuco* (1978), *Folclore de Pernambuco* (1978), *O japonês no Nordeste agrário* (1978), também vertido para o japonês, *A dama de ouro* (1990) e *Pastoris do Recife antigo e outros ensaios*, obra póstuma (1995), deixou vários livros inéditos: *Anchieta – homem e santo*, *São Francisco de Olinda: história, arte e folclore*, *Gesta do cangaço*, *Manuel Bandeira – desenhista*, dois volumes de suas memórias iniciadas com *A dama de ouro*.

Tais referências atestam as discussões e comprovam o aceso às questões políticas devido a localização e o grupo de docentes com a Faculdade de Direito do Recife, que além dos ensinamentos e conhecimentos, encontrou neles possibilidades de questionamentos, de estudo e pesquisa, os quais oportunizaram a Elza se tornar uma professora com atributos para ampliar a sua teoria e prática, podendo atuar de maneira mais crítica e coerente, configurando o aprendizado realizado. Podemos salientar a diversidade das áreas do conhecimento, bem como a preparação intelectual do quadro de docentes, e preocupação em atribuir outros aspectos á aprendizagem, como as questões políticas, psicológicas, culturais, dentre outras.

⁵² Em 1881 nasceu em Recife. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1951 recebeu, ao aposentar-se o título de Professor Emérito do Instituto de Educação de Pernambuco, onde foi várias vezes diretor.

⁵³ Poeta e professor formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Membro da Academia de Letras de Pernambuco. Obra publicada mais conhecida: *Modilhos*, 1888.

⁵⁴ Nasceu em 1908 em Recife. Fez estudos de pós-graduação na área médica e sob a orientação de Roquette Pinto, a título de Mestrado cursou Antropologia. Foi catedrático de diversas Universidades e Faculdades. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Considerando que a Escola Normal de Pernambuco era tida como escola modelo para a formação de professores, se constituindo como referência na qualidade do preparo profissional. Elza, com certeza, recebeu importantes e decisivas contribuições por meio do conhecimento educacional, ora pela prática educativa, ora pelo pensamento pedagógico, proporcionado por essa instituição. De acordo com Santiago (2000), a Escola Normal destacava-se pela qualidade de suas reformas na década de 20 e pelo caráter científico que imprimia ao currículo e, aponta nessa perspectiva “*o funcionamento da Escola de Aplicação como campo de estágio útil ao exercício do saber e do saber docente*”⁵⁵ (SANTIAGO, 2000, p. 80).

Elza pode assim conhecer e absorver, os conhecimentos antropológicos, arte-educação, saúde, dentre outros idiomas. Depois pode aliá-los à Didática e à Pedagogia, cadeiras de maior repercussão na grade curricular no seu período da Escola Normal. Nessa escola tradicional, lembrada até hoje pelas suas normalistas que lá tiveram sua formação sólida, receberam também as idéias mais revolucionárias da época, inclusive no período de fechamento político com a instalação do Estado Novo⁵⁶.

⁵⁵ A Escola Normal de Pernambuco é tratada de forma aprofundada por Santiago, Maria Eliete (1994), em *Les politiques de formation et de recrutement des instituteurs et les conditions d'exercice Du metier dans l'Etat de Pernambouc (Brésil). Tese de Doutorado. Paris, 1994.*

⁵⁶ O Estado Novo é o nome que se deu ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil de 1937 a 1945. Período marcado, no campo político, por um governo ditatorial. Apresentou-nos como pano de fundo da ideologia do Estado Novo o mito da nação e do povo. Na realidade, esse foi o momento em que, através da ditadura, se procurou os localismos e viabilizar um projeto realmente nacional. GHIRALDELLI(2006) *História Global: Brasil e Geral*, 2000.

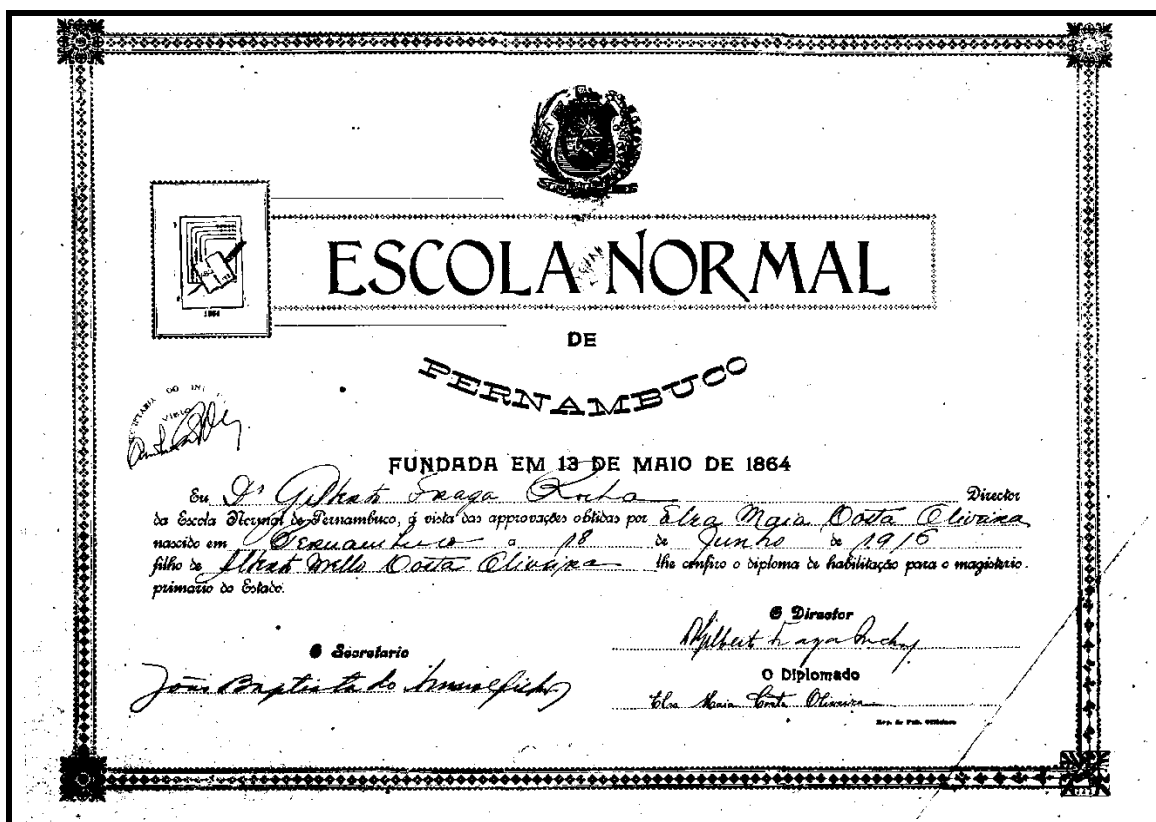


Figura 7 – Diploma de Elza (Habilitação para o magistério primário do Estado – 1935)

Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor

Concluindo o destaque para esse período de amadurecimento profissional de Elza, apontamos a influência disso em sua vida, tanto profissional quanto pessoal, sintetizando o trabalho e o convívio com os professores: “... além de transmitir a matéria despertavam a necessidade de aprender... o ensinamento maior esteve em que os professores não apenas transmitiam as matérias, mas conversavam sobre a vida, sobre o mundo, a relação com o mundo.” (SANTIAGO, 1987, p. 21). Isso marcou profundamente a vivência pedagógica de Elza.

A condição de mulher, o papel de professora e o compromisso de Elza com o trabalho libertador se constituíram numa perspectiva histórica. Entretanto, é preciso estabelecer a análise crítica ao reconhecer que a entrada feminina nas escolas normais oportunizou sobremaneira o acesso a instrução pública, favorecendo o processo de inserção profissional às mulheres. Processo este, que foi conquistado, pela recusa das mulheres à

desigualdade e à passividade em que se encontravam submetidas até então em sua grande maioria.

Registros históricos comprovam isto pelo fato de que o número de alunas nas escolas normais aumentava gradativamente habilitando mais mulheres do que homens para exercerem o magistério. Louro (1997) entende que este fato se deve ao processo de urbanização e expansão da industrialização do país que ampliou as oportunidades de trabalho aos homens e ocasionou o movimento que daria origem à “feminização do magistério”. Como se observa:

A feminização do magistério primário no Brasil aconteceu num momento em que o campo educacional se expandia em termos quantitativos. A mão de obra feminina na educação principiou a revelar-se necessária, tendo em vista, entre outras causas, os impedimentos morais dos professores educarem as meninas e a recusa a co-educação dos sexos, liderada pelo catolicismo conservador. (ALMEIDA, 1988, p. 64).

A inserção profissional das mulheres não ocorreu sem os conflitos que são próprios das mudanças e do surgimento do novo. Resistências, críticas e concordâncias. Elza demonstrava lidar muito bem com essas questões, pois o ambiente institucional que ela freqüentava propiciava uma convivência político-pedagógica sólida. Então, o processo de feminização do magistério como os desdobramentos profissionais de Elza não foram uma concessão e sim uma conquista.

Então, as experiências de escolarização inicial na escola da professora Maria Elisa Viegas, depois na Academia Santa Gertrudes, se complementam com a sua profissionalização junto a Escola Normal. “*A Escola Normal do Recife confere a Elza, em 1935, o título de Professora do Ensino Primário Oficial.*” (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). Todavia, Elza não pára com a conclusão do Curso Normal.

2.3.3 - INSTITUTO PEDAGÓGICO DO RECIFE

“Elza é aluna aplicada e, destacando-se no grupo, é convidada para fazer parte do corpo de professores do mesmo.”

SILVA (in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Percebemos que a implementação do capitalismo industrial no Brasil, a partir de 1930, determinou uma nova organização das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e, também, mudanças estruturais, como a ampliação do papel do Estado e, depois, do capital multinacional, estabelecendo, este último, a relação dependente do capital nacional ao capitalismo mundial. Por conseguinte, determinou o surgimento de novas exigências educacionais. As transformações introduzidas nas relações de produção e a concentração cada vez mais ampla de população em centros urbanos tornaram fundamentais novos requerimentos de qualificação para o trabalho; do mesmo modo, de oferecer instruções básicas à população, pela necessidade do consumo que essa produção requer. Portanto, as exigências do novo modo de produção e de consumo ocasionaram modificações profundas na forma de conceber a educação, tendo o Estado como o principal fomentador das políticas educacionais. Isto se observa, segundo Neidson Rodrigues (1987):

(...) nas propostas em relação a reforma da educação brasileira, a partir de 1930. Sucessivamente a luta pela Escola Nova, a escola industrial e profissionalizante (SENAI, SESI, em 1942), a Reforma Capanema (1942), a primeira Lei de Diretrizes e Bases (1961) e a Reforma do Ensino Superior (1968) e de 1º e 2º graus (1971), até a institucionalização do Mobral (1967), têm procurado realizar o ajustamento da escola para a efetuação das funções caracterizadas como necessidades do modelo de desenvolvimento implantado. (RODRIGUES, 1987, p. 48).

Essas reformas tiveram caráter político-ideológico, assumindo, no campo educacional, características contraditórias, antagônicas. Destacamos que, durante o Estado Novo (1937-1945) a regulamentação do ensino foi levada a efeito a partir de 1942, com a Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino⁵⁷. A partir da Reforma

⁵⁷ Decreto-lei nº 4073, de 30 de janeiro de 1942, que organizou o ensino industrial; Decreto-lei nº 4048, de 22 de janeiro de 1942, que institui o SENAI; Decreto-lei nº 4244, de 09 de abril de 1942, que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginasial, com quatro anos, e o colegial, com três; Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943, que reformou o ensino comercial. (ROMANELLI, O. *História da Educação no Brasil*

Capanema o país mergulha no populismo e inicia-se um debate sobre a educação que se prolongaria por treze anos consecutivos na tentativa de desenvolver um anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB)⁵⁸. Enfim, assevera-se que a LDB/61 nasceu ultrapassada, que fora tão discutida e que poderia ter modificado substancialmente o sistema educacional brasileiro, iriam no entanto, fazer prevalecer a velha situação, agora agravada pela urgência da solução de problemas complexos de educação, criados e aprofundados com a distância que se fazia sentir entre o sistema escolar e as necessidades de desenvolvimento (ROMANELLI, 1978, p. 179).

Em meio a esse contexto, Elza após concluir o Curso Normal, ingressa no Instituto Pedagógico do Recife, inicialmente como aluna. O Instituto foi criado durante o Estado Novo por sua professora da Escola Normal, Eulália da Fonseca, com quem desenvolve trabalhos junto ao Jardim de Infância e Alfabetização, confirmado por Elza: *“Realmente me especializei em alfabetização.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203). Elza sempre demonstrou certa preferência para crianças, com enfoque diferenciado à Educação Infantil.

O Instituto Pedagógico do Recife, funcionando na Estrada do Arraial, em Casa Amarela, na época: *“... era uma casa de aperfeiçoamento de professores, principalmente aqueles vindos do interior do estado, uma vez que a formação inicial e os concursos seletivos não davam conta do bom exercício da profissão.”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). Depois, o Instituto transfere suas instalações para a região central de Recife, conforme se observa pela figura abaixo. Portanto, enfatizamos que Elza demonstrava interesse em já naquela época dedicar-se à formação continuada.

1930-73. Petrópolis, Vozes, 1978; RIBEIRO, M. L. *História da Educação Brasileira. A Organização Escolar*. Campinas, Autores Associados, 2003).

⁵⁸ A discussão da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 4.024/61), durante o longo período que se compreende de 1946 a 1961, constata-se uma disputa de duas propostas de LDB, que traduz a relação paradoxal e contraditória no âmbito político-econômico, cujo embate acontece entre o grupo que defendia o nacionalismo desenvolvimentista, o Estado sendo o carro-chefe no planejamento da economia estratégica para o desenvolvimento do mercado nacional, sem a dependência do capital externo, e o outro grupo que sustentava a tese da iniciativa privada como mecanismo de gerir a economia e a educação institucionalizada, objetando qualquer intervenção normatizadora e fiscalizadora do Estado tanto na área econômica, como na educacional.



Figura 8 – Instituto Pedagógico do Recife (Década de 1980)

Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor

Entendemos que a inserção da mulher na profissão docente, decorre de um processo histórico, onde Elza foi ocupando espaço através do magistério, com base em sua formação, que se mediava pelo conhecimento pedagógico e pela prática educativa.

Entendiam alguns que a mulher tinha por “natureza” facilidade e inclinação para o trato com as crianças e que o magistério deveria ser visto como natural e próprio à sua condição feminina, função adequada às mulheres. Neste contexto à mulher caberia a responsabilidade da reprodução e a educação das futuras gerações, o que não deixou de ser uma participação no campo do poder, conforme discute Almeida:

Dessa forma, viabilizaram um cruzamento entre o público e o privado dentro das condições concretas apresentadas na época. Neste plano simbólico, talvez possa ter-se a explicação da grande popularidade do magistério entre as mulheres e, no plano objetivo, a sua condição representada pela única opção possível para elas dentro do contexto social do período. (ALMEIDA, 1998, p. 69).

O processo de feminização do magistério no Brasil foi constituindo-se ao longo do século XIX, ou seja, o ensino primário visto como profissão feminina é uma construção social. Além disso, era comum se associar o magistério a vocação, abnegação e doação como que encerrando as professoras numa prática e proibições, formadas para a renúncia de si e a abdicação dos desejos. Nesse sentido para Bourdieu (1999, p. 50), a *“força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente e, como que por magia, sem qualquer coação física”*. Dessa forma, é possível propiciar uma discussão que contemple a questão do gênero, do corpo e da educação, sinalizando a intensificação do processo de feminização do magistério.

O que se percebe, nessa perspectiva quanto a Elza é que acompanhando a sua prática pedagógica existia a prática social capaz de mobilizar a participação das mulheres, nas esferas públicas de decisão, permitindo assim, ações para a construção de sua própria cidadania. Elza se demonstrava preparada para assumir seu papel na sociedade da época. Entendemos assim, o magistério e a cidadania exercidos por Elza como processo emancipatório, e conforme Rodrigues (2003) deve ser construído cotidianamente, sobre a prática educativa das professoras. Enfatiza Rodrigues que *“esta prática reflexiva pode oportunizar a identificação de suas representações sobre cidadania e educação para a cidadania”* (2003, p. 58), defende inclusive o aspecto pessoal, quanto ao cumprimento concreto desta função na sociedade e, o fortalecimento do processo democrático, ao desenvolver a participação ativa de seus sujeitos *“envolvidos no processo educativo, do qual a mulher professora é elemento imprescindível”* (2003, p. 54).

Para tentarmos melhor compreender o trabalho educativo de Elza, sentimos a necessidade de ampliar a discussão sobre o movimento da educação, particularmente em Pernambuco, quando se desenvolvia sua formação e preparação profissional, inclusive para regionalizar o contexto e estabelecer um melhor entendimento.

No Brasil, a coletânea de idéias sobre a Escola Nova⁵⁹, esteve no bojo das idéias liberais, constituindo o próprio núcleo do otimismo pedagógico, tendência que delineou o pensamento educacional da década de 1920, sincronizando a programação das

⁵⁹ Consultar: VIDAL, *Escola Nova e processo educativo*, 2000; NAGLE, *Educação e Sociedade na Primeira República*, 1976; MENDONÇA, *A Escola Nova em Pernambuco*, 1987.

idéias e as mudanças institucionais com essa nova corrente. E em seu itinerário o efeito mais profundo que constitui a crítica hoje, de expansão, difusão à realização da Escola Nova em nosso País certamente está no tratamento aos problemas educacionais, que de uma abordagem ampla passou a um tratamento interno, ocorrendo aí um deslocamento do enfoque educacional para o campo da técnica.

As novas idéias chegadas ao País começaram a ser esboçadas em Pernambuco em torno dos anos 1910, tendo em Antônio Carneiro Leão⁶⁰ o seu precursor. Porém, somente no final dos anos 20, em 1928, com a reforma da instituição Pública – Reforma Carneiro Leão, se instala. De acordo com Vasconcelos (1960), essa reforma é:

...considerada por educadores pernambucanos o “mais avançado plano de ensino normal” na unidade federada na época, contemplava desde a organização do segmento educacional no estado ao aperfeiçoamento das professoras já formadas. (VASCONCELOS in SANTIAGO, 1987, p. 19).

Haja vista que as reformas se processaram, ao mesmo tempo, no ensino primário e na escola normal. Em decorrência disso, o novo pensar e fazer pedagógico fundado numa nova concepção de criança ocasionou uma redefinição do papel do professor e os processos metodológicos atingiram a formação e a atuação das professoras, inclusive refletindo nessa preparação para o ensino de Elza.

No conjunto da reforma estava, entre outros, a criação da Diretoria Técnica de Educação – a 1ª do Brasil – a ampliação de jardins de infância, a estruturação do curso normal em dois ciclos e a institucionalização do aperfeiçoamento dos professores. (MENDONÇA, 1987).

Enfatizamos que as experiências desenvolvidas com escolas de aperfeiçoamento profissional, cuja finalidade era o magistério, bem como a formação de supervisores e diretores, como por exemplo o Instituto Pedagógico de Recife, tiveram início na década de 30, no conjunto das medidas de implantação da Escola Nova, porém com a instalação do Estado Novo, que procurou anular e apagar o ideário dessa Educação Nova,

⁶⁰ Carneiro Leão (Antônio C. L), educador, professor, administrador e ensaísta, nasceu em Recife, PE, em 2 de julho de 1887, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de outubro de 1966. Eleito para a ABL. Deixou várias obras publicadas, atuando na política ocupou diversos cargos, sempre voltados para a educação. (Informação obtida via on-line www.biblio.com.br acessado em outubro de 2008).

registrando-se resistência e conflitos políticos e pedagógicos⁶¹. Elza compartilhou destas adequações.

Prosseguindo em seu processo de formação e aperfeiçoamento, Elza foi se aprofundando gradativamente, pela discussão nascida como prática na Escola Normal, na sistematização dos estudos institucionalizados, na prática pedagógica em situações diversas, que através do Instituto Pedagógico foi se aperfeiçoando⁶². O acesso ao Instituto era fundamentalmente decisivo para o exercício da profissão na capital, e a permanência estava entrelaçada ao desempenho durante o curso ele: *“foi um centro de estudos avançados, cuja abordagem contemplava os estudos teórico-práticos, distinguindo-se pela ênfase nas observações e pesquisas e aulas práticas.”* (SANTIAGO, 1987, p. 25).

Inicialmente, o estágio do Instituto Pedagógico foi estruturado para dois anos, logo em seguida reduzido para um ano, mas os estudos desenvolviam-se intensamente em horário integral. A organização curricular centrava-se, de um lado no princípio da funcionalidade, na exigência e importância atribuída ao trabalho em sala de aula. De outro, no da globalidade, na estruturação da matéria de ensino por temas a serem estudados em forma de “Círculos de Estudo⁶³”. Os resultados dos estudos/pesquisas eram apresentados em plenária para discussão e aprofundamento, e trimestralmente, as conclusões eram encaminhadas ao Departamento de Educação. Em síntese enquanto na primeira fase do trabalho em sala de aula era a prática da professora o objeto de análise para formação das professoras/estagiárias; na segunda, passava a ser a prática da própria professora/estagiária o objeto de análise⁶⁴.

A permanência das estagiárias no Instituto Pedagógico estava condicionada ao desempenho nas atividades:

⁶¹ Vide VASCONCELOS, obra citada, p. 131.

⁶² Vide Decretos 588/1941 e Decreto 711/42 sobre criação e alteração do Instituto Pedagógico. (SANTIAGO, 1987).

⁶³ Círculos de Estudos conclusões encontram-se na Revista Educação, volume XI, 2º semestre, 1945.

⁶⁴ Verificar SANTIAGO, Maria Eliete, 1987.

Exigia-se da professora/estagiária, o produto do estudo nos Círculos de Estudo e das salas de aula em forma de trabalhos escritos mensais, semestrais, prática profissional (regência) e prova de capacidade. A avaliação semestral tinha caráter eliminatório, cuja nota mínima era 8. Superando-se a fase eliminatória, restava a “prova de capacidade”, quando a professora deveria comprovar seus conhecimentos perante uma banca oficial, através de uma prova didática: a aula no seu sentido estrito e, obter no mínimo média geral 80. (SANTIAGO, 1980, p. 28).

Neste Instituto Pedagógico, Elza se destacou e se projetou na sua aula de capacidade com o ponto sorteado sobre alfabetização. Estudiosa do assunto, dedicada, ela consegue a nota e o reconhecimento da banca examinadora, composta por profissionais mais qualificados em educação da época: *“Elza é aluna aplicada e, destacando-se no grupo, é convidada para fazer parte do corpo de professores do mesmo.”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). No Instituto Pedagógico⁶⁵ Elza aprendeu e ensinou, antes professora/estagiária, em seguida, tornou-se professora.

No ano de 1942, sob os auspícios do Estado Novo e por iniciativa de Capanema, iniciam-se as reformas de ensino, de níveis (primário e secundário) e modalidades (ensino técnico profissional: industrial, comercial, normal e agrícola), traduzidas nas chamadas “leis orgânicas do ensino”, conforme contextualizamos anteriormente. Foi em pleno desenvolvimento dessas reformas, num clima predominantemente de Escola Nova e na diversidade e confronto de teorias educacionais que a base pedagógica de Elza foi sendo ampliada.

Do drama à glória, da tragédia ao triunfo... Entre os anos de 1939 a 1945, o mundo viveu o maior e mais sangrento confronto da humanidade, a Segunda Guerra Mundial⁶⁶, como bem disse o historiador R. A. C. Parker (2006): *“O conceito que a humanidade tinha de si mesmo, nunca voltará a ser o mesmo”*. A História da Segunda Guerra nos remete ao nazismo na Alemanha e o facismo na Itália; o Dia D; as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki no Japão, o pós-guerra e a Guerra Fria; a participação do Brasil e a atuação da Força Área Brasileira (FEB) e os pracinhas.

⁶⁵ Atualmente CPP (Centro dos Professores de Pernambuco), sede à Rua Souza Bandeira nº 54, Cordeiro, no Recife. (Informações e dados, acesso durante o primeiro semestre de 2008 - www.recife.pe.gov.br).

⁶⁶ Segunda Guerra Mundial (1939-1945) opôs os Aliados às Potências do Eixo. As principais potências aliadas eram a China, França, o Reino Unido, a União Soviética e os Estados Unidos. O Brasil se integrou aos Aliados em agosto de 1942. A Alemanha, a Itália e o Japão, por sua vez, perfaziam as forças do Eixo. (GHIRALDELLI, 2006; *História Global: Brasil e Geral*).

Possibilitou o desenvolvimento pleno de tendências sociais latentes no mundo, após a Primeira Guerra Mundial. Envolveu interesses econômicos, mas foi marcada pela defesa de interesses ideológicos que colocaram em disputa várias visões sobre a política, o homem e a sociedade.

Foi nesse momento, entre 1943 e 1947, que Elza lecionou no Instituto Pedagógico. Nesse centro de estudos avançados, Elza dá continuidade à sua preparação e especialização, cuja prática pedagógica voltada, fundamentalmente, para a alfabetização aperfeiçoa seu arcabouço teórico-prático, salientando para uma postura de pesquisadora:

... pois o curso se pautava pela ênfase na observação, pesquisa, planejamento e nas aulas práticas na Escola de Aplicação. Desenvolvia então, no professor um espírito de pesquisador da sua própria prática e da forma como os meninos e as meninas recifenses aprendiam. (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Buscamos a compreensão do ideário pedagógico da época e nele a força da instituição, detendo-nos ao trabalho educativo em escolas da rede pública estadual de Pernambuco e alguns movimentos de educação de base, trabalho com grupos informais de situações diversas, procurando extrair os fundamentos de sua prática pedagógica. Concomitantemente, nessa perspectiva desenvolvemos a relevância dessas instituições para a formação e o exercício da profissão de Elza, estabelecendo o movimento histórico, com base nos aspectos políticos e educacionais.

2.4 – ELZA: DO INÍCIO DAS ATIVIDADES À EDUCADORA POLÍTICA

“Elza era professora, uma educadora pra mim de um senso, uma sensibilidade prática enorme, com uma capacidade de entender sua própria prática também, muito sensível... Ela falava pouco, mas observava muito, e era muito querida pelos colegas, pelos alunos, e fez uma bonita carreira pedagógica no Recife.”

Paulo Freire (FREIRE, 2005, p. 288).

É necessária essa interação desenvolvida nos parágrafos anteriores, pois desde os primeiros passos e ensaios, quando Elza exerceu o papel de professora dos irmãos:

“Bila” e “Zé de Melo”, se estendendo para as “aulas-domiciliares”, passando depois à prática institucionalizada. Nesse percurso de sua escolarização e formação, trouxemos para a pesquisa, o início na escolinha do bairro, a escola da Professora Viegas; em seguida transferiu-se para Olinda, no colégio confessional e em sistema de internato; ingressou na Escola Normal, sob forte influência da Faculdade de Direito do Recife e por fim o Instituto Pedagógico, quando de aluna se fez docente.

Outrossim, esse último subitem é continuidade de Elza. Com enfoque principal no aspecto pedagógico, busca abranger o início de suas atividades até a constituição da educadora política, perpassando fragmentos das instituições que atuou e alguns depoimentos, procurando sempre agregar fatos e indícios sobre a sua atuação e participação, como por exemplo, a Escola de Belas Artes⁶⁷, que segundo Câmara (1984) teve seu melhor momento, quando o professor Joaquim Amazonas (primeiro reitor), no final da década de 1940, agregou a Escola de Belas Artes à Universidade Federal de Pernambuco, período em que Elza esteve integrando as atividades da referida escola, conforme abordado no decorrer do trabalho. Em 1976 a Escola de Belas Artes de Pernambuco foi extinta para, juntamente com a Faculdade de Arquitetura, o Departamento de Letras e o Curso de Biblioteconomia, formar o Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

O desenvolvimento desse recorte para a pesquisa apresenta um viés entre as principais questões sócio-políticas, com ênfase para os acontecimentos educacionais, sob perspectivas históricas. Assim aos estabelecer o movimento entre os acontecimentos voltados à Educação e o cenário nacional, às vezes até internacional, quando igualmente tentamos demonstrar o clima de uma época, região, estado.

Embora situada na sua fase de preparo profissional no mesmo período que predominou o ideário da Escola Nova, não foi exclusivamente esse pensar responsável pela prática de Elza: *“Com a perspicácia de poucos educadores, certamente gerada no próprio clima do momento e da Escola Normal, soube no processo depurar do ideário da Escola*

⁶⁷ Criada em 1932, a Escola Artes de Pernambuco nasceu da necessidade de se ter, no Nordeste Brasileiro, um estabelecimento de ensino que atendesse ao interesse público voltado às vocações artísticas.

Nova idéias que uniu a outros pensamentos e formas, embasando seu trabalho político pedagógico.” (SANTIAGO, 1987, p. 29).

Observamos que Elza conseguiu lidar com os problemas educacionais, tratando-os para além das questões internas do ensino, estabelecendo uma relação pedagógica mais ampla do que a relação interpessoal. Isso se complementa em Santiago: *“... não rotularia Elza de escolanovista... Porém, não quero dizer que Elza tenha negado uma coisa ou outra: dimensão técnica e relação interpessoal. Mas deu tratamento diferente ampliando-se numa dimensão político-pedagógica”*. (SANTIAGO, 1987, p. 30).

Inclusive porque, se nas práticas pedagógicas de hoje as diferentes tendências se cruzam, se entrecruzam, em décadas anteriores encontramos situações semelhantes.

Outro aspecto que merece destaque em Elza é: *“... seu contato com a arte-educação que, iniciado na Escola da professora Noêmia Varella⁶⁸, irá influenciar sua prática educativa.”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). Com certeza, essa sensibilidade e tendência foram determinantes para prática e a luta pedagógica de Elza no campo da arte-educação, a qual foi ampliada para a alfabetização: *“Na década de 50, Elza Freire dirigia em Recife, uma escola de subúrbio e sob sua influência e estímulo a Professora Mirian Didier iniciou um trabalho de alfabetização através da Arte.”* (MAE BARBOSA apud GADOTTI, 2006, p. 637).

Elza deixa registrado seu pioneirismo ao apresentar inovações pedagógicas e seu comprometimento com a Educação Pública, quando ainda nos anos de 1950, destaca MAE BARBOSA (apud VALE, 2005, p. 20): *“Elza Freire, foi uma das pioneiras na integração da Arte na Escola Pública, enfatizando as produtivas implicações do fazer artístico no processo de alfabetização.”*. E completa que a primeira experiência de alfabetização através da arte em escola pública se deu com Elza, na década de 1950 quando ela era diretora de escola, em Recife.

Como vamos observando e investigando, Elza também deixou importantes e significativas contribuições para a educação, foi sempre nessa perspectiva que atuou inicialmente como professora alfabetizadora na periferia do Recife, e em seguida como

⁶⁸ Noêmia Varella, contemporânea de Elza da Escola Normal, do Instituto Pedagógico e das primeiras experiências em Educação. (SANTIAGO, 1987).

diretora de escola pública. Elza conseguia permutar e partilhar essas contribuições, buscando ampliá-las sempre que possível. Elza foi escrevendo sua história na Educação Brasileira, e na cidade de Recife: *“Elza, sua companheira por 42 anos, professora e diretora de escolas públicas de Recife dos anos 40 até o golpe de Estado de 1964, influenciou-o com seu gosto pelo ato de alfabetizar, de fazer o outro capaz de escrever a palavra e de mostrar a alegria de quem a lê”*. (GADOTTI (Org.), 2006, p. 64).

É possível perceber que, Elza era mais do que uma professora era uma militante pedagógica voltada para os interesses e necessidades do outro, demonstrava preocupações e compromissos com a população mais carente. Acreditava que através da educação, as pessoas transformariam para melhor as suas condições de vida. Enfatizava seu compromisso com a alfabetização, com a educação. Então, ao se desocultar, vamos nos confrontando com as possibilidades de sua real envergadura, podendo concluir que em Elza:

A profunda coerência do seu trabalho de educadora e da sua própria existência permite-lhe ter a exata dimensão da liberdade dos educandos e da sua mesma, enquanto intelectual e o estreito limite da sua autoridade de educadora. Conhecia como ninguém a tênue linha que separa a liberdade da licenciabilidade e a autoridade do autoritarismo. (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Através de outro depoimento, que embora seja em outra data e lugar, traz esse compromisso de Elza com a alfabetização e aquilo que ela representa, muito mais do que simplesmente ler e escrever, mas a alegria e o sentido desse processo: *“Porém não podemos falar numa técnica de Elza para chegar a isto, mas de princípios que a levaram ao uso dos meios variados. Levaram-na muitas vezes a partir do tradicional “soletrar”*. E prosseguindo, a professora Georgina⁶⁹, diz:

... ela não tinha um método definido, um único método. O método dela era a própria criança. A criança não saía dela sem saber ler e com capacidade de raciocínio. Ela fazia de tudo: *“soletrar”, “pegar na mão”, colar, até chegar muito mais cedo e usar o horário do recreio*. (ALBERT in SANTIAGO, 1987, p. 35).

Nesse enfrentamento, numa luta firme e silenciosa, Elza em sua docilidade e meiguice, deixa vir a certeza de que estava a contribuir com o seu trabalho de

⁶⁹ Maria Georgina F. Albert, professora/estagiária do Instituto Pedagógico, conviveu com Elza. (SANTIAGO, 1987).

professora/alfabetizadora ou como diretora de escola que chegou a ser “*Elza era a maior alfabetizadora de crianças que eu conheci.*” E que continuou por onde foi, ganha fundamentação na leitura que as companheiras fizeram dela, dizendo-a: “*Mulher forte e doce... meiga, mas que sabia enfrentar... querer*”. Assim se demonstra a percepção de Maria José⁷⁰ para identificar as características da professora, e ao mesmo tempo reconhecer as características da mulher, enfim descrever Elza. (BALTAR, depoimento in SANTIAGO, 1987, p. 35).

Interesses e necessidades que para Elza, tinham origem na existência concreta, e que se transformavam em oportunidades para entendê-los e trabalhá-los, requerendo o conhecimento e a sensibilidade, a técnica e o compromisso, a teoria e a prática, o discurso e a vivência. Elza superava o senso comum, através da interação e da intervenção com a realidade, deixando sobrepujar ela própria.

Na leitura que faço dessa capacidade de Elza para ouvir/sentir os sujeitos, como processo de interação, bem como articulação e depuração do senso comum, encontro a compreensão para tratar os problemas do cotidiano no trabalho com as crianças das camadas populares. Entre eles, os pequenos “*roubos*” que nunca mereceram castigos, mas não dispensaram a explicação. A “*sujeira do corpo e das vestes*” que nunca foram contempladas com a volta para a casa ou a repulsa, mas com o cuidado, o exercício da limpeza ainda que em horário extra. Bem como a ausência de pais e/ou responsáveis por aluno jamais justificada como falta de interesse. (SANTIAGO, 1987, p. 32).

A interação de Elza foi sendo entendida e praticada não apenas como a relação entre pessoas onde a afetividade e a convivência são uma abstração e superficialidade. Mas, como uma relação cultural que para ser e acontecer, necessita de atenção aos sujeitos que vivem a relação.

A atenção aos sujeitos, nesse sentido teve seu nascedouro na escuta, gerando o envolvimento, do qual se podia estabelecer a interação. Elza não se limitou ao ouvir simplesmente, mas ampliou-o para o ouvir e sentir as questões individuais, que soube colocar e retirar do colectivo. Isso vai sendo demonstrado por toda a existência de Elza,

⁷⁰ Maria José Baltar, professora e contemporânea de Elza na E. E. Ageu Magalhães, em Recife. (SANTIAGO, 1987).

procurar e saber trabalhar a dimensão individual constituindo o social e vice-versa, sem anular ou perder o individual, isso foi influenciando e determinando sua vida e sua obra.

Elza, educadora política, professora e diretora, ser humano, caracterizando-se pela sua aguçada sensibilidade e intuição que lhes possibilitavam estar sempre atenta às necessidades, interesses e motivações dos educandos. *“O seu gosto pela alfabetização e, em especial, pela popular a fará uma educadora apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos – objeto da sua ação e sujeitos da própria aprendizagem”*. (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). Elza política, diretora e professora, caracterizando-se pelo seu compromisso libertador e transformador, conclui Itamar: *“Paixão que a identifica e a une às classes populares e permite que comungue dos seus sofrimentos tanto quanto do seu esforço pela libertação.”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Elza demonstrava autoridade de quem conhecia as manifestações da miséria, compreendia a condição e a natureza humana, e sabia que elas se expressavam de variadas formas; como quem fazia do ato pedagógico um ato político. Elza transformava o complexo ato pedagógico num simples ato de amor. Para Elza: *“No fundo o ato pedagógico é muito amoroso também. É uma coisa assim radicalmente amorosa.”* (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 117). Elza enquanto professora de escola pública, demonstrava autoridade e coerência ao defender a educação e lutar por condições mais dignas para os alunos e suas famílias. Essa postura político-pedagógica não era de amor à miséria ou de quem conhecia a miséria, ao contrário, era de amor à educação e ao ser humano, transformando a educação como ato de amor em prol da humanidade, como possibilidade de extinção da miséria e de intervir na realidade e na sociedade onde se encontra inserido.

Por incontáveis oportunidades na escola, era comum as companheiras de turno observá-la num trabalho quase artesanal junto aos alunos, tentando despertar-lhes o interesse e o gosto pelo estudo, pela escola e educação. Escutando-os antes de qualquer atitude, buscando descobrir as dificuldades, para minimizá-las e atuar junto a isso.

Nesse terreno fértil de reivindicações, possibilidades, organizações e de lutas populares, Elza ensinou e aprendeu, aprendeu e alfabetizou, com o povo na luta que se enfrenta dia-a-dia para sobrevivência, atuando diretamente nas escolas, Elza conviveu e viveu com essa população, compreendeu e por compreender essa situação, retribuiu essa

sua aprendizagem com “o esforço de fazer com que cada criança que com ela estivesse, ampliasse o que trazia das suas casas e a elas retornassem com um novo aprendizado.” (SANTIAGO, 1987, p. 34).

Até o início da década de 1960, seu campo principal de atuação escolar, de trabalho pedagógico em Recife, no Brasil, foi o bairro da Casa Amarela⁷¹, desde sempre bairro populoso e sofrido que concentra, até meados do século XXI, uma população excluída e marginalizada. Mas, também concentra historicamente uma parcela considerável de pessoas que lutam, reivindicam o que precisam e sabem o que querem.

Conforme a professora SANTIAGO (1987), Elza sabia e entendia que a realidade tinha origem fora da escola e era bem maior daquela que se apresentava, embora, fosse na escola que se mostrava à professora. E resume: “Essa forma de tratar os sujeitos, de compreendê-los sem amaciar a realidade perversa em que viviam, foi testemunhada no seu cotidiano de professora nas escolas por onde passou e por seus companheiros mais próximos.” (SANTIAGO, 1987, p. 33).

Diante dessa fundamentação, é imprescindível a reflexão crítica em torno do sujeito e das relações que esse sujeito estabelece com os outros. Essa experiência se autentica dialógica e político-pedagógica, além daquela dimensão afetiva quando desenvolvida entre as pessoas, entre todos os participantes de um grupo. Nessa perspectiva, Elza demonstra que essas questões e problemas não a intimidavam, lidava com eles sem autoritarismo nem tampouco paternalisticamente. Elza pesquisava as pessoas de forma amorosa, fazia disso um ato pedagógico, estabelecia assim um processo de entrevistas ao compartilhar suas histórias de vida.

⁷¹ Casa Amarela já foi o mais populoso bairro do Recife, perdendo essa condição a partir de 1988 algumas de suas áreas transformaram-se em bairros autônomos. O bairro surgiu numa área onde, em 1630, o general Matias de Albuquerque ergueu o Forte Real do Bom Jesus, com o objetivo de “proteger o interior de Pernambuco contra os invasores holandeses”. A formação do bairro passou, também, pelo final do século XVIII, quando os Engenhos Casa Forte e Monteiro foram desativados. É versão aceita que o nome de Casa Amarela teve origem no seguinte episódio: No século XIX, um rico português chamado Joaquim dos Santos Oliveira estava doente de tuberculose e, por recomendação médica, veio morar no povoado, pois a região tinha clima propício à cura. Para morar, esse português mandou construir uma grande casa cuja fachada foi pintada na cor ocre. Com o passar do tempo, o português ficou curado e a casa dele (que os vizinhos chamavam de “a casa amarela”) acabou dando nome ao povoado. Informações on-line, via www.recife.pe.gov.br acesso durante o segundo semestre de 2008, entre os meses de agosto e setembro).

A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual*: um olhar que consente com a necessidade, à maneira do “amor intelectual de Deus”, isto é, da ordem natural, que Spinoza tinha como forma suprema do conhecimento. (BOURDIEU, 2001, p. 704).

Essa percepção nos possibilita ampliar a discussão e a fundamentação em torno de Elza, seu *amor intelectual*, sua sensibilidade solidária, sua prática pedagógica, sua luta política, sua coerência profissional, para irmos situando-a na pesquisa ao perscrutar as suas contribuições para a Educação.

Entendemos que a percepção surge de uma intencionalidade subjetiva, forjada na dinâmica dos processos naturais e nos movimentos para captar e significar conhecimentos. A percepção não é um contemplar desinteressado, isento, objetivo, mas é ato sensível de uma consciência imersa no aqui e agora, que toma conhecimento em ações motivadas por interesses elevados e vitais. Segundo Julieta Desaulniers “*é um recurso essencial, que consiste num amplo movimento de coisas até o espírito, mas também do espírito até as coisas, e por isso os conteúdos percebidos têm sempre um ingrediente subjetivo*” (DESAULNIERS, 2000, p. 115). Portanto, a percepção é uma função psicológica de dimensão profundamente espiritual.

Consoante essa fundamentação, consideramos que Elza era portadora de percepção, que se manifestava em sua capacidade de “ser mais”, às quais se expressavam por meio de sua prática pedagógica concomitantemente ao seu compromisso com o trabalho libertador. Isso se atesta também pelo fato de que Elza demonstrava comportamento arrojado e vanguardista para a época com caráter crítico-reflexivo tanto às questões de formação inicial e continuada, quanto às questões de percepção. Elza demonstrava coerência entre a profissional e a pessoa, a não promover dicotomia entre os processos de convivência, aliando teoria e prática. Embora com atitudes objetivas, suas características eram subjetivas. Nesse contexto destacamos a iconografia do certificado do curso de psicologia concluído por Elza em novembro de 1961, quando ocupava o cargo de Dirigente nível 12.

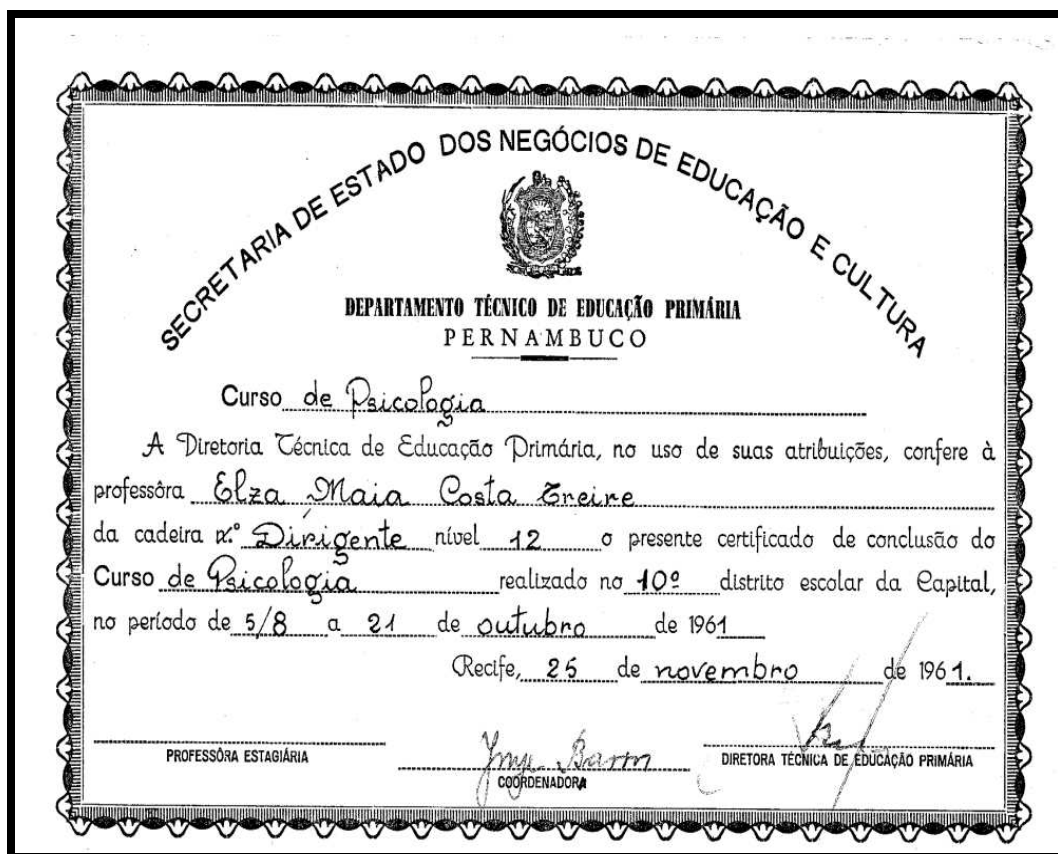


Figura 9 – Certificado de Elza (Curso de Psicologia – 1961)

Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor

Elza formou-se pela Escola Normal de Pernambuco em 1935; foi nomeada professora dessa rede, após aprovação em concurso público, em 11 de janeiro de 1943. Entre 1943 e 1947, lecionou no Instituto Pedagógico, e em 1948 e 1949 na Escola de Especialização. A partir de 1951 até 1953 exerceu o cargo de diretora na Escola de Especialização Ageu Magalhães. Em novembro de 1953, foi diretora Padrão I da Escola Mota e Albuquerque. Já em 1954, lecionou na Escola Clotilde Meira. No período de 1954 a 1956, retornou para a Escola Mota e Albuquerque. De janeiro de 1956 até meados de 1964, foi dirigente Padrão da Escola Caio Pereira. Como dirigente da Escola Joaquim Nabuco, terminou o ano de 1964, partindo em seguida para o Chile⁷².

⁷² Informações contidas em FREIRE, A. M. A. 2006, p. 543; ELZA FREIRE, apud COSTA 1980, p. 201.

Cabe ampliarmos o contexto histórico, especificamente as análises que antecedem ao Golpe Militar e a sua relação com Paulo Freire, contextualizando as atividades político-pedagógicas de ambos e questões sobre a Educação de Adultos no Brasil. Essa temática será abordada a partir do próximo capítulo, quando há de fato a inserção de Paulo Freire no desenvolvimento do processo, aprofundando sobre a nossa proposta sobre a Pedagogia da Convivência, quando esperamos contemplar essas lacunas. A nossa intenção é que o enfoque seja totalmente voltado para Elza.

Elza aprofundou seus estudos; ampliou atividades com a arte-educação; compôs equipes técnicas; integrou e fundou instituições; socializou seus conhecimentos em alfabetização; aliou conhecimento científico e técnico ao contexto político-pedagógico sem se isolar do contexto da vida. Citações que demonstram a qualidade nos momentos vividos, isso era marca de Elza: *“Penso assim porque gostosamente me realizei.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 200). O compromisso de Elza com a Educação e com a alfabetização, sua instrução e formação acadêmica, não se vincula “claramente” a ideais quanto à miséria ou à pobreza e, sim a profissionalização na Educação, que compreende e envolve questões sobre a formação inicial e continuada, carreira, salários, reconhecimento, enfim, a discussão do ensino público no Brasil, de qualidade e com dignidade, dentro de uma perspectiva crítica e politizada, reflexiva e científica.

Elza lutadora, intelectual e professora, superava adversidades e desafios, ao demonstrar capacidade e qualidade ao fazer, ao pensar e ao sentir, implícito na disciplina e na liberdade, no respeito dela e para com os outros. Essa maneira de ser se desdobrava no seu trabalho, onde quer que tenha se desenvolvido foi edificado, perpassando os princípios teórico-metodológicos que registram e testemunham o seu envolvimento com a Educação e com a humanidade, desde o início das atividades à educadora política.

CAPÍTULO III

PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA

“Ama-se várias vezes diferentemente”.
Elza Freire (in PASSETI, 1998, p. 43)



Figura 10 - Elza e Paulo Freire na década de 1960

Fonte: Acervo Pessoal de Vera Barreto

Elza amou a vida e as causas de sua vida. Casou-se com Paulo Freire em 1944. Dessa união cinco filhos vivos, sendo as três Marias: Madalena, Cristina, Fátima, e também Joaquim e Lutgardes. Mais que companheira amorosa e profissional competente, mostrou-se profundamente comprometida à causa da Educação, solidária às causas humanitárias e libertárias. Elza promoveu a aproximação crítico-reflexiva de Paulo Freire com as questões educacionais. Através desse encontro, se desenvolve a Pedagogia da Convivência, por meio da qual ela influenciou e contribuiu para a construção das teorias e práticas Freireanas, ao ser partícipe desse processo histórico.

CAPÍTULO III

PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA

“Ama-se várias vezes diferentemente.”
Elza Freire (in PASSETI, 1998, p. 43).

Para discorrermos sobre o capítulo que se segue, procuraremos reforçar alguns aspectos que consideramos essenciais para a “Pedagogia da Convivência”, temática referenciada nos capítulos desta dissertação, bem como da aproximação afetiva e intelectual entre Elza e Paulo Freire e, que se torna relevante e decisiva como possibilidade para o processo de fundamentação e construção dessa Pedagogia.

Temos interesse, também, em apresentar como foram se estabelecendo as aproximações entre Elza e Paulo Freire, a partir do encontro para as aulas de gramática até o matrimônio em 1944, na tentativa de preservar os conflitos e as diferenças, mantivemos as citações pertinentes a esse momento, separando-as segundo critério e coerência.

O desafio, portanto, deste capítulo é que a pesquisa assume outra dimensão a partir do casamento de Elza e Paulo Freire na primavera de 1944; no que concerne a esse aspecto do estudo, demonstramos a teoria formulada e batizada por nós de Pedagogia da Convivência, onde teriam sido fundadas as bases para o desenvolvimento do “método” e a criação das “teorias” defendidas por Paulo Freire, possibilitando estruturação, fundamentação e consolidação das experiências com adultos, o que nos remete à gênese dessa Educação no Brasil, com ênfase às influências de Elza, ora com suas contribuições, ora com suas participações.

A Pedagogia da Convivência se fundamenta nas categorias Freireanas, às quais se agregaram as categorias de análise surgidas com a pesquisa, denominadas por nós de Elzarianas e, tem como referências principais o “pensar”, o “fazer”, o “falar” e o “sentir”. Parte do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação que por sua natureza, requer respeito e coerência. Por meio da investigação científica, o que nós fizemos foi trazer essa reflexão para o contexto pedagógico, com critério acadêmico. Ou seja, é através dessa convivência e dos “saberes diferentes” que o conhecimento é

compartilhado, mediante o processo ensinar-aprender, pautado na “amorosidade”, “criticidade” e, sobretudo “conscientização”.

A pesquisa considera que essa Pedagogia da Convivência, entre Elza e Paulo Freire, possibilitou a estruturação e a fundamentação da Pedagogia do Oprimido, bem como dos desdobramentos da Teoria do Conhecimento e práxis formuladas e desenvolvidas por Paulo Freire.

O que se percebe ainda no desenvolvimento do capítulo, com destaque é a constituição da família, denominada por Elza como uma “*família grande*” em seu caráter humanitário, cujos aspectos político-pedagógicos se fazem perceptíveis na educação dos filhos, indícios dessa convivência, dos quais Elza é elemento imprescindível.

Este movimento nos permite elaborar um roteiro em que as novas significações históricas são trazidas em torno das multifaces de Elza, para a compreensão das inter-relações sociais e entre as situações, das quais Elza faz parte e interage. Encerramos o capítulo ao apontar para as possibilidades de “*um novo olhar*” a partir de Elza.

Reforçamos as idéias de Bourdieu (1998); Scocuglia (2001), Freire (2003), Scott (1990), Beauvoir (1970), Amaral (2008); bem como informações e narrativas contidas em Santiago (1987), com destaque para a poesia escrita por Paulo Freire sobre Elza.

Novas significações históricas são trazidas, na contemporaneidade, para o conhecimento em torno de Elza, segundo ela mesma: “*Ama-se várias vezes diferentemente*” (in PASSETI, 1998, p. 43). No entanto, torna-se necessária uma reflexão sobre a abrangência destas novas significações, para que as possibilidades de compreensão sejam desafio para discussões mais críticas. Freire comenta sobre essa descoberta: “*Nós, como gente, nos amamos e passamos a compreender a possibilidade de amar, mas sem desamar a todos que foram amados e não só a quem se amou em particular*”. (in PASSETI, 1998, p. 43). Assim, afirma era esse o sentido que Elza dava.

3.1 – ENTRE 1935 E 1944

“(…) Mas ninguém encontra apenas, porque é encontrado. Numa esquina qualquer da vida eu encontrei Elza e ela me encontrou. E deu certo o encontro.”

Paulo Freire (in BARRETO, 2004, p. 23).

Elza e Paulo Freire foram apresentados, conheceram-se e se enamoraram entre 1935 a 1944. Época em Recife, da década de 40 do século passado. Silva (2002) enfatiza que algo muito comum para as práticas de encontros entre os enamorados nas décadas de 30 e 40 do século passado, foi o chamado flerte, com troca de olhares, sorrisos, gestos significativos, que na maioria das vezes poderiam caracterizar um “*affair*”. Para Gaiarsa (1995) o sentimento de amor mantido no namoro, uma vez que completa sua função, tende a desaparecer. O autor acredita que talvez seja verdadeiro, mas que está descrito no modo de agir, nas atitudes e não apenas como sentimento. O amor depois que amadurece a personalidade dos jovens que estão enamorados, funde-se e torna mais branda a relação.

No entender de Ferreira (1995)⁷³, o conceito de namorar é “[...] procurar inspirar amor a, apaixonar-se, cativar, atrair. Manter relações de namoro com, ser namorado de. Desejar ardentemente. Empregar todos os esforços para obter. Procurar “conquistar”. Ao mesmo tempo, o termo tem como significado “o ato de namorar, galanteio, chamego, xodó”.

Foi a educação que circunstancialmente aproximou Elza e Paulo Freire, ele na condição de professor e ela de aluna. Já formada, precisando de aulas de Língua Portuguesa para se submeter a um concurso público, recebe da Professora Débora Vasconcelos⁷⁴, sua colega da Escola Normal e companheira do Grupo da Encrenca, a indicação de Paulo Freire para as aulas de que necessitava. Elza foi encontrá-lo em seu endereço. As aulas aconteceriam no Bairro do Espinheiro, onde ela residia. “*Depois de ensinar português por cinco anos, Elza e eu nos conhecemos. Casamos e tivemos cinco filhos e hoje tenho oito netos.*” (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83). Em outro momento, Paulo Freire conta como inicialmente aconteceu o encontro, ao narrar:

⁷³ FERREIRA, A. B. H. Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1995.

⁷⁴ Colega da Escola Normal e companheira do Grupo da Encrenca. Fonte: SANTIAGO (1987).

Fui seu professor de sintaxe. Foi assim que a conheci. Teria ela de fazer um concurso cujo resultado dependia um degrau a galgar em sua carreira profissional e me procurou para lhe dar umas aulas em torno da matéria. Por causa daquele curso de sintaxe eu hoje sou avô de oito netos. (FREIRE in VALE, 2005, p. 17).

Segundo a professora Vera Barreto (2004): *“Foi nesta época, que Paulo conheceu Elza Maia Costa Oliveira, uma professora de pré-escola que marcaria, definitivamente, a sua vida pessoal e profissional.”* (BARRETO, 2004, p. 22). Paulo Freire refere-se sobre aquele momento, apontando para as principais dimensões da vida: pessoal e profissional. Esta declaração é importante subsídio para a nossa investigação, pois demonstra que Elza marca definitivamente a vida pessoal e profissional, nas próprias palavras de Paulo Freire. Enquanto que Elza, determinada e decidida, determinada para a vida profissional ao se preparar para o concurso público, decidida por Paulo Freire. É possível a confirmação de que Elza *“sempre sabia o que queria, que sempre soube o que querer”*. (SANTIAGO, 1987), extraída daqueles que com ela conviveram.

Ambos se escolheram. De acordo com o filho Lutgardes, os aspectos pessoal e profissional sempre estiveram à frente das influências exercidas e sofridas entre Elza e Paulo Freire:

Da mesma forma que travamos na vida a nossa luta política, em nossa vida particular também escolhemos nossas parceiras, nossos parceiros. Foi assim que Paulo a escolheu e foi escolhido por Elza, sua companheira durante quarenta e dois anos. Elza era professora exemplar, uma educadora que influenciou Paulo, assim como Paulo a influenciou. (COSTA FREIRE apud SOUZA, 2001, p. 341).

A vontade de Elza em prestar concurso público aliada à necessidade de Paulo Freire em ministrar aulas particulares de português, o encontro *“em uma esquina qualquer da vida”* para que juntos pudessem iniciar não apenas a vida em comum, entre homem e mulher, vida de casal, juntos constituir família, ter filhos e netos, mas, sobretudo para que conjuntamente desenvolvessem outra abordagem para a Pedagogia, fundamentada na pedagogia que liberta, conscientiza e transforma. Esse re-encontro não marca tão somente a história de Elza e Paulo Freire, com certeza deverá deixar marcada a História da Educação.

Confrontar nessa perspectiva os valores tradicionais com aqueles emergentes. E de acordo com Paulo Freire: *“Elza vivia muito bem a tensão entre liberdade e autoridade”*. (FREIRE in VALE, 2005, p.17). Portanto, observa-se a coerência entre forças antagônicas

por parte de Elza, instituindo assim as possibilidades de desenvolvimento crítico feminino que pudesse significar a liberdade de questionar-se sobre a condição da autoridade.

De acordo com Almeida (1985) a família brasileira seria uma adaptação ao sistema colonial, ou seja, resultado de um processo singular de criação de um determinado tipo de estrutura social, a qual naturalizou historicamente o modelo patriarcal⁷⁵. Nas discussões a respeito do tema, durante a década de vinte (quando estava em voga o processo de modernização das estruturas de produção e de comportamentos, sobretudo em Recife), o principal articulista em Pernambuco foi Gilberto Freyre. Prosseguindo Almeida (1985) ele defendeu ao longo desse período, a campanha regionalista e tradicionalista, a qual pressupunha que a sedução ao moderno desenraizaria as tradições familiares do *ser original do Nordeste*.

Atualmente, muitas críticas e releituras desse modelo são realizadas pelos historiadores. Alguns até buscam anular sua existência e viabilidade, afirmando que não seria condizente com a realidade brasileira (principalmente a realidade do Sul e Sudeste). É bom observar que Freyre analisou, com primazia, os modelos de família no nordeste, sobretudo em Pernambuco. Provém dessa visão o resultado de alguns trabalhos posteriores de intelectuais como Oliveira Viana e Alcântara Machado, que generalizaram o conceito freyreano, estendendo-o para todo o resto do território brasileiro, através da fórmula *família brasileira = família patriarcal*. Assim, conclui Almeida (1985).

Ao passo que no matriarcado, as famílias eram centradas nas mulheres; como sendo uma forma de sociedade onde o poder é exercido pelas mulheres, especialmente pelas mães. Segundo Prado (1985) no matriarcado, as famílias eram centradas nas mulheres e os indivíduos eram identificados pela sua origem materna, e completa que havia o culto ao poder reprodutivo feminino considerado um sinal de fertilidade da natureza. Considerada fenômeno literário dos anos 30 e 40, Rachel de Queiroz aborda questões como o matriarcado presente no Nordeste brasileiro, família, personagens femininos radicais, etc.

⁷⁵ A estrutura desse modelo foi elaborada teoricamente por Gilberto Freyre, e reproduzida dentro da historiografia subsequente aos seus principais trabalhos (*Sobrados e Mocambos e Casa-Grande Senzala*). Autores como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Antônio Cândido são alguns exemplos dentro da historiografia brasileira que se utilizaram desse conceito elaborado por Freyre.

Isso nos conduz ao entendimento de que os conjuntos e sistemas humanos, ao se organizarem, tornam-se construções culturais, estruturas sociais que influenciarão e às vezes até determinarão as relações e os comportamentos dos homens e mulheres inseridos nessas organizações. Beauvoir (1970), com a afirmação abaixo, sintetiza a desmistificação radical da condição feminina:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho castrado que qualificam de feminino. Só a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como outro.” (BEAUVOIR, 1970, p. 323).

Escrevia Simone de Beauvoir (1970) que a disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal. Segundo Amaral (2008), entendendo “*feminilidade*” como uma construção⁷⁶, e ao trazer à tona essas discussões, deve-se refletir, pois, sobre as razões históricas que fundaram a sociedade patriarcal e a sustentam, e sob a perspectiva de Beauvoir trataram a mulher como um “*segundo sexo*”, silenciando-a e relegando-a para um lugar de subalternidade.

É a partir da frase já célebre: “*On ne naît pas femme, on le devient*”⁷⁷ que Beauvoir (1970) em seu livro “O segundo Sexo” desafia e questiona a noção de que a biologia é determinante para os papéis atribuídos às mulheres e de que existe uma “*essência feminina*”. Ana Luísa Amaral (2008) afirma que Beauvoir irá apontar soluções que visam à igualdade entre os seres humanos.

Elza, mulher amando homem mais jovem. Paulo Freire nascido a 19 de setembro de 1921, ela, 16 de junho de 1916. Paulo Freire, órfão de pai, desde os 13 anos de idade, subempregado, professor de aulas particulares. Elza, filha de comerciante e prendas

⁷⁶ Segundo AMARAL (2008), a teorização de Beauvoir é levada a cabo a partir da dupla edificação deste conceito dentro do paradigma patriarcal – o “feminino” como essência e o “feminino” como código de regras comportamentais. Fonte: Artigo publicado pelo jornal “Público”, no dia 09 de janeiro de 2008, centésimo aniversário do nascimento de Simone de Beauvoir, no Porto, Portugal, também disponível <http://feministactual.wordpress.com> (Acesso durante o mês de abril/2009).

⁷⁷ Essa frase é considerada um marco, pois foi a partir dela que teóricas feministas como Joan Scott irão, nos anos 1980, refletir sobre o estabelecimento da diferença entre sexo e gênero (diferença sexual socialmente construída).

domésticas, já se formara para professora. Elza e Paulo Freire traziam em si muito além de algo em comum que se apresentara num primeiro momento: o amor e a educação.

Conforme Elza, seu pai Alberto “... *preferia mesmo que a gente tivesse amigos, que os amigos do meu irmão fossem amigos nossos... e não teria oportunidade de ter medo de homem, porque no nordeste a moça fica sempre assustada*”. (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202). Já para sua mãe Dona Josepha “*Finfa*”⁷⁸, a opinião se apresenta bem diferente: “*Pois não era, certamente, este jovem e pobre professor o que ela idealizara para a filha, inclusive, pela aproximação de outros pretendentes em condições sócio-econômicas mais estáveis que a de Paulo na época.*” (SANTIAGO, 1987, p. 13).

Diante desse contexto, a situação se agravou, pois surgiram situações mais concretas, no sentido de ser “aceito” por uma sociedade um romance de características heterogêneas e incomuns, classificado como “fora dos padrões”. A narrativa do filho Lutgardes confirma :

(...) não queriam que a minha mãe se casasse com o meu pai, foi uma briga, foi uma coisa difícil, eles tiveram que praticamente casar fugindo. Porque a família do meu pai, já não tinha as mesmas condições que a família da minha mãe, então eles queriam uma família mais rica pra minha mãe, de uma situação melhor. Mas, a minha mãe estava apaixonada, perdida pelo meu pai, então eles se casaram, mas foi difícil. (LUTGARDES COSTA FREIRE, 2007).

As dificuldades iniciais, assim foram sendo vencidas, as diferenças sociais rompidas, para que outras fossem surgindo, pois a escolha estava feita. Foi essa decisão que Elza apaixonada, apesar de contrariar a família, ao brigar e até fugir, levou-a de encontro a Paulo Freire. Daí seja capaz extrair confrontos de valores e conflitos de conceitos, através de atitudes arraigadas a uma organização social em plena década de 1940, no Nordeste Brasileiro.

É importante fazer referências sobre esta sociedade predominantemente “machista”, uma sociedade onde a fronteira que separa o “mundo dos gêneros” (masculino/feminino) está bem definida (ainda que haja sempre espaço para transgressão, a deambulação *inter-mundus*). Entendemos que este modo de vida de Elza, resume-se a uma

⁷⁸ Apelido informado por Madalena Freire (2008) em depoimento para esta pesquisa.

série de comportamentos, de valores e de atitudes cuja assimilação e aprendizagem se tornam importantes para a “sobrevivência e aquisição de prestígios sociais” das pessoas.

Tais apontamentos indicam que Elza pertencia a uma família que tinha a Educação como valor – simbólico e de consumo; bem como vinha de uma classe que creditava à cultura práticas de consumo. Portanto, a família de Elza adotava na educação e na cultura práticas estruturantes do cotidiano.

Ao confrontarmos esses posicionamentos de seus pais com a sua vontade expressa com referência a Paulo Freire, a contribuição crítica de Bourdieu (1998), possibilita a reflexão sobre a questão de honra⁷⁹ e a instituição matrimonial que se configurava e, posteriormente se efetivaria entre Elza e Paulo Freire.

A firmeza de Elza demonstrada nas citações anteriores legitima que foi ela que, confronta a vontade dos pais e, viabiliza, com isso, a opção pelo amor e pela educação. Sendo assim, diretamente, lutou como mulher e educadora, decidindo-se por Paulo Freire. Isso é muito bem representado pelo trecho que se segue:

(...) a educação e os ideais de liberdade e amor inconstantes ao Brasil e aos brasileiros pobres e oprimidos desperta nos dois. Deste contato e do conhecimento mútuo que a educação possibilita, nasce o amor que obriga Elza a confrontar a vontade de sua mãe que sonhava para a filha algo melhor que um rapaz pobre e, simples professor e mais jovem que ela. Soube lutar, também como mulher que apaixonada, queria decidir e optar pelo amor e pela educação. (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Desde jovem, Elza se apresentou diante de si mesma e dos outros em defesa dos seus direitos, conforme observado na citação anterior, e o que ainda nos dias atuais marca a família Freire e delineou toda uma vida de luta em prol da Educação, dos esfarrapados e oprimidos. Indiscutivelmente, força e querer nascidos a partir dela mesma, que depois vai se amadurecendo pelas escolhas, estabelecendo parcerias, exercidas nas experiências da vida e da convivência, e pelo passar dos anos.

Esse “*querer*” de Elza, explicitado por ela, citado pelos amigos e companheiros de existência, determina seu modo de ser e de fazer, registrando-a nas coisas que fez, na trajetória de vida que edificou, exemplificando-a. Mas esse “*saber querer*” não se

⁷⁹ Em algumas sociedades, o sentido de honra, em contraposição à vergonha social, chega a ter estatuto de uma instituição, tal é a sua importância (BOURDIEU, 1998).

impunha, era argumentado, dialogado, sem precisar desprezar ou anular a vontade e a opinião do outro. “*Saber querer, ter a clareza das coisas feitas e aquelas a fazer, permitia-lhe abrir e fazer novos caminhos. Nessa tentativa caminhava e, na maioria das vezes chegou onde desejava.*” (SANTIAGO, 1987, p. 14). Diante dessa afirmativa podemos conhecer mais sobre Elza, sua personalidade e determinação.

Elza em sua capacidade de amar e de lutar, demonstra o que queria, emprega movimento em sua vida e através dele, colabora para que outras vidas sejam transformadas a partir da sua. Portanto, nesse recorte entre os anos de 1935 até 1944 temos o período de investigação que compreende as discussões em torno do encontro de Elza e Paulo Freire, das primeiras aproximações cognitivas e afetivas, bem como os conflitos e as dificuldades advindas dessas escolhas, com vistas à realização do procedimento metodológico empreendido.

3.1.1 – PRIMAVERA DE 1944

“(...) casei-me aos 23 anos, em 1944, com Elza Maia Costa Oliveira, hoje, Elza Freire, pernambucana do Recife... De nós dois vieram ao mundo cinco filhos, três moças e dois meninos.”

Paulo Freire (FREIRE, 2003, p. 17).

Durante a segunda Guerra Mundial (1939-1945), na primavera de 1944, no Recife, Elza e Paulo Freire casaram-se na Igreja Matriz da Soledade, em 10 de novembro de 1944. Ela professora primária, ele estudante universitário e professor de Língua Portuguesa. O casamento civil foi realizado no Palácio da Justiça, no dia 1º de dezembro do mesmo ano⁸⁰.

Elza residia com os pais no Bairro do Espinheiro, onde recebia as aulas de português ministradas por Paulo Freire quando o conheceu, depois pelo casamento⁸¹

⁸⁰ Consultar FREIRE, A. M. A., 2006, P. 541-544. *Paulo Freire: Uma história de vida*.

⁸¹ *Sobre Elza*, texto preliminar para discussão, Maria Eliete Santiago (1987), foi a principal fonte de pesquisa para a compreensão de acontecimentos, busca de informações desse período, igualmente para a sugestão de outras fontes.

transferiu residência para o Bairro Casa Forte. Desde então, Elza Maia Costa Oliveira, passa assinar Elza Maia Costa Freire, posteriormente conhecida mundialmente como Elza Freire, para a nossa pesquisa simplesmente Elza.



Figura 11 – Elza e Paulo Freire, 1944. Rua Padre Domino, casa 46, Casa Forte, Recife/PE.
Fonte: Acervo Pessoal de Lutgardes Costa Freire

Dos primeiros tempos juntos, o caráter de originalidade, autenticidade e coerência de Elza e Paulo Freire, sempre em discussão a questão pedagógica, seja no contexto pessoal ou profissional, seja quando em conjunto: “*De seu difícil e pedagógico começo de vida com Elza com recursos tão poucos que móveis comprara feitos artesanalmente de caixões de querosene.*” (ROSAS, 2003, p. 54). Foi assim que esse início de convivência se estabelecia na cumplicidade e no diálogo, no amor e na pedagogia, e iria

acompanhá-los durante toda a vida, cuja trajetória foi compartilhada e sofrida, intensamente com a mesma impressão daqueles anos iniciais “*A minha vida foi com ela, nos 42 anos, uma vida de namorados.*” (FREIRE, 2005, p. 288). Para discursar sobre Elza e incursionar por ela, requer um pouco da sensibilidade dela própria mesclada à poesia de Paulo Freire, que quando falava sobre Elza, certamente vivenciava o que sentia e pensava. Por isso, retomamos palavras que deixam conhecer os sentimentos que Paulo Freire demonstrava por Elza:

Às vezes, nos discursos, falava da mulher com toda a poesia de que Paulo Freire era capaz. Lembro-me então de uma vez em que falou tão bem de Elza, que era sua companheira, sua amiga, sua musa, enfim, que as nossas mulheres ficaram invejosas. Às vezes passávamos maus bocados para explicar por que não tínhamos esse discurso, como tinha Paulo Freire de sua bela Elza! (CABRAL, MÁRIO apud FREIRE & GUIMARÃES, 2003, p. 189).

É possível se observar de maneira textual que o casamento de Elza e Paulo Freire deixa evidente o entrelaçamento das idéias político-pedagógicas. Paulo Freire enfatiza sempre a participação e a influência de Elza. Sendo assim, observamos que Elza é igualmente responsável, de forma que a teoria e prática foram compartilhadas. Num desses registros, se comprova:

Em 1944, Paulo Freire casou-se com Elza Maia Costa Oliveira. Elza, professora primária, foi a grande motivadora de Paulo Freire na educação, permanecendo, por toda a vida, ao lado dele, como um permanente estímulo. (...) Ela exerceu papel fundamental na construção de suas idéias e práticas. Foi uma espécie de mangueira frondosa, sob a qual Paulo iniciou um projeto educacional que se desdobraria num precioso legado para a humanidade. (VALE, 2005, p. 17).

Citação importante, pois destaca a atuação de Elza desde o início de um “*projeto educacional que se desdobraria num precioso legado para a humanidade*”, enfatizando que as condições da permanência de Elza se dão “*por toda a vida, ao lado dele*”. Diante desse processo de construção de idéias e práticas, apresenta-se a realidade sobre a presença de Elza nesse contexto.

Isso vai se confirmando gradativamente, tanto que após o casamento, essas questões vão sendo aprofundadas e o contexto político-pedagógico para o desenvolvimento da Pedagogia Freireana vai sendo ampliado, à medida que as contribuições de Elza vão se tornando mais evidentes. Observemos: “*No ano seguinte, casou-se com Elza Maria Costa*

de Oliveira, professora primária, que exerceria um papel fundamental na vida e na construção das idéias e das práticas de Paulo Freire.” (ROSAS, 2003, p. 21). E em outro momento, através de diferente autor, novamente: *“Paulo casou-se com Elza Maria⁸² Costa de Oliveira a quem atribuía o constante papel de ajudá-lo a desenvolver suas idéias e métodos educacionais.*” (FREIRE & HORTON, 2002, p. 23).

Vai sendo instituída dessa maneira a nossa fundamentação de que Elza aparece como uma mulher que precisa e deve ser referenciada. Referindo-nos assim a Elza podemos identificá-la além da apresentação ao lado de Paulo Freire, pois mantém suas atribuições e continua atuando junto a educação, através das suas funções como professora ou diretora, permitindo, assim importantes referências sobre a sua personalidade, como ética e competência. Elza é identificada ao mesmo tempo, companheira e profissional:

Pessoalmente, lembro de Elza como uma pessoa cativante, por quem alimentei, juntamente com minha esposa, Argentina Rosas, profunda amizade e respeito por sua conduta ética e competência. Sem dúvida, não fomos nós os únicos a ver em Elza, mais que a companheira amorosa de Paulo Freire, mas a profissional competente. (ROSAS, 2003, p. 21).

Do encontro iniciado pelas aulas de português nas esquinas da vida ao namoro; o confronto de conceitos sociais a luta e escolhas; do casamento entre o homem e a mulher até a comunhão das idéias e práticas político-pedagógicas. Portanto, a fim de investigar e identificar as contribuições e influências, quando partícipe e protagonista principal, sujeito da pesquisa, fortaleza sem força apresentou-se forte: Elza.

A contribuição crítica de Bourdieu (1998) aos estudos de parentesco⁸³, em particular à questão das trocas matrimoniais e do celibato, ainda que fundado no conceito

⁸² Apontamos para a forma de se divulgar o nome de Elza, o qual aparece publicado equivocadamente em diversas publicações. Ver: GADOTTI (org.) 2006, p.33-150; SANTIAGO apud. CPFEP, 2000, p.73-80; FREIRE & HORTON, 2000. Portanto, isso reforça a nossa intenção em pesquisar Elza, propondo que revisões sejam realizadas. Durante a pesquisa, nos deparamos com diversas fontes e documentos pessoais de Elza. Daí podermos comprovar o nome correto de Elza confirmado pelos depoimentos dos filhos (Madalena, Fátima e Lutgardes).

⁸³ O que se observa no estudo dessas práticas são regularidades, o que não significa obediência a regras, mas práticas de reprodução social sustentadas por um *“habitus”*, ou seja, por um conjunto de disposições internalizadas e naturalizadas, embora históricas, em relação dialética com aquelas práticas. Por isso, o *“habitus”* é ao mesmo tempo estruturado e estruturante, e as disposições são objetivamente ajustadas pelos sujeitos da aliança matrimonial a um princípio fundamental: a reprodução *“maison”* camponesa. Esse

de “*habitus*”, o autor entende as trocas matrimoniais como um jogo, mais do que uma estrutura, o que lhe permite passar da idéia de sociedade para a de campo. Além disso, Bourdieu (1998) critica uma percepção ingênua do “*ponto de vista do nativo*”, apontando para a distinção entre o discurso público e o privado.

Conforme Woortmann (2004, p.129-137) em contrapartida, se o “*habitus*” impõe os gostos que tendem a descartar a “*méssaliance*”, o quadro é suficientemente flexível para que existam discordâncias. Tudo se passa, para repetir uma expressão favorita de Bourdieu, como se as discordâncias fornecessem o mínimo de aleatoriedade capaz de dissimular a transfiguração do destino construído pelo “*habitus*” em livre escolha.

De acordo com Bourdieu (1998) o casamento é político, pois visa à preservação não só da casa, mas também da honra. Por outro lado, cada casamento implica um risco representado, entre outros fatores pelo dote, mesmo porque sempre há a possibilidade de que este tenha de ser devolvido. Assim é preciso considerar cada casamento realizado (ou não realizado) e não a troca matrimonial em abstrato. O caráter político do casamento conduz Bourdieu (1998) à noção de jogo⁸⁴: cada casamento é um lance como num jogo de cartas; cada casamento individual é o resultado de um jogo de estratégias e depende de cada casamento anterior. Cada casamento tem, pois, sua temporalidade. Nesta perspectiva de que as estratégias matrimoniais são estratégias sociais, fundadas no conceito de “*habitus*”, analisamos que para Elza, o casamento trouxe aparentemente não ascensão social, ao passo que para Paulo Freire, o casamento representou estratégia de ascensão social, bem como, que o casamento entre Elza e Paulo Freire enfatizou os sujeitos e não as estruturas.

O que procurávamos e quem procurávamos? A fundamentação teórica parece-nos relevante para a adequação dos instrumentos relacionados ao levantamento de informações a que nos propomos realizar nesta investigação. A partir destas reflexões, com vistas ao procedimento metodológico, encontramos a citação poética sobre o que Paulo Freire procurava quando jovem. E assim o fez, assim tentamos fazê-lo.

“*habitus*” conduz ao que Bordieu (1998) define como uma “*orquestração sem maestro*” das práticas e das estratégias.

⁸⁴ Se as trocas matrimoniais se fazem num campo de jogo e se cada casamento implica risco, o sucesso nesse jogo depende da habilidade de quem joga. Para Bourdieu (1998) o “*verdadeiro sujeito*” é a “*casa*”, o que faz sentido quando se quer enfatizar o caráter englobante desta, existindo também um sujeito mais concreto, conforme Woortmann (2004).

Para terminar esse subitem, vamos analisar alguns fragmentos da poesia, partindo de uma conclusão poética para um excursus narrativo:

O que eu procurava quando jovem⁸⁵

Eu buscava gesto de amor.
Não era possível para mim viver,
Casar, juntar com uma mulher que
Não tivesse amor ao amor.
Que não se entregasse amorosamente.

Eu buscava uma pessoa que mesmo
Mal humorada tivesse a coragem de
Vencer o mau humor.
Que se espreguiçasse com alegria,
Abrisse os olhos brilhantemente
Pra que se molhassem de vida.

Eu buscava uma mulher terna que
Gostasse de brincar com a sua vida,
Respeitando quem gostasse de jogar.
Jogando, sobretudo a capacidade de correr riscos.
Que afinal não tivesse medo de viver
Plenamente a vida.
Esse era o meu sonho...

Evidentemente não procurava uma dengosa,
mas uma mulher que fizesse dengo;
não mimada, mas que fizesse mimo.
Eu procurava uma mulher que
Gostasse de carinho.

Procurava uma mulher que não tivesse
Medo das mãos do seu amor... medo do corpo....
Procurava uma mulher que não burocratizasse
O amor...
Procurava uma disponibilidade.

⁸⁵ Recortes do depoimento de Paulo Freire, 1987. (SANTIAGO, 1987, p. 48-50).

Procurava uma mulher que gostasse
De gostar de meninos,
Que não tivesse raiva de infância
Pelo contrário, que nunca deixasse morrer
Dentro dela a criança que foi.
Mulher curiosa,
Uma mulher que tivesse a consciência do limite,
Ou dos limites...
Mas que não tivesse medo de
Vez em quando ultrapassá-los
Uma mulher que compreendesse a minha indigência.
Eu sabia que não encontraria uma mulher
Enquanto idéia, abstrata.

Eu encontraria e teria que encontrar
Um ser como eu: finito como Eu
Mas que corresse o risco
De inventá-la em mim
E inventar-me nela.
E... Começamos juntos a fazer essas qualidades
Descobrimos em pouco tempo que
Essas qualidades são construídas e
Foram construídas...

A nossa análise tem início pelo título: “O que eu procurava quando jovem”, o qual pode apontar que se trata de uma busca talvez anterior a Elza, considerando que Paulo Freire nascera cinco anos depois dela. Todavia, que quando do re-encontro com Elza se interrompe, conduzindo a outras buscas. Permitimos dizer que esse buscar tem, além desta, outras razões, uma vez que Paulo se refere a “amor” e manifesta a entrega pelo “casar”. Sendo assim, em grande intensidade canta a vida. Prossegue a busca de uma mulher, embora sendo jovem e manifesta o sonho de vencer medos, correr riscos, brincar, sorrir e viver plenamente. Paulo enfrenta os preconceitos do corpo derrotando-os com o gosto pela infância. Vai mais além, extravasa a consciência dos limites e traz do abstrato para o real essa mulher. Por fim, reconhece a finitude do ser e inventa a descoberta de se construir juntos o amor. “O que eu procurava quando jovem” deve sua existência à presença marcante de Elza na vida de Paulo Freire. Foi ela que, ao inspirar as palavras dele, viabilizou, com isso, a escrita da poesia e, sendo assim, proporcionou o encontro de Paulo Freire com a Elza. Assim desvelou a realidade de uma convivência da qual possuíamos apenas um ângulo, ou talvez, nenhum. A convivência declamou a poesia de Paulo Freire sobre Elza.

3.2 – UMA FAMÍLIA GRANDE

“Vivemos muito, como se diz, na família grande, porque cada um que chegava era como se chegasse um da família... Eles se sentiam recebendo, mas eles é que me davam.”

Elza Freire (apud COSTA, 1980, p. 202).

Como a família sempre esteve relacionada à vida de Elza, tornando a sua existência prioridade, aspectos político-pedagógicos foram sendo inseridos nesse contexto. Tanto que percebemos o caráter humanitário e solidário empreendido por Elza, transformando o simples gesto de acolher uma pessoa em atitude de recebê-la como família. Assim, Elza denominava as relações em família como “família grande”, demonstrando o que significava viver assim para ela ao afirmar que “cada um que chegava era como se chegasse um da família”.

Estabelecia-se nesse contexto, “o começo de vida com Elza, os filhos nascendo...” (FEIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 124). Então em Recife, nascem os doze filhos de Elza⁸⁶, cinco vivos. Aos 21 dias de julho de 1946, a primeira Maria, a Madalena; aos 11 dias de dezembro de 1947, a segunda Maria, a Cristina; aos 14 dias de abril de 1949, a terceira Maria, a Fátima. Depois, Elza tem vários abortos espontâneos, e chegam os filhos homens: Joaquim nasce aos seis dias de agosto de 1956 e Lutgardes no primeiro dia de novembro de 1958. Mas, junto à alegria de ser mãe, igualmente a dor da perda de um filho:

... depois que nos casamos, Elza e eu, quando nasce o primeiro filho homem, eu, em combinação com a Elza, ponho o nome do meu pai. E por completo, inteiro: Joaquim Temístocles Freire Neto. Não era preciso botar Neto, porque meu pai tinha morrido em 1934... e eu pus Neto, para marcar... O menino nasce prematuramente, com uma estenose do duodeno, é operado e morre, o que nos traumatiza terrivelmente! Um ano e meio depois, Elza tem Joaquim, o segundo. E o nome dele é Joaquim Temístocles Freire Neto. (FREIRE & GUIMARÃES, 2008, p. 67).

⁸⁶ Conforme depoimento de Madalena Freire (2008) e Lutgardes Costa Freire (2007, 2008).

Elza fundamentalmente continua sua prática político-pedagógica a partir do seu lar, através da convivência com Paulo Freire e os filhos, numa experiência a partir do amor, da observação e do diálogo. Como se faz distinguir: *“E aprendi muito observando como a Elza era mãe. Lembro em casa, Elza e eu nunca dizíamos não sem explicar a razão.* (FREIRE & HORTON, 2002, p. 144). Quanto à educação dos filhos e o diálogo, ainda é possível observar a prática dos princípios Freireanos, comentados nesse trecho, quando se abordam a ética e a solidariedade. Elza e Paulo Freire com os filhos, deixando registros de fundamentação teórica importante para o desenvolvimento de nossa proposta sobre a Pedagogia da Convivência:

Eu tentei uma experiência como essa com os meus filhos, e acho que a única coisa válida que Elza e eu conseguimos fazer foi – os papos informais com nossos filhos, papos que são no fundo a educação mesma – chamar a atenção para que vivíamos em um mundo de competição e não tínhamos que nos surpreender com ela, mas tínhamos que nos capacitar para fazer uma coisa mais difícil do que competir: nos solidarizarmos. (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 104).

Atualmente se sabe a que pontos extremos e contextos podemos chegar com essa competitividade, que colocam pessoas contra pessoas, cujas formas sociais aniquilam a nossa capacidade de utilizá-la adequadamente, enquanto outros contextos que geram solidariedade constroem oportunidades onde as pessoas se sentem realizadas. Como se faz perceber na epígrafe desse subitem agora se completa no raciocínio de Paulo Freire diante da “experiência” realizada com Elza.

Dowbor (2000) traz importante contribuição onde propomos uma análise reflexiva e comparativa, a partir da possibilidade de discutirmos conceitos políticos bem distintos de conflito para o ser humano, sob o aspecto racional e emocional:

No raciocínio de Paulo Freire, a racionalidade reclama racionalmente o direito às suas raízes emocionais. É a volta à sombra da mangueira, ao ser humano completo. E com os cheiros e sabores da mangueira, um conceito muito mais amplo do que esquerda e direita, e profundamente radical: o da solidariedade humana. (DOWBOR apud FREIRE, 2000, prefácio).

Após o casamento, Elza transfere residência com a família para o bairro Casa Forte, o mesmo que irá marcar a História da Educação e Alfabetização de Adultos, conforme discutiremos posteriormente. Nesse contexto, extraímos informações sobre a vida

em sociedade, locais onde atuou profissionalmente o movimento entre a família, filhos e cidadãos. Conforme a filha Fátima, acontecimentos de Recife que os acompanharam por todo o mundo e os influenciaram para toda vida, intrínsecos à personalidade de Elza:

(...) todos nós freqüentamos colégios populares, com meninos favelados, onde não tinha nem banco, e como tínhamos uns banquinhos em casa levávamos e lá ficaram. Toda a minha escola primária foi em contacto com a menina que morava mesmo no 'poço da panela', numa pobreza enorme; eu dividia meu lanche... A gente sabia que tinha o que comer mas que havia outras pessoas que não tinham... (FREIRE DOWBOR apud COSTA, 1980, p. 105).

O princípio da solidariedade salientado por Elza e proposto por Paulo Freire, conforme demonstrado não foi apenas vivido em família entre eles e os filhos, trata-se de um fazer coletivo da construção histórica. É um processo participativo, um processo de capacitação para a decisão, para a responsabilidade social e política. E deve constituir-se enquanto processo que trabalhe com a visão do homem e da mulher, como ser de relações, reflexivo e crítico (FREIRE, 2006 b). A história não é feita por indivíduos, ela é socialmente feita por todos nós. Portanto, a nossa presença crítica no mundo, homem e mulher, deve se constituir no dizer de Paulo Freire, aquela que age de forma crítica e reflete sobre sua ação na busca constante da humanidade e solidariedade, do conhecimento e soluções de problemas.

Depois como mãe e professora, Elza não se limitou ao sentido restrito da escolarização, procurou *“espaços onde seus filhos encontrassem outras dimensões de desenvolvimento, no caso a linguagem artística, dando as crianças uma nova dimensão do mundo”*. (SANTIAGO, 1987, p. 9). Essa atitude de Elza nos faz avaliar a envergadura do seu pensamento pedagógico. Uma vez que, parte dela a iniciativa em buscar a inserção dos filhos no mundo através de outras possibilidades de conhecimento, apontando assim para a conclusão de que Elza apresentava entendimento além do senso comum, pois ao agir assim, demonstra a importância e o significado de através da arte, despertar nos filhos a sensibilidade, criatividade e criticidade. Portanto, Elza vai se definindo como uma mulher cujas atitudes estão à frente de uma época.

Elza além de matricular os filhos, acompanhava-os, participando do processo. Tanto assim que a professora Noêmia Varela se refere as idas de Elza à Escolinha de Arte

do Recife, com as preocupações de mãe e educadora, “*para introduzir sua primeira filha Madalena, numa outra dimensão educativa: a Arte*” (SANTIAGO, 1987, p. 9). Todavia, essa inserção teve outras repercussões, e Madalena não se limitou à Escolinha de Arte do Recife como aprendiz que foi, prosseguiu na Escola de Arte de São Paulo onde “*também trabalhou como professora, e hoje, constrói sua pedagogia na matriz Elza/Paulo Freire*”. (SANTIAGO, 1987, p. 9). Foi Elza que, ao promover essa aproximação dos filhos com a arte, integrada a um processo pedagógico, promove outras fundamentações da Pedagogia da Convivência, conforme a citação anterior, originando a matriz Elza/Paulo Freire.

Os passos iniciados com Elza rumo à Arte continuam, ora como professora, ora como mãe. Madalena é professora e faz trabalhos em argila e cerâmica, além de escrever livros e poesias; Joaquim é musicista de profissão, cujo instrumento é o violão clássico (FREIRE, 2005, p. 303); Lut toca percussão (FREIRE & GUIMARÃES, 2008); Fátima é professora, artesã, lida com trabalhos manuais e escreve livros e poesias; Cristina se dedica ao violão. Subtraindo desse contexto, a própria arte em Paulo Freire para a música e a poesia, e com Elza através de seus trabalhos manuais, tão bem guardados e perpetuados por seus filhos. Sobretudo, Elza conseguiu permutar e partilhar essas contribuições para o contexto familiar, bem como encaminhar para que o processo formal de educação adquirisse outras dimensões. A professora Noêmia Varella diz: “*Elza Maia Freire foi a grande entusiasta de Paulo Freire, e reafirmam seus filhos que também têm nela modelo e incentivo.*” (SANTIAGO, 1987, p. 44). Mediante essa afirmação, percebemos que a presença entusiasta e incentivadora de Elza nos remete a conclusão de que ela participava junto, tanto com Paulo Freire quanto com os filhos.

Na tratativa da intimidade do lar, foram se estabelecendo em gestos simples a Pedagogia da Convivência, que perpassa alegria, bom humor e atenção. Elza era carinhosamente chamada de “*nega*”⁸⁷, tratando o companheiro sempre por “*Paulo*”. Lut comprova: “*Eu me lembro que eu gostava de imitar meu pai quando criança. E meu pai chegava em casa com a bolsa dele, e chegava em casa e dizia para minha mãe: “Nega, eu tô exausto!.”* E continuando, de maneira saudosa e afetuosamente: “*E aí eu criança, eu era o*

⁸⁷ Confirmar FREIRE, A. M. A. (2006, p. 215).

caçula, aí eu imitava meu pai, pegava a mala e dizia: “Nega, eu tô exausto!”. (Lutgardes Costa Freire, 2007). Arte-educação na vida cotidiana e familiar de Elza e Paulo Freire.

É importante reafirmar isso, pois recolhemos nas palavras de Cristina, própria filha, a postura e o comportamento dos pais, que se mesclam nas atividades e atitudes políticas de profunda *amorosidade* e comprometimento, não separando Elza de Paulo Freire, mas os aproximando cada vez mais no trabalho conjunto, observemos: *“Não me lembro muito bem quando ele deixou de nos ninar, provavelmente um pouco antes de termos uns sete anos de idade, momento que coincide com um período de grande engajamento social dele e de minha mãe”*. (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXIX). Cristina completa, com ênfase quanto ao caráter e “engajamento” do trabalho que Elza e Paulo Freire desenvolviam juntos, o que representava isso para os filhos, também podemos observar que Elza e Paulo Freire sempre se preocuparam em trazer os filhos para junto de sua Pedagogia libertária e transformadora, e ainda a nossa percepção quanto o posicionamento e condição de Elza perante a sociedade e as outras mulheres da época e de Recife:

Desse período lembro-me que ele tinha umas reuniões à noite, às quais minha mãe também assistia – levavam-me a algumas delas. Eram os encontros com os trabalhadores do SESI. Creio que foi a partir de então que fui percebendo que meus pais faziam um trabalho diferente e que minha mãe ajudava seu marido. Fator de orgulho para mim, pois as mães de minhas amigas sequer trabalhavam. (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXIX).

Fatos que foram decisivos para o encaminhamento dos filhos e refletiu de certa forma na convivência com a família, já que Elza e Paulo Freire tinham uma sobre carga de trabalho, lidando com incontáveis compromissos: *“Fui crescendo com a certeza de que podia contar com a minha mãe, ou seja, sabia que, mesmo trabalhando todo o dia, à tarde ela estava disponível para minhas irmãs e para mim.”* (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXVII). Presença marcante de Elza, ao transmitir aos filhos a segurança. E destaca esse comportamento da mãe, enfatizando a sua condição de que “trabalhando todo o dia”, participava intensamente da educação dos filhos:

Invariavelmente, após seu trabalho, ela nos levava para ver os nossos peixinhos e comprar amendoim molhado, pipoca... Era também a ocasião de conversar, de contar-lhe como íamos na escola, nossos problemas e curiosidades infantis, o que havíamos feito durante o dia. Era quase um ritual. (HEINIGER FREIRE in FREIRE, 2001, LXXVII).

Ritual que Elza fazia questão de cumprir, amorosamente, que iria acompanhá-la no lar e fora dele. Ritual de quem se compromete com os filhos e com uma pedagogia libertadora e transformadora, originária com certeza, da Pedagogia da Convivência. Elza aparece agora no contexto do cotidiano, quando através do exercício do diálogo, reafirma sua personalidade e demonstra como se estabelecia o processo dialogal.

Elza pensava e sentia, fazia uma nova forma de educação. E isso refletiu no pessoal e profissional dos filhos, como registra Fátima Freire (DOWBOR, 2008) na dedicatória de seu livro: *“Às duas mulheres que marcaram minha vida: Elza e Sofia. Com a primeira, aprendi a ser filha; e com a segunda, aprendo ainda hoje a ser mãe.”* Marcas de Elza, como mulher, professora e mãe.

Madalena, a primeira das três Marias: *“Madalena nasceu há 41 anos, por causa do grande amor entre mim e Elza”*. (FREIRE & HORTON, 2003, p. 224), igualmente usufruiu disso que se desenvolveu no seio familiar, especialmente no campo da educação, tendo coordenado Círculos de Cultura nas primeiras experiências em Angicos⁸⁸. Esse “grande amor” que Paulo declara a Elza pelo nascimento da filha, certamente o faz reconhecer na mesma Madalena a “excelente educadora” que fora Elza. Nessa perspectiva, reconhecendo vários aspectos da pesquisa assim: *“A Elza era uma excelente educadora da pré-escola, como a filha é hoje”*. (FREIRE, Paulo in LYRA, 1996, p. 177). Elza e Paulo Freire conseguem estabelecer relações afetivas e cognitivas, perpassando amor e educação, oportunizando aos filhos serem partícipes desse processo.

⁸⁸ Conferir o livro: *Educação como prática da Liberdade*, FREIRE, 2006, p. 127.



Figura 12 – Foto da Família de Elza (Década de 1950)

Em pé da esquerda para a direita: Paulo Freire (marido); Zeca de Melo (irmão) e Dora (cunhada); cunhado de Elza. Assentados da esquerda para a direita: Elza, Alberto Costa (pai) e Josefa Maia (mãe); sobrinhos de Elza ao colo e Bila (irmã). No chão, da esquerda para a direita: as filhas de Elza (Fátima, Cristina e Madalena) e a sobrinha.

Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire.

Para Elza, “grande família” vai se formando e sendo incorporada à sua. Entendemos que Elza continua sendo descrita, como mãe e educadora, como presença marcante na educação dos filhos. Paulo Freire analisa essa experiência que, juntamente com ela e os filhos vivenciaram, e numa perspectiva crítica enfatiza:

Sendo pai e mãe, eu e Elza estávamos sempre, é interessante, envolvidos no processo de refletir com nossos filhos... Eu acho que talvez a lição principal que aprendi trabalhando com meus filhos e filhas foi como era importante para o seu desenvolvimento que nós, Elza e eu, entendêssemos desde o começo a necessidade de limites. Sem limites é impossível que a liberdade se torne liberdade. (FREIRE & HORTON, 2002, 144).

A Elza mulher, professora, mãe e companheira, aqui se mostra como outras tantas mulheres que participam intensamente do processo educacional dos filhos. Destacamos um diferencial interessante, de que Paulo Freire também partilha deste momento e, ao assumi-lo demonstra que os homens também devem dividir tais responsabilidades. Isso aponta para a cumplicidade e respeito existentes quanto à educação dos filhos. Novamente a Pedagogia da Convivência se expressa no contexto de Elza e Paulo Freire e essa discussão ganha outra dimensão, pois, o que se percebe quanto a Elza, no que se refere a educação dos filhos é o discernimento para suas tomadas de atitude, posicionando-se sempre consciente do compromisso enquanto educadora. Freire (2001), com a citação abaixo, sintetiza esse comportamento de Elza:

Minha mulher também é professora, Elza, com quem eu não aprendi muito, mas continuo a aprender... Foi por isso que as filhas nossas e os filhos nossos passaram todos por seus jardins, e não com ela. Ela foi também, a Elza, uma excelente jardineira, mas no jardim que ela coordenava as suas filhas não entravam, porque ela achava que não podia ser neutra com as filhas no jardim. (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 25).

Para ampliarmos as análises em torno de Elza, remetemo-nos a aspectos mais críticos, como por exemplo: “... *ela foi uma pessoa extremamente realista, que tinha um sentido muito, muito nítido do possível e do impossível de ser feito...*”. Apresentam-se aí mais indícios sobre o conceito de realidade assumido por Elza e compartilhado com Paulo Freire, a família, se estendendo a quem quer que fosse, pois: “... *quer dizer, ela sempre, sempre na vida dela testemunhou uma grande força não só para apoiar o meu pai, mas também para fazer com que a família viva saudável, que a família tenha um equilíbrio emocional.*” (LUTGARDES COSTA FREIRE, 2007). É possível identificarmos a capacidade de Elza em lidar com a realidade, sem endurecer-se perante ela e, viabilizar com isso força e equilíbrio, sobretudo para com a família.

Uma possível transformação relacionada à questão conceitual de família, instituída a partir das discussões em torno de Elza. Lutgardes, com a afirmação abaixo, sintetiza:

Hoje, mais do que nunca, tenho certeza que ambos não me deixaram apenas quatro maravilhosos irmãos, mas também inúmeros irmãos e irmãs, que abraçaram amorosamente a causa que sempre defenderam, pelo mundo inteiro, na África, no Brasil, nos Estados Unidos, e em tantos outros países, onde a luta pela liberdade se faz presente assim como o gosto de lutar por um mundo menos feio, menos injusto, mais humano, e porque não dizer, mais amoroso. (COSTA FREIRE apud SOUZA (Org.), 2001, p. 341).

Entendemos isso como testemunho de que realmente significava “*Uma família grande*” para Elza. A partir do momento em que houve a expansão do conceito de família, para além da esfera doméstica, quando se estabeleceu por meio da convivência, tendo como foco principal a luta político-pedagógica, Elza foi sendo identificada.

3.3 – ELZA E PAULO FREIRE: PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA

“Ao conhecer Elza, amar Elza e casar com Elza, a influência dela me fez muito mais consciente daquilo que estava fazendo. Foi a partir do casamento que comecei a me preocupar sistematicamente com problemas educacionais.”

Paulo Freire (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

A partir do momento em que houve a aproximação de Elza e Paulo Freire, promovendo a interação entre a intelectualidade (cognitivo) e a amorosidade (afetivo), por intermédio das aulas de sintaxe e, também, pelo casamento, foi identificado outro foco principal o político-pedagógico. Então, a pesquisa assume outra dimensão, cuja hipótese se afirma na Pedagogia da Convivência.

Paulo Freire (FREIRE & HORTON, 2002), através da afirmação na epígrafe inicial desse subitem, salienta as influências e as conseqüências da aproximação com Elza: “*Ao conhecer Elza, amar Elza e casar com Elza, a influência dela me fez muito mais consciente daquilo que estava fazendo*” (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83). Desta maneira foi sendo estabelecida, pela convivência “*a partir do casamento*” a sistematização e a problematização das questões educacionais. Apresentamos aí interessante fundamentação, parecendo-nos relevante para a contextualização.

Compreendemos que o ensinar e o aprender, na contemporaneidade, se inserem em uma realidade mutável e imediatista, onde se observa o repertório de valores que integram o sentir, o pensar e o fazer. Quando se busca contextualizar o significado da educação ao lidar com as diversidades do homem e da mulher, as múltiplas dimensões do ser, entendemos que a educação requer uma pedagogia da convivência e vice-versa. As duas dimensões se fundam nos conceitos de igualdade, amorosidade, justiça social, criticidade, alteridade e liberdade que caracterizam a Teoria do Conhecimento forjada por Paulo Freire. Jares (2008) insere importante contribuição ao afirmar em seu livro:

Toda relação humana traz consigo certo modelo de convivência que pressupõe determinados valores, formas de organização, sistemas de relacionamento, metodologias para enfrentar conflitos, formas lingüísticas, modos de expressar os sentimentos, expectativas sociais e educativas, maneiras de exercer o cuidado, etc. (JARES, 2008).

Na época em que Elza e Paulo Freire, se re-encontram, acontece naturalmente o início da Pedagogia da Convivência proposta por nossa investigação. Evidentemente que não haviam adquirido a maturidade e a criticidade, que política e pedagogicamente foram juntos descobrindo e construindo em décadas de desafios e conquistas. É possível identificar a existência do “*parentesco intelectual*” (FREIRE, 2005) entre eles, por meio da paixão, afinidade, companheirismo, sobretudo amor, conforme demonstrado nos subitens anteriores. Elza e Paulo Freire promovem experiências de vida na mesma intensidade que conduzem sonhos e utopias. Portanto, outra história passa a ser escrita, apontando para novos rumos e outras etapas, a qual se desenvolve no tempo e no espaço, cujo movimento é estabelecido entre a convivência.

Daí, depois dessas aulas particulares onde eu me fui formando realmente, e a presença de Elza, então aí começa todo um processo muito autodidata também, que foi do meu encontro, do meu desvelamento de obras pedagógicas que eu ia mesmo situando etc., até que em certo momento, eu passei a dar aulas como professor mesmo, mas em ginásios, aulas de língua portuguesa, sintaxe da língua portuguesa. (FREIRE in LYRA, 1996, p. 178).

Assim como se deu o “*desvelamento de obras pedagógicas*” em que Paulo Freire reconhece ter sido, a partir da presença de Elza, ainda que “*autodidata*” no início. O

encontro deles desvela outra realidade. Posteriormente, ele retoma esse desvelamento, que dialeticamente através da prática vai transformando a realidade, através da convivência com Elza, que vai possibilitando a conscientização, tanto que Paulo Freire afirma que “*a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação.*” (FREIRE, 2007, p. 117). Elza e Paulo Freire conscientes, enfrentam a realidade, passando do desvelamento à autenticação da realidade, num processo que fundamenta teoricamente a convivência, tanto pedagógica quanto dialética, estruturada no amor e no respeito.

Entendemos que os processos pedagógicos, ao se organizarem, tornam-se construções dialógicas, que influenciarão as relações sociais e os comportamentos dos homens e mulheres, das pessoas inseridas nessas organizações. Paulo Freire (2002), com a afirmação abaixo, nos narra de maneira afetiva, cognitiva e intelectual o processo de discussão e construção pedagógica estabelecido entre Elza e ele, quando da experiência e vivência dessa Pedagogia da Convivência:

Descobri, por causa de Elza, que o que eu estava fazendo, quando ensinava português, era algo mais que ensinar, era precisamente educar. Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido. O que quero dizer é que, objetivamente, quando eu estava ensinando a Língua Portuguesa estava educando. Mas eu não sabia disso e foi Elza quem me iluminou com relação a isso. Subitamente eu comecei a juntar sonhos antigos e a reconhecer conexões entre eles. Ficou claro para mim que eu tinha um gosto por fazer perguntas, por saber, por ensinar e tive certeza de que era um educador ou que teria que me tornar um educador. Essa foi a primeira grande influência da Elza sobre mim. FREIRE (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

Ao ultrapassarmos as linhas do referido recorte, o desafio, desta citação é pensar e sentir a preciosidade e a representatividade destas palavras tão importantes à nossa pesquisa. Ao fazermos este exercício de análise, aproximamos as diferentes realidades e situações do universo de Elza e Paulo Freire, onde é possível agrupar uma série de discussões e reflexões com abordagens convergentes de modo a destacar a convivência como fenômeno pedagógico. Isso nos remete a transportá-los daquela realidade configurando-os na nossa realidade, numa transposição coerente e surpreendente. Elza nos instiga a busca e nos ilumina o encontro ao estabelecer possibilidades de conexões entre

eles, assim como se procedeu com Paulo Freire. Elza nos conduz a descobertas, que por sua vez nos conduzem a outros sentidos e significados.

Como destaca Paulo Freire “*Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido.*” (2002, p. 83), igualmente não queremos separar Elza de Paulo Freire e vice-versa, por isso salientamos a necessidade de se valorizar tal citação, pois ela remete à Pedagogia da Convivência, faz e traz sentido, a partir da pesquisa, um novo sentido. Ao ampliarmos essa discussão sobre o quanto e como Elza instiga, incentiva, impulsiona, reafirmamos que estas questões integram nossa tese de estudo.

O que se percebe, quanto à convivência, é que muitas reflexões e debates são realizados na retórica, porém não são efetivados em ações concretas, que passa a representar o grande desafio, alia-se aí, também, a educação. Porém, na citação anterior analisamos que acontece o inverso. Enquanto Paulo Freire descobre a diferenciação entre ensinar e educar, reconhece que sua descoberta se deve às inferências de Elza. Portanto, convivência e educação se complementam. Daí, apontarmos a possibilidade da construção de uma proposta de formulação para uma Pedagogia da Convivência, que avance para teorias e práticas capazes de mobilizar ao convívio pedagógico, permitindo, assim, ações para o descobrimento das próprias capacidades de cada um, perceptíveis através da convivência.

No que concerne aos espaços aonde se desenvolvia a Pedagogia da Convivência proposta pela pesquisa, é possível discutir que a “vida pública” e a “vida privada” tenham “gênero”, o gênero masculino em oposição à “vida de casa”, ao espaço doméstico, associado ao gênero feminino. Certamente que esta dicotomia espaço casa/espaço rua nem tampouco é recente e nem é característica de convivências como esta entre Elza e Paulo Freire. A este propósito é interessante recordar um provérbio da sociedade Cabila citado por Bourdieu (2002, p. 89): “*O homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro.*”

Consideramos que espaços públicos e espaços privados podem e devem ser ocupados por ambos os sexos numa relação de respeito às diferenças sem preconceitos e estereótipos como defende Marodin (1997) igualdade não significa fazer as mesmas tarefas. Segundo ela, o importante é o sentido de reciprocidade onde se reconhecem que as

respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio e completa ao afirmar que a verdadeira igualdade entre homens e mulheres se faz pelo reconhecimento das diferenças e a consciência de sua complementaridade. Assim, apontamos que a convivência entre Elza e Paulo Freire se efetivou nos dois espaços, público e privado, por meio da pedagogia que foi fundamentada mediante a convivência, num processo de ensinar e aprender entre a teoria e a práxis, a qual se disseminou para outros espaços.

Entendemos a Pedagogia da Convivência como processo emancipatório, que deve ser construído cotidianamente, sob a constante reflexão sobre a educação e suas dimensões. Foi a reflexão de Elza que oportunizou através dessa “*primeira grande influência*”, sobre Paulo Freire, a descoberta de outras tantas que iriam advir dessa convivência, preconizando aí a “*universalidade*” da teoria e da prática de Paulo Freire.

Temos a possibilidade de vislumbrar as proporções das influências de Elza e o âmbito de sua participação nas dimensões da trajetória de Paulo Freire que é reconhecido mundialmente. Como Gadotti bem traduziu: “*A universalidade da obra de Paulo Freire decorre dessa aliança teoria-prática*”. (GADOTTI, 2006, p. 77). A fundamentação teórica e o procedimento metodológico em torno da Pedagogia da Convivência vai se estruturando nessa “*universalidade*”, parecendo-nos relevante para a formulação dos instrumentos relacionados ao levantamento de fontes e informações a que nos propomos realizar nesta investigação. A par destas reflexões, fomos prosseguindo a pesquisa, cujo formato científico se pauta nas possibilidades de constatação que Elza aponta para contribuições ora na teoria, ora na prática, em outros momentos na teoria-prática, ao longo da convivência junto a Paulo Freire.

Essa “*aliança*” citada anteriormente por Gadotti (2006) é amplamente perceptível na postura de Elza, quando ela contestava a dicotomia entre o “discurso-ação”, mediando através do diálogo⁸⁹, aproximar “teoria-prática”, conduzindo até o “pensar-agir”. O próprio Paulo Freire insere no livro: Pedagogia do Oprimido, que “*ação e reflexão e*

⁸⁹ Segundo FREIRE (Pedagogia do Oprimido), esse processo de integração interativa é significativo quando vinculado ao diálogo que contém no seu cerne ação e reflexão, levando o homem e a mulher a novos níveis de consciência e, conseqüentemente, a novas formas de ação. A fórmula que contém os elementos constitutivos para a análise do diálogo é: Teoria/Prática; Discurso/Ação; Pensar/Agir; Pensamento/Ato.

ação se dão simultaneamente”. Observemos a conduta de Elza fundamentada no processo de “ação-reflexão-ação”:

Disse a Elza que tinha recebido um telefonema convidando-me para ir aos Estados Unidos. Ela perguntou: “O que você disse?” Eu respondi que não ia. “Mas Paulo”, disse Elza, “Você se diz um radical, mas no fundo é um sectário. Como você vai admitir que toda a população norte-americana é inimiga do terceiro mundo? Não pode, não é dialético. Você precisa retificar isso. Retifiquei e fui. (FREIRE in PASSETTI, 1998, p. 100).

Elza demonstra “consciência crítica” ao dialogar com Paulo Freire e ao conduzi-lo a uma reflexão destaca a sua possível “consciência ingênua”⁹⁰ a respeito de algo que lhe parecia óbvio, alertando-o para a possibilidade de uma visão menos simplista e preconceituosa sobre a realidade norte-americana. Assim ao despertá-lo por meio da convivência, viabilizou com essa atitude a viagem de Paulo Freire, remetendo-o a outro posicionamento. E sendo assim, apontamos para o comportamento ousado, consciente, crítico e decisivo de Elza, o qual desvelou uma realidade da qual Paulo Freire possuía apenas um ângulo, mostrando-se “sectário”, rendendo-se às aparências. Elza demonstra as possibilidades entre a consciência crítica e a ingênua, através do movimento da Pedagogia da Convivência. Portanto, ao retificar e aceitar o convite, Paulo Freire inicia significativa etapa em sua trajetória profissional, o que se deve a Elza.

Reforçamos através dessa citação que Elza demonstra como a tomada de consciência da realidade, deve estar articulada com a práxis, isto é, com o processo de *ação-reflexão-ação*. Elza não impõe seu pensamento, expõe sua idéia, através da “*dialogicidade*” consegue apontar o roteiro de como a Pedagogia Freireana vai sendo edificada, passando agora a integrar a fundamentação da Pedagogia da Convivência.

⁹⁰ De acordo com Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) o processo de conscientização, pela educação é a possibilidade de superação da consciência ingênua em busca da consciência crítica. Dois “graus” de consciência que para Paulo Freire expressam o movimento de emersão da consciência das condições criadas pela sociedade opressora. Enquanto a consciência ingênua é simplista, superficial, saudosista, massificadora, mística, passional, estática, imutável, preconceituosa e sem argumentos, a consciência crítica não se satisfaz com as aparências, reconhece que a realidade é mutável, substitui explicações mágicas por princípios autênticos de casualidade, está sempre disposta a revisões, repele preconceitos, é inquieta, autêntica, democrática, indagadora, investigadora e dialógica.

Segundo Ferreira (1995)⁹¹ aliança é o ato ou efeito de aliar; ajuste, acordo, pacto; união pelo casamento e anel simbólico de noivado ou casamento. No entender do Dicionário Priberam⁹² aliança compreende laço que prende duas ou mais entidades que se prometem mútua amizade e auxílio; laço existente entre duas famílias, mediante casamento. Portanto, compreendemos que pelo casamento, ambos assumem o pacto de se aliar idéias pedagógicas. Assim consideramos que no contexto da convivência abordado por nossa pesquisa, o significado da aliança entre Elza e Paulo Freire assume outra dimensão e estabelece novo significado. A aliança deles além da exposta acima como referência ao processo político-pedagógico; remete-nos a percepção de uma aliança que representa a união pelos laços do amor e auxílio mútuo.

Esta pesquisa se desenvolve nesta perspectiva, cuja ação investigativa permite romper com as práticas puramente descritivas de cunho factual, reducionista, ingênua e acrítica, para uma apreensão de “*algo mais*” do real investigado. Isto significa ajudar o profissional a traduzir no concreto cotidiano o seu conhecimento, tendo o espírito indagativo como condição fundamental para o exercício profissional. Esta assertiva fundamenta-se na perspectiva apontada por Vázquez (1979, p. 154): “*a prática é o fundamento e limite do conhecimento e do objeto humanizado que, como produto da ação, é objeto do conhecimento*” (p. 154), ou seja, a prática é o ponto de partida e a base para aferir e validar o conhecimento.

Atualmente, observa-se uma crescente publicação da produção acadêmica de Paulo Freire, bem como edições revisadas e ampliadas, outras em parceria com diversos autores, traduções para dezenas de idiomas e considerável montante de pesquisas que se apóiam no referencial Freireano⁹³, tanto a nível nacional como internacional. É a confirmação desse discurso de Paulo Freire nas palavras de Elza, quando enfatiza “... *tu escreves porque tu acreditas nas coisas que fazes e tu escreves sobre as coisas que fazes.*”. Embasados nessas discussões sobre teoria e prática, Elza discute essa coerência, ao mesmo

⁹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1995.

⁹² “aliança”, In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2009. (Consultado durante maio de 2009), <http://www.priberam.pt/dlpo.aspx?pal=aliança>.

⁹³ Segundo Brandão (2005) Paulo Freire é um dos maiores educadores brasileiros do século XX, bem como autor de mais de 40 livros, traduzidos para mais de 20 idiomas. Consultar também GADOTTI (Org. 2006, p. 667-699); FREIRE, A. M. A. (2006, p. 623-627 e 631-653).

tempo incentiva e reconhece que Paulo Freire também é coerente. A convivência faz a mediação com criticidade, pois ao ser interpelado sobre direitos autorais e o retorno financeiro que suas publicações lhe garantiam, Paulo Freire se manifesta salientando importante inferência de Elza: *“Minha mulher é quem tem, mais uma vez, razão, quando me diz: “Paulo, tu escreves porque tu acreditas nas coisas que fazes e tu escreves sobre as coisas que fazes. A partir daí, o que vier é lucro...”*. (FREIRE & BETTO, 2000, p. 89). É possível analisar como elemento fundamental entre Elza e Paulo Freire o reconhecimento das diferenças e o fortalecimento do processo pedagógico, ao desenvolver a participação ativa de seus sujeitos, por meio da convivência, e como se percebe, Elza é elemento imprescindível.

Neste momento, destacamos o sentimento, parte interessante que compõe a convivência, através da contribuição trazida por Ornelas (apud Gadotti (Org.), 2006), atribuímos o significado que Paulo Freire empreendia a Elza quando se referia a ela, sendo recriado através pela percepção que Ornelas faz em torno da dimensão amorosa entre eles: *“Conheci Elza através do que Paulo me contava, e quando se referia a ela, fazia uma pausa ao falar e seus olhos tomavam a dimensão do amor.”* (ORNELAS apud GADOTTI, 2006, p. 150). Convivência que ganha a dimensão do amor e vice-versa, perpassando a educação. Entendemos que assim, também, vão sendo ampliadas as possibilidades de discussão em torno de Elza e Paulo Freire, cuja dimensão político-pedagógica requer a análise do amor que se estabeleceu pela Pedagogia da Convivência. Amor e educação aliada a Elza e Paulo Freire, através da convivência, nos remetem a outras dimensões.

De acordo com Freinet⁹⁴ *“A educação não é uma fórmula de escola, mas uma obra de vida.”* (FREINET, 1973, p.16). Isso sugere que a educação seja pensada não somente como um acontecimento escolar, mas também como um fenômeno que acontece no âmbito da vida, problematizando atitudes e relações. Portanto, esse processo caracteriza-se como experiências que não são restritas ao espaço educativo, transformam-se em possibilidades para maior *“gentetude”*⁹⁵ e *“boniteza”* do ser humano. Freire (1992), com a

⁹⁴ Inserido em “Discurso e Prática no confronto da realidade”. FREINET, C. *Pedagogia do Bom Senso*, trad. Ruth Delgado, Lisboa, Moraes Editores, 1973.

⁹⁵ Expressão Freireana, que significa “gente com atitude”.

afirmação abaixo, narra como se estabelecia esse movimento através da experiência com Elza:

Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher é a boniteza em nossas relações mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa ‘gentetude’. Foi esta a experiência que com Elza vivi... a vida, com amor. (FREIRE, 1992, p. 64).

A “*gentetude*” de Elza enfatizada por Paulo Freire como que “*Foi esta a experiência que com Elza vivi*”. Então, conseguimos identificar a “*boniteza*” da convivência, do homem e da mulher, que se experimenta ao assumirmos nossa “*gentetude*”. Percebemos as evidências dos “*descompassos*” que também fizeram parte das experiências e da relação de “*boniteza*” e “*gentetude*” entre Elza e Paulo Freire delineando a vida com amor, através da Pedagogia da Convivência.

Para ampliarmos a nossa análise, remetemo-nos para o contexto familiar, a fim de fundamentar como foi sendo construída e justificada a Pedagogia da Convivência, nos moldes da família. Inicialmente, Paulo Freire apresenta “*a mais bela lição*”:

(...) a mais bela lição de Paulo Freire está na forma como mergulha na vida. “Grandes alegrias? Foram quando nasceram meus filhos” Cinco filhos, cinco grandes alegrias. “Outra imensa alegria foi ter vivido 42 anos com Elza e ter aprendido com ela que, quanto mais se ama, tanto mais se ama. (RIBEIRO, Jorge Cláudio in GADOTTI (Org.), 2006, p. 54).

Como parte do processo de fundamentação da Pedagogia da Convivência, através da relação entre Elza, Paulo Freire e os filhos, é possível criar-se uma nova concepção de família sob a perspectiva de que “[...] *a história é a seguinte, que para mim revela a confiança que tínhamos Elza e eu, nas filhas, a confiança que tínhamos Elza e eu no que propúnhamos como pedagogia e como política*”. (FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 46). Assim por meio da proposta político-pedagógica, configurada entre eles através da confiança, podemos identificar os indícios norteadores dessa convivência.

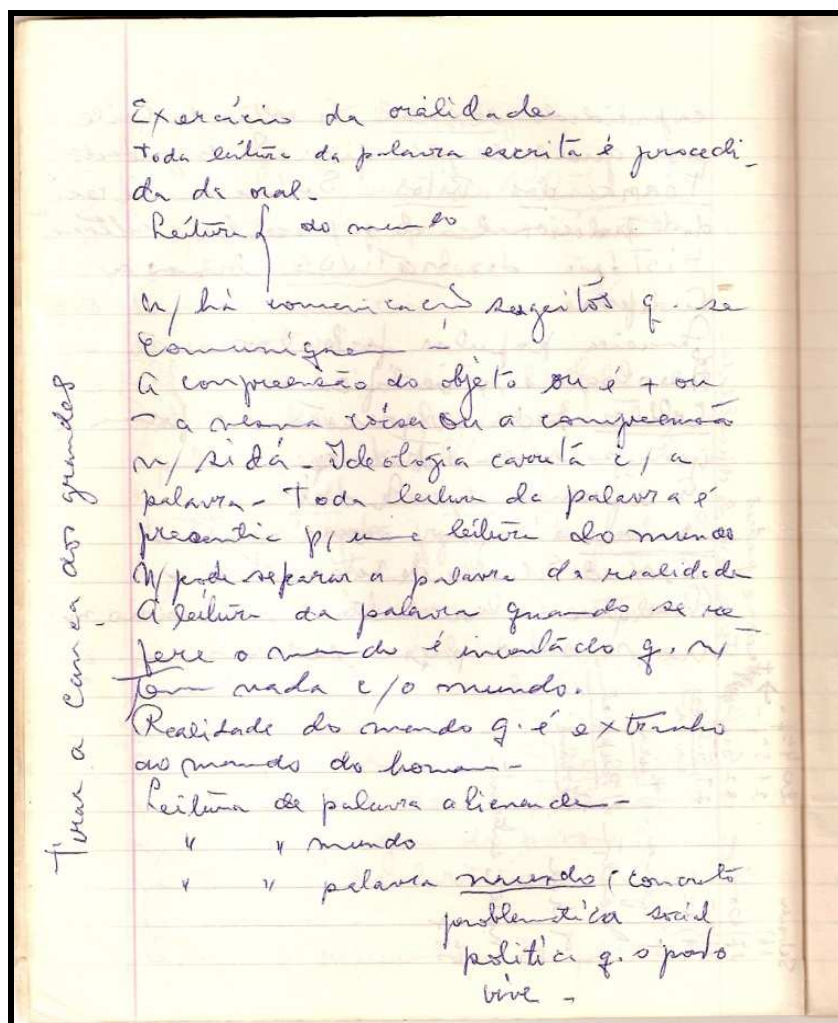
Entendemos que assim como na Pedagogia Freireana, solidariedade, liberdade e autoridade são princípios e, ao mesmo tempo dentro da nossa proposta sobre a Pedagogia da Convivência, se inserem como atitudes familiares vivenciadas por Elza e Paulo Freire,

se comprovam como podemos observar no diálogo entre Antônio Faundez e Paulo Freire, no livro *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Diz ele: *“Uma das exigências que sempre fizemos Elza e eu, a nós mesmos em face de nossas relações com as filhas era de jamais lhes negar respostas às suas perguntas”*. (FREIRE & FAUNDEZ, 2002, p. 46). Portanto, defrontamo-nos com características capazes de sustentar uma hipótese possível para a nossa proposta em torno da Pedagogia da Convivência.

Paulo Freire reporta-se a outras considerações sobre a personalidade de Elza, confirmando aspectos profissionais e pessoais, cujo movimento se relaciona à capacidade de amar e ser solidária de Elza, os quais antecipam a Pedagogia da Convivência:

À Elza professora primária, depois diretora de escola, devo muito. Sua coragem, sua compreensão, sua capacidade de amar, seu interesse por tudo o que faço, sua ajuda nunca negada, e sequer solicitada (pressente a necessidade de ajuda), me têm sempre sustentado nas mais problemáticas situações. (FREIRE, 2006, p. 17).

Ainda assim, Elza assumia a condição de ser ela mesma, nos mais variados contextos da vida, seja na família ou na profissão, seja nas luta político-pedagógica ou na Arte-educação, porém sem se limitar a eles. No decorrer da pesquisa, vamos demonstrando sua importância, descobrindo sua relevância através da presença de Elza e de seu papel pedagógico, estabelecendo sentido não apenas aos acontecimentos do cotidiano, mas de como esses acontecimentos fundamentam e consolidam a postura e a coerência de Elza, condicionando sua teoria e prática. A filha Fátima com a afirmação abaixo, condensa a participação e a condição de Elza nesse processo: *“Ela é a pessoa mais importante no trabalho dele, realmente a ajuda que ela deu e que tem dado é primordial. E sempre ao mesmo tempo, não sei deixou levar só pelo trabalho do meu pai teve a sua ocupação, sua vida – ela, isso ela sempre teve.”* (FREIRE DOWBOR apud COSTA, 1980, p. 102). Elza a mulher independente que aqui se apresenta, e se destaca como sendo a mais importante no trabalho de Paulo Freire. Defrontamo-nos com suas influências, mas sem anular-se, cuja construção se estabelece entre o movimento solidário para com as atividades de Paulo Freire e as suas próprias atividades, para o qual nos servimos como outro fundamento à Pedagogia da Convivência.



**Figura 13 - Manuscritos de Elza sobre a
Leitura do Mundo e a Leitura da Palavra (Década de 1960)**
Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire

Há registros que são referências para fundamentar a nossa tese de pesquisa nesse sentido o referido manuscrito é necessário. Apresentado acima, expõe algumas anotações de Elza sobre temas Freireanos, quando ela discute idéias e práticas. A análise deste documento nos possibilita encontrar elementos e informações que permitiram a identificação da educadora e intelectual, pensadora e pesquisadora. Portanto, a partir de agora é possível a outros pesquisadores e futuras gerações consultar e estudar tais materiais que disponibilizados e publicados ampliam sobremaneira as possibilidades em torno de Elza e Paulo Freire, bem como acerca da História da Educação.

Conforme escreveu a própria Elza e, onde se lê no manuscrito acima:

(...) Tirar a canção do Grandes (...) Exercício da oralidade: toda leitura da palavra escrita é precedida da oral – Leitura do mundo (...) a compreensão do objeto ou é mais ou menos ou a compreensão não se dá. Ideologia correta com a palavra – Toda leitura da palavra é precedida por uma leitura do mundo. Não pode separar a palavra da realidade. A leitura da palavra quando se refere ao mundo (...) Realidade do mundo que é estranho ao mundo do homem. Leitura da palavra alienada – Leitura do mundo – Leitura da mundo (concreto, problemática social e política que o povo vive). (ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

O que se percebe, com relação a essas questões precedentes, é que Elza passa a representar um novo questionamento quanto a esse contexto, podendo se observar possibilidades significativas sobre a importância da temática. Podemos apontar como marco dessa nova perspectiva de estudos em educação no Brasil o texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, da pesquisadora Joan Scott, traduzido para o português em 1990 e revisado e republicado em 1995. Afinal, a autora argumenta que “*o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.*” (SCOTT, 1990, p.86). Nesse trabalho, Scott introduz uma discussão pioneira do conceito que passa a ter consideráveis implicações nos estudos brasileiros sobre as mulheres e sobre os homens no campo educacional⁹⁶.

Essa é, portanto, a grande contribuição trazida pela pesquisadora Scott: estudar os aspectos sociais das distinções baseadas no sexo, uma vez que gênero é definido como “*um primeiro modo de dar significado às relações de poder*” (SCOTT, 1990, p.86). Segundo Paraíso (1997), Scott propõe ainda a construção de uma teoria com potencial analítico para o campo do gênero por acreditar que esse conceito tem a possibilidade de oferecer “*novas questões aos pesquisadores/as, novas respostas para velhas questões, além*

⁹⁶ A utilização do termo “gênero”, da forma como foi concebido por SCOTT (1990) trouxe um novo olhar para os estudos sobre mulheres: ver a constituição de homens e mulheres de forma relacional. Dos anos 1990 para cá, muito se produziu no campo da educação sobre as discussões de gêneros como uma construção social, histórica e cultural que se dá de forma relacional. Ampliaram-se as análises até então realizadas no campo educacional. Com esse uso, os estudos educacionais passaram a enfocar outras dimensões que nos auxiliam a compreender outras relações de poder existentes na educação e em outros espaços educativos para além das classes sociais. Portanto, se reconhece que o texto de SCOTT (1990) produziu uma mudança nos estudos sobre gênero e educação no Brasil.

de dar visibilidade a grupos que têm sido escondidos nas análises mais tradicionais”. (PARAÍSO, 1997, p.26).

Quando se atribuem características a um sexo, você tem o outro como referência, ainda que seja uma referência invisível. Gênero opõe-se a sexo; refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual (SILVA, 2002, p.91). Então, passa-se a enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo. Assim, o foco das discussões muda, e o termo gênero passa a ser usado como distinto de sexo, procurando *“insistir sobre o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo”* (SCOTT, 1995, p.5). Nas palavras de Louro (2001):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2001, p. 21).

Nesta perspectiva que o conceito gênero⁹⁷ passa a ser empregado com um forte apelo relacional, já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. É com base nessa definição que o campo passa a ter um grande potencial de análise.

Na contemporaneidade, mesmo constatando a proliferação de outras discussões sobre as relações entre homens e mulheres e uma considerável ocupação diferenciada das mulheres nos diversos espaços sociais, ainda herdamos uma cultura que mantém uma *“estrutura de poder social organizada em torno dos interesses masculinos, que, de acordo com as teorias feministas, tem caracterizado a maior parte das sociedades”*. (SILVA, 2002, p. 88). Portanto, Silva (2002) aponta que é esse discurso conservador que produz culturalmente o que é masculino e o que é feminino. Os estudos de gênero colocam ênfase na diferença e incorporam contribuições que entendem a diferença como *“um processo lingüístico e discursivo. A diferença não é natural: ela é discursivamente produzida”* (SILVA, 2002, p.87). Essa diferença é sempre uma construção relacional. Nessa perspectiva, Scott defende que *“não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem*

⁹⁷ De acordo com Louro (2001) conceito adotado no Brasil no final dos anos de 1980, o qual pretende recolocar o debate no campo social. Registra-se uma mudança no olhar sobre a questão: a discussão sai do foco biológico e vai para o social, uma vez que é nele que as relações são construídas e reproduzidas.

definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres” (SCOTT, 1995, p.87). E são as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um aspecto negativo ou positivo.

Ao estudar afinal, somente as mulheres essencializa-se a discussão. Acaba-se olhando o mundo a partir de uma só perspectiva, quando essa construção do sujeito é sempre relacional. Portanto, quando se atribuem características a um sexo, temos o outro como referência, ainda que seja uma referência invisível.

A pesquisadora Scott (1990) salienta que *“o gênero é uma construção social e histórica de homens e mulheres que se dá em muitas instâncias sociais”* (SCOTT, 1990, p.27). Assim, Scott pretende também, que gênero seja compreendido como constituinte da identidade dos sujeitos. Identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas. Através dessa compreensão mais ampla de gênero, argumenta Louro (1995):

(...) exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); (...) é mais do que uma identidade apreendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais. (LOURO, 1995, p. 103).

O conceito proposto por Scott (1990) surge como uma ferramenta teórica para percebemos que as instituições sociais, como a justiça, a igreja e a escola, por exemplo, expressam relações sociais de gênero. Isso leva-nos a pensar na idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos e da produção de *“homens”* e *“mulheres”* nessas diferentes instituições. Assim, ao propor um novo olhar para a história, Scott (1990) inaugura uma nova discussão sobre os estudos de homens e mulheres. Propõe uma virada lingüística para os estudos da área, *“afirmando que a linguagem não seria propriamente uma representação da realidade feita pelos sujeitos, mas sim constituidora dos sujeitos e da realidade”* (LOURO, 1995, p.110). Dessa maneira, essa ferramenta teórica parece ser potencialmente fértil para os estudos e as pesquisas em geral, e da educação em particular.

Outro aspecto importante na argumentação de Scott (1990) é a idéia de que é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, pois há um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros. E conforme Louro (1997)

“usualmente se concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão” (LOURO, 1997, p.31). Portanto, desconstruir essa polaridade significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um.

Ao sermos capazes enfim, de questionar a polaridade homem/mulher, ou melhor, de desconfiar de sua naturalidade, poderíamos perceber processos históricos de construção e, em particular, o papel das diversas instâncias e práticas educativas nessa construção (LOURO, 1995, p.116). Poderíamos, inclusive, propor ações para que a construção do gênero também se faça por meio de sua desconstrução, e conseqüentemente, de muitas mudanças.

Scott destaca, que as coisas têm a função de significar algo, tal como as palavras e as idéias, possuem uma história. (SCOTT, 1990, p. 265). Elza e sua vida dedicada a educação, é essa a história que pretendemos re-escrever. História desenvolvida pela convivência junto a Paulo Freire significando ou re-significando a pedagogia. Portanto, as considerações de Scott (1990), explicando que gênero, ao contrário de sexo, era socialmente construído e refletia sobre todos os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão de trabalho, argumenta que *“as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado.”* (SCOTT, 1990, p. 5). Propomos então, que Elza e Paulo Freire poderão ter maiores possibilidades de compreensão, discussão e reflexão se forem analisados e estudados sob a perspectiva da Pedagogia da Convivência.

3.4 – ELZA E SUAS MULTIFACES: CONVIVER A VIDA, A EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA

“... Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador.” Arturo Ornelas (ORNELAS apud GADOTI (Org.), 2006, p. 150).

Uma grande cientista, renomada escritora, guerreira conquistadora, reconhecida educadora... Enfim, uma grande “lutadora da vida cotidiana” nem sempre tem seu nome citado nas aulas de História ou Religião, nos rodapés dos direitos autorais, nos recortes das impressionantes descobertas. Elza não tem, ou se os tem, ainda são de maneira tímida e desconhecida. Muitas “lutadoras” cruzam nosso caminho, despercebidamente, como a poesia que entenece nossa vida, como a brisa suave que ameniza nossa face, como a melodia que solidariza nosso coração. Isso traz à tona a questão: será que os pesquisadores da educação, escritores de teses, historiadores da cultura se dão conta que conviveram com uma “heroína”, será que o marido, os filhos e amigos se dão conta que conviveram com uma “lutadora”, que não fica atrás ou que não deve nada a tantas outras que se tornaram conhecidas pelo mundo afora? Elza e suas multifaces, mulher de multifacetadas: Filha e irmã; esposa, mãe e avó; professora e intelectual; dona de casa e exilada...

Para discorrermos sobre o título do referido sub-item, Elza e suas multifaces: conviver a vida, a educação e a história, nos aportamos ao conceito de multifaces apresentado por Ferreira (1995)⁹⁸: “que se aplica a diversos assuntos: pesquisador; multifacetado (que tem muitas facetas”. Entretanto essa definição nos remete, no caso específico de Elza, a complementação, quando o mesmo autor entende que faceta é [Do fr. *facette*] pequena face ou superfície; superfície limitante de cristal ou pedra preciosa; cada um dos aspectos particulares pelos quais se considera alguém ou algo. Citaremos ainda que multifaces⁹⁹: que pode ser encarado de diversas formas; que apresenta vários aspectos; cuja atividade não se atém a um só assunto e, faceta: cada uma das faces das pedras preciosas talhadas.

Elza e suas multifaces: a pesquisadora de diversos assuntos e de aspectos particulares pelos quais é considerada. Elza e suas facetas: faces de cristal ou pedra preciosa talhada. Esse o significado empreendido por nós a dar sentido aos objetivos dessa pesquisa.

⁹⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo: Nova Fronteira, 1995

⁹⁹ PRIBERAM INFORMÁTICA, 2006. <http://www.priberam.pt/default.aspx> [consultado em 2009-25-07].

Assim como as multifacetadas de Elza, segundo Scocuglia (2001) a multifacetada obra de Paulo Freire trata de inúmeras questões. Questões que devem ser debatidas e apreendidas dentro da amplitude de seus conceitos, de suas premissas, do contexto de seu pensamento complexo e que esteve sempre em construção e passível de análise dentro do seu inscrever-se histórico (SCOCUGLIA, 2001). A atualidade do pensamento Freireano e a sua multifacetada obra, ainda pouco estudados e compreendidos, nos deixam seguros o bastante para afirmar da sempre retomada das suas discussões, muitas apenas em entrevistas, esboçadas, mas presente com intensidade no seu pensamento-ação. Isso é essencial para fundamentar e referenciar essa pesquisa sobre Elza.

A atualidade da temática sobre Elza e a sua multifacetada participação na História da Educação, se explica também por identificar nela “lutadora da vida cotidiana”, que acreditava, sobretudo no ser humano e em suas capacidades, solidarizando-se com causas humanitárias. Elza, com a afirmação abaixo, condensa a desmistificação radical da condição humana e, ao fazê-lo traz a beleza de reconhecer as possibilidades do aprender pela diversidade:

A meu lado, em voz baixa, disse Elza: “Este foi o momento mais bonito de nossa visita a esse país. Temos realmente muito o que aprender de um povo que vive tão intensamente a unidade entre a palavra e o gesto. O indivíduo aqui vale enquanto gente. A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração. (FREIRE, 1978, p. 39).

É sobre essa Elza também que estamos investigando. Para tanto, reforçamos, as idéias trazidas por Ornelas (2006), como epígrafe nesse subitem, como elemento fundamental para o reconhecimento das multifaces de Elza, ao dar ênfase ao aspecto “*a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador.*” Observamos Elza, que luta e se compromete “com” e “pelo” “*oprimido*”, ao desenvolver com companheirismo a sua participação ativa enquanto sujeito, por meio do seu comprometimento e trabalho. Sendo assim, acreditamos que longe de ser “*apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante*” afirmando que Elza é “*Companheira de luta*”. Ousamos dizer que essa afirmação tem outras razões. Sendo assim, em grande medida, a teoria e prática

Freireana, os ideais libertadores devem sua existência à presença marcante de Elza junto ao trabalho de Paulo Freire. Paulo Freire fala sobre Elza e, ao reconhecer salienta:

Ela era uma “artista” cujo respeito por mim moldou quem eu sou. Ao me respeitar, ela desenvolveu muitos aspectos do meu perfil. Por causa disso, sem Elza é possível que eu não estivesse aqui falando sobre isso – é possível, mas não tenho certeza. É possível que eu não estivesse aqui se não tivesse sido pelo amor que tinha pela vida. O amor por mim, pelas crianças, pelo povo, pelos alunos e alunas. Sua coragem de criar coisas nunca parou... Estou analisando alguns momentos no processo do meu desenvolvimento e por isso estou pensando sobre sua influência e suas sugestões. (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

Paulo Freire agrega mais uma multiface de Elza, ao responder: “*Sua heroína predileta: Elza.*” (FREIRE in GADOTTI (Org.), 2006, p. 65). Freire se apropria dessa capacidade de Elza, posicionando a mulher num patamar que lhe permita reconhecer a presença através da atitude que suporta, orienta e acolhe em todos os momentos e em todas as situações, com a capacidade de superar e se superar.

Entendemos nessa perspectiva que os filhos igualmente procedem, conforme manifestado por Lutgardes: “*Minha mãe não foi só uma grande educadora, mas também uma grande companheira do meu pai. Ela soube guiar o meu pai nos momentos mais difíceis*”. (Lutgardes Costa Freire, 2007). Assim, Lutgardes apresenta outras multifacetadas de Elza, mãe, educadora e companheira, confirmando o aspecto da heroína.

Para realizarmos uma análise mais reflexiva sobre as multifacetadas de Elza, como uma hipótese possível, cujo enfoque principal se dá no aspecto pedagógico, remetemo-nos aos períodos anteriores, a partir de quando ela exerceu o papel de professora inicialmente no meio familiar, junto aos irmãos; prática que permaneceu, quando ao lado de seus filhos, e profissionalmente, quando no exercício das funções de professora e diretora de escola, concomitantemente ao encaminhar Paulo Freire às aproximações pedagógicas. O início com as “aulas-domiciliares”, progredindo essa prática depois sob a forma institucionalizada perpassando a Escola Normal e o Instituto Pedagógico, conforme apresentado e discutido no capítulo anterior.

Elza vai agregando à sua capacidade de educadora, outras atribuições acumuladas no perpassar do tempo e da história. Assim sendo, vai nos apresentando suas

multifaces: mulher, mãe, esposa, professora, companheira, lutadora. Agora, defrontamo-nos pela pesquisa, com a necessidade de compreender como foram sendo construídas e justificadas essas multifaces, que envolvem não apenas a mulher, mas outros grupos minoritários que foram, também, marginalizados historicamente, com os quais Elza foi estabelecendo outras perspectivas em torno de suas capacidades multifacetadas. Santiago (1987) tece importante comentário acerca desse contexto: *“Sem sombra de dúvida os ensinamentos recebidos por Elza, desde a sua infância, ampliados e disseminados, ao longo de sua vida, brotaram nela a capacidade de “ser mais” estendendo-se aos seus filhos, também seus educandos”* (SANTIAGO, 1987, p. 9). Este movimento de “ser mais” pode ser entendido como uma nova maneira de atuar, que possibilite o alcance de um objetivo maior, na contemporaneidade, que é o de aprofundar, dando ênfase à construção de uma educação libertária, conscientizadora, amorosa e transformadora.

O que se percebe então, é que Elza *“tinha uma sensibilidade, uma capacidade de sentir os outros, muito aguçada.”* (LUTGARDES COSTA FREIRE, 2007). Nesse sentido, a sua capacidade de “ser mais” perpassa a atenção que dispensava aos sujeitos, no convívio com o outro; a sua sensibilidade possibilitava o respeito ao diferente e às diferenças. Certamente através do ato de escutar o outro, Elza possibilitava o envolvimento, cognitivo e afetivo, do qual se podia estabelecer a interação, crítica e reflexiva. Elza não se limitou ao ouvir simplesmente, mas ampliou-o para o sentir, aproximando-se do outro. Para ela, tais questões eram colocadas e retiradas do colectivo, num movimento permanente, o qual devolvia re-significados. Como bem elucida sua filha Fátima (2008), podemos escutar suas palavras:

Fui iniciada também no ato da escuta por minha mãe; cedo ela me pôs nas malhas, nos fios, do possível texto do outro. Já pequena eu me exercitava nos enredos das redes de significados que me invadiam e, de certa forma, eu me via levada sempre resignificá-los. (DOWBOR FREIRE, 2008, p. 35).

Esse comportamento de Elza aponta para uma das principais posturas pedagógicas, e vai sendo demonstrado por toda a sua trajetória multifacetada. Descobrir e re-descobrir através da busca do significado do outro através do significado de si própria. Assim procurar trabalhar a dimensão individual, sabendo respeitar o sócio-cultural e vice-

versa, sem anular ou perder o individual, isso foi influenciando e determinando sua vida, delimitando e registrando sua trajetória político-pedagógica.

Tanto que Elza sempre demonstrou interesse pela arte-educação, desde os primeiros tempos na escola “*perto de casa*”, aonde com a professora Maria Elisa Viégas, não foram apenas “*iniciados seus estudos*”. Aconteceu ali através da arte-educação, o seu despertar e a sua aproximação com um tipo de educação e de escola, que marcaram seu trabalho político e influenciaram sua prática pedagógica, desdobrando-se depois para seus filhos e pelas escolas aonde atuou. Multifaces político-pedagógicas de Elza.

Isso se comprova ao avançarmos alguns anos mais para encontramos Elza que, com sua profissão e participação, contribuiu em Recife e pelo mundo com o legado que hoje nos apresenta como patrimônio educacional e cultural, re-afirmando seu interesse pela arte-educação e seu compromisso político-pedagógico e sócio-cultural, confirmado através de Ana Mae¹⁰⁰ em meados dos anos 1950, na Escola de Belas Artes, informações relevantes sobre Elza nesse contexto, que vão comprovando o preparo intelectual e a sensibilidade, comprometimento em sua atuação profissional: “... *sua primeira mulher, Elza Freire, foi uma das pioneiras na integração da Arte na Escola Pública, enfatizando as produtivas implicações do fazer artístico no processo de alfabetização*”. (MAE BARBOSA apud VALE (Org.), 2005, p.20). Indiscutivelmente isso colabora para delinear multifaces de Elza junto à alfabetização integrada com a arte-educação, cujas experiências em escolas públicas revelam um período significativo de sua vida no sentido intelectual, social, político, pedagógico e cultural, sobretudo sua participação na História da Educação.

Rodrigues (2003) defende que o papel feminino, entendido como “status”, sempre esteve relacionado à sua forma de inserção no mercado de trabalho. Como se refere (RODRIGUES, 2003, p. 63), “tornando “natural” a exclusão feminina dos processos produtivos do espaço público”. Por isso a importância de se analisar a multiface de Elza mãe e educadora, esposa e professora. Elza ainda que se ausentasse por vários períodos, por

¹⁰⁰ Ana Mae Barbosa é professora da Universidade de São Paulo e autora de várias obras. Entre elas: *Teoria e prática na educação artística* (São Paulo, Cultrix, 1980) e *Arte-educação no Brasil* (Rio de Janeiro, Perspectiva, 1982). Arte-educadora pernambucana, conhecida internacionalmente. Conviveu com Elza e Paulo Freire em Recife, depois em São Paulo, professora e amiga da filha Madalena.

longas horas, alternando-se entre os compromissos, ora profissionais e conjugais, ora maternos e políticos, traz conotações de coerência e bom senso, de o reflexo da educação recebida, do convívio com seus pais, se apresenta: *“Nossa relação com eles foi sempre marcada pela qualidade, e não podia ser diferente, pois ambos trabalhavam. A mãe era, naquela ocasião, professora primária e, depois, diretora de um grupo escolar; o pai professor de português no Colégio Oswaldo Cruz.”* (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXVII). É importante isso nas próprias palavras de Cristina, a postura de Elza, no desempenho de suas atribuições, no cumprimento de seus afazeres, quando ela mesma apresenta o significado desse movimento de Elza, ao reafirmar: *“Hoje posso compreender a importância daqueles passeios e o acerto de nossa mãe ao fazê-los. Na relação entre pais e filhos, o fundamental não é a quantidade, e sim a qualidade das horas que os pais dedicam a seus filhos.”* (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXVII). Daí, nesta perspectiva, Elza e o desdobramento de si mesma através de suas multifaces.

Ao trazer à tona essas discussões sobre a capacidade de Elza em conciliar filhos, família e trabalho, Ornelas (2006) proporciona uma reflexão importante ao analisar as pluralidades de sentidos. A significação deles como multifaces de Elza estabelecidas entre as *“contradições e problemas dos filhos”* e os *“problemas do mundo”*, assim resume Arturo Ornelas:

Sabendo realmente que as contradições e problemas dos filhos são os problemas da vida, contou-me do difícil parto de Fátima, do primeiro concerto de Joaquim, do trabalho de Madalena como professora, dos progressos de Lut, de Cristina. Elza foi sempre consistente quanto à liberdade dos filhos, a liberdade do amor. (ORNELAS apud GADOTTI (Org.), 2006, p. 151).

Vale frisarmos, que se torna relevante esses apontamentos para discutirmos que em Elza através de suas multifaces, também, existe o mérito, a responsabilidade e a luta em torno da Pedagogia Freireana. A discussão dos acontecimentos e fatos históricos que os levaram juntos a pensar, sentir e construir essa Teoria e Prática Educacional, que desde o final da década de 1960 se espalha pelo mundo, é parte constitutiva de nossa investigação.

Entendemos assim que, Elza em suas multifaces, está inserida nesse contexto. Elza encontra-se inteira como mulher, mãe, esposa, companheira, educadora, política. Entretanto, ainda *“na penumbra”* está inserida nos fragmentos dessa História, em forma de

incentivo, solidariedade, trabalho, superação. Lutgardes (2005), com o seguinte discurso: *“Fui convidado para esta homenagem ao meu pai, mas eu gostaria de falar um pouco a respeito da minha mãe, Elza Freire, porque muitas vezes os grandes homens aparecem no mundo, na mídia e as suas esposas ficam na penumbra.”* (COSTA FREIRE, 2005), expressa essa condição de Elza.

As palavras de Lutgardes sobre essa questão vêm na sequência de uma série de considerações desenvolvidas no decorrer desta pesquisa sobre o comportamento de Elza nesse processo. Lutgardes, ao ser convidado para prestar uma homenagem ao seu pai, homem, enfatiza que falará sobre sua mãe, mulher. Assim destaca, através deste discurso, uma categoria apontada por Bourdieu (1999), uma espécie de *“agorafobia”* socialmente imposta às mulheres, ou seja, uma censura às formas de expressão pública, verbal ou mesmo corporal¹⁰¹. Por ter sido “negado” às mulheres os espaços públicos, sentem-se condenadas a espaços separados. Portanto, ela se vê acometida por uma espécie de *“agorafobia”*, o que conduz as mulheres *“a se excluírem a si mesmas do agora”* (BOURDIEU, 1999, p. 45).

Além dessa *“agorafobia”*, outro fator relevante é que Lutgardes demonstra intuito de fazer justiça. Sendo assim, se refere ao pai, o homem Paulo Freire, afirmando que *“grandes homens aparecem no mundo, na mídia”*, enquanto que se referindo à mãe, a mulher Elza, salienta que *“suas esposas ficam na penumbra.”*, conclui Lutgardes (LUTGARDES COSTA FREIRE, 2005).

As multifacetadas de Elza depuram temas e formas de expressão, alcançadas, no conjunto, pela universalidade e originalidade só reservadas àqueles que fazem do trabalho político-pedagógico um exercício ao qual se dedicam toda uma vida. Assim a multifacetada vida de Elza em torno da educação nos permite através da pesquisa re-escrever a multifacetada História.

¹⁰¹ BOURDIEU, Pierre (1999), *A dominação masculina*. O autor apresenta reflexões sobre a dominação masculina, a partir do trabalho entre os *Kabylie*. É a exclusão do espaço público que, quando se afirma explicitamente, condena as mulheres a espaços separados e uma censura implacável de todas as formas de expressão pública, verbal ou mesmo corporal – fazendo da travessia de um espaço masculino, como os acessos ao lugar da assembléia (*thajmaâth*) uma prova terrível – pode se realizar em qualquer outra parte. Ela toma a forma dessa espécie de *“agorafobia”* socialmente imposta que pode sobreviver muito tempo à abolição das proibições mais visíveis e que leva as mulheres a se excluírem a si mesmas do agora.

3.5 – ELZA: EM TORNO DE “UM NOVO OLHAR”

“Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer “antes de Elza” e “depois de Elza.””

Paulo Freire (FREIRE & HORTON, 2003, p. 83).

Um dos questionamentos trazidos pelo texto sobre a investigação em torno de Elza refere-se a que influências a participação dela contribuiu para a Educação. Durante o período de investigação, a fim de desenvolvermos esse terceiro capítulo, consideramos essenciais as aproximações em torno de Elza e Paulo Freire, para reforçarmos vários aspectos da História. Nosso intuito é o de indicar fundamentações que consideramos relevantes para ampliação do arcabouço teórico da pesquisa. Neste caso, devemos nos referir as possibilidades de “um novo olhar” condizente à Pedagogia Freireana sob a perspectiva de Elza.

Neste contexto, deparamos com importante referência, trazida para a epígrafe desse subitem, sobre as influências de Elza em Paulo Freire, reforçando a nossa hipótese em torno da “Pedagogia da Convivência”, mencionada anteriormente nesse capítulo. Tais influências não se apresentam estanques, contemplando aspectos cognitivos e afetivos, possibilitando um processo capaz de impedir a dicotomia entre eles e a realidade existencial. Paulo Freire destaca: *“Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer “antes de Elza” e “depois de Elza”.* (FREIRE & HORTON, 2003, p. 83). Assim é possível criar-se uma nova interpretação sobre a complexa discussão contemporânea em torno da Pedagogia Freireana, com evidentes influências de Elza, configuradas em *“antes de Elza”* e *“depois de Elza”*.

Lutgardes (2005) assegura considerável contribuição nesse sentido, ao proferir em Sessão Solene de Homenagem à “Memória de Paulo Freire”: *“Portanto, é difícil falar de Paulo Freire sem falar de Elza Freire, porque ela foi uma grande educadora, uma grande pensadora”*. Esta declaração favorece nossa análise, pois embasa a hipótese formulada por nós de que para melhor compreender a dimensão da teoria e prática

Freireana há que se perpassar Elza, identificando suas capacidades de “*educadora*” e “*pensadora*” que a caracterizam, bem como permitir, o desvelamento de abordagens, até então, ocultadas.

Isso vai sendo confirmado no decorrer da pesquisa, ao nos depararmos com outras referências que ressaltam a presença de Elza junto a Paulo Freire, conferindo um caráter político-pedagógico, em função da admirável influência que exerceu sobre ele, e certamente sobre outros que se dedicam à Educação. Como demonstra Gadotti (2006, p.150): “*Em suas notas autobiográficas, ele destaca que ela o encorajava nas discussões sobre questões pedagógicas. A influência de Elza em seu trabalho escolar prático não pode ser subestimada*”. Há de se reconhecer que Paulo Freire constantemente apresenta indícios da influência de Elza, seja na forma de entrevistas ou em suas publicações, isso não pode ser minimizado.

Daí, nesta perspectiva, a importância de analisarmos a valiosa influência e consistente participação de Elza na própria consolidação da teoria do conhecimento¹⁰² forjada por Paulo Freire. A maioria das biografias¹⁰³ apresenta Paulo Freire como Bacharel em Direito, enquanto que as referências sobre a formação de Elza são conclusivas: Professora. Então, identificamos a lacuna existente no contexto da formação profissional. Rosas (2000, p. 18), escreve que Paulo Freire ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1943, casando-se com Elza no ano seguinte. Em seguida, reforça aspectos que consideramos essenciais para o encaminhamento dessa hipótese ao salientar que Elza, “*professora primária e exímia alfabetizadora*” exercia profunda influência sobre a vida e a construção do pensamento pedagógico de Paulo Freire. A aproximação pedagógica de Paulo Freire está relacionada à sua forma de inserção nesse contexto, cujo resultado se deve a Elza, como é possível observar: “*Ela influenciou-me enormemente. Assim, meus estudos lingüísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia.*” (FREIRE & MACEDO, 2002, p. 109). Essas citações servem de base ao entendimento dessa temática.

¹⁰² BRANDÃO (2005) apresenta estudos relacionados às discussões em torno do pensamento e da práxis de Paulo Freire, em seu livro: *Paulo Freire: Educar para Transformar*, considera que Paulo Freire criou uma proposta educacional revolucionária que, incorporando um conjunto de princípios ético-político-pedagógico, forjou uma teoria do conhecimento em prol da conscientização política, em que a educação é prática da liberdade.

¹⁰³ Consultar: FREIRE, A. M. A. (2006, p. 55); GADOTTI, M.(Org. 2006); FREIRE (1992), dentre outros.

Desta maneira, o desenvolvimento da referida teoria do conhecimento de Paulo Freire está condicionada ao modo de participação de Elza. Portanto, ampliamos a discussão e destacamos a Elza estudante na escola tradicional e confessional de Olinda, na Escola Normal do Recife; bem como no Instituto Pedagógico. Depois, Elza professora nas Escolas públicas e nos cursos de formação de professores na Escola de Aplicação, na Escola de Belas Artes. Assim, Elza pesquisadora de métodos pedagógicos e inovações de práticas de ensino, alfabetizadora de crianças e de adultos. Paulo Freire (apud BRANDÃO, 1983), com a afirmação abaixo, contempla a questão da lacuna em sua formação, preenchida com a formação e contribuição de Elza:

(...) porém eu tenho uma grande deficiência, um grande vazio na minha prática de professor: eu nunca fui professor primário (...) Mas eu nunca tive experiência direta com crianças, nunca alfabetizei crianças. Minha grande experiência com crianças foi com meus filhos mesmo, que hoje são os melhores juízes de Elza e da minha prática de educadores. (FREIRE apud BRANDÃO, 1983, p. 93).

À medida em que Paulo Freire foi definindo as atividades pedagógicas de Elza, referenciando sua atuação como professora e diretora de escolas públicas, estabelecendo aproximações entre esses trabalhos, desde os movimentos populares até a intimidade familiar, nas dimensões político-pedagógica e cognitivo-afetiva que os caracterizava. Paulo Freire (FREIRE & HORTON, 2002), confirma a formação de Elza e como ele interpretava sua atuação:

(...) porque ela era uma educadora fantástica, muito jovem, mas muito, muito boa, cheia de noções e sentimentos e conhecimento daquilo que estava fazendo. Na pré-escola e também no primário, ela era excelente na alfabetização de crianças. Acho que por essa razão ela era melhor que eu. E claro, eu acho que ela era também uma grande educadora. (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

Enfatizamos que, embora as biografias apresentem Elza de maneira superficial e “*au passan*”, subtraindo pesquisar acontecimentos ou detalhar informações, a maioria apresenta unanimidade em reconhecer a notoriedade de sua presença na vida pessoal e na obra pedagógica de Paulo Freire, mesmo que com breves apontamentos e pequenos fragmentos.

Se refletirmos sobre a construção histórica de Elza, sob a ótica da Educação, esse processo nos conduzirá a uma relevante configuração de contextos sobre Elza por

demais complexos. Identificamos a necessidade natural da inclusão de Paulo Freire nesse contexto, ocasionada pela confluência das teorias e práticas de ambos. Neste caso, o processo da convivência assume a perspectiva necessária para a práxis.

Essa relação assim de convivência e práxis, denota como a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa e o que se sente acerca do que se faz. A reflexão sobre o que fazemos em nosso trabalho diário, com o fim de melhorar tal trabalho, pode-se denominar como sendo práxis. É a união entre a teoria e a prática. Conceito comum no marxismo, que é também chamado filosofia da práxis, designa a reação do homem às suas condições reais de existência, sua capacidade de inserir-se na produção (práxis produtiva) e na transformação da sociedade (práxis revolucionária). Para Paulo Freire, práxis é a *“ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”*, como ele defende na Pedagogia do Oprimido.

Uma possível visão de transformação relacionada a partir do momento em que o homem e a mulher sentem a necessidade de produzir algo novo, e encontram na práxis criadora o espaço que *“permite enfrentar novas necessidade, novas situações”* (VÁZQUEZ, 1979, p. 247). Acrescentaríamos a essa reflexão de Vázquez que o “novo” não significa necessariamente “outro”, pode ser produto do “novo olhar” lançado sobre coisas já vivenciadas. Por isso, entendemos a importância da formulação de hipóteses que permitam a investigação sob esse novo olhar, olhar que possibilite o re-escrever da História, também em torno de Elza. E isto implica não apenas em idéias e realidades, aponta a possibilidade de re-discutir, re-descobrir e re-pensar sob a luz de um novo olhar a pedagogia que propôs uma práxis transformadora das estruturas e das pessoas, pautada numa educação libertadora e conscientizadora. Ou seja, Elza representa “novo olhar” que se projeta sobre antigas questões.

CAPÍTULO IV

ELZA FREIRE: EDUCADORA DOS EDUCADORES

“Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização...”

Elza Freire (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203)

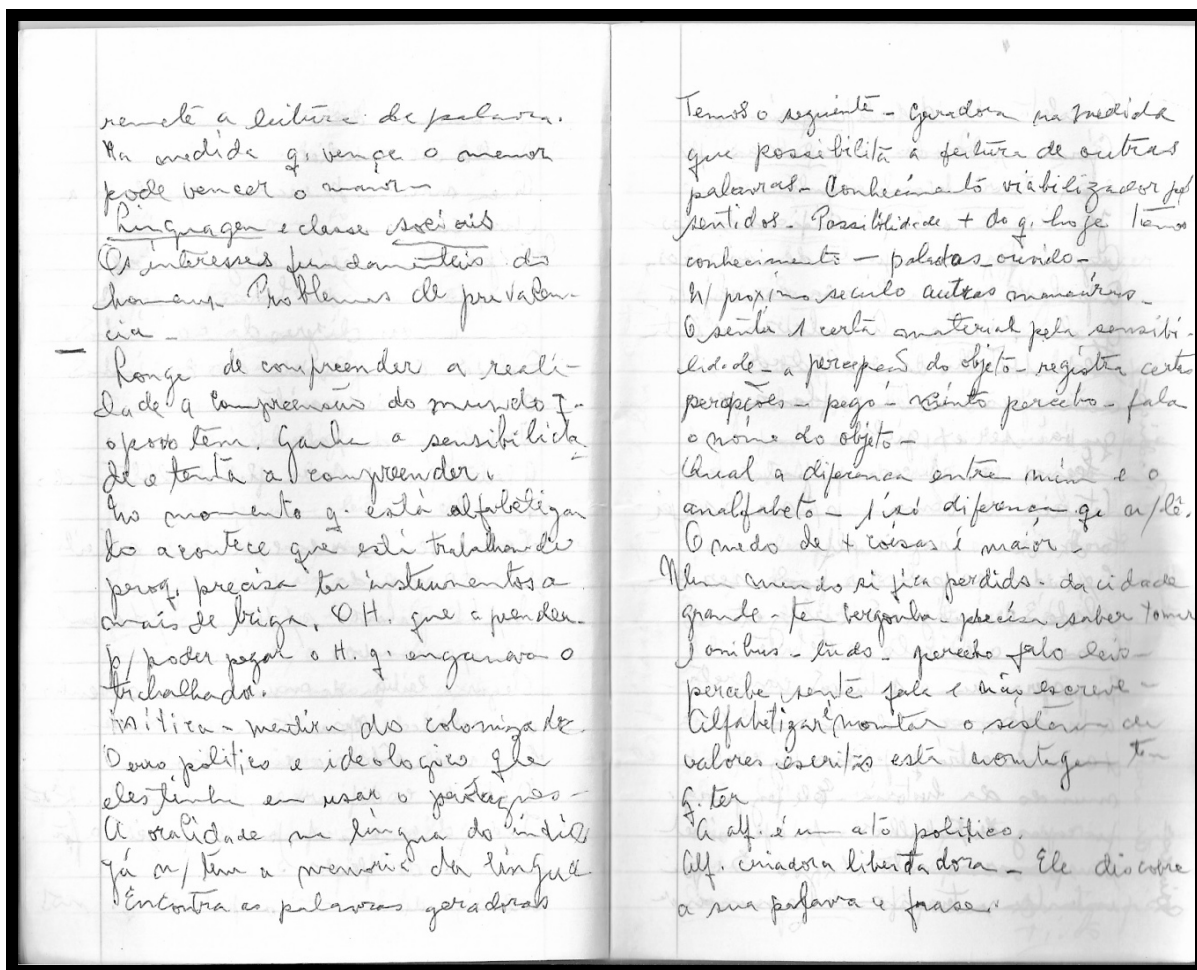


Figura 14 – Manuscritos de Elza (Década de 1960)

Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire

Elza entre as décadas de 1940/1965 participou ativa e firmemente dos movimentos político-pedagógicos do SESI, SEC e MCP no Recife, em seguida Angicos, Paraíba; depois Vila Helena Maria em São Paulo, por fim o PNA em Brasília, com destaque à formação de educadores. Sua presença tornou possível a estruturação e fundamentação das primeiras experiências com Educação de Adultos no Brasil. Durante o Golpe Militar de 1964 compartilha da prisão de Paulo Freire e de maneira decisiva providencia sua saída para o exílio. Durante 1965, parte com os filhos rumo ao exílio voluntário iniciado no Chile. Alguns fragmentos das suas anotações, expondo idéias e práxis se encontram registrados nos manuscritos pertencentes ao acervo pessoal da família, apresentados por esta pesquisa.

CAPÍTULO IV

ELZA FREIRE: EDUCADORA DOS EDUCADORES

“Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização...”
Elza Freire (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203)

Neste capítulo, recuperamos parte da história da vida de Elza, identificando sua participação junto a constituição do chamado “Método Paulo Freire”, “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”, “Sistema Paulo Freire de Educação”, “Teoria Paulo Freire” ou outras denominações que nos foram sendo apresentadas no decorrer da fundamentação teórica da pesquisa para o capítulo, bem como apresentar citações que nos deram suporte conceitual para o entendimento desse processo político-pedagógico e da atuação de Elza, refletindo decididamente para esse processo. Teria início aí o que conhecemos e consideramos hoje como sendo o principal marco da Educação de Adultos no Brasil, que depois veio a se propagar pelo mundo.

Para tal, dividimos em subitens os principais tópicos desse período submetidos à nossa análise, apresentando Recife como principal referência, perpassamos o contexto das experiências do SESI, MCP e Angicos, depois avançamos para além do Nordeste, ao discutirmos Vila Helena Maria em São Paulo e o PNA em Brasília. De volta a Recife analisamos o Golpe Militar de 1964, a prisão e exílio de Paulo Freire, encerrando com a saída de Elza e os filhos do Brasil em 1965.

Elza, com a afirmação *“Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização(...)”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203), inscrita no início do capítulo, admite a sua participação junto com Paulo Freire, ao se referir aos trabalhos realizados para elaboração e constituição da Pedagogia Freireana. A partir daí, desdobraremos o início dessas atividades e pesquisas até a sua saída do Brasil em 1965. Ressaltamos que, a continuação desse trabalho será retomada por nós posteriormente.

Através de algumas narrativas e citações, selecionamos aspectos que denotam a participação de Elza em vários locais e diferentes momentos desse período, os quais teriam

alicerçado o desenvolvimento da Teoria do Conhecimento Freireana, e que se tornaram as primeiras experiências em torno desse contexto da Educação de Adultos.

Tentamos também, destacar o comportamento de Elza que demonstraram sua postura no âmbito do Golpe Militar de 1964, em particular da prisão e do exílio de Paulo Freire, depois suas preocupações quanto a sua saída do Brasil com os filhos.

Destacamos a apresentação de alguns manuscritos de Elza revelando-nos aspectos até então desconhecidos acerca dessa temática, os quais nos permitem ampliar e aprofundar o contexto histórico inserido nessa pesquisa. A análise desses manuscritos aponta para as concepções teóricas e conhecimentos empíricos observados e investigados por Elza. Considerável parte desses manuscritos não foi submetida á nossa apreciação, buscando descrever, analisar e interpretar a importância de suas contribuições no processo histórico da educação. Não estamos com isso suprimindo a originalidade do pensar de Elza, mas reconhecendo que seus apontamentos fazem parte de um momento peculiar. Ainda registramos que retomaremos a continuidade dessas análises futuramente.

A bibliografia principal utilizada para esse capítulo se baseia em: Freire (2001); Fernandes & Terra (1994); Lyra (1996); Germano (1982); Brandão (1981); Fávero (1983) e Beisegel (1982), Paiva (2003), com destaque para os manuscritos de Elza, cujo objetivo principal da análise desses primeiros escritos seria o de dar fundamentação à hipótese de nossa pesquisa. Examinando o conteúdo e a natureza desse material produzido por Elza, salientamos a possibilidade de articular informações teóricas e metodológicas com experiências empíricas, evidenciando as principais contribuições dela para as questões educacionais propostas. Escreve Elza no manuscrito, cuja iconografia abre esse capítulo:

(...) Longe de compreender a realidade, a compreensão do mundo o povo tem (...)
O homem que aprendeu para poder pegar o homem que enganava o trabalhador
(...) Encontra as palavras geradoras. Temos o seguinte: geradora na medida que possibilita a feitura de outras palavras (...)
O conhecimento viabilizador para os sentidos (...)
O sentir uma certa materialidade pela sensibilidade – a percepção do objeto – registra certas percepções – pego – sinto – percebo – falo o nome do objeto (...)
Qual a diferença entre mim e o analfabeto – uma só diferença que você lê (...)
O medo das coisas é maior (...)
Alfabetizar é montar o sistema de valores escritos, esta montagem tem que ter (...)
A alfabetização é um ato político (...)
Alfabetização criadora e libertadora – ele discute a sua palavra e a frase (...).
(ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

Entendemos que a análise desses manuscritos será subsídio à fundamentação de um referencial teórico que evidencie a descrição das realidades político-pedagógicas em questão, para explicar o pensamento de Elza como sendo elementos constitutivos dos trabalhos desenvolvidos.

A pertinência de pesquisar parte da história de Elza, destacando sua presença ao lado de Paulo Freire, situando-a na própria História da Educação de Pernambuco e do Brasil, representa reconstruir o seu esforço próprio e determinação para desenvolver uma educação libertadora, transformadora e conscientizadora, conforme podemos acompanhar com a professora Maria Eliete (SANTIAGO, 1987, p.5), que isso representou: “... *testemunho de mulher/educadora que soube ser e pela sua força e luta silenciosa que, ainda jovem, tendo claro o seu querer, soube defendê-lo*”. Narrativa que repercute na base da Pedagogia Freireana e reflete a luta político-social empreendida por Elza, para o qual Santiago afirma: “*Pela sua opção política que, ao seu modo, partilhou da construção de uma filosofia e prática pedagógica libertadora.*” (SANTIAGO, 1987, p.5). Assim se faz necessário esse registro.

Foi nessa perspectiva, que desenvolvemos os itens em seguida apresentados, discutidos e analisados, destacamos a iconografia da última residência de Elza e Paulo Freire no Recife, antes do exílio.

4.1 – “RECIFE SEMPRE”: CONTEXTO DE ORIGEM

“Recife, cidade minha, proclamo alto:
se alguém me ama a ti te ama”¹⁰⁴
Paulo Freire

Mediante essa perspectiva, iniciada nos parágrafos anteriores, para melhor fundamentá-la, agregamos Josué de Castro, analisando o drama da “*Geopolítica da Fome*”, Celso Furtado, um dos criadores mundiais da economia do desenvolvimento e outros

¹⁰⁴ Recife Sempre, poema escrito por Paulo Freire, na cidade de Santiago, Chile, durante o exílio, em fevereiro de 1969. Poema na íntegra inserido como anexo ao final deste trabalho. Consultar: “Aprendendo com a própria história” – Volume 1, p. 123-127 (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, Anexo, p. 153).

nomes diretamente vinculados ao drama da pobreza e da exclusão. Dentre eles, o próprio Gilberto Freyre que embora possa ter tido outros enfoques, mas contribuiu seguramente com “*Casa Grande Senzala*”, colocando a divisão social no centro das discussões.

Manter a população cativa e privar o povo de educação, limitar ou impedir o seu acesso à cultura formal, à leitura do mundo e à escrita da palavra, foi elevado no Nordeste ao nível de política sistematizada pelas tradicionais famílias que controlavam a política e a economia.

Neste contexto de Recife, alfabetizar as classes populares não era uma tarefa meramente técnica. Constituía, desde o início, uma atitude humanista de solidarização, e uma atitude política de desafio. Diante disso que se confrontaram Elza e Paulo Freire dando início à atuação política e pedagógica de ambos, ao compromisso com os oprimidos, saindo de lá e percorrendo todo o mundo.

A historiografia de Recife registra em sua história além do nascimento de Elza e Paulo Freire, o momento em que eles se encontram e se casam, o nascimento dos filhos. Encontro com Elza o conduz à pedagogia: “*Outra influência importante foi minha mulher, Elza... Assim, meus estudos lingüísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia.*” (FREIRE & MACEDO, 2002, p. 109); e esse encontro os conduz à Educação de Adultos: “*Realmente me especializei em Alfabetização... Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste... Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria? Eu não tinha prática de adulto...*” (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 230). Esses recortes apontam também o registro do nascimento de um “Método” que partiria dali para o mundo, revolucionando a Educação. Daí podemos extrair das palavras de Elza que ela atua decisiva para a concepção dessa metodologia, atuando de forma contínua e permanente, nas idéias e na prática. Elza não é mera expectadora, ela é partícipe.

Recife é o cenário desse processo, era preciso, não tratar a prática político-pedagógica de Elza, desvinculada de um tempo e um lugar, da ideologia da época. Mas situá-la para melhor poder entender a ela e a sua contribuição hoje.

É importante salientar que esta pesquisa oportuniza discutir no contexto acima proposto a história de Elza por meio da História do Recife, dos acontecimentos e, descobrir mais sobre a História do Brasil, por meio dessas duas histórias: Elza e Recife.

Importante ressaltar o contexto nacional e internacional que se seguiu a isso, como podemos observar: “*Sensível e telúrico. Corpo e sentimentos profundamente enraizados em sua terra*” (ROSAS, 2003, p. 73). Assim, Paulo Rosas se refere a incapacidade de Paulo Freire em renunciar a qualquer momento de sua história, história que foi escrita, vivida, edificada com Elza. História de Elza Paulo Freire que com certeza não se fez insensível aos valores e sentimentos dos primeiros anos de suas vidas transcorridos em Recife. Destacando diz: “*Enquanto escrevo, revejo a presença discreta de Elza. A presença marcante de Elza. Elza, a que sabia o momento certo de dizer as coisas.*” (ROSAS, 2003, p. 73). Identidade que não sofreu rupturas, mas que vivenciou transformações importantes, enquanto foi preciso conciliar situações e desafios inesperados, enfrentar ações insidiosas de sentimentos depressivos e continuar adiante. Recife que acompanhou tantas outras cidades, outras tantas experiências, dolorosas, provocadas pelo exílio, mas sem apagá-las ou negá-las, mas construir novos caminhos e possibilidades. Marcas se sua presença, que Elza foi deixando ao refazer-se e fazer-se intelectual e culturalmente, pedagógica e politicamente.

Nesse contexto, conduzido pelas palavras iniciais do outro Paulo, o ROSAS (2003, p. 74), que ele denomina de “*momentos substantivos, pousos intelectuais-afetivos de Paulo Freire, antes de suas vivências no exílio*”, acompanhamos a informação de endereços em Recife de Elza, e interrogando ele se refere a sua participação na vida e na obra de Paulo Freire:

... evoco ainda no seu dia-a-dia, na Rua Rita de Souza ou no Jardim Triunfo, um Paulo Freire coerentemente sensível, quase nos provocando a dizê-lo ingênuo, em nossa incompetência para crer com sua fé no poder da palavra e da educação... Também ela educadora, quanto terá Elza ensinado a Paulo Freire? (ROSAS, 2003, p.73).

Certamente nos será impossível definir ou restringir quanto Paulo Freire pode aprender com Elza, como nas palavras de Paulo Rosas. Mas diante dessa evidente possibilidade, ampliamos a discussão para poder pesquisar e dialogar sobre quanto a

Educação de Adultos terá recebido de Elza? Quanto poderemos nós outros receber de Elza? Onde estivesse, falando ou escrevendo, pesquisando ou trabalhando, indistintamente de públicos ou nacionalidades, em qualquer momento sua história não se fez esquecida.

Citaremos Rosas (2003) quando recorda o Jardim Triunfo, para fundamentarmos a importância de registrar referências sobre a iconografia a seguir, informando que esta residência foi a última antes da saída de Elza e Paulo Freire do Brasil para o exílio. Portanto, é um marco histórico a publicação da imagem inédita. Nessa perspectiva queremos ao apresentar a confrontação de iconografias e propor uma reflexão entre a primeira residência inserida na página 114 e esta última. Por meio da análise das arquiteturas é possível contextualizar as discussões do percurso e os avanços empreendidos pelas experiências trilhadas e compartilhadas entre Elza e Paulo Freire, por meio da Pedagogia da Convivência.



Figura 15 - Residência de Elza e Paulo Freire - 1964 (Jardim Triunfo – Recife/PE)

Fonte: Acervo Pessoal de Vera Barreto

As bases do pensar e do fazer de Elza estão fincadas nos encontros, reencontros e desencontros ideológicos de seu tempo, nos desafios e nas conquistas de sua cidade, nos contrastes entre uma intelectualidade letrada e um imenso contingente de excluídos. Por isso, deixamos deslizar o texto por alguns trechos e relatos que reafirmem o destaque para a influência desse período na vida e na obra de Elza e Paulo Freire. Estas bases se encontram enraizadas no agreste nordestino, bem como nas pessoas que com ambos conviveram.

Elza não apenas viveu *naquele* cenário. Viveu *aquele* cenário. Foi construtora *daquele* cenário. Elza aprendeu e ensinou em todas essas oportunidades, sem esquecer-se ou renunciar seu Recife, aonde tudo começou. Desde sua atuação profissional junto as escolas da periferia quando juntamente com a Escola de Belas Artes iniciou o trabalho pioneiro da arte-educação e a escola pública; o desenvolvimento do “Método Paulo Freire” na casa paroquial da Casa Amarela e no poço da panela, com ênfase para as palavras geradoras; a sua influência quando do trabalho de Paulo Freire junto ao SESI e no MCP; do enfrentamento do Golpe Militar e a solidariedade durante a prisão.

Foram esse preparo e essas experiências iniciais, que na cidade de Recife inauguraram com Elza o trabalho e o compromisso pedagógico e político, que continuaria por sua caminhada em Angicos, Brasília, América e Europa, África, São Paulo, todos encontram registros de sua passagem, todos testemunham sua contribuição e receberam sua influência. Elza, passando por cidades e países diferentes, enfrentando situações diversas e adversas, soube continuar extraindo daí o gosto e o amor pela vida, o ânimo para lutar pelos oprimidos, renovando-o.

Recife dos Mocambos e dos sobrados, das Casas Grandes e Senzalas, do casario, da cana-de-açúcar e do porto; das artes e das manifestações artísticas e culturais, do maracatu e do frevo; da Guerra dos Mascates e da Revolução Praieira; da Escola Normal e da Faculdade de Direito; da Casa Amarela e de Dona Olegarina; do Golpe Militar e da prisão; das mangueiras e areias, do vento e coqueiros, enfim de Elza.

4.1.2 – RECIFICIDADE, NORDESTINIDADE, BRASILIDADE

“... minha recificidade explicava minha pernambucanidade, que esta esclarecia minha nordestinidade que, por sua vez, clareava minha brasilidade, minha brasilidade elucidava minha latino-americanidade e esta me fazia um homem do mundo.”

Paulo Freire (FREIRE, 1992, p. 88)

Elza e Paulo são pernambucanos, nordestinos. Paulo Freire, desde sua infância se sente compromissado com o sofrimento, a injustiça social e a miséria do seu povo, até porque experienciou essa realidade. Elza, desde o seu início profissional, nas escolas da periferia, demonstra igualmente esse compromisso, sobremaneira porque acreditava na capacidade de transformação pela educação. Portanto, para podermos melhor compreender a Pedagogia Freireana, é realmente importante localizar a sua origem, onde e quando ela surge. Isso, sobretudo implica igualmente na discussão desse contexto para Elza, pois ambos são de Recife, e assumiram esse fato por toda a vida e por onde passaram.

Paulo Freire se tornou um pensador universal, universalizando sua Pedagogia não a partir do universo em si, ou dos países que visitou, mas sobretudo, a partir de Recife. Como ele próprio reconhece e declara na epígrafe deste item. Assim também Elza seguiu sendo ela mesma, reinventando-se e renovando-se para enfrentar cada situação que surgia, sem que para isso fosse preciso perder suas raízes ou aculturar-se a ela e aos outros. Mas assimilando algo novo sem eliminar o que trazia, Elza não perdeu sua “*recificidade*” ou “*nordestinidade*”, sua “*brasilidade*” ou “*latino-americanidade*”, ela continuou sendo Elza. Foi uma mulher do mundo, isso fez com que vivesse a universalidade fora de sua cidade de origem, do Recife, de amor e de lutas sem renunciar a ela.

Mulher forte e decidida, mas meiga e doce, nunca perdeu seu amor ao Recife e ao Brasil, apesar dos duros anos de exílio. Também sua nordestinidade quis conservar durante a vida toda, sem contudo fazer disso uma expressão caricata que a impedisse de ser uma “*mulher do mundo*”, uma cosmopolita. Com isso expressa sua teoria do conhecimento que se renova, compõe e se recompõe nas experiências e continuamente, enquanto uma totalidade contraditória e crescente. (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Esse é, aliás, um dos aspectos fundamentais que irá nos acompanhar durante o desenvolvimento deste capítulo, pois discutir essa tal “*recifidade*”, tão implícita e explícita em Elza, é tentar impedir a dicotomia entre os saberes popular e o erudito ou de como compreender e experimentar a dialética entre os dois.

Respeitar esses saberes que se inserem a um horizonte maior no qual são gerados, o horizonte do contexto cultural, que não pode ser entendido isolado da sociedade, das classes sociais, da religiosidade, do corpo e da vida, enfim. É impossível entender o respeito à interpretação e à significação do global sem referências ao local. Elza e Paulo Freire têm em Recife essa localidade, demonstraram essa referência em todo o percurso do trabalho desenvolvido, ora no Brasil, ora no mundo.

Essa compreensão e concepção de mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte é o que Snyders (1988) chama “*cultura primeira*” e “*cultura elaborada*”. É consensual que é o avanço do conhecimento que nos faz aceitar a existência de uma “*cultura primeira*” e de uma “*cultura elaborada*”, ainda que este conhecimento esteja em movimento, esse avanço deve ser facilitado, pois se apóia nos conhecimentos que temos e que consideramos significativos.

Elza e Paulo Freire constroem uma Pedagogia num itinerário que vai da cultura popular à cultura erudita e letrada, encadeando o “*saber de experiência feito*” ao “*saber científico*” passando pela formação da consciência crítica, articulando a primeira com a segunda.

Georges Snyders pretende operar uma ruptura e uma continuidade entre a “*cultura primeira*” e a “*cultura elaborada*”, que a síntese entre a “*continuidade/ ruptura*” em relação à cultura de massa deverá ser feita pela escola, se quiser respeitar a identidade cultural dos educandos.

É nessa perspectiva que Snyders (1988) defende a *continuidade/ruptura da “cultura primeira/cultura elaborada”*, o que Freire (1999) prefere chamar *continuidade/superação do “saber de experiência feito/saber científico”*. Portanto, as discussões de Snyders, em sua Pedagogia Progressista e Freire em sua Pedagogia Libertadora, produzem uma prática reflexivo-crítica.

Dentro dessa perspectiva situamos e discutimos essa “*recifidade*”, pois só podemos compartilhar com alguém aquilo que possuímos: “... *nada pode pela felicidade de outrem, aquele que não sabe ser feliz ele próprio*” (SNYDERS, 1988, p.21). Portanto, Elza e Paulo Freire tiveram a coragem de abrir-se aos desafios de uma Pedagogia oposta à tradicional, inovando as suas práticas pedagógicas, a partir do momento em que não violentaram seu saber local, não se perderam em contradições com o universal e superaram-se, pois compreendiam que sendo felizes em si próprios, partilhariam a felicidade alheia.

Recife que desde o início de sua formação, apresenta-nos como o berço e o solo fértil, preparados para embalar e acolher Elza, seja nos parágrafos anteriores, seja nos subseqüentes, mas que durante o percurso de sua história, muito colaborou para sua formação intelectual e afetiva, cultural e emocional, influenciando e acompanhando suas memórias, marcadas por suas andanças, ora com lembranças, ora com esperanças.

Que acompanhou a família, os filhos, refletindo forte e intensamente nos aspectos pessoais e profissionais. Elucidando isso, Fátima, escreve: “*As lembranças da minha infância no Recife têm cheiro de mar, gosto de manga espada na boca e o som do vento brincando nos coqueirais da praia de rio Doce*” (FREIRE DOWBOR, 2008, p.21). Outra Maria, a Cristina dá continuidade: “*Dessa época... ficaram inúmeras e inesquecíveis lembranças. Por exemplo, os passeios com a nossa mãe à Praça de Casa Forte permanece como um quadro cujas cores o passar dos anos não conseguiu apagar.*” (HEINIGER FREIRE apud FREIRE, 2001, LXXVII). E para concluir Fátima recorda: “*Hoje percebo como o aprendizado de amar o Recife foi profundamente influenciado pela figura dos meus pais.*” (FREIRE DOWBOR, 2008, p.30).

Recife sempre, desde o contexto de origem a uma história político-pedagógica fez parte da história da educação escrita por Elza e Paulo Freire, iniciada lá e desenvolvida pelo mundo afora.

4.2 - MÉTODO PAULO FREIRE

“Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria?... Os primeiros resultados foram impressionantes.”

Elza Freire (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203)

No presente capítulo buscamos identificar a participação de Elza para a constituição do chamado “Método Paulo Freire”, “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”. Nossa preocupação inicial foi tentar demonstrar Elza caracterizando sua participação que, durante todo o momento se constitui no sujeito de nossa pesquisa. Portanto, a expressão “Método Paulo Freire” foi conservada para o desenvolvimento desse capítulo, tendo sido a selecionada para esse momento da pesquisa, pois ela é a utilizada nas principais referências do período proposto, com destaque para os documentos e os depoimentos, sobretudo as encontradas nas anotações da própria Elza para o registro das referidas experiências.

Posteriormente a partir do exílio, Paulo Freire juntamente com Elza, dá início a um processo de amadurecimento ao re-pensar, re-avaliar e re-atualizar as discussões e os estudos acerca do “Método Paulo Freire”, incorrendo daí novas incursões, salientando o caráter de assumir a partir de então outras denominações, ganhando novas definições. Essa conotação se concretiza quando percorrida após esse período e se efetiva com a volta ao Brasil. Entretanto, nos primeiros anos do desenvolvimento dessa experiência para Educação de Adultos, ela se configura e é apresentada como “Método Paulo Freire”. Por isso, optamos por conservar essa terminologia, observando o contexto e respeitando as condições daquele momento histórico.

Acreditamos ser preciso, dedicar algumas considerações sobre o “Método Paulo Freire”, porém sem destacar como sendo uma análise teórica complexa, formal ou academicista, ainda assim o Método de Alfabetização continua válido e amplamente divulgado e utilizado pelo mundo.

De acordo com Gadotti (apud VENTURI, 2006), a antropologia de Paulo Freire está baseada na idéia de que o ser humano está em constante evolução e transformação.

Assim também pode se concluir de seu “Método Para Adultos” depois “Teoria do Conhecimento”, cujo percurso do processo foi recebendo influências de outros lugares e países, convivendo com várias pessoas e idiomas, atravessando várias décadas, compreendendo culturas e idéias, conhecendo realidades e dimensões, possibilitando o renascimento de interesses e abordagens político-pedagógicas.

Continua Gadotti (apud VENTURI, 2006), concluindo afirma que Paulo Freire *“não gostaria de ser conhecido apenas como quem inventou um “Método” porque exatamente o seu “Método” está entrelaçado a sua teoria do conhecimento e a sua antropologia”*.

A Educação de Adultos, tanto no Brasil quanto em outros países, vem recebendo influências desse “método” inovador de alfabetização para adultos, o qual é considerado como um dos principais marcos para essa modalidade de ensino, se desdobrando para além da Alfabetização de Adultos e se transformando numa revolucionária filosofia da aprendizagem e do ensino. Tal “Método” compreende que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e alfabetizar-se implica ler e re-escrever o mundo, transformando-o para melhor. Partindo da realidade dos educandos através das palavras geradoras, vivencia-se os “Círculos de Cultura”, em que educandos e educadores, ensinando e aprendendo juntos, constituem-se sujeitos na construção de saberes. Como enfatiza Carlos Rodrigues Brandão (1981):

Poucas vezes, em toda a história da educação, um simples “método de alfabetização” deu margem a tanta discussão. Poucas vezes, também, um método, vinte anos depois de sua criação, continuou a gerar experiências com a vitalidade de seus primeiros tempos. Mais que um simples método de alfabetização, Paulo Freire criou uma prática pedagógica cujo embasamento político obrigou a própria educação a repensar-se e reconhecer em cada indivíduo um agente da história. (BRANDÃO, 1981, contra-capla).

Nesse sentido é que pesquisar Elza, identificando sua efetiva presença nos revela outras possibilidades acerca do “Método Paulo Freire” na medida em que avançamos as discussões acerca de suas contribuições e influências. Importante salientar que a expressão “Método Paulo Freire” vem sendo aplicada com diferentes conotações, conforme o nível educacional, as necessidades locais, os critérios adotados para a sua aplicação e

diante das exigências atuais. Assim, há teóricos que adotam outras expressões, adaptações e denominações.

O “Método Paulo Freire” de alfabetização da palavra e do mundo dentro da sua compreensão de educação, situando-a como um dos principais pilares à construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária. Ele não é um todo que se justifique por si só, está contido na teoria do conhecimento criada por Paulo Freire.

Na tentativa de não desvincular a teoria ou a compreensão de educação do “Método Paulo Freire”, como se qualquer uma delas pudesse se sustentar sem a outra, demonstraremos com o cuidado necessário sobre a criação e o desenvolvimento do “Método” nos detendo sobre a participação de Elza para se constatar e entender a relação estabelecida entre ambos. Como destaca Lutgardes Costa Freire:

Após esta experiência, foi nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Juntos deram os primeiros passos no trabalho com alfabetização de adultos. Começaram a utilizar o que mais tarde seria chamado Método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos. (COSTA FREIRE apud SOUZA (org.), 2001, p. 332).

O “Método Paulo Freire” não pode ser entendido na sua forma mais ampla e profunda, sem perpassar o conteúdo eminentemente amoroso de sua proposta de libertação e de uma alfabetização conscientizadora. Elza era a alfabetizadora, preparada por escolas de referência, cuja experiência perpassava várias instituições. Então, Paulo Freire transfere para os adultos a experiência de Elza. Juntos, Elza e Paulo Freire pensam e executam, teorizam e fundamentam esse “método”. Discutindo tal premissa, Elza demonstra colaborar efetivamente nesse contexto:

A Elza me traz assim pra dentro de mim para dentro da vida, me traz um baita testemunho de coragem, de luta e de amorosidade ao educando. E ela tem tido, e continua tendo, uma experiência que eu não tinha, que eu nunca tinha tido, que é uma das minhas deficiências, que o Freinet não teve: nunca fui professor primário, e há de convir que hoje não dá mais pra ser. (FREIRE in LYRA, 1996, p. 177).

No conjunto das discussões acerca do “Método Paulo Freire” não se observava Elza com significância entre outros colaboradores, sendo que ela esteve presente,

participando desde o início. Como ela própria afirma: *“Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização. Fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203). E ainda que se confirma pelo filho Lutgardes, conjugando as palavras da mãe as do pai na citação anterior:

O Método Paulo Freire nasceu de ambos. Inicialmente com uma forte contribuição de Elza. Ela tinha experiência em educação, principalmente com crianças. Foi professora primária no Recife e mais tarde diretora de escola. Foi ela que convenceu Paulo a seguir a carreira de educador. (COSTA FREIRE apud SOUZA (org.), 2001, p. 341).

Pensar as possibilidades de contribuições e influências vindas de Elza para a decisão e realização desse momento histórico para a vida e obra de Paulo Freire, o qual se insere na Educação de Adultos, se amplia quando ela nos é apresentada, igualmente sujeito do processo político-pedagógico proposto pelo “Método Paulo Freire”, como objetivamos continuar demonstrando. Extraímos importante fragmento da participação de Elza nesse processo quando dá-se a consolidação das experiências com Educação de Adultos, o que nos remete à gênese dessa educação no Brasil. Portanto, identificamos as contribuições de Elza e as influências que “viabilizaram” muito mais do que o “Método”. Como destaca e confirma Paulo Freire:

As pesquisas, os estudos teóricos que fiz, com efetiva colaboração de Elza, minha primeira mulher, naqueles dez anos, viabilizaram o que veio a se chamar Método Paulo Freire. No fundo, muito mais uma compreensão dialética da educação do que um método de alfabetização.” (FREIRE, 193, p. 86).

Nessa arena de conflito e de conquistas, de experiências e descobertas, palco de organizações e lutas populares, Elza se apresenta com a profunda coerência de seu trabalho de educadora e de sua própria existência, se mostra com o discernimento pedagógico e preparação teórica que lhe permitiram ter a exata dimensão do processo e da liberdade dos educandos e da sua mesma. Portanto, Elza e Paulo Freire foram vanguardistas como pensadores da educação na aludida temática de nossa pesquisa. Elza e Paulo Freire levaram de Recife para o Brasil e o mundo estas descobertas e experiências.

4.2.1 – SISTEMA PAULO FREIRE DE EDUCAÇÃO: ELZA E O INÍCIO DAS ATIVIDADES (SESI, MCP, ANGICOS, ETC)

“Passamos a estender a campanha, foi a fase de Angicos, no Rio Grande do Norte. Eu só participava na elaboração porque não podia fazer a viagem por causa da escola. Ia e voltava rápido quando tinha férias, porque uma coisa que eu fazia muita questão era de não pedir licença. Meu único tempo de licença foi o de maternidade.”
Elza Freire (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 204)

No Estado Novo, desde 1932 em função das estatísticas o ensino supletivo aparecia como uma categoria destacada do ensino primário comum, da retomada de consciência acerca dos altos índices de analfabetismo com o Censo de 1940 (indicando a existência de 55% de analfabetos nas idades de 18 anos e mais), quando surgem as primeiras obras (livros ou artigos) especificamente dedicadas ao ensino supletivo, da importância atribuída à Educação de Adultos pelo programa do Distrito Federal em 1935 e à educação extra-escolar no período posterior a 1937, o ensino da população adulta começou a ganhar relevo e a destacar-se como problema distinto daquele relativo à difusão do ensino entre a população em idade escolar¹⁰⁵. Como afirma Lemme (1953) a importância assumida pelo problema podia ser observada principalmente a partir dos primeiros anos da década de 1940, quando segundo o autor discutia-se muito se seria necessário dar ênfase especial à programação destinada aos adultos ou se o problema do baixo nível educacional de nossa população deveria ser resolvido a longo prazo, enfatizando-se a difusão do ensino elementar comum.

A Educação de Adultos com a efetivação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) ganhou autonomia em relação a Educação Popular (enquanto educação elementar) dispondo de recursos próprios para se desenvolver. Segundo Paiva (2003) ela passa a ser objeto de discussões específicas desligadas do problema da difusão do ensino

¹⁰⁵ PAIVA, Vanilda, 2003. *História da Educação Popular no Brasil*; LEMME, Paschoal, 1953. Educação de Adultos, in: *Estudos de Educação*.

elementar para a população em idade escolar¹⁰⁶, encerrando assim as discussões sobre o assunto iniciadas na década de 1940.

Destaca-se nesse período os apelos da recém-criada UNESCO para que os países envidassem esforços no sentido da educação dos contingentes adultos analfabetos e a regulamentação do FNEP, às quais serviram de apoio à decisão de enfatizar a educação da população adulta. Por outro lado, conforme Nagle (1966) os comunistas propunham promover a educação política do povo através de reuniões públicas para o debate dos problemas de interesse popular, numa mobilização iniciada no período final do Estado Novo¹⁰⁷.

Com o final da Guerra e a criação da UNESCO, no plano internacional, e a derrubada do Estado Novo, internamente, a alfabetização e a educação da população adulta passaram a ser percebidas como um instrumento da redemocratização. Paiva (2003) elucida como um problema que merecia tratamento especial e que “*polarizava as atenções pela possibilidade de utilização da educação como fundo de novos objetivos políticos*” (2003, p. 151).

Em meados de 1945, quando o INEP formula seu primeiro apelo no sentido da ampliação das redes estaduais de ensino supletivo (uma campanha de educação de adolescentes e adultos), já com recursos do FNEP, encontramos em suas recomendações a influência do clima político do momento. Segundo Paiva (2003) pretende-se a organização dos Centros de Cultura Popular, a ampliação da difusão cultural para atingir as classes trabalhadoras e, em 1947 se realiza o Iº Congresso Nacional de Educação de Adultos, cuja realização marca o início das atividades da Campanha (CEAA).

Assim, a CEAA, de acordo com Paiva (2003) foi a nossa primeira grande campanha de massa para a Educação de Adultos e, funcionou durante o período compreendido entre 1947 a 1963, prosseguindo, ela registra a realização no Brasil do Seminário Interamericano de Educação de Adultos no ano de 1949, quando se pretendeu

¹⁰⁶ Mediante comentários de Paiva (2003) com o auxílio da União aos Estados ficava – a longo prazo – assegurada a universalização do ensino primário tanto para a população escolar quanto para a população adulta, pois na regulamentação do FNEP o governo optara por atender igualmente ao sistema comum e ao sistema destinado a adultos.

¹⁰⁷ Consultar Vaisey, J., 1968. *A educação no mundo moderno*; Manheim, K. & Stewart, W. A. C., 1969. *Introdução à Sociologia*.

estudar os métodos de Educação de Adultos e elaborar uma filosofia e uma doutrina para a América Latina nessa temática, sob o patrocínio da UNESCO e da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Entre os anos 40 e 50 do século passado, teve início de certa forma a sistematização da Pedagogia de Paulo Freire, e perante a sociedade pernambucana de Recife, ele comenta, sempre com a presença, a participação e o partilhar de Elza:

No começo de toda essa experiência, era a fronteira da minha rua o espaço em que eu era conhecido. Houve um momento em que eu era conhecido por Elza dentro de casa, pela minha mãe, meus filhos etc. Dali a pouco, comecei a ser conhecido pelos vizinhos, depois pela rua toda... Essas experiências terminaram me arrancando da rua e passei a ser conhecido na cidade. (FREIRE & BETTO, 2000, p.12).

Depois Paulo Freire veio a se tornar conhecido pelo Brasil e pelo mundo. Mas Elza continuou trabalhando em prol dessas experiências, imprimindo suas marcas, deixando fluir seu pensar, influenciou e integrou esse processo decisivo para a Educação não apenas de Adultos. Mudaram de nome as ruas, as cidade, os países, mas Elza segue junto a Paulo Freire. Isso novamente ganha vulto e força, assume representatividade e significado, na própria conduta de Elza quando se apresenta conduzindo a obra, mas sendo parte integrante da vida:

Elza ia comigo a todas as partes e me observava trabalhar. Depois, me corrigia ou chamava minha atenção sugerindo como eu poderia melhorar certas coisas e, às vezes, discutíamos. Eu dizia: “Não, não estou errado, ela dizia: “Sim, está! (Às vezes, dois dias depois, eu ia descobrir que ela estava certa.) (FREIRE & HORTON, 2003, p. 100).

Outra experiência substantiva vivenciada por Elza e Paulo Freire e definitiva para a Educação de Adultos, foi o SESI¹⁰⁸. Seria o SESI o segundo pólo de influência na formação do pensamento social de Freire, como ele próprio disse a Celso de Rui Beisiegel¹⁰⁹. Observamos nessa influência para a formação do pensamento de Freire a

¹⁰⁸ SESI (Serviço Social da Indústria), Departamento Regional de Pernambuco, instituído pela Confederação Nacional das Indústrias, cuja forma legal lhe foi dada através do Decreto-Lei nº 9.403 do então presidente da República Eurico Gaspar Dutra, em 25 de junho de 1946. (FREIRE, 1992).

¹⁰⁹ BEISIEGEL, Celso de Rui. Política e Educação Popular: A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982. Sobre essa referência em específico, consultar p. 36.

participação de Elza, podendo acompanhá-la desde o convite até o desenvolvimento das práticas político-pedagógicas e culturais de Paulo Freire junto ao SESI.

O convite de Cid Sampaio, então chegou assim: *“Foi Paulo Rangel Moreira... que numa tarde clara do Recife, risonho e otimista, veio a nossa casa, no bairro da Casa Forte, na rua Rita de Souza, 224, e nos falou, a mim e a Elza, minha primeira esposa, da existência do SESI e do que trabalhar nele poderia significar para nós.”* (FREIRE, 1992, p. 16). Todavia: *“Havia um pouco de medo também, em nós, em Elza e em mim. Medo do novo, talvez. Mas havia igualmente em nós uma vontade e um gosto do risco, da aventura.”* (FREIRE, 1992, p. 16). A tarde clara cedia lugar à noite, e como o próprio Paulo Freire (FREIRE, 1992, p. 16) descreve em poesia: *“No Recife, a noite “chega” de repente. O sol se “espanta” de ainda estar clareando e “some”, rápido, sem mais demora.”*. Surge com a noite a indagação de Elza:

Acendendo a luz, Elza perguntou a Rangel: “E que fará Paulo nesse órgão? Que poderá ele propor a Paulo, além do necessário salário, no sentido de que ele exercite sua curiosidade, se entregue a um trabalho criador que não o leve a morrer de tristeza, a morrer de saudade do magistério de que ele tanto gostava?” (FREIRE, 1992, p.16).

Esse questionamento de Elza é sucedido por outro momento anterior já relatado no texto da pesquisa, que foi decisivo e com certeza norteou a história da Educação de Adultos, bem como a Pedagogia Freireana, que emociona a todos que se inspiram nela e por ela atuam: *““Me emocionei muito esta tarde, quase agora”, disse a Elza, “Já não serei advogado... Mas não é a advocacia o que quero.””* (FREIRE, 1992, p. 17). Todavia, no contexto da nossa pesquisa, tão emocionante quando essas palavras, foram as proferidas por Elza, em seguida: *“Eu esperava isto, você é um educador.”* (FREIRE, 1992, p. 18). Se não fosse Elza, com certeza a história da Educação e, em especial a Educação de Adultos teria sido outra. Se não fosse Elza, possivelmente a história de Paulo Freire poderia ser diferente. Com este gesto Elza não influenciou apenas Paulo Freire e/ou contribuiu para a história da educação, ela interferiu na vida de educadores por todo o mundo. Enfim, essa atitude de Elza reflete em todos nós.

Retornando ao SESI e aos questionamentos de Elza, Paulo Freire reconhece a importância da opinião e a segurança que sempre a caracterizaram. Aceitando ao convite dá

início a fase mais importante de reflexão para a construção do seu pensamento teórico-prático e continuidade ao pensamento político-pedagógico: *“Um acontecimento que fizera Elza rir, de um lado, um riso de confirmação de algo que ela quase adivinhava e em que apostava desde os princípios de nossa vida em comum; de outro, um riso ameno, sem arrogância, mas transbordante de alegria.”* (FREIRE, 1992, p. 16).

Elza tem algo de enigmático, Elza é como poderíamos dizer: sensitiva, tem algo que o próprio Paulo Freire e os filhos reconhecem, assim como os que conviveram com ela, não temos porque negar a isso, reconhecer que esse algo impregna também. *“Então isso era uma coisa que até incomodava minha mãe, essa sensibilidade, um sexto sentido como a gente costuma falar.”* (LUTGARDES COSTA FREIRE, 2007).

Em consonância a isso, Elza foi demonstrando-os em sua vida para compor a obra pedagógica e transformadora, ela acreditava e defendia essa premissa, e reconhecia a profundidade e extensão de sua existência quando da sua atuação, como se comprova nesse diálogo contido no depoimento de Paulo Freire: *“Naquela noite, já dentro do carro que nos conduzia de volta à casa, falei, um pouco amargo, a Elza que, só raramente não me acompanhando às reuniões, fazia excelentes observações que me ajudavam sempre. – Pensei que havia sido tão claro – disse eu. Parece que não me entenderam.”* Elza dialoga e questiona: *“ – Não terá sido você, Paulo, quem não os entendeu? – perguntou Elza, e continuou: - Creio que entenderam o fundamental de sua fala. O discurso do operário foi claro sobre isto. Eles entenderam você mas precisavam de que você os entendesse. Esta é a questão”.* (FREIRE, 1992, p. 28). Podemos observar também a vivência íntima da teoria do discurso com a prática, a participação permanente de Elza, suas contribuições, de como ela vai influenciando-o decisivamente naquele tempo presente, o que continua e depois refletindo posteriormente. Então conclui: *“Elza teve sempre uma profunda compreensão e me ajudava no que podia.”* (FREIRE, 1992, p. 29)

Dando prosseguimento a esse raciocínio, Paulo Freire retoma a questão, e comentando sobre essa experiência e em outro livro, muitos anos mais tarde, continua: *“Uma vez mais Elza foi minha educadora. Lembro que ela vinha comigo todas as noites quando eu tinha reunião com os trabalhadores em Recife ou fora de Recife.”* Inquieto, como era de seu perfil prossegue: *“Depois de um programa, Elza e eu estávamos voltando*

para casa, e ela me disse com um delicado entendimento: “Olha, Paulo, não funciona assim.” Mas ele insiste: “E eu lhe perguntei: “O que foi que eu fiz? Falei sério sobre coisas sérias.” Então, Elza novamente dando continuidade: “Ela disse: “É claro. Tudo que você disse estava certo, mas você perguntou a eles se estavam interessados em ouvir aquilo?”. Todavia Paulo comenta para concluir: “Você vê, então? (Olha, gostaria de deixar bem claro que quando falo de Elza não é por nostalgia, é uma questão de fazer justiça). E eu disse: “Mas Elza [...]”. E ela: “Não, Paulo, você tem que mudar.” (FREIRE & HORTON, 2003, p. 85).

Nesta concepção Elza, sujeito desta pesquisa, é a protagonista do processo. Paulo Freire enfatiza: *“Embora eu tivesse uma companheira, Elza, me ajudando, levou tempo, mas foi cometendo esses erros que finalmente aprendi para nunca mais esquecer que não podemos fazer nada se não respeitarmos as pessoas”.* (FREIRE & HORTON, 2003, p. 85). Podemos ir percebendo que em diversas dimensões da vida e da obra de Paulo Freire, é necessário reconhecer que ele assumiu as contribuições de Elza, e não de forma romanceada, mas com criticidade, como ele próprio ressalva no parágrafo anterior.

Esclarecemos que isso se passa no período em que Paulo Freire já se encontrava no Núcleo ou Centro Social do SESI¹¹⁰ chamado Presidente Dutra, em Vasco da Gama, Casa Amarela, no Recife, juntamente com Elza. Reconhecidamente esse período de atividades junto ao SESI foi decisivo para a construção da Pedagogia Freireana.

Ao buscarmos nas re-leituras, o re-significado daquela tarde, que a princípio se nos aparentava como sendo mais uma tarde típica de Recife, seguimos pesquisando Elza, e nos deparamos com investigações e observações, que de forma incisiva e específica, fundamentam a presença e participação de Elza ao compartilhar das aflições e das decisões, por contribuir sendo mais do que a primeira leitora¹¹¹. Obra que teve seus alicerces fincados em Recife com Elza e Paulo Freire.

¹¹⁰ Paulo Freire recebe o convite para ingressar no SESI, em 1947, conforme relatado anteriormente, e enfatiza em vários textos a importância que essa atividade teve para a sua Pedagogia, sobretudo que lá se iniciara suas primeiras incursões no campo da Alfabetização de Adultos, com a colaboração efetiva de Elza.

¹¹¹ Pedagogia do Oprimido, primeiras páginas. FREIRE, 1968 e outros depoimentos. Retomaremos essa temática posteriormente.

Naquela tarde, redizendo a Elza o dito não poderia nunca imaginar que um dia, tantos anos depois, escreveria a *Pedagogia do Oprimido*, cujo discurso, cuja proposta têm a ver com a experiência daquela tarde pelo que ela significou também e sobretudo na decisão de aceitar o convite de Cid Sampaio, que me trazia Paulo Rangel. (FREIRE, 1992, p.18).

Realmente Elza, contribuiu para a decisão e a realização de mais esse momento histórico, que ao dizer sim ao chamado do SESI, para a sua Divisão de Educação e Cultura, pode desenvolver em seu campo de experiência, de estudo, de reflexão, de prática, momentos indispensáveis à gestação da *Pedagogia do Oprimido* e do “*Método Paulo Freire*”. Como destaca Passeti, enfatizando Elza:

Se Paulo relutou, de início, foi Elza quem descobriu que o SESI poderia ser um meio eficiente para a realização das idéias que ele já gestava, acopladas a sua experiência com crianças de pré-escola. Como sempre, Elza teve uma postura fundamental para as tomadas de decisão de Paulo Freire. Curiosamente, ela acertou em todas. (PASSETI, 1998, p.51).

Em Recife, o mesmo bairro da Casa Amarela, onde nasceu Paulo Freire, quase no término da década de 1950, porém em outra estrada, a Estrada do Arraial nº 3208, serviu para acolher a uma experiência realizada na zona paroquial de Casa Amarela, com sete unidades pedagógicas, a qual integra o texto original de Paulo Freire, em sua primeira elaboração sistemática – *Educação e Atualidade Brasileira*, “Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco” (1959), os eixos e categorias que iriam perpassar toda a sua obra. Entretanto, Paulo Freire considera como seu primeiro livro publicado Educação como prática da liberdade¹¹². Diante disso, Elza aguarda ora no desenvolvimento dessas atividades, ora na dedicatória, através do seguinte registro: “A Elza, minha mulher, cuja colaboração na leitura deste trabalho foi inestimável.” (FREIRE, 2001). Tais informações são reafirmadas, como destaca o filho Lutgardes: “Ambos tinham uma forte influência da religião católica em suas vidas, tanto assim que os primeiros passos do Método Paulo Freire” ocorreram justamente em uma sala cedida pela Paróquia do bairro aonde viviam no Recife.” (COSTA FREIRE apud SOUZA (Org.), 2001, p. 341).

¹¹² Consultar (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 89-102), (FREIRE, 2001).

É indispensável, porém, analisar que há algo mais nesse contexto. Foi aí também que encontramos Elza, professora e alfabetizadora, passando pelas Escolas Manoel de Almeida, Mota de Albuquerque, se tornando diretora da Escola Ageu Magalhães¹¹³, a mesma em que se desenvolveu “*A Experiência de Casa Amarela – Encontros de Pais e Professores*”¹¹⁴, todas situadas nesse pedaço do Recife, no Bairro da Casa Amarela. Complementando essa discussão, a própria Elza agrega novas informações ao narrar como foi o início dessas atividades:

A paróquia em que morávamos nos cedeu uma sala, reunimos cinco operários que moravam perto e á proporção que íamos elaborando, íamos testando. Como conhecíamos bem a área, o bairro em que vivíamos, isso deu muita possibilidade de ver se dava resultado ou não. Vimos que certas coisas eles não entendiam, eliminamos algumas palavras... pois davam oportunidade de gerar outras palavras. (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203).

Temos aí o surgimento das palavras geradoras, pontuadas no próprio depoimento de Elza (ELZA FREIRE, apud COSTA, 1980, p. 203), continuando ela diz: “*Eram vinte e oito palavras geradoras do mundo da criança e estavam dando um resultado fabuloso... Eu não tinha prática de adulto, tinha alfabetizado vários, mas isoladamente, não com palavras geradoras...*” E mais adiante apresenta a discussão sobre a leitura da palavra e do mundo sob a perspectiva do adulto, quando diz: “*Fui verificando que dava certo, porque o adulto se interessava tanto pelas palavras geradoras do seu mundo, como a criança se interessava por bola, pelas palavras dos jogos do mundo dela*”. Ao acompanharmos o processo que ela mesma não chama de descoberta, pois já havia experimentado isso no curso primário com as crianças, vamos nos apercebendo das contribuições e das participações de Elza, cuja capacidade nesse aspecto é destacada por Lutgardes (COSTA FREIRE, apud SOUZA (org.), 2001, p. 342): “*Elza sempre teve uma incrível capacidade para recolher as palavras geradoras. Sabia como ninguém distinguir as palavras mais ricas, mais importantes, para o decorrer do processo de alfabetização*”. Isso pode ser confirmado em algumas anotações de próprio punho registradas por Elza, que se encontram inseridas no texto, bem como uma das páginas que acompanha a epígrafe

¹¹³ Referências em SANTIAGO, 1988, p. 34-40; FREIRE, 2005, p. 288, FREIRE, A. M. A. 2006, p. 543.

¹¹⁴ Para aprofundar sobre essa fase, consultar FREIRE, 2001, Anexo 1, p. 115.

desse capítulo, quando identificamos suas observações pertinentes à opção pela utilização das palavras geradoras inseridas num processo de alfabetização pela conscientização.

Há manuscritos que são referências necessárias nesse sentido das palavras geradoras. Um deles é apresentado abaixo, publicado pela primeira vez, no qual se sistematiza alguns registros em torno da História da Educação Brasileira por meio das primeiras experiências com Educação de Adultos. Este documento, classificado como fonte histórica de pesquisa traz agora às novas gerações as possibilidades de consultar e estudar tais materiais que tornam público e disponíveis para fomentar as discussões anteriores, bem como ampliá-las. Conforme escreveu, de próprio punho Elza:

(...) 1)Batata; 2)Cavalo; 3)Dívida; 4) Farinha; 5)Galinha; 6)Jarro; 7)Macacheira; 8)Novena; 9)Palha Panela; 10)Queimada; 11)Queimado; 12)Querosene; 13)Roça; 14)Seca; 15)Terra; 16)Trabalho; 17)Vaca; 18)Vassoura; 19)Xarope; 20)Xabumba (ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

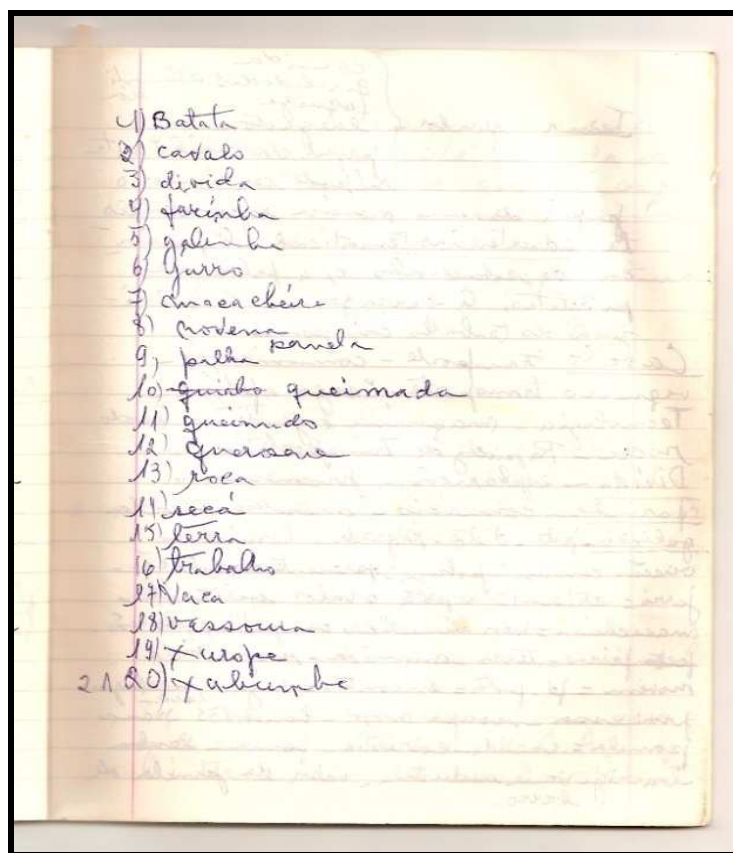


Figura 15 – Manuscritos de Elza com palavras geradoras (Década de 1960)

Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire

No registro desses primeiros momentos, Elza já se encontrava realizando as primeiras experiências ou analisando-as, sendo sujeito do processo. Nos anos 60, quando prosseguia no desenvolvimento de sua pedagogia e suas atividades com Educação de Adultos, confrontando possibilidades e dimensões, Paulo Freire enfatiza, fortemente marcada na memória a participação constante e ininterrupta de Elza:

Lembro-me que numa das primeiras noites de experiência, na busca em que me achava, em 60, cheguei em casa e a Elza me perguntou: “E o resultado de hoje, que tal?” Eu estava fazendo um primeiro teste com o projetor, com cinco pessoas, no MCP, e disse: “Se continuar como hoje, dentro de pouco tempo, talvez um ou dois anos, ou vou estar preso, com mais gente ao meu lado, ou até então a UNESCO vai se interessar por isso. (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.31).

O cotidiano de Elza e Paulo Freire, como se pôde acompanhar nas citações anteriores se compunha de forma ativa e participativa. Pois bem, foi nesse cotidiano que Recife acompanhou aos 13 dias de Maio de 1960 a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), do qual Paulo Freire foi um dos seus fundadores e líder dos mais atuantes. Contudo, o papel de Paulo Freire no MCP que se destaca decisivo, se constitui na coordenação do Projeto de Educação de Adultos. Conforme Rosas (2003, p.106): *“Inventando os Círculos de Cultura e os Centros de Cultura, Paulo Freire reinventou a escola, no contexto da educação de adultos”*.

O Centro de Cultura Dona Olegarina¹¹⁵, localizado no Poço da Panela, em Casa Forte, era o primeiro projeto de Centro de Cultura do MCP. E nas palavras de Rosas (2003, p.107): *“Ali se realizaria a primeira experiência de alfabetização de adultos com o Método Paulo Freire”*. Retomamos a discussão, iniciada no capítulo, para melhor fundamentar alguns aspectos teóricos e metodológicos, reafirma:

Como tenho repetido... o Serviço de Extensão Cultural (SEC) e o Movimento de Cultura Popular (MCP) foram como que os laboratórios em que o Método Paulo Freire de Educação de Adultos – Educação, mais do que apenas, embora também, de Alfabetização – recebeu o formato com que foi gestado e experimentado. (ROSAS, 2003, p. 103).

¹¹⁵ José Mariano, militante na luta da abolição da escravatura, com a participação de sua mulher, Dona Olegarina, e de amigos, criou o “Clube do Cupim”, em 08 de outubro de 1884, “que se destinava a lutar pela abolição por todos os meios inclusive escondendo escravos fugidos e facilitando sua fuga.” (Manuel Correia de Andrade, 1995, Pernambuco Imortal, fascículo 8:12 apud ROSAS, 2003).

Ainda no MCP, dentro do Projeto de Educação de Adultos, Paulo Freire juntamente com Elza avançaria no sentido de consolidar o revolucionário método de alfabetização que receberia seu nome, e naqueles anos, encontrava-se em construção. Na verdade, o “Método Paulo Freire”, como reconhece Moacir Gadotti (1991) e Germano Coelho (2002). Contudo, conforme Rosas (2003) o “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”, na verdade muito mais uma filosofia e um “Sistema de Educação”, foi igualmente experimentado no SEC em Recife no ano de 1962, antes de se ampliar a outros locais, cidades e estados.

Jarbas Maciel (1963), escrevendo sobre “A fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire”, faz revelações interessantes envolvendo as práticas educativas e culturais no SESI e no SEC. Depois, Maciel (2001:23) continua insistindo: *“muito mais do que um método, era um sistema, como eu gostava de dizer naquele tempo.”*, e registra numa nota de rodapé que Paulo Freire trabalhou com a colaboração, entre outros, do jovem universitário Carlos Augusto Nicéias e dos Professores Jomard Muniz de Britto, Aurenice Cardoso, Elza Freire, Juracy Andrade, Roberto Cavalcante de Albuquerque, Paulo Pacheco e Luiz Costa Lima. Embora, se apresente nas notas de rodapés ou apenas figure em pequenas citações, extraímos novamente a presença, influência e participação de Elza.

Entre 1952 e 1963, destaca Paiva (2003) as atividades da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que atuou principalmente no Nordeste e a qual pretendia segundo a autora contribuir para acelerar o processo evolutivo do homem rural nele despertando o espírito comunitário, a idéia de valor humano e o sentido de suficiência e responsabilidade para que não se acentuassem as diferenças entre a cidade e o campo em detrimento do meio rural onde Paiva (2003) comenta *“tenderiam a enraizar-se a estagnação das técnicas de trabalho, a disseminação de endemias e a consolidação do analfabetismo”* (2003, p. 225). Em abril de 1957 é criado o Sistema Rádio-Educativo Nacional (SIRENA), anexo à Campanha e de acordo com Fávero (in Scocuglia, 2003) produzidos por uma equipe pedagógica do Serviço de Educação de Adultos do MEC, funcionaram em dioceses católicas que dispunham de emissoras; os situados no Nordeste, foram absorvidos pelo MEB.

O governo Jânio Quadros¹¹⁶ parecia colocar desde o início ênfase nas metas da educação, de acordo com Paiva (2003) em termos práticos, no campo da Educação de Adultos, este interesse se traduziu na criação do MEB e da Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo (MNCA)¹¹⁷.

Conforme Fávero (1983), entre 1963 e 1964 o MCP ampliava seu horizonte, do Recife para Pernambuco. Outros movimentos, como o Movimento de Educação de Base (MEB) e os Centros Populares de Cultura (CPCs), da UNE, incomodavam com seu crescimento e inovação. Também fazia parte dessa programação, alfabetização, formação de Núcleos Populares, Teatros, Praças de Cultura, Arte, Publicações, Festas Populares, Festivais de Cultura Popular¹¹⁸ que se consolidavam e ampliavam sob a liderança de Paulo Freire e sua equipe, equipe que registra a presença e a participação de Elza:

Não integrei nenhuma das equipes de trabalho que contribuíram para a construção ou a prática do *Sistema Paulo Freire de Educação*. Apesar disso, acompanhei seu nascimento, em freqüentes encontros – dos que participavam, muitas vezes, Silke Weber, Luís Costa Lima, Sylvio e Liana Loreto, vários outros. E, com mais constância, Argentina Rosas e Elza Freire. Eram oportunidades em que discutíamos os problemas que nos inquietavam e os inesgotáveis questionamentos, análises, dúvidas, projetos e insights de Paulo Freire. (ROSAS, 2003, p. 69).

A partir de janeiro de 1963, a Campanha de Alfabetização de Angicos¹¹⁹ foi cenário da primeira aplicação em escala do “Método Paulo Freire”. Como iniciativa do governo do Rio Grande do Norte, na época Aluísio Alves, dentro do clima de euforia que imperava no Brasil, entre os progressistas, conforme o secretário da Educação do Rio Grande do Norte, Calazans (1994) o convite chega na Rua Alfredo Coutinho, 79, no Recife:

¹¹⁶ Jânio da Silva Quadros, advogado, nascido em Campo Grande, estado do Mato Grosso do Sul, em 1917. Foi eleito presidente da República, com apoio da União Democrática Nacional (UDN), tendo como vice o candidato de oposição João Goulart. Primeiro chefe de Estado a tomar posse em Brasília, em 31 de janeiro de 1961, renunciou ao cargo sete meses depois, abrindo uma grave crise política no país.

¹¹⁷ As primeiras iniciativas no sentido do MEB foi uma carta-proposta (datada de 11 de novembro de 1960) propondo a criação de um movimento educativo sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Fonte: PAIVA, Vanilda (2003). *História da Educação Popular no Brasil*.

¹¹⁸ *Cultura Popular, educação popular, memória dos anos 60*, obra organizada por Osmar Fávero (1983), é fundamental para a compreensão daqueles anos, bem como *Política e Educação Popular: A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*, autoria de Celso de Rui Beisiegel (1982).

¹¹⁹ Foram utilizadas algumas obras como referências nesse contexto, com destaque para: FERNANDES & TERRA, 1994; LYRA, 1996; PELANDRÉ, 2002 e GERMANO (1982).

A suave professora Elza Freire, esposa de Paulo, assistiu à conversa com os filhos menores em volta. Um sentimento de profunda simpatia por aquela mulher nos dizia que ela sabia muito mais do que aparentava... Seria, então, o “Método Paulo Freire”. Vimos que d. Elza sorriu, um pouco constrangida.” (FERNANDES & TERRA, 1994, p. 72).

Aceito o convite, dava-se início a experiência que se apresentou tão bem sucedida que logo se difundiu por todo o país. Com destaque para sua primeira viagem juntamente com Elza, conforme relata Calazans (1994, p. 97): “(...) *Paulo Freire, quando este foi, pela primeira vez, a Natal, acompanhado da esposa Elza Freire, para o conjunto de conferências sobre filosofia, metodologia e ideologia, da fundamentação de Angicos*”.

A campanha de alfabetização de Angicos foi um marco na educação brasileira, sobretudo no que se refere a Educação de Adultos. Calazans (Fernandes & Terra, 1994) enfatiza que uma proposta de educação nova e em grande escala, como Angicos, só foi possível por que a conjuntura política e social da época permitiam. Mas, no contexto mais amplo, predominava outros interesses além dos educacionais, com destaque para a Aliança Para o Progresso. Pois bem, os preparativos para a campanha continuavam, e Elza continua participando desse processo:

Tendo sido assinado o acordo com a Aliança Para o Progresso e feita a pesquisa de Angicos, o professor Paulo Freire viajou para o Rio Grande do Norte, acompanhado por Elza, sua esposa, Roberto Cavalcante, Luiz Costa, Aurenice Cardoso, Jomart Muniz de Brito, Jarbas Maciel, Paulo Pacheco, seus colaboradores, para proferir conferências para os futuros monitores da campanha de Alfabetização de Adultos.” (FERNANDES & TERRA, 1994, p. 151).

Após a assinatura do referido acordo, oportunamente Calazans (1994) e Lyra (1996), esclarecem que além de Paulo Freire e Elza, coordenando as atividades, outros docentes do SEC da Universidade do Recife, partiram para a organização dos fundamentos necessários para a experiência que incluía conscientização e alfabetização.

De acordo com Pelandré (2002), o método de alfabetização de adultos, colocado em prática em Angicos, seguia o modelo analítico-sintético; os alfabetizadores partiam da leitura da palavra para o reconhecimento dos fonemas e leituras de frases. Conforme nos explica o processo, a própria Elza: “(...) *só pela análise sintética. Por incrível que pareça, o adulto visualizava mais rápido que a criança. Na parte escrita é o*

inverso, uma dificuldade tremenda, muito maior do que a da criança que tem mais capacidade motora.” (ELZA FREIRE, apud COSTA, 1980, p. 204).

Sobre a campanha, a qual Lyra (1996) denomina como uma experiência pioneira de educação, descreve que em seus primeiros ensaios, num calor de quarenta graus tem início a preparação para os “Círculos de Cultura”. Então, Calazans (1994) pormenoriza as informações ao afirmar que entre dezembro de 1962 e janeiro de 1963, sob a supervisão de Paulo Freire e Elza, foram escolhidas as palavras e as situações para serem trabalhadas nos “Círculos de Cultura”. Elza (1980) descreve com detalhes essas experiências:

Foi muito interessante essa fase. Não fizemos por cartaz. Na hora, fazíamos o desenho e escrevíamos também a palavra. Ainda não tínhamos a fase do debate, a gente conversava e de acordo com as palavras que eles iam soltando e repetindo, a gente fazia a palavra geradora da noite. Depois é que fomos vendo que podíamos fazer o debate, debate esse que dava a consciência da coisa.” (ELZA FREIRE, apud COSTA 1980, p. 204).

As aulas eram chamadas de “Círculos de Cultura”, espaço de desenvolvimento dos debates sobre a realidade existencial dos alfabetizandos, e como define Pelandré (2002), momento em que os monitores, por meio dos “temas geradores”, problematizavam as situações, estimulando a participação e o posicionamento crítico. Então, o vocabulário ativo da localidade, conforme processo descrito anteriormente, compunha-se de quatrocentas palavras, e Pelandré conclui com destaque para Elza: *“Paulo e Elza Freire, após o levantamento do léxico, realizado in loco por Maria José Monteiro, estudante universitária, ex-aluna de Freire, escolheram as palavras e as situações a serem trabalhadas nos Círculos de Cultura, em Angicos.”* (PELANDRÉ, 2002, p. 73).

Para essa experiência, associou-se o pensamento e a prática de Paulo Freire, quando salientamos para a participação de Elza, a qual conforme apontamentos anteriores é incontestável, ao irônico contexto político da época, em que o aparato econômico americano e as idéias de educadores, tidos como de esquerda se combinaram para criar um programa de alfabetização originalíssimo, como enfatiza Calazans (1994).

No livro “Educação como Prática da Liberdade”, Paulo Freire, em nome de uma educação orientada para a autenticidade, propõe condições e métodos para que ninguém seja mais excluído ou deixado à margem da vida nacional. Portanto, ao escrevê-lo

Freire tenta relatar a história, as observações, os fundamentos e os resultados dos estudos realizados nas experiências iniciais da Pedagogia Freireana, vivenciadas no Brasil, que obviamente lhe conduziram a prisão e ao exílio. Quando discorre sobre a experiência realizada no Estado do Rio Grande do Norte, durante um dos Círculos de Cultura, com ênfase acrescenta significativa participação de Elza nesse contexto expondo em detalhes esse processo no capítulo 4, apresentando nitidamente suas influências:

Aspectos interessantes a observar é o de que, geralmente, os analfabetos escreviam com segurança e legibilidade. Tanto quanto possível superando a indecisão natural dos que se iniciam, para a professora Elza Freire, possivelmente, isto se dava ao fato de que, altamente motivados, tendo aprendido criticamente o mecanismo de combinações silábicas de sua língua e tendo se “descoberto mais Homens a partir da discussão do conceito antropológico de cultura ganhavam e iam ganhando cada vez mais segurança emocional, no seu aprendizado, que se refletia na sua atividade motora”.” (FREIRE, 2006 b, p. 127).

A investigação sobre as contribuições de Elza, por isso também, devem partir de situações concretas e se realizar através do diálogo. Ao extrairmos com destaque do recorte anterior: *“descoberto mais Homens a partir da discussão do conceito antropológico de cultura ganhavam e iam ganhando cada vez mais segurança emocional, no seu aprendizado, que se refletia na sua atividade motora”* (ELZA FREIRE, in FREIRE, 2006 b, p. 127) Elza demonstra o conteúdo desse diálogo. Então, através do conceito antropológico de cultura, a distinção entre o mundo da natureza e o mundo da cultura e o destaque ao papel ativo do homem sobre a realidade criando cultura, seria o conteúdo mais adequado para auxiliar o analfabeto a superar a sua compreensão ingênua do mundo e desenvolver uma postura crítica diante da realidade.

Ressaltamos que, Paulo Freire ao se configurar como o principal narrador já mencionado nas páginas iniciais do texto, narra as experiências vividas com destaque àquelas compartilhadas com e por Elza. A pesquisa demarca as citações e os contextos, Paulo Freire vai marcando o texto ao narrar as marcas de Elza.

Deparamo-nos com reflexos das marcas definitivas da participação de Elza, demonstrando considerações relevantes acerca do seu pensamento teórico e de suas considerações metodológicas, conduzindo para as fortes evidências de suas contribuições concernentes ao desenvolvimento e estruturação da prática e do pensamento em torno do

“Sistema Paulo Freire de Educação” ou do “Método Paulo Freire” ou ainda da “Pedagogia Freireana”, sobretudo, contribuindo para que o homem ou a mulher possa perceber o seu papel como sujeito e não como mero objeto, servindo de base para a mudança de suas atitudes.

Sobre a atualidade desses acontecimentos e os seus reflexos para as grandes questões da Educação de Adultos, como compromissos nacionais e internacionais, compromete-nos dialogar quando Brandão (2005) nos desperta e nos convoca a uma profunda reflexão-crítica, trazendo com destaque Elza no corpo dessa discussão:

Na década de 1960, não que isso tenha começado exatamente aí, educadores como Paulo Freire e seus companheiros do Nordeste Aurenice Cardoso, talvez a grande metóloga do método Paulo Freire, Jomar Brito, Jarbas Maciel e Elza, primeira esposa de Paulo Freire, com imensa modéstia, publicaram uma revista, em 1964, em que se fazia uma crítica à educação de adultos, não apenas de métodos e técnicas de trabalho, nem tampouco em relação ao fato de serem campanhas nacionais ou estaduais, mas no sentido do porquê se alfabetizava. (BRANDÃO in REDE MOVA BRASIL, 2005, p. 13).

Extraímos das palavras e citações anteriores importantes confirmações sobre a participação e presença de Elza nesse momento histórico de feitura da Pedagogia Freireana, presença que se desdobra em participação e colaboração. A construção da Pedagogia Freireana, voltada para experiências em espaços escolares e não, cujas reflexões teóricas de diferentes campos do conhecimento, amplia-se junto ao SESI e se alicerça no MCP, SEC e nos Círculos de Cultura, propagando-se e disseminando-se para Angicos, Vila Helena Maria, Plano Nacional de Alfabetização. Conforme elucida Santiago (2000), entre os intelectuais que participaram dessa construção destaca-se em todos os momentos a presença de Elza.

Na construção de sua pedagogia, Paulo Freire contou com a participação informal de vários intelectuais, entre os quais sua primeira esposa, Elza Maria Costa Freire – Elza. A presença de Elza em Paulo Freire é revelada por ele próprio, não apenas informalmente, em conferências, cursos, seminários mas, formalmente, em numerosos dos seus escritos. Ora nas dedicatórias, ora mesmo no corpo do pensamento exposto, a contribuição de Elza é mencionada. A marcante presença de Elza em Paulo Freire se dá não apenas no plano afetivo, mas no intelectual, enquanto leitora crítica de versões inéditas de muitas obras de Freire e por sua experiência com crianças, como alfabetizadora. (SANTIAGO, 2000, p. 73).

Nesse processo, que se iniciou em Recife e seguiu para além dele, receberam contribuições daqueles que pela convivência e embates foram formulando um pensamento educacional que tem na sua base a realidade social de grupos marcados pela exclusão social. Essa realidade, contextualizada pelo analfabetismo, possibilitou a Elza e Paulo Freire um pensamento político-pedagógico revolucionário, uma prática reflexivo-crítica, que conduz à conscientização, resultando na Teoria do Conhecimento de Paulo Freire sob a sistematização de Pedagogia Freireana.

4.2.2 – VILA HELENA MARIA: ELZA EM SÃO PAULO

“O curso de preparação dos alfabetizadores aconteceu durante três dias. A terceira parte do curso era dedicada à metodologia da alfabetização. Os trabalhos dessa parte foram coordenados pela Elza, mulher de Paulo Freire”. José Carlos e Vera Barreto (BARRETO, 1992, p. 14).

Em 1963, começava a circular a notícia de que um professor nordestino estava desenvolvendo um trabalho de alfabetização de adultos no Recife e em Angicos. Segundo Barreto (1992) Vila Helena Maria¹²⁰ foi a primeira vez que, fora do Nordeste, se experimentou alfabetizar adultos fundamentando-se no pensamento de Paulo Freire.

O trabalho de alfabetização de Vila Helena Maria, foi realizado pela UEE¹²¹ e deveria servir de início para a realização de uma experiência piloto com a metodologia Paulo Freire, quando na opinião de José Carlos (1992) a UNE viveu seu período áureo, expressando os anseios de participação política e social de uma juventude que crescera livre da repressão do Estado Novo e que antecederia o Golpe Militar de 64.

Para situarmos a participação de Elza nesse contexto de Vila Helena Maria, posteriormente, à primeira vinda de Paulo Freire a São Paulo para preparar a experiência,

¹²⁰ Bairro pobre da periferia de Osasco, importante município da Grande São Paulo. No ano de 1963, um dos mais pobres e afastados. Sua população, constituída em grande parte por migrantes da área rural, principalmente do Nordeste e de Minas Gerais, apresentava alto índice de analfabetismo. O bairro não dispunha de rede de energia elétrica nem de esgoto, a água retirada de cisternas. Consultar o texto-memória: *Dois alfabetizadores antes do golpe de 1964*, José Carlos e Vera Barreto, São Paulo: VEREDA, 1992.

¹²¹ UEE (União Estadual dos Estudantes), conforme BARRETO, 2004, p. 93.

procedeu-se a organização de um curso diretamente relacionado com os objetivos propostos. A partir de então, tem início a fase prática com a capacitação dos estudantes/monitores, conforme relato de Vera Barreto:

A capacitação inicial da equipe que trabalhou em Vila Helena Maria foi feita pela equipe de Paulo Freire. Jomard de Brito, Elza, mulher e colaboradora de Paulo, e Aurenice Cardoso, além do próprio Paulo Freire, estiveram em São Paulo durante uma semana na qual se discutiu a realidade brasileira, o modelo de educação vigente, o autoritarismo sempre presente na nossa história.” (BARRETO, 2004, p. 94).

De acordo com José Carlos e Vera Barreto (1992, p. 14) é importante salientar que coube ainda a Elza a coordenação da terceira parte do curso que era dedicado à metodologia da alfabetização: *“Os trabalhos foram coordenados pela Elsa, mulher de Paulo Freire. Elsa foi professora de pré-escola e juntava a sua experiência profissional uma forte dose de bom senso”*. Todavia, investigando a participação de Elza nessa experiência, reaparece com destaque para as suas contribuições no que se refere as palavras geradoras: *“Como já tínhamos realizado nossa seleção de palavras geradoras aproveitamos a presença de Elsa para buscar soluções para um grande número de questões que foram nascendo com a nossa prática”*. (BARRETO, 1992, p. 14).

Entendemos que Elza é identificada como responsável pela preparação dos estudantes/monitores em São Paulo, tanto quanto anteriormente nas primeiras experiências no Recife e em Angicos. É possível apontarmos que Elza ao atuar nessas capacitações com alfabetizadores pode ser considerada como precursora da formação de professores. Isso se evidencia ao nos defrontarmos com a transcrição e análise do referido material escrito, apresentado a seguir.

Avaliação - criação de palavras ex;
 de 3 famílias - 1) c/a ficha da des-
 coberta - 9 semanas de avaliação expe-
 tos políticos e a amarela entre
 a leitura da palavra e o mundo.
 O fundamental é começar pacientemente
 7hs.

Exercício casamento oculto -
 escola p/ C. Culture
 prof. e coordenador do debate
 Treinamento - m/ está bem posto
 e sem capacitação - preparação - edições
 técnicas + 1/4 amplo q. 1.0 estruturamen-
 te técnico -
 Tarefa de correspondência -
 Quadros de aviso -
 Expor as fichas em lugar visível
 na sala de aula -
 As comunidades necessitam assu-
 mir a responsabilidades do C.A.
 O intercâmbio dos círculos e visitas

**Figura 16 - Caderno de anotações de Elza sobre a capacitação
 de estudantes/monitores (Década de 1960)**

Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire

O manuscrito acima, produzido por Elza, cujo principal objetivo da análise é o
 de dar fundamentação à nossa tese de pesquisa. Diante desse procedimento de examiná-los,
 iremos nos deter ao conteúdo e a natureza dessa fonte e, na tentativa de articular
 informações teóricas com experiências empíricas evidenciar sua atuação durante os cursos
 de formação de educadores. Então, poder identificar seus métodos pedagógicos e inovações
 de práticas de ensino se caracteriza com fundamentação a esta pesquisa. Escreve a própria
 Elza:

Avaliação – criação de palavras, exemplo: de 3 famílias. 1) Com a ficha da descoberta – a semana da avaliação aspectos políticos é a amarração entre a leitura da palavra e mundo. O fundamental é começar pacientemente. 7 hs. Exercício casamento oculto. Escola para Centro de Cultura. Professor para coordenador do debate. Treinamento – não está bem posto, e sim, capacitação, preparação, educação. Técnicos mais amplo que o estritamente técnico. Troca de correspondência. Quadro de aviso. Expor as fichas em lugar visual na sala de aula. As comunidades necessitam assumir a responsabilidade do C.A. O intercâmbio dos círculos com visitas. (...) (ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

Tal como aconteceu em Recife, depois em Angicos, o grupo da Vila Helena Maria, também recebeu as marcas de Elza na História da Educação, apresentada sob a forma das experiências Freireanas. Com efeito, as suas contribuições lograram ultrapassar a barreira do preconceito, ao longo da qual ela manteve o discurso e a prática da Pedagogia da Convivência. Porém, dentre as propostas de sua atuação, enquanto educadora dos educadores, identificamos a dedicação e o compromisso. A pesquisa aponta para Elza como sendo precursora no que concerne à formação de professores. Na história dessa Educação de Adultos tais experiências ficaram marcadas pela atuação de Elza.

4.2.3 – PLANO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA): ELZA EM BRASÍLIA

“... minha primeira mulher era a educadora que fazia, fazia o fato, fazia a alfabetização. E trabalhamos muito juntos, mas eu vivi com a Elza, em Brasília, num hotel.”

Paulo Freire (FREIRE, 2005, p. 263).

Segundo Paiva (2003, p. 231-286) o período 1958/64 se caracteriza, sobretudo pelo “realismo em educação”. Os “entusiastas” praticamente haviam desaparecido, com o próprio fracasso da CEAA; os “otimistas”, predominantes entre os pedagogos e dedicados aos sistemas de ensino preexistentes, deixaram lugar para o surgimento de novos profissionais da educação e, especificamente voltados para a Educação de Adultos e preocupados não apenas com a busca de métodos mais eficazes, mas também com as consequências políticas, sociais e econômicas dos programas.

Nos anos de 1962 até abril de 1964, os trabalhos com Educação de Adultos fundamentada no pensamento e na prática de Paulo Freire ganharam força e se expandiram consideravelmente. Diversas experiências foram sistematizadas e estavam prestes a envolverem todo o país.

Em junho de 1963, o Governo Federal sob a presidência de João Goulart, conduz Paulo Freire para Brasília a convite do ministro da Educação Paulo de Tarso Santos a fim de executar em âmbito nacional novos sistemas educacionais através do MEC o qual implantaria o Plano Nacional de Alfabetização¹²². Ao discutirem sobre as condições de permanência no cargo e as condições de envolvimento político-pedagógico, Elza passa a integrar a pauta, denotando a sua participação. Freire se manifesta: *“Ele (Paulo de Tarso) riu e disse: “Mas eu também penso assim, sabe?” Ainda tive a audácia de fazer uma segunda exigência: que a Elza deveria me acompanhar: “eu não fico sem ela”. Ele concordou e começamos a trabalhar juntos.”* (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 14). Observamos a comprovação do início da participação de Elza também junto ao nascimento do PNA, que pelo “Método Paulo Freire” tencionava alfabetizar politizando cinco milhões de adultos.

Conforme GERMANO (1982, p. 40), a criação do PNA trouxe consigo a oficialização do Método Paulo Freire. Prosseguindo, ao discutir essa medida legal, aplicada em uma época de crise, as relações vigentes correm perigo e as classes dominantes são obrigadas a procurar uma saída para o impasse através da formação de um novo sistema de alianças ou, lembrando Gramsci (1976), da unificação das diversas facções espalhadas por diversos partidos, cujo conteúdo divergente era de caráter secundário, concordando todos no essencial: preservação da situação, manutenção do poder e dos privilégios. Mesmo assim, assinala Freire (1978) que *“isso pesava demais na balança do poder. Era um jogo muito arriscado para a classe dominante.”*

Elza participa na capital política e administrativa do país, com Paulo Freire ao dar continuidade ao trabalho em torno das idéias e práticas voltadas para a Educação de Adultos como ele próprio destaca: *“... minha primeira mulher era a educadora que fazia,*

¹²² Portaria Ministerial nºs 182 e 195/63, inspiradas pela LDB 4024/61.

fazia o fato, fazia a alfabetização. E trabalhamos muito juntos, mas eu vivi com a Elza, em Brasília, num hotel.” (FREIRE, 2005, p. 263).

Paulo de Tarso foi substituído por Júlio Sambaqui¹²³, e a experiência que através da instalação dos “Círculos de Cultura” em igrejas, galpões ou escolas, com o auxílio do próprio grupo interessado nas foi desenvolvido nas cidades-satélites do Gama, Sobradinho, Candangolândia, Núcleo Bandeirantes no setor de Limpeza Pública, mereceu referências importantes de Paulo Freire, apontando para a contribuição e cumplicidade de Elza:

Posso te confessar que às vezes Elza e eu, em Brasília, não conseguíamos dormir, a não ser às quatro da manhã, falando-nos de nossos espantos em face do que ouvíamos nos Círculos. Sim, Brasília, durante a implantação de trezentos Círculos de Cultura, na época, nas cidades satélites.” (FREIRE & BETTO, 2000, p.22).

As atividades foram suspensas no dia 02 de abril, sendo o PNA extinto pelo decreto nº 53.886 do dia 14 do mesmo mês do ano de 1964, como uma das primeiras medidas do governo militar. Conforme Paiva (2003) o PNA representava a incorporação, a nível ministerial e em termos práticos, da orientação indicada pelos grupos que desde 1962 desenvolviam atividades ligadas à Educação de Adultos.

De acordo com Calazans (1994) restaram o ideal de que através da educação, é possível o homem e a mulher tomar consciência de que é sujeito produtor de cultura e senhor ativo da dialética histórica, ao qual acrescentamos as participações de Elza junto a Paulo Freire frente a Educação de Adultos, dando prosseguimento a vida e a obra.

4.3 – 1964: O ANO QUE NÃO TERMINOU ELZA E O GOLPE MILITAR

“Bem, daí em diante a questão se colocou, à Elza e a mim que era o que fazer.”

Paulo Freire (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 37).

¹²³ FREIRE, A. M. A. (2005); GADOTTI (org.), 2006. Sobre esse contexto consultar: PAIVA (2003) e BARRETO (2004) e também verificar Texto Seminário: Paulo Freire e a Educação Brasileira (VEREDA).

Os últimos meses do ano de 1963 e os primeiros de 1964 se caracterizaram pela constante ameaça de golpes e contragolpes. Num período fomentado pela direita brasileira, indignada com os movimentos populares e o povo que emergia no cenário político, organizou com as Forças Armadas o Golpe de Estado¹²⁴.

Elza e Paulo Freire já estavam casados há vinte anos. O casal residia com os filhos em Brasília atuando no Plano Nacional de Alfabetização, e no momento da notícia, Elza ali está e permanece, embora as circunstâncias apresentadas de imediato eram as seguintes:

Quando o golpe se definiu, do ponto de vista da tomada de poder, eu estava em Brasília. Foi exatamente no dia 1º de abril de 1964. E então resolvemos, Elza e eu, que os filhos, então conosco, voltariam para o Recife juntamente com a minha mãe. E Elza preferiu ficar comigo para a gente decidir ainda o que é que eu faria.” (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.35).

Após responder inquéritos no Rio de Janeiro e Recife¹²⁵, acontecem no mesmo dia dois acontecimentos marcantes: a prisão e o aniversário de Elza. *“No dia seguinte estava em casa, não me esqueço do dia, 16 de junho, dia do aniversário de Elza. Era manhã cedo... me vesti, tomei um cafezinho, me despedi da Elza e fui”*. (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 42).

Elza segue participando de mais esse momento dramático e diante das incertezas, segue demonstrando ser ela própria ao enfrentar as novas e inesperadas situações, principalmente perante os filhos: *“Minha mãe achou que seria melhor não contar para mim e Joaquim sobre a prisão dele, mas as meninas sabiam, tanto que ajudaram nossa mãe a enfrentar a situação e tudo o que isso significava de sofrimento para todos nós”*. (COSTA FREIRE, apud SOUZA (org.), 2001, p. 334). E isso se reforça nas palavras de Fátima ao complementar as de Lutgardes:

(...) não só para mim, mas sobretudo pra mãe, que sofreu bastante, foi duríssimo para ela. Uma coisa que me marcou foram as feijoadas, os quilos de feijoada que a gente fazia para levar pro quartel... E o ônibus, o feijão quente cheirando, a gente segurando as panelas.... (DOWBOR FREIRE, apud COSTA, 1980, p. 102).

¹²⁴ Consultar: GERMANO (1993), Estado Militar e Educação no Brasil e ROMANELLI (1986), História da Educação no Brasil.

¹²⁵ Para aprofundar: FREIRE, A. M. A. (2006) e HEINEGER FREIRE in Educação e Atualidade Brasileira (2001).

Há uma grande preocupação de Elza, nessa perspectiva com o ser humano diante das situações vividas e o que se pode fazer para mudá-lo a partir de sua constituição como ser pensante e reflexivo. Pois, Elza: “... *ela foi uma intensa batalhadora dos direitos humanos, da igualdade entre os povos, da igualdade de raça.*” (Lutgardes Costa Freire, 2007). E continua o enfrentamento da prisão, das visitas, de demonstrar a coerência político-pedagógica difundida e defendida pela Pedagogia Freireana. A participação de Elza é incontestável e permanente, se fazendo, solidária, cúmplice, comprometida; disseminando lições através do testemunho de suas próprias atitudes:

Ainda me lembro com que esforço a Elza trazia, às vezes ajudada pelas filhas, panelas com comidas para nós. Ela não trazia só para mim, não. A Elza tinha assumido com prazer a tarefa de trazer comida. E lá ia o soldado apanhar na portaria do quartel a panela com feijoada, para depois levar a panela vazia. Um dia eu lhe disse: “Mas, Elza isso é um trabalho enorme!” A gente não tinha dinheiro para ela pegar taxi, vinha de ônibus, de Casa Forte para Olinda. E ela me respondeu poeticamente: “Prefiro continuar fazendo isso porque assim entro um pouco na sua cela através da comida e da panela, e você vem um pouco na panela vazia.” (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.48).

A participação de Elza como que a retroceder no tempo é incontestável, ora como professora dando ênfase aos aspectos pedagógicos, ora como ser humano com as características que lhe eram peculiares, tão enfatizadas também por Paulo Freire:

“Ela foi professora, depois diretora de grupo, mas teve aí um gesto lindo que foi, depois do golpe, a solidariedade absoluta que ela teve comigo. Elza ia me visitar na cadeia e nunca disse: “Você está vendo, Paulo, se você tivesse pensado mais...” Nunca! Quer dizer, ela foi solidária, absolutamente solidária”. (FREIRE, 2005, p. 288).

Elza vai impregnando a história com as suas marcas, imprimindo-as a cada gesto. Elza vai alterando ou cumprindo o curso dessa história, através de sua participação multifacetada: “*Poderia ter se separado de nosso pai, quando ele se encontrava preso, como deve ter acontecido com vários casais. Mas, pelo contrário, deu-lhe apoio, tanto profissional quanto emocional.*” (COSTA FREIRE apud SOUZA, 2001, p. 335).

Mais um episódio dessa história se encerra dando início a outro, mas seguindo na continuidade da pesquisa, com Elza vencemos mais essa página, conforme salienta a

filha Cristina: “*Graças à fortaleza da mãe e à ajuda da família, conseguimos vencer essa batalha.*” (HEINEGER FREIRE, apud FREIRE, 2001, LXXX).

4.3.1 – A UTOPIA NO CÁRCERE: A DESPEDIDA DE ELZA E OS FILHOS, A PARTIDA DE PAULO FREIRE

“Paulo saiu primeiro, foi para a Bolívia já com cargo no Ministério da Educação. Em janeiro de 1965, eu e os filhos fomos encontrá-lo no Chile. Politicamente eu não tinha problema nenhum. Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos no meu trabalho. Passado esse tempo, deveria reassumir.”
ELZA FREIRE (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 201).

Através de um tenente, chega a Elza a notícia da saída de Paulo Freire da prisão ao manifestar profundo apreço e admiração por ela: “*(...) inclusive quero ter a satisfação, se o senhor me permite, de telefonar para sua esposa. O senhor me dê seu telefone, para que ela venha buscá-lo. O senhor fica comigo no corpo da guarda e eu chamo a sua senhora.*” (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 53).

Depois da cadeia, prosseguem interrogatórios no Rio e as ameaças no Recife. Diante das pressões, a indecisão do exílio e a resistência em permanecer, surge pela divergência e o conflito de opiniões entre Elza e Paulo Freire pelo diálogo busca a resolução mais coerente: “*Como já disse, nesse momento recusava a idéia de deixar o país. A Elza, muito mais realisticamente, já achava que eu devia sair do Brasil.*” (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 68). Entretanto, observa-se que Elza convence Paulo a se exilar, como aponta a filha Cristina: “*A mãe com sua grande sabedoria e fortaleza, conseguiu convencê-lo do contrário.*” (HEINEGER FREIRE, apud FREIRE, 2001, LXXX).

Nesse trajeto de interrogatórios e prisões, Elza alia às preocupações da família a mobilização de outras pessoas. Contudo, a busca de uma solução e aceitação de uma decisão apresenta-se com a vinculação de Elza, a qual perpassa a presença primordial dela percebendo-se claramente suas influências:

“Entretanto, resistia a sair do Brasil. Nós próprios, eu e Argentina Rosas, participamos de um esforço no sentido de lhe mostrar os riscos que estaria sujeito se insistisse em permanecer no país: Paulo e Elza se encontravam, então, em um local reservado, em Casa Caiada, Olinda. Lembro que, diante da decisão de permanecer no Brasil, aparentemente inabalável, Elza me chamou à parte e disse: “Vocês ficam aqui até de manhã, mas que ele sai, sai”. Ficamos menos intranquilos.” (ROSAS, 2003, p. 29).

A partir de então, Elza prossegue com a mobilização no sentido de providenciar a saída de Paulo Freire do Brasil, pois convencido, afinal, de não haver outra alternativa: *“Na véspera, a Elza já providenciara com o padre Cunha, grande amigo nosso e que nos casou, hoje já morto, para que ele trouxesse todos os filhos para o Rio, porque queríamos evitar que eles estivessem no Recife quando saísse a notícia de que eu me asilara.”* (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 68).

Em setembro de 1964, a utopia no cárcere: a despedida de Elza e os filhos e a partida de Paulo Freire. Acontecimento que traz a impressão de ter sido uma no que não acabou. 1964 ainda vive.

Elza fica em Recife e Paulo vai para Bolívia, depois ele embarca para o Chile enquanto ela e os filhos moram algumas semanas com Zeca Melo, seu irmão, em Recife e depois com Estela, irmã de Paulo, em Campos, estado do Rio¹²⁶. Repetindo as palavras de Vera: *“Um momento difícil, principalmente porque Paulo foi sozinho, deixando aqui Elza e os filhos.”* (BARRETO, 2004, p. 31).

Enquanto isso, Elza se prepara para a sua saída do país, e organiza sua condição de profissional da educação, demonstrando preocupações familiares e éticas, concluindo assume: *“Politicamente eu não tinha problema nenhum. Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos no meu trabalho.”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 201). Realmente, a firmeza demonstrada nas atitudes de Elza pretende contribuir para a reflexão sobre o seu modo de pensar, de sentir e de agir, sobretudo para as conseqüências advindas. Elza renuncia ao seu cargo público, mas não perde a sua condição de professora da educação nem tampouco se afasta da educação.

¹²⁶ Informações contidas no depoimento de Cristina Heiniger Freire, inserido no livro Educação e Atualidade Brasileira (FREIRE, 2001, p. LXXVII-LXXXI).

De acordo com a correspondência de Lut [tio] (in FREIRE, A. M. A., 2006), confirmamos que Paulo Freire parte primeiro em setembro de 1964, em dezembro do mesmo ano a filha mais velha Madalena segue de viagem ao Chile. Como escreveu Lut:

Você queria Elza. Remetemos Madá. Elza restabeleceria o equilíbrio da família desde logo. Madá, apenas, dá começo. Paciência. Madá lhe dirá, pessoalmente, tudo o que você precisa saber para tranquilizar-se. Sobre Mima e Fátima. Sobre Joaquim e Lut. (...) Em último lugar uma observação. Elza – essa mulher, da melhor escola das Amélias – tem direito a um descanso. Tanto quanto você tem à sua presença. (...) Dê a Elza o sossego de que ela carece, sem prejuízos dos cafunés de que carece você. Elza precisa descansar. (LUT apud FREIRE, A. M. A., 2006, p. 211).

O calendário marcava janeiro de 1965, Elza e quatro de seus filhos (Cristina, Fátima, Joaquim e Lut) foram ao encontro de Paulo Freire e Madalena em Santiago, para novamente ter a família reunida.

A saída voluntária de Elza e dos filhos do Brasil, contou com a colaboração de amigos e familiares, com destaque ao casal José Carlos e Vera Barreto, conforme acompanhamos em suas palavras, através da narrativa:

(...) Enfim, mas eu sei que nós andamos uns dois dias, três, em vários lugares, em várias agências, conferindo preços, ela falando em Recife também com a família, toda uma situação pra planejar essa saída da Elza e os filhos. E aí tudo foi marcado e ela foi realmente por Viracopos. Eu me lembro que o vôo saía cedinho. A gente combinou com a Elza de levá-la ao aeroporto com os filhos. O Pierre (Furter) ainda disponibilizou a casa dele, para os meninos chegarem (...) Me lembro que usamos a bendita Kombi mesmo, do Movimento de Cultura Popular de São Paulo. Eu e Zeca passamos na casa de Pierre antes de seis horas, a noite escura, a cidade começando, os meninos meio que dormindo e enfim, o pessoal todo entrou na Kombi e fomos até Vira Copos. (VERA BARRETO, 2009).

No trajeto entre a cidade de São Paulo e o aeroporto de Viracopos em Campinas, Elza demonstra suas preocupações e seu bom senso ao se referir sobre a realidade que se lhe apresentava, expondo em diálogo com Zeca e Vera Barreto, na época estudantes e namorados, suas aflições ao apontar com sensibilidade as possibilidades daquele momento. Através da narrativa de Vera Barreto, extraída de sua memória, é possível analisar, observar e sentir os últimos momentos de Elza, ainda em território brasileiro, juntamente com seus filhos:

(...) Eu me lembro que no caminho a Elza várias vezes dizia: “Poxa, a gente não sabe o que vai acontecer, não. Quanto tempo será?”. Mas aí a gente num esforço, o Zeca então, num esforço maior ainda dizia: “Que nada Elza, isso vai passar logo, você vai ver, a gente vai vir te buscar, lembra bem hein, assim como to te levando nós vamos tá lá te esperando, você volta logo e tal”. E a Elza dizia: “Não sei, alguma coisa me diz que isso ainda vai levar muito tempo, mas acredito e tal.” Mas eu me lembro que, enfim, foi aí que a Elza foi com os meninos pro Chile. (...) Não passou pouco tempo, passaram dezesseis anos, muito, muito tempo. E aí na volta do Paulo a gente fez questão de voltar ao mesmo. (...) Então, não mais com a Kombi, mas aí fomos lá esperar. O Paulo e a Elza chegando, e eu me lembro que assim que vimos a Elza, a Elza, foi impressionante, a Elza lembrava disso, tanto que uma das primeiras coisas que ela disse foi: “Vocês cumpriram, heim!” (VERA BARRETO, 2009).

De acordo com Santiago (2000, p. 83) o exílio voluntário de Elza foi o testemunho maior de sua presença tanto de mulher quanto de batalhadora política. Importante salientar a posição de Paulo Freire quanto a isso: *“Essa posição da Elza não era emocional, de jeito nenhum. Era política também. Ela assumiu o exílio, assumiu existencialmente, e isso é o que eu acho formidável na Elza.”* (FREIRE & BETTO, 2000, p. 90). Sobre esse contexto, é importante repetir as palavras de Passeti (1998) para elucidar e concluir:

Paulo Freire exilou-se durante o período ditatorial militar iniciado em 1964, graças à perspicácia de sua mulher Elza, enfrentando o ressoante romantismo que a movia a permanecer em território brasileiro, com mais um provável herói dizimado pela ira militar. Sua mulher teve uma ação decisiva não só pelo sentido de preservação da vida de quem amava, mas principalmente por ter a certeza de as idéias do marido poderiam contribuir para outros movimentos de busca pela liberdade em qualquer lugar do planeta. Ela o levou pelas mãos do exílio(...) (PASSETI, 1998, p. 14)

Isso só foi possível, pois Elza se reafirma como partícipe desse processo também: *“E então, minha mãe foi sempre uma pessoa solidária com aquilo que meu pai pregava, quer dizer, porque ela também participou disso.”* (Lutgardes Costa Freire, 2007). Das cadeias do Recife e de Olinda para o Rio, daí para o exílio. De ontem para hoje, a História se re-escreve para apresentar, através da Educação conhecer e re-conhecer Elza.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS: ELZA SEMPRE

“A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração”.
Elza Freire (in FREIRE, 1978, p. 39)

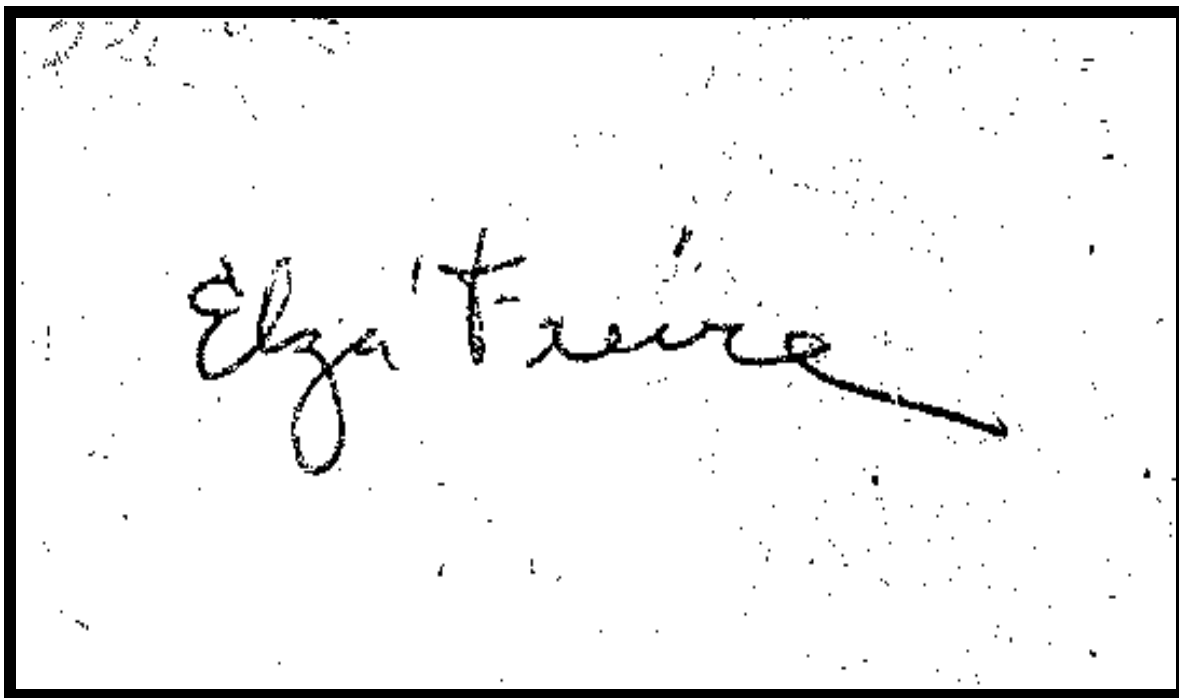
A imagem mostra uma fac-símile da assinatura de Elza Freire. A assinatura é escrita em uma caligrafia cursiva fluida e elegante, com o nome 'Elza Freire' claramente legível. A assinatura está centralizada no meio de uma página que apresenta uma textura granulada, semelhante a uma cópia em ponto ou uma impressão de baixa resolução. A assinatura termina com uma longa e fluida traçada horizontalmente para a direita.

Figura 17 - Fac-símile da assinatura de Elza
Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Freire

Elza mulher, nordestina, classe média alta, educada em colégios católicos, normalista, funcionária concursada; pioneira da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização infantil; metóloga das palavras geradoras para a Educação de Adultos; precursora da formação de educadores e dos Círculos de Cultura; lutadora em prol das causas sociais e do trabalho libertador, engajada nas atividades políticas e culturais. Amiga, irmã, companheira, educadora, esposa, mãe, exilada voluntariamente. Elza Freire personagem histórica que por amor dedicou sua vida a contribuir para a Educação Brasileira.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS:

ELZA SEMPRE

“A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração”.
Elza Freire (in FREIRE, 1978, p. 39)

O presente capítulo intitula-se “Considerações provisórias: Elza sempre”, pois a pesquisa sobre Elza não termina com o findar dessas páginas, da mesma maneira que essa dissertação não se encerra no ponto final e na defesa. Destacamos o caráter de inconclusão que envolve esse processo e essa busca, ao comungarmos a idéia de que somos seres incompletos e, portanto, “programados para aprender”, como destaca Paulo Freire: *“aí se encontram as raízes da educação, mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente”*. (FREIRE, 2006 a, p. 73). Assim sendo, o projeto, a dissertação e a pesquisa darão continuidade ao processo permanente na busca de novos saberes, pois o sonho e a luta por uma Educação que humanize mais as pessoas e torne o mundo melhor permanecerá nas atitudes amorosas de tantos quantos acreditem ser isso possível.

Esta pesquisa, que provisoriamente concluímos, é resultado da busca em torno de Elza Freire. Buscas e inquietações sociais, pedagógicas e políticas que nos acompanham há algum tempo. Foram essas buscas que fundamentaram as inquietações acadêmicas e nos estimularam a investigar Elza no contexto educacional, desde o seu nascimento em 1916 no Recife até a sua saída do Brasil em 1965 para o exílio voluntário. Ressaltamos que o período apresentado nessa dissertação está inserido num escopo de maior abrangência, anteriormente apresentado e justificado. Portanto, denota-se a continuidade da pesquisa, pois consideramos que a Educação perpassou a trajetória pessoal e profissional de Elza nestas décadas e nas seguintes, mediante as perspectivas de futuro que a pesquisa ora nos remete.

Elza Freire é o nosso projeto de vida no âmbito acadêmico, continuamos a pesquisá-la. Embora essa dissertação de Mestrado não tenha sido capaz de esmiuçar as

questões concernentes à importância dela para a Educação Brasileira, acreditamos que, a partir dela, é possível apontar contribuições significativas da educadora e intelectual Elza para esta área do conhecimento, bem como fomentar o interesse de outros pesquisadores e o incentivo a outras pesquisas.

É importante salientar o período como um momento fecundo e de intensos movimentos na Educação Brasileira. Isso é significativo tanto na relação ao processo político, quanto com relação ao caráter histórico. O itinerário de vida de Elza se intercala a essa realidade, considerando que ela participa das transformações que ocorreram na Educação e na Sociedade, assumindo-se como partícipe desse processo.

A aproximação com o percurso de Elza, vivido nesse período, permitiu elucidar sua escolarização e formação através das influências recebidas na construção de seu pensamento e de sua prática docente. Evidenciou também, as mudanças pelas quais passou a sociedade brasileira, sobretudo no Recife e no Nordeste. Em seguida, por meio da análise de sua trajetória pessoal e profissional, Elza e Paulo Freire se encontram, ao se casarem dão início aí a uma nova dimensão para a pesquisa, para a qual denominamos Pedagogia da Convivência, sobrelevando-se ao convívio familiar especialmente com os filhos.

No que concerne a esse aspecto inédito do estudo, apresentado como uma teoria formulada e batizada por nós de Pedagogia da Convivência teriam sido fundadas as bases para o “método” desenvolvido e as “teorias” formuladas por Paulo Freire, possibilitando a estruturação e fundamentação do seu pensamento e de sua práxis. Conforme demonstramos Elza e Paulo Freire em diferentes momentos de uma convivência iniciada na década de 1940 e, portanto idéias compartilhadas. Portanto, somos remetidos a conclusões de que conseguimos encontrar na formação intelectual e na atuação profissional de Elza, informações que permitiram a identificação da educadora e de sua prática político-pedagógica, as quais se imbricaram ao pensamento Freireano, marcado à partir do casamento, isso denota que ao se estabelecer a Pedagogia da Convivência entre Elza e Paulo Freire, dá-se a consolidação das experiências com Educação de Adultos, o que nos remete à gênese dessa Educação no Brasil.

A Pedagogia da Convivência, se fundamenta nas categorias Freireanas, às quais se agregaram as categorias surgidas com a pesquisa, denominadas por nós de Elzanianas.

Tal pedagogia tem como referência o “pensar”, o “fazer”, o “falar” e o “sentir”. Parte do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação que por sua natureza, requer respeito e coerência. O que nós fizemos foi trazer essa reflexão para o contexto pedagógico, mediante critérios acadêmicos. Ou seja, é através dessa convivência e dos “saberes diferentes” que o conhecimento é compartilhado, estabelecido mediante o ensinar-aprender, pautado na “amorosidade”, “críticidade” e sobretudo na “conscientização”.

Ao longo do percurso investigativo, algumas questões conduziram nossas análises, quando a culminância acontece durante o desenvolvimento das primeiras experiências com Educação de Adultos, por meio dos Círculos de Cultura e os Movimentos Populares, com ênfase ao processo de sistematização das palavras geradoras. Perguntávamo-nos sobre as possíveis contribuições e influências de Elza no contexto educacional e o que poderiam trazer à compreensão dessa temática, cujo grande desafio foi a característica marcante de sua originalidade no âmbito acadêmico.

No desenvolvimento da pesquisa fomos identificando que Elza se empenhava para interagir com a dimensão social dos acontecimentos político-pedagógicos, exercitando a capacidade de praticar a objetividade através da sensibilidade e solidariedade, num comportamento relevante para a descrição, interpretação e resolução dos problemas considerados. Fundamentamos assim as reflexões em torno de suas descobertas, as quais nos remetem aos aspectos concretos de seus ideais na luta pelo trabalho libertador, por sua própria atuação profissional e sua condição de intelectual.

A cultura e a luta social configuraram-se como principais referenciais utilizados nos processos de interação político-pedagógica estabelecida por Elza. A educação foi apontada como recurso que proporcionou questionamentos e reflexões entre a teoria e a práxis demonstrados por ela mediante as citações e narrativas analisadas e inseridas no texto, apontando assim para a possibilidade de re-escrever a História e, sob essa perspectiva, é possível demonstrar que Elza amou a vida e as causas da sua vida e, por elas lutou, dedicando-se à Educação.

O Nordeste e o Recife são trazidos para a discussão e desenvolvimento da pesquisa, inicialmente numa abordagem histórica, cuja perspectiva perpassa os aspectos de recifidade, pernambucanidade, nordestinidade e brasilidade, quando na tentativa de se

estabelecer destaque e promover certa justiça neste contexto. Assim, Recife por meio de Elza Freire tem sua condição de importante centro para a produção de cultura e de conhecimento, não reconhecido e pouco valorizado pelas demais regiões do país, especialmente o Sudeste, discutido e apresentado nesta pesquisa. Portanto, a pesquisa sobre Elza principalmente por meio da Educação, descortina não apenas a cidade do Recife ou a região do Nordeste, mas, sobretudo oportuniza conhecer a história de Elza por meio da História do Recife e, descobrir mais sobre a História do Brasil e da Educação, por meio dessas duas histórias: Elza e Recife, que se desdobram para outros cenários: nacional e internacional.

Nessa conjuntura, há que se destacar a descoberta de iconografias e manuscritos de Elza submetidos a análise e contextualização da pesquisa. Foram imagens e escritos que teriam como objetivo primeiro subsidiar a metodologia e fundamentação empreendidas para o desenvolvimento científico do processo de pesquisa. Sendo assim, subsistiu nessas fontes, um convite a que a pesquisa se orientasse dos fatos e fragmentos à reconstituição da participação de Elza, destacando os processos sócio-históricos e político-pedagógicos anunciadores de mudanças em curso na realidade brasileira e, sobretudo, na construção de uma pedagogia libertadora, conscientizadora e transformadora. Os próprios manuscritos de Elza, aos quais por meio da pesquisa tivemos acesso, são reveladores da ampla e sólida formação da personagem, bem como da exposição livre de seu pensar, na manifestação espontânea de suas idéias, configuradas nas páginas que traduzem um pouco de sua intelectualidade e amorosidade.

Sendo, portanto, nesse sentido o caráter da relevância temática da pesquisa e o ineditismo das fontes coletadas, nos remetem a avançar no estado da arte pelas descobertas e contribuições de Elza para a História da Educação de Adultos e, particularmente pelas influências e participação de Elza para a Pedagogia de Paulo Freire. A pesquisa desenvolvida se classifica como original, cujo principal aspecto a contribuir para esse entendimento se deve ao fato de trazer pela primeira vez para a academia a personagem Elza Freire. Embora Paulo Freire sempre fizera questão de registrar em seus trabalhos e escritos, ora na forma de dedicatórias, ora nas citações, as contribuições da esposa para o seu pensamento e a sua prática político-pedagógica que ficaram mundialmente conhecidos,

até então, ela apenas figurava em breves citações decorrentes desses estudos em torno de Paulo Freire.

Salientamos e asseveramos que é possível, sim, pesquisar Elza, essa personagem histórica. Sendo assim, se faz necessário agregar às discussões a atuação e as influências dela, sobretudo em razão de sua competência e de seu comprometimento nessa temática. Portanto, ressaltamos que para melhor compreender a Pedagogia Freireana e a própria História da Educação no Brasil é imprescindível perpassar Elza, levando-se em conta as suas contribuições. Conclamamos à seguinte crítica-reflexiva, ao afirmarmos que se não fosse Elza Freire, a História teria sido outra.

O processo de investigação e desenvolvimento da pesquisa indica um enfoque até então desconhecido, capaz de vislumbrar a discussão sobre o que significa para uma mulher, nordestina, classe média alta, educada em colégios católicos confessionais, com formação de ensino médio concluído no Nordeste na década de 1940, quando mais de 50% da população era analfabeta, se fazer professora e diretora de escola concursada, precursora da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização e da formação de professores através dos Círculos de Cultura, casar-se com um homem mais jovem, órfão de pai, pertencente a classe social diferente e inferior a dela e transformá-lo em um mito da educação, na sombra!

Nas palavras de Pierre Furter *“escrever sobre Paulo Freire é uma tarefa difícil. Estamos sempre perante o homem e perante o mito, e é quase impossível separar um do outro”* (FURTER, 1985, p. 301-310). A trajetória de vida de Paulo Freire está inscrita no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações de educadores. O mais importante é sublinhar devidamente a participação de Elza, como personagem essencial para pensar e agir no contexto da Educação, argumentando que, com base na pesquisa empreendida, ela produz fundamentações que reivindicam o re-escrever da História. É uma reflexão que apresentamos como referência fundamental das perspectivas críticas e conclusões.

É importante ainda nesse contexto de discussão sobre o mito, enfatizar que, enquanto pesquisador, fomos por intermédio dos fragmentos (fontes de pesquisa) sobre Elza, transformando documentos em monumentos, fomos pela narrativa de Paulo Freire,

que ao narrar as experiências vividas, nos oportuniza ir resgatando as influências e buscando dar visibilidade às participações de Elza, que até então, permaneciam na sombra do mito Paulo Freire. A pesquisa ora apresentada documenta tais fragmentos transformando-os em monumentos e, aponta para o surgimento das categorias denominadas por nós de: Elzanianas.

Elza Freire mulher, nordestina, professora, pensadora, exilada; educada em colégios confessionais, normalista, funcionária pública concursada; defensora da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização e de uma educação pública no país; sistematizadora das palavras e dos temas geradores, formadora de educadores em cursos de formação para professores; inovadora de métodos pedagógicos ao propor diferenciadas práticas de ensino; metóloga para a Educação de Adultos e referência em alfabetização de crianças; comprometida com as atividades políticas, pedagógicas e sócio-culturais lutadora das causas humanitárias e do trabalho libertador. Elza que aproxima e apresenta Paulo Freire à Educação.

Elza aparece, re-aparece enfim!

Há de se realizar muito ainda, por isso optamos por considerações provisórias. Entretanto, consideramos que essa limitação não obscurece a importância desse trabalho, pelo contrário, revela outras nuances ao abrir perspectivas de pesquisas vindouras, que a seu tempo deixarão novas marcas. Marcas registradas nas narrativas de educandos, educadores e pesquisadores que partilham do escrever e do pesquisar uma Educação e uma História tão minha quanto de outros que, como Elza Freire, lutam e acreditam, se unindo através da esperança e do amor à edificação de um mundo mais humano, digno, justo e feliz. Ao pôr termo nesse estudo, gostaríamos de parafrasear a própria Elza “*A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração*”, Elza sai da abstração e se torna algo concreto. Ou seja, acreditamos na possibilidade de se afirmar que a pesquisa sobre Elza permitiu transpor sua presença abstrata tornando-a referência concreta no cenário Freireano ao apreendermos seu legado para a Educação Brasileira e, posteriormente para a História da Educação.

Apresentamos breve biografia como resultado parcial da pesquisa, contemplando o período proposto:

Elza Freire nasceu em junho de 1916, no Recife, capital de Pernambuco, no Nordeste do Brasil. Filha de Alberto Melo Costa e Josefa Maia Costa Oliveira, teve dois irmãos: Elba Maia Dias Fernandes e José de Melo Costa Oliveira.

Desde o início de seus estudos, obteve uma formação bastante sólida e diferenciada para a época. Na Escola da Professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, próxima a sua residência e, após o ensino básico, em sua cidade natal, transferiu seus estudos para Olinda, matriculando-se na Academia Santa Gertrudes, escola confessional e tradicional. Novamente em Recife, cursou a Escola Normal, na época tida como referência, tornando-se professora em 1935. Em seguida, reafirma sua escolha pela educação e demonstra interesse e dedicação já naquele período buscando o aprimoramento profissional ao inscrever-se no Instituto Pedagógico, onde de aluna passa a professora. Elza freqüentou escolas de referência e, ao longo do percurso da sua escolarização e formação, conviveu com importantes intelectuais e professores da época, o que a influenciou decididamente o pensamento e a prática pedagógica, consolidando seu espírito crítico-solidário, o qual se desdobrou em prol das causas humanitárias.

Aprovada em concurso público para a rede estadual, em 1943 exerceu o cargo de professora e diretora de escola, com destaque para as Escolas Ageu Magalhães e Caio Pereira.

Casou-se com Paulo Freire, durante a primavera de 1944. Dessa união, cinco filhos vivos, sendo as três Marias: Madalena, Cristina e Fátima, e também Joaquim e Lutgardes. A partir desse momento, por intermédio de Elza, acontece o encontro de Paulo Freire com as idéias pedagógicas e a aproximação com a educação. Então, juntos, passaram a desenvolver o trabalho político-pedagógico, em especial e notadamente pela Educação de Adultos e Educação Popular.

Na década de 1950, Elza Freire foi uma das pioneiras e das principais responsáveis, por exemplo, pela inserção da arte-educação na escola pública do Recife. Também foi precursora na formação de professores, bem como de educadores para atuar com Alfabetização de Adultos, trabalho que executou tanto em Recife como em Angicos, quanto em Brasília (Plano Nacional de Alfabetização) e São Paulo (Vila Helena Maria), ao demonstrar inovações de práticas de ensino. Idealizadora e realizadora, ao lado de Paulo

Freire, das primeiras experiências com as palavras geradoras e os Círculos de Cultura, fundamentando e sistematizando o processo de alfabetização para adultos, mundialmente conhecido como “Método Paulo Freire”.

Em meados dos anos 1960, Elza demonstra ação decisiva ao enfrentar com os filhos, os interrogatórios e a prisão de Paulo Freire, até licenciar-se sem remuneração de seu cargo e suas funções públicas no magistério para acompanhá-los no exílio voluntário durante o golpe militar e o período ditatorial iniciado em 1964.

Enfim, a história das contribuições e influências de Elza à Educação e à vida e obra de Paulo Freire se confunde e se funde à sua própria biografia. Elza Freire começou a inscrever seu nome na História do Recife e na História da Educação Brasileira.

FONTES DA PESQUISA REALIZADA

I - Bibliografia

AGUIAR, R. O. de. **Recife - da Frente ao Golpe. Ideologias políticas em Pernambuco.** Recife: Editora Universitária – UFPE, 1993.

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação a paixão pelo possível.** São Paulo: UNESP, 1998.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação.** São Paulo: Moderna, 1996.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** Trad. Denise Bottman, São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** São Paulo: Difel, 1970.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1994.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e Educação Popular.** São Paulo: Pioneira, 1974.

_____. **Política e Educação Popular (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil).** São Paulo: Ática, 1982.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDES, Vânia Aparecida Martins. **História e Memória de Alfabetizadoras: Desenvolvimento Profissional.** Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas: 2005.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade; lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

_____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Atélie, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une Théorie de la Pratique** (precede de Trois Études D'Ethnologie Kabyle. Paris, Librairie Droz, 1972.

_____. **A casa ou o mundo às avessas**. In: Mariza Corrêa (Org.). Ensaio sobre a África do Norte. (Textos Didáticos nº 46). Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 89-112.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (Coord.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A ilusão Biográfica**. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983.

_____. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

CAMARGO, Américo. **Os Usos da História Oral e da História de Vida: trabalhando com elites políticas**. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.27, n.1, pp.5-28., 1984.

CHACON, Vamireh, **História das idéias sociológicas no Brasil**. São Paulo: EDUSP/Editora Grijalbo Ltda, 1977.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COELHO, Germano. **Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular**. In: Rosas, Paulo (org.) Paulo Freire. Educação e Transformação Social. Recife: CPFEP, 2002.

CORRÊA, Mariza (Org.). **Textos Didáticos: Ensaio sobre a África do Norte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, nº 42, 2002.

COSTA, Albertina de Oliveira. Obra Coletiva. **Memórias das Mulheres do Exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, Edison. **As Ciências Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: CAPES, 1955.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. 6ª ed. São Paulo, Saraiva, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio e GÓES, Moacyr de. **O Golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **“Tenha modos”! Educação e Sociabilidade em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845-1950)**. Projeto de Pesquisa/CNPQ.

DA MATA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. In: NUNES, Edison Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1986.

DENZIM, Norman K. (1984) **Interpretando as Vidas das Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner** - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.27, n.1, pp.29-43., 1994.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno: uma teia complexa de relações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Instituição e evolução da escolarização**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n. 6, p.97-104, 1992.

_____. **Memória social e cidadania**. Caderno CEDES, Campinas, v. 18, n.12, 1997.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Fevereiro de 1977**. In: COSTA, Albertina de Oliveira et. All. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Paulo Freire Contemporâneo**. In: Direção: Toni Venturi. Brasília: MEC, 2006. 2 DVD's. NTSC, son. color.

ELZA FREIRE. **Setembro de 1977**. In: COSTA, Albertina de Oliveira et. All. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FÁVERO, Maria de Lourdes A. **A UNE em tempos de autoritarismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular, educação popular, memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FERNANDES, Calazans & TERRA, Antônia. **40 Horas de Esperança: O Método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

FONSECA, Selva G. **Ser professor de História: vidas de mestres brasileiros**. (Tese de Doutorado) – São Paulo: FFCLH, Universidade de São Paulo, 1996.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2006.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

____ **Paulo Freire Contemporâneo**. In: Direção: Toni Venturi. Brasília: MEC, 2006. 2 DVD's. NTSC, son. color.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez: 2003.

____ **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2000.

____ **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

____ **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

____ **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo: Centauro, 2006 c.

____ **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006 b.

____ **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Cortez Editora, IPF, 2001.

____ **Educação na cidade**. São Paulo, Cortez: 1991.

____ **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

____ **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

____ **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

- ____ **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006 a.
- ____ **Pedagogia do Oprimido**. Porto: Afrontamento Edição de João Barrote, 1972.
- ____ **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- ____ & BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ____ & FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ____ & GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ____ **Aprendendo com a própria história**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- ____ **Aprendendo com a própria história**. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ____ **Sobre educação (Diálogos)**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- ____ **Sobre educação (Diálogos)**. Volume 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ____ **Sobre educação: lições de casa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ____ & HORTON, Myles. **O Caminho se faz caminhando**. Petrópolis, RJ: 2003.
- ____ & MACEDO, Donaldo. **Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ____ & OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, Oliveira Miguel Darcy de & Ceccon, Claudius. **Vivendo e Aprendendo: experiências do IDAC em Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ____ & SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- FURTER, Pierre. **“Profiles of educators: Paulo Freire”. Prospects**. In: APPLE, Michel W. & NÓVOA, Antônio. *Paulo Freire: Política e Pedagogia*, Porto: Porto Editora, 1998.
- GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília, DF; UNESCO, 2006.
- ____ **Um legado de esperança**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Paulo Freire Contemporâneo**. In: Direção: Toni Venturi. Brasília: MEC, 2006. 2 DVD's. NTSC, son. color.

_____. & TORRES, Carlos Alberto (Org.). **Educação Popular: Utopia Latino Americana**. São Paulo: Cortez; Editora Universidade de São Paulo, 1994.

_____. & ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006.

GAIARSA, J. A. **O ritual da comunhão: ensaio sobre a sexualidade**. São Paulo: Gente, 1995.

GEERTZ, C. Local Knowledge. **Basic Books**, New York, 1983. In: MAGNANI, José Guilherme C. O (Bom e Velho) Caderno de Campo – Revista Sexta-feira nº 1, São Paulo, Maio de 1997.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Lendo e Aprendendo. **A Campanha de pé no chão**. São Paulo: Cortez, 1982.

GHIRALDELLI, Jr. P. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

GIUBILEI, Sonia. Trabalhando com adultos, formando professores. Tese, 200p. (Doutorado em Educação) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler (1961 a 1964) Uma Escola Democrática**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. & CUNHA, Luiz Antônio. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1985.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GROSSI, I. & FERREIRA, A. **Razão narrativa: significado e memória**. História Oral, nº 4, junho de 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

INOJOSA, Joaquim. **O Movimento Modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1969.

IWAYA, Marilda. **Cenário e palco para a instrução – A linguagem arquitetônica do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)**. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

JARDILINO, José Rubens Lima. **Paulo Freire: retalhos bibliográficos**. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

JARES, Xérus R. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

JONHSON, Paul M. **A History of the American People**. Harper Perennial, 1999.

JOVCHELOVITCHS, S. E BAUER, M. V. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. V. e GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LATERZA, Betânia de Oliveira. **Ensino noturno: a travessia para a esperança**. São Paulo: Global, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

LEMME, Paschoal. **Educação de Adultos**. In: *Estudos de Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã, 1953.

LYRA, Carlos. **As Quarenta Horas de Angicos: Uma experiência pioneira de educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LOPES, Eliane M. T. **Pensar categorias em história da educação e gênero**. Projeto História, São Paulo: nº 11, novembro, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol.20, n. 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.

_____. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, M. D. (Org.) BASSANEZI (coord.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: RJ: Vozes, 4ª ed. 2001.

_____. **O currículo e as diferenças sexuais e de gênero**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. & GOELLNER, S., e NECKEL, J. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Ana Gabriela e AMARAL, Ana Luísa (Org.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MACIEL, Jarbas. Et. Alii. **Colóquio entre amigos: “Rememorando Paulo Freire”**. Paulo Freire – Quando as Idéias e os Afetos se cruzam. Recife: PCR/CPFEP, 2001.

MAE BARBOSA, Ana. **Paulo Freire e a Arte-educação**. In: VALE, Maria José (Org.), Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico. São Paulo, Mercado Cultural, 2005.

MARODIN, M. **As relações entre o homem e a mulher na atualidade**. In: STREY, M. N. (Org.) Mulher, mulheres: estudos de gênero. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 9-18.

MARQUEZ, Gabriel García. **Viver para Contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAZZA, Débora. **A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: Uma leitura (1941-1964)**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

MEDEIROS, Sílvio. **Moral e Política em Hannah Arendt e Walter Benjamin: uma abordagem crítica da Sociedade Tecnológica e conseqüências – a crise ética e a descrença generalizada nos valores tradicionais**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Campinas: UNICAMP/FE - Universidade Estadual de Campinas, 1994.

MEIRELLES, Domingos. **1930: Os órfãos da Revolução**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina e Outros poemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MENDONÇA, Maria Cristina Araújo de. **A Escola Nova em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1987.

MONTEIRO, Roberto Alves. (Org.) **Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação**. Juiz de Fora: FEME, 1998.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

_____. **Educação e Sociedade no Brasil**. Araraquara: 1969.

NOGUEIRA, Oracy. **A Sociologia no Brasil**. In: FERRI, M.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979-1981, v. 1-3.

NÓVOA, Antônio. **Inovação e história da educação**. Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannônica Ltda., nº 6, 1992.

_____. **Formação de professores e profissão docente**. In: Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. (Org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da Educação Popular no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa: práticas de produção e tecnologias de subjetivação no discurso da mídia educativa brasileira**. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado) defendida na Faculdade de Educação da UFRJ.

_____. **Gênero na Formação docente: campo de silencio no currículo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.102, p.23-45, nov. 1997.

_____. **O currículo em ação e a ação do currículo na formação de professores/as**. Porto Alegre, 1994. Dissertação (Mestrado) defendida na Faculdade de Educação da UFRGS.

PASSETTI, Edson. **Conversação Libertária com Paulo Freire**. São Paulo: Imaginário, 1998.

PÉCAUT, Daniel. Trad. Maria Júlia Goldwasser. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Ensinar e Aprender com Paulo Freire 40 horas 40 anos depois**. São Paulo: Cortez, IPF, 2002.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **Filosofia da Escola Nova: do ato político ao ato pedagógico**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1982.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, 14. Educ., 1997.

_____. **Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, 14, Educ., 1997 a.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

REZENDE, Antônio Paulo. **Recife – história de uma cidade**. Recife: JC, 2000.

RODRIGUES, Neidson. **Estado, Educação e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Cortez, 1987.

RODRIGUES, Verone Lane. **Docência da Oprimida: A cidadania imperfeita e mutilada da professora de Educação Básica**. Dissertação, 184 p. (Mestrado em Ciências da Educação) – Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis, Editora Vozes, 1978.

ROMÃO, José Eustáquio & GADOTTI, Moacir. **Educação de Adultos: Cenários, Perspectivas e Formação de Educadores**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

ROSAS, Paulo. **Papéis Avulsos Sobre Paulo Freire, 1**. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas: Editora Universitária da UFPE, 2003.

ROSAS, Paulo; **Cenário Cultural onde germinaram o pensar e o fazer de Paulo Freire**. In: Um olhar sobre Paulo Freire a partir da realidade cultural do Nordeste Brasileiro. Recife: NUPEP, 2000. (p. 7-23).

_____. **O Movimento de Cultura Popular (MCP)**. 32ª Reunião Anual da SBPC. Rio de Janeiro: 1980.

_____. **Vocação e Profissão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

SANTIAGO, Maria Eliete. **Les politiques de formation et de recrutement des instituteurs et les conditions d'exercice Du metier dans l'Etat de Pernambouc (Brésil)**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Paris: Univesité René Descartes, 1994.

_____. **A presença de Elza Freire em Paulo Freire**. In: Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas. Um olhar sobre Paulo Freire. Recife: NUPEP, 2000.

SAVIANI, Demerval & OUTROS. **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SCHWARTZAMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: EDUSP/Paz e Terra, 1984.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Educação de Jovens e Adultos: histórias e memórias da década de 60**. Brasília: Plano Editora, 2003.

_____. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação e Realidade, Porto Alegre: V. 16, nº 2, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

SILVA, S. P. **Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes.** Caderno CEDES, Campinas, v. 22, n. 57, ago 2002, p.23-43.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo 1930-1964.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SNYDERS, G. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988.

_____. **Escola, classe e lutas de classe.** Lisboa: Moraes, 1977.

SOUZA, Ana Inês (Org.) **Paulo Freire: Vida e Obra.** São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2001.

_____. **A Pedagogia de Paulo Freire.** In: Intervenção na Scuola di Pace di Boves – Cueno – Itália, 2006.

SOUZA BARROS, Fernando de. **A Década de 20 em Pernambuco.** Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1972.

SPIGOLON, Nima Imaculada. **A Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua prática em processos educativos.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Uberlândia: UNITRI, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** São Paulo: Polis, 1982.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UCHÔA, Pedro. Obra Coletiva. **Memórias do Exílio – Brasil, 1964/19??.** São Paulo: Arcadia, 1978.

VALE, Maria José. **Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

VASCONCELOS, Itamar de Abreu. **O Ensino Normal em Pernambuco**. Symposium, Recife, UNICAP, 1 (2,3), 1960. In: SANTIAGO, Maria Eliete. Sobre Elza (Texto preliminar para discussão). Recife, 1987. Datilografado.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da Práxis**. Trad. Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIDAL, D. **Escola Nova e processo educativo**. In: E. Lopes, L. Farias Filho & C. Veiga (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Memória, história e experiência: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil**. Tese, 373 p. (Doutorado em Educação) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. **Tiempos escolares, tiempos sociales**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

VON SIMSON, Olga (Org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas – SP: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

WOORTMANN, Klaas. **A Etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol.19, n.56, p. 129-137, outubro/2004.

II – OUTRAS FONTES:

1) Impressas:

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Texto Seminário: **Pensando a família no Brasil**. [Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos da Família] 1985. Rio de Janeiro.

AMARAL, Ana Luísa. Artigo publicado: **O “feminino” como essência e o “feminino” como código de regras comportamentais**. Jornal: “Público”, Porto, Portugal, 09.01.2008.

BARRETO, José Carlos e Vera. **Dois Alfabetizadores antes do Golpe de 64 (Uma experiência fundamentada no pensamento de Paulo Freire)**. São Paulo: VEREDA, 1992. Impresso.

BELLO, Ruy. **Subsídios para a história da educação em Pernambuco**. Recife: Secretaria da Educação, 1978. Apostila.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 3 – **Conversando com os agentes, Aída Bezerra e Saber Popular/Educação Popular, Pedro Benjamim Garcia**. Petrópolis: Vozes. Impresso, 1982.

CÂMARA, Aurora Christina Dornellas. **A escola de Belas Artes de Pernambuco: contribuição para a cultura pernambucana**. Recife: Secretaria da Educação, 1984. Apostila.

CHACON, V. **O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959. Apostila.

COSTA FREIRE, Lutgardes. **Homenagem à Memória de Paulo Freire** (mimeo). São Paulo, Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALSP), 2005.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA ELZA MAIA COSTA FREIRE. **Atos e Decretos Nº 28.506**. São Paulo, 1988. Arquivo da E. M. de Ensino Fundamental Professora Elza Maia Costa Freire.

FREIRE, Paulo. Entrevista com Paulo Freire. **Jornal “O Pasquim”**, Rio de Janeiro, dez. 1978, p. 10.

_____. Texto Seminário: **Paulo Freire e a Educação Brasileira** [VEREDA]. 1982. Trabalho apresentado no Seminário Frente Cultural de Brasília, Brasília, 1982. Não publicado.

FREYRE, Gilberto. **Pequeno guia da cidade do Recife**. Secretaria da Educação, s. nº, 1959. Apostila.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Rede Mova Brasil: Registro de suas ações 2001-2004**. São Paulo: IPF, 2005.

NABUCO, Joaquim. In: PORTO, José Antônio da Costa. **Os tempos da Praieira** – Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, p. 101. Apostila.

ORNELAS, Arturo L., **Elsa Maia Costa Oliveira** (mimeo) [Paulo Freire, Textos Seleccionados, Vol. 14. IPF]. São Paulo, 1996.

PORTO, José Antônio da Costa. **Os tempos da Praieira** – Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. Apostila.

ROSAS, Paulo. **Como vejo Paulo Freire** (mimeo). Recife: 1991.

SANTIAGO, Maria Eliete. **Sobre Elza (Texto preliminar para discussão)**. Recife: 1987. Datilografado.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Histórico de 1980 a 2000**. São Paulo, 200? Arquivos escritos e outros documentos.

SILVA, Itamar Mendes. **Elza**. In: SANTIAGO, Maria Eliete. Sobre Elza (Texto preliminar para discussão). Recife, 1987. Datilografado.

VIANNA, A. J. Barbosa. **Recife, capital do Estado de Pernambuco**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

2) Acervos Consultados:

Arquivo Público da Associação de Treinamento e Projetos Pedagógicos (ADITEPP). Curitiba/PR.

Arquivo Público do Centro de Estudos em Educação VEREDA. São Paulo/SP.

Arquivo Público da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Elza Maia Costa Freire. Diadema/SP.

Arquivo Público do Instituto Paulo Freire (IPF). São Paulo/SP.

Arquivo Público da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. São Paulo/SP.

Acervo Pessoal de Cristina Schroeter Simeão. Curitiba/PR.

Acervo Pessoal de Fátima Freire Dowbor. São Paulo/SP.

Acervo Pessoal de Lutgardes Costa Freire. São Paulo/SP.

Acervo Pessoal de Madalena Freire. São Paulo/SP.

Acervo Pessoal de Moacir Gadotti. São Paulo/SP.

Acervo Pessoal de Vera Barreto. São Paulo/SP.

III - FONTES ORAIS E ESCRITAS:

BARRETO, Vera. São Paulo/SP/Brasil, de 29 de janeiro de 2008 até 01 de maio de 2009, 01 CD. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

COSTA FREIRE, Lutgardes. São Paulo/SP/Brasil, de 12 de dezembro de 2007 até 01 de maio de 2009, 01 CD. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

DOWBOR FREIRE, Fátima. São Paulo/SP/Brasil, de 15 de setembro de 2008 até 01 de maio de 2009, 01 CD. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

ESCOBAR, Miguel G. Cuernavaca/México, de 18 de setembro de 2008 até 01 de maio de 2009, 01 CD e depoimentos escritos. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

FÁVERO, Osmar. Niterói/RJ/Brasil, 15 de abril de 2009, depoimento escrito concedido a pesquisadora.

FREIRE, Madalena. São Paulo/SP/Brasil, de 16 de dezembro de 2008 até 01 de maio de 2009. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

GADOTTI, Moacir. São Paulo/SP/Brasil, 30 de janeiro de 2008, 01 CD. Entrevista concedida a pesquisadora.

ORNELAS, Arturo L. Cuernavaca/México, de 22 de janeiro de 2008 até 01 de maio de 2009, depoimentos escritos. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

SANTIAGO, Maria Eliete. São Paulo/SP/Brasil, 17 de setembro de 2008, 01 CD. Entrevista concedida a pesquisadora.

APÊNDICE

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro GERAL

- 1) Trajetória pessoal
 - a) Nome, infância, adolescência, maturidade
 - b) Contexto familiar e social (nasceu e se desenvolveu)
 - c) Atividades atuais (profissionais, movimentos sociais, educação)
- 2) Elza Freire
 - a) Encontro com Elza (Como foi, data, circunstâncias)
 - b) Experiência pessoal e profissional (Influências de Elza acerca de sua trajetória, atividades desenvolvidas em conjunto com ela / Desdobramentos desse convívio)
 - c) Sobre Elza (Quem e como era)
- 3) Elza e Paulo Freire
 - 1) Considerações sobre as contribuições/influências de Elza
 - a) na vida de Paulo Freire
 - b) na obra de Paulo Freire

Roteiro FILHOS

- 1) Trajetória pessoal
 - a) Nome, infância, adolescência, maturidade
 - b) Contexto familiar e social (nasceu e se desenvolveu)
 - c) Atividades atuais (profissionais, movimentos sociais, educação)
- 2) Elza
 - a) Mãe
 - b) Professora
 - c) Durante o exílio
 - d) Retorno ao Brasil
- 3) Formação Intelectual e atuação profissional
(Influências recebidas e reflexos de Elza nesse contexto)
- 4) Sobre Elza
 - a) considerações sobre as contribuições/influências de Elza
 - b) na sua vida
 - c) no convívio com Paulo Freire
 - d) na pedagogia de Paulo Freire
- 5) Marcas de Elza

ANEXO

Recife sempre¹²⁷

De Santiago te escrevo, Recife,
Para falar de ti a ti,
Para dizer-te que te quero
Profundamente, que te quero.

Cinco anos faz que te deixei –
Manhã cedo – tinha medo de olhar-te,
Tinha medo de ferir-te
Tinha medo de magoar-te.
Manhã cedo – palavras não dizia.
Como dizer palavra se partia?

Tinha medo de ouvir-me,
Tinha medo de olhar-me,
Tinha medo de ferir-me,
Manhã cedo – as ruas atravessando
O aeroporto se aproximando,
O momento exato chegando,
Mil lembranças de ti me tomando
No meu silêncio necessário.

De Santiago te escrevo,
Para falar de ti a ti,
Para dizer-te de minha saudade, Recife,
Saudade mansa – paciente saudade,
Saudade bem-comportada.

Recife, sempre Recife, de
ruas de nomes tão doces,
Rua da União, que Manuel
Bandeira tinha “medo que
se chamasse rua Fulano
de tal” e que hoje eu temo
que venha a se chamar
Rua Coronel Fulano de Tal.
Rua das creoulas
Rua da aurora
Rua da amizade

¹²⁷ Poema escrito por Paulo Freire, na cidade de Santiago, Chile, durante o exílio, em fevereiro de 1969. Todavia, só foi publicado no Brasil a primeira vez no ano de 1987, na primeira edição dessa referência. Sugerimos para conhecer mais sobre as circunstâncias do poema, consultar: “Aprendendo com a própria história” – Volume 1, p. 123-127 (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, Anexo, p. 153)

Rua dos Sete Pecados.
Recife sempre.
Teus homens do povo
queimados do sol
gritando nas ruas, ritmadamente:
Chora menino pra comprar pitomba!
Eu tenho lâ de barriguda pra “trabiceiro”!
Doce de banana e goiaba!
Faz tanto tempo!
Para nós, meninos da mesma rua,
aquele homem que andava apressado
quase correndo – gritando, gritando:
Doce e banana e goiaba!
Aquele homem era um brinquedo também.
Doce de banana e goiaba!
Em cada esquina, um de nós dizia:
Quero banana, doce de banana!
Sorrindo já com a resposta que viria.
Sem parar,
sem olhar para trás,
sem olhar para o lado,
apressado, quase correndo,
o homem-brinquedo assim respondia:
“Só tenho goiaba –
Grito banana porque é meu hábito”.
Doce de banana e goiaba!
Doce de banana e goiaba!
Continuava gritando,
andando apressado,
sem olhar para trás,
sem olhar para o lado,
o nosso homem-brinquedo.

Foi preciso que o tempo passasse,
que muitas chuvas chovessem,
que muito sol se pusesse,
que muitas marés subissem e baixassem,
que muitos meninos nascessem,
que muitos homens morressem,
que muitas madrugadas viessem,
que muitas árvores florescessem,
que muitas Marias amassem,
que muito campo secasse,
que muita dor existisse,
que muitos olhos tristonhos eu visse,
para que entendesse
que aquele homem-brinquedo
era o irmão esmagado
era o irmão explorado
era o irmão ofendido
o irmão oprimido
proibido de ser.

Recife, onde tive fome
onde tinha dor
sem saber por quê,
onde hoje ainda
tantos, terrivelmente tantos, sem saber por que,
têm a mesma fome,
têm a mesma dor,
raiva de ti não posso ter.

Recife, onde um dia tarde
com fome, sem saber por quê
pensei tanto
nos que não comiam
nos que não vestiam
nos que não sorriam
nos que não sabiam
O que fazer da vida
Pensei tanto
nos deserdados
nos maltratados
nos que apenas se anunciavam,
mas que não chegavam
nos que chegavam
mas que não ficavam
nos que ficavam,
mas não podiam ser
Nos meninos
que já trabalhavam
antes mesmo de nascer –
no ventre ainda, ajudando a mãe
a pedir esmolas
a receber migalhas –
também descaso de olhares frios.
Recife, raiva de ti não posso ter.
Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
Um dois três quatro
Quatro três dois um
Pra frente, pra trás
apitos – acerta o passo
soldado não pensa
Um dois três quatro
Quatro três dois um
Direita esquerda
Alto! Esquerda direita
soldado não pensa!

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei
o que queria
o que quero e quererei
é que homens – todos os homens –
sem exceção
possam pensar

possam agir
possam o mundo transformar.
O que queria
o que quero e quererei
é que os homens – todos os homens –
possam comer
possam vestir
possam calçar
possam criar
E que os meninos não tenham fome,
não tenham dor –
possam brincar
possam sorrir
possam cantar
possam amar
e amados possam ser.

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
Neles fui objeto
fui coisa
fui estranheza
Quarta-feira – 4 horas da tarde.
O portão de ferro se abria.
“Hoje é dia de visita. Em fila!
Punirei aquele que trouxe um chocolate, ao menos.
Revistarei a todos”
Com voz áspera, dizia
um de nossos “proprietários” –
um homem menor do que seu posto.
Marchávamos então descompassados, sem cadência
até as esposas feridas
as mães aflitas
os filhos assustados
Naqueles encontros algo novo descobri
frente a Elza e às Três Marias,
filhas nossas,
muita palavra tinha pra dizer
muita coisa a perguntar
muita esperança pra afirmar
mas também muita fome pra matar.
E trinta minutos para tudo.
Naqueles encontros, algo de novo descobri:
palavras e pedaços de comida
também podiam se chocar.

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei
“Capitão, quando esse doutor disser Criador,
referindo-se a Deus, escreva com c pequeno!
Criador com C grande é somente o meu”.
O coronel, dono do mundo,
dono dos presos,
de Deus queria ser dono também.

Rico coronel aquele!
Pobre homem aquele!
Queria fazer de Deus cabo-da-guarda
ou “bagageiro” seu,
ou “capitão do mato”
que o ajudasse a caçar subversivos.

Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
Vivi silêncios
isoladamentos vivi.
Morei horas numa espécie de caixão –
um metro e setenta de comprimento
sessenta centímetros de largura.
Paredes frias
paredes ásperas
escuridão

Vivi tranqüilo, dormi tranqüilo, de nada me arrependi.
Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
Um dois três quatro
Quatro três dois um
os homens aprendendo a não ser homens.
O relógio de minha casa também dizia
Um dois três quatro
Quatro três dois um
mas sua cantiga era diferente
Assim cantando
dos homens apenas o tempo marcava.

Recife, cidade minha
em ti vivi infância triste
adolescência amarga em ti vivi.
Não me entendem se não te entendem –
minha gulodice de amor,
minha esperança na luta,
minha confiança nos oprimidos –
tudo isso se forjou em mim,
nas minhas relações contigo –
na infância triste,
na adolescência amarga.
O que faço
o que penso
o que digo
o que escrevo,
tudo está marcado de ti.

Sou ainda o menino que teve fome,
que teve dor
sem saber por quê.
Só um diferença existe
entre o menino de ontem
e o menino de hoje,

que ainda sou:
sei agora por que tive fome
sei agora por que tive dor.

Recife, cidade minha, proclamo alto:
se alguém me ama
a ti te ama.

Se alguém me quer,
que a ti te queira.
Se alguém me busca,
que em ti me encontre:
nas tuas noites
nos teus dias
nas tuas ruas
nos teus rios
no teu mar
no teu sol
na tua gente
no teu calor
nos teus morros
nos teus córregos
na tua inquietação
no teu silêncio
na amorosidade de quem lutou
e de quem luta
de quem se expôs
e de quem se expõe
de quem morreu
e de quem pode morrer
buscando apenas, cada vez mais,
que menos meninos
tenham fome e tenham dor
sem saber por quê.
Por isto disse:
não me entendem –
o que faço
o que penso
o que digo
o que escrevo
tudo está marcado de ti.

Recife, cidade minha,
de Santiago te escrevo
para dizer-te que te quero
profundamente, que te quero.

Paulo Freire, Santiago, fevereiro 1969.